



Universidade da Amazônia

Maria Dusá

de Lindolfo Rocha



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Maria Dusá

de Lindolfo Rocha

CAPÍTULO I

Abria-se para o nascente o velho casarão da Lagoa Seca.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo avarandado de peitoril, guarnecido por centenas de tabiques, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.

No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o caiamento, corroendo o adobe de argila ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abandonada. Acrescente-se a vista de estacas isoladas, moirões de porteiros inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de tapera que os sertanejos dão a moradas que foram de gente opulenta. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam essa antiga fazenda Tapera da Lagoa, ou simplesmente: — Tapera. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que ainda a habitavam, posto que em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raimundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, os vizinhos, conhecidos velhos, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do sertão em princípios do século passado, tratavam-no por senhor Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de dona. Era isso também uma espécie de caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os modos altivos e os tiques de ricos de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A seca de 59, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças.

Apenas duas moças faziam rendas, cujo produto insignificante supria-lhes algumas precisões, de longe em longe.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto o filho João e a outra moça arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o bró indigerível da ceia, quando soaram ao longe os cincerros e guizas de uma cabeçada. A seca tinha tornado raras as tropas naquela estrada. Ouvidos habituados à solidão receberam esses sons como se escutassem o bimbalar dos sinos duma igreja em festa. Houve alvoroço. O sangue subiu às faces das moças, que apanharam, às pressas, almofadas e pelegos velhos, em que se sentavam, e correram para o interior da habitação, embarçando os bilros, cujos fios, encardidos de pó vermelho, saltavam dos pés de mandacaru, servindo de alfinetes. A velha correu ao quarto açodada:

- Seu Raimundo, boas-novas! Aí vem uma tropa!
- Levanta, homem! cria coragem!

Estremunhado, assim, do sono doentio de faminto, o velho abriu os olhos vagarosamente. A mulher insistia baixando a voz, porque soava já no terreiro a estropiada do primeiro lote, de mistura com os sons da cabeçada:

— Levanta, homem!

— Ó de casa! – brada no peitoril uma voz forte, d’homem, enquanto retiniam chinelas sobre os tijolos estragados.

O velho fez um esforço, sentou-se no catre e respondeu:

— Ó de fora!

O arrieiro estava impaciente, porque mal ouviu a resposta perguntou:

— Pode-se arranchar aqui? tem cômodo pra os animais?

Não suportando mais a moleza do marido, a velha saiu e, depois de dar e receber as boas tardes, respondeu:

— Arranchar, pode; cômodo, só campo fora.

O arrieiro, um rapagão moreno, de uns vinte e cinco anos, fez um – Assim! – gemido e acompanhado de um gesto de contrariedade, e, voltando-se para os camaradas, gritou em voz de comando, enquanto desatava as esporas:

— Derruba!

E, obedecendo ao seu próprio mando, saltou do peitoril, já sem chinelas, levantando burros deitados, desarrochando-os rapidamente e atirando os couros no terreiro sujo de estravo.

Chegaram os dous lotes restantes.

Era a hora do trabalho árduo do tropeiro, principalmente quando a tropa está puxada ou batida, isto é, magra, fatigada de longas jornadas. Hora de aperto em que o tropeiro, prático no ofício, não distrai a atenção para coisa alguma, porque, à tarde, o animal, carregado, pode caminhar mais uma hora; porém, parando no pouso, suporta, de pé, um minuto.

Assim, toda a demora é nociva, não só porque o burro de tropa facilmente adquire a manha de deitar-se, (e, nesse caso, é preciso levantá-lo, pois se lhe tirarem uma vez a carga, deitado, apanha também esse sestro), como porque, no levantar-se, pode sonsar ou espaduar-se e o prejuízo é ainda maior.

Por isso, conhecedor e prático da vida de tropeiro, o velho Raimundo, parando no peitoril, assistia, impassível, ao serviço bem feito, e esperava, com paciência, que o terminassem, para saudar e receber as saudações do costume, entre sertanejos, enquanto, pelas frestas das portas e das janelas, olhares tristes e cobiçosos miravam os surrões de sal e bruacas lustrosas de unto. E não só o olhar, mas especialmente o olfato se deliciava com cheiro característico de uma cargação de carne ou toucinho. Como toda a sua gente, o velho deglutia em seco.

Amainada a lufa-lufa, com a arrumação das cargas, em fileiras para cada lote, aproximou-se do peitoril o que figurava de capataz ou arrieiro, e, após a saudação, reinquiriu:

— Se não havia alguma roça a alugar, para que a tropa não ficasse campo fora.

O velho retribuiu a saudação e respondeu desculpando-se com a sua extrema pobreza e a seca, pior que a de 19. E por esse tom prolongou-se a conversação, no correr da qual o capataz declarou-se mineiro, de nome Ricardo Valeriano Brandão, e dono da tropa, inteirando-se ao mesmo tempo de quem foi e a que estado se reduzira o velho Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares.

Quanto aos camaradas, continuavam na faina de tirar cangalhas e raspar, enquanto o cuca desempenhava suas funções culinárias, tendo começado por encher e pendurar a borracha.

Ao lusco-fusco, depois de beber a água minguada e lutulenta da próxima lagoa, seguiu para a arrumação a tropa, guiada pelo andrajoso filho do Raimundo, o qual, por esse serviço, fazia jus aos rojões do cuca.

O mineiro tinha armado a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda, por causa do calor.

Foi uma noite de fartura e de folgança para a ditosa família Alves. Além de partilharem todos da gorda ceia de arroz com carne (o antigo locro, que os almocreves espanhóis e portugueses aprenderam dos árabes), e mais do legítimo café mineiro, ouviram, até alta noite, um dos mais famosos improvisadores de trovas, desses tempos, a que chamavam Manuel Pingo d'Água: tropeiro de ofício, valente por índole, e tocador de viola por arte.

CAPÍTULO II

Sol alto, a tropa milhada e engangalhada, esperava a hora de arribar. Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o ruão, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raimundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco mala-reis não vai um celamim para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de Baixo, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um fiapo de capim manso. Onde tem, nalgum ponto, é amargoso, capim brabo e fraco. Desde que saí da Serra Nova, quase não descansei. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para Maracá. Aí tampei a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucujê, sal e toucinho estão bons. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der um celamim por meio cobre, pois nem assim podemos comprar. Faz dous meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!

— Na verdade! comentou o mineiro, sorvendo após uma fumaça do pito de Baependi; para quem já teve, dói muito!

— E todo o mundo destas beiradas! acrescentou o velho, pondo a prumo a cabeça, que se assemelhava à de um esqueleto.

— E por que não vão para as Lavras? inquiriu o mineiro; lá está tudo caro, mas ainda não se come raiz de pau.

— Que é da força pra caminhar, meu senhor?! atalhou a velha; e ainda para sustentar uma porção de gente que só tem pele e osso?! Sua mercê quer ver?

E a mulher, com cara de fúria, gritou em voz esganiçada:

— Ó João, chama tuas irmãs!

Apareceu um rapazinho de uns 14 anos, coberto de trapos que foram camisa e calções, muito sujos, predominando a cor vermelha da terra que habitava.

— Chama tuas irmãs! repetiu a mulher que armava assim uma cena de efeito para obter alguma esmola.

Em alguns momentos surdiu à porta da varanda um grupo de três moças, parecendo ter 15 anos a mais nova.

E essa mãe, a quem a fome tirara certamente todo o amor maternal e todo o pudor feminino, se é que em tempo algum o teve realmente, levantava, sacrilegamente, os trapos que cobriam os ombros e seios e essas pobres criaturas, para que o mineiro, certificando-se de sua miséria, pela magreza extrema de suas filhas, se compadecesse ao mesmo tempo. Ao aproximar-se, porém, da mais velha, que poderia contar 18 anos, esta recuou um passo. Apesar da fome, corava e reagia.

— Ó xente, Maria!! que é que tem o homem ver tua magreza?!

Duas lágrimas brotaram dos olhos da moça que sentou-se no pavimento, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Menina tola! quem tem vergonha morre de fome!

No terreiro, ao longe, Pingo d'Água começou a cantar em dueto com um companheiro, enquanto descansavam o almoço.

— Deixe a moça, Dona, disse o mineiro penalizado.

— Levanta a cabeça, Maria! insistia a velha, com o olhar chispando de ódio e, fingindo um sorriso, acrescentou, como gracejando: - Ele quer te levar; tu queres ir?

E, ao mesmo tempo, fingindo uma ameaça que, entretanto, exprimia sua verdadeira intenção, afirmou:

— Se ele desse um celamim de sal, bem que eu te dava para cozinhar na casa dele.

— É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo.

O mineiro, de cabeça baixa, pitava, em silêncio, meditando sem dúvida nas aberrações possíveis da natureza humana, e no que, a esse respeito, tinha visto, desde criança, em suas viagens.

Ao levantar a cabeça, deu com o olhar na moça. Notou, então, que, apesar da magreza, Maria conservava uns tons de beleza, apenas esmaecidos pela fome. Os olhos negros e grandes pareciam, nesse momento, refletir um braseiro; o rosto

moreno, emoldurando-se pelos cabelos lisos e corredios que se desgrenhavam nos ombros, patenteava longo martírio. Não inspirava sensualidade, porém amor e compaixão.

— Pronto, patrão! disse um dos camaradas.

— Carrega!, ordenou Ricardo, em voz pausada, voltando-se para o camarada.

— E sua mercê tinha coragem de dar um celamim de sal pela Maria? interrogou o velho Raimundo, em tom de desenxabida chocarreirice.

— Até mais, se não fosse pecado e crime comprar gente forra, respondeu o mineiro, supondo que o velho gracejava:

— Estou falando sério, asseverou o velho; sua mercê não sabe o que é comer palmito sem sal, por necessidade.

— Compro, disse o mineiro, tornando-se vermelho.

— Está dito, bradou a velha, apanhando num torno da varanda uma cuia grande, em que devia receber o preço de sua filha mais velha; aqui está esta cuia que é um celamim certinho.

O mineiro gritou ao cuca e mandou trazer um celamim de sal, um lanho de toucinho e um pedaço de carne.

Marido e mulher não sabiam de que modo exprimiriam seu contentamento e gratidão. O mineiro é que não contava com semelhante gratidão. Num açodamento indescritível, a velha foi suspender ao fumeiro o saquinho de sal, a carne e o toucinho, cujo cheiro só, lhe causava um prazer infantil.

Arrochando os últimos animais do seu lote dianteiro, Pingo d'Água cantava propositadamente:

Nesse mundão tenho visto!
Mas aqui já é sofrê!
Aqui é que filho chora,
Filho chora e mãe não vê!

Ao atar à corda do fumeiro, a velha resmungava, respondendo ao trovista, como se pudesse ser ouvida:

— Vê, sim; mais a fome é que tem cara de herege!

No peitoril, o Raimundo, numa espécie de delírio, esfregava as mãos de contente, e de olhos fechados, prelibava o gozo de um pedaço de carne gorda, que, havia meses, nem ao menos lhe fora dado cheirar.

As duas irmãs de Maria tinham-se retirado, chorando.

Então, dirigindo-se à vendida, que soluçava convulsivamente, o mineiro falou:

— Não chore, não, moça; seus pais venderam a filha, mas a filha não foi comprada: fica aí, com eles; somente lembre-se que o mineiro se chama Ricardo Brandão. Aqui está mais uma lembrança, que eu destinava a uma irmã.

E assim dizendo, tirou da escarcela uma pequena medalha de prata e a entregou com mão trêmula. A moça recebeu a lembrança e disse por entre soluços:

— Deus ajude a vosmecê, e lhe dê feliz viagem!

Partia o lote dianteiro. Depois de rasgada cortesia com o chapéu de couro, e um até outra vista, a quem estava no peitoril, Pingo d'Água soltou dois gritos guturais para ativar o lote, e seguiu cantando:

Guardo o mimo que me deste
Na hora da retirada:
Quem paga amor com firmeza
Não fica devendo nada!

O velho Raimundo mal voltara a si da surpresa. Nos seus tempos de miséria, não tinha visto generosidade igual. Disse, por fim, desenvolvendo a elevada estatura e acenando com os compridos braços esqueléticos:

— Pois, senhor Ricardo Brandão, aqui fica este velho, que, se não morrer, ainda pode servir pra botar seu animal no pasto, quando sua mercê passar por aqui outra vez.

Depois de uma pequena pausa, murmurou:

— É verdade! bem se diz que o mineiro tem o coração nas mãos!

Ricardo mordida a ponta do cigarro, olhando para os dois lotes que partiam. Restava o da cozinha, sempre mais retardatário.

O velho abanava a cabeça. Ao ver assomar à porta sua mulher, disse:

— Sinhá Maria Rosa, pois o mineiro é bom mesmo.

— Pois não deixou ficar a Maria?

— Ué!... pois não leva, não? interrogou a velha sem ocultar seu desapontamento.

— Não, sinhá Maria!

— Deus é que o há de ajudar! Deus é que o há de ajudar! repetia a velha com esforço, porque sua intenção era desobrigar-se de sustentar a filha.

Partia o lote do coice. Ricardo correu a vista no rancho, apertou no mento a correia do chapéu de couro curtido, amarrou as esporas, despediu-se de todos, trocando com Maria um aperto de mão, e saltou no seligote, esporeando o ruão energicamente.

Adiante, voltou-se; Maria enxugava os olhos, debruçada no peitoril. O mineiro parecia fascinado. Mais longe ouviu Pingo d'Água cantando:

Meu beija-flor da campina.
Que tiveste o teu condão:
Leva no bico a saudade
Ao bem do meu coração.

O sol, a essa hora, calcinava a estrada poeirenta da catinga. Os animais turravam e gemiam por desafogo.

CAPÍTULO III

Poucos, da atual geração de baianos, desconhecem, pelo menos de tradição, o que foi, para o povo sertanejo, o ano de 1860. De quantas secas periódicas têm devastado os sertões brasileiros, raras legaram tão horrível memória, como a geralmente conhecida por seca de 60, aliás 59, de que resultou a crise alimentícia denominada fome de 60.

Na crença dos adoradores de um Deus que pune e premeia, nunca se revelou mais evidente e punitivo o seu braço irado e inexorável.

Nesse ano de tristíssimas recordações a zona ubertosa do interior da província da Bahia transformou-se em terra sáfara, imprestável; de nutriz fecunda e dadivosa, que era, mudou-se em madrasta irritadiça e ilacrimável; de liberal e opulenta, em mendicante e miseranda.

Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no Icó, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o mandacaru, a palmatória e o xiquexique formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt.

A catinga (mato esbranquiçado) justificava de modo perfeito a denominação tupi, dada a essa vegetação enfezada.

Para cúmulo da penúria vegetal e animal, os incêndios multiplicavam-se nos campos e carrascos. Propósito ou descuido de caminhante ou caçador, o fogo fortalecia a ação destruidora do sol.

No céu, nenhum sinal promissor de chuva, e já ia em meio o ano.

Como sucede nos anos secos, nuvens tênues e esgarçadas passavam alto, muito alto, em diversas direções, como se evitassem baixar sobre a terra maldita.

Já não tinha encantos o alvorecer nas terras sertanejas. Um silêncio pesado substituíra a ruidosa alegria do passaredo farto, a saltitar em meio da verdura primaveril doutros tempos.

Os arrebóis vespertinos aparentavam apenas a beleza trágica de quotidianos incêndios em vastas e longínquas regiões do ocidente.

De resto, o céu em fogo dizia bem com o alvejar das ossadas dispersas pelos campos desolados.

As fazendas mais abastadas estavam quase desertas. Dificilmente se ouvia um mugido, mesmo tristonho e cavernoso. Mais de um fazendeiro rico batera já as porteiros dos currais mal situados.

Pequenos lavradores e criadores, transformados em jornaleiros de pataca e de doze vinténs, emigravam sem destino, isto é, caminhavam à toa, por falta de trabalho e de alimento.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra mater dolosa, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, retirantes famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de

crianças, tudo isso lembrando alguma coisa daquele choro e ranger de dentes do Juízo Final.

Viajando no coice da tropa, no seu ruão, passo a passo, Ricardo assistia, cada vez mais desanimado, a essa espécie de lúgubre procissão da fome, a desfilar-se vagarosa pela estrada afora.

Tendo arribado do pouso do Raimundo Alves, o mineiro mandou derrubar no Rodeador, distante três léguas, e onde ainda existia um olho-d'água, que nunca secou, porque nunca lhe fora destruída a vegetação protetora.

Junto à casa de um velho africano, derrubaram-se as cargas.

Feito o rancho, isto é, arrumadas em dupla fileira as bruacas e surrões de sal, sobrepostas as cangalhas, — peitoral para a frente, a fim de se não atrasar a viagem, — aceso o fogo e armada a trempe de três agulhas de arrocho, enfeixadas na parte superior, — os camaradas, menos o cuca, perguntaram ao patrão onde deviam arrumar.

O sol estava a cravar-se.

Ricardo Brandão dirigiu-se ao velho africano, que tecia esteiras de pindoba, sentado à porta, e depois de saudá-lo, indagou:

— Se não havia pasto, perto ou longe.

— Passo que é, sinhô?! exclamou o preto admirado. Passo é esse que sinhô tá vendo: folha seca só. Agora, si sinhô qué que burro coma de noite manda gente derrubar mandacaru. Munto bom; boi gosta muito.

O mineiro riu da estultícia do conselho, e insistiu:

— Mesmo longe não haveria alguma roça velha, encapoeirada?

— A roça que é, ioiô? perguntou o africano, com cara de riso. Pai Tomé veio moleque pra terra de branco, e nunca viu coisa assim. Ah! ioiô! Deu brigou com nós tudo! A roça aqui, nem longe nem perto; nem velha, nem nova. Ué!

E continuou a trabalhar.

O mineiro decidiu-se a mandar arrumar num eixo de serra, que se via a certa distância, e para abreviar foi ajudando a tanger os animais. A uns duzentos passos estava um homem cavando a terra.

Parou. Com a curiosidade de saber para que fim, aproximou-se, e depois das boas tardes, perguntou:

— Você procura água nesse duro, amigo?

O sertanejo levantou a cabeça:

— Não, patrão; estou fazendo uma cova para meu filho que morreu.

Olhe ali. Era um menino que fazia gosto ver! Vivo como ele só!

O mineiro olhou e viu uma mulher sentada junto a um murundu, tendo no regaço o cadáver dum menino.

Depois de um longo suspiro, o sertanejo acrescentou em voz queixosa:

— A fome, patrão! a fome é que faz tudo isso!

— E o menino morreu de fome? inquiriu o mineiro.

— Morreu, sim senhor! disse o sertanejo, e acrescentou: - como muita gente tem morrido por este sertão de meu Deus! Até pai já tem matado filho pra comer! Perto daqui mesmo, dizem, eu mesmo não sei, dizem que um velho Raimundo (pode ser que sua mercê tenha dormido na casa dele), que esse velho Raimundo já matou dois.

O mineiro sentiu apertar-se-lhe o coração. Ligeiro calafrio cortou-lhe a espinha dorsal.

— Que é que está dizendo: homem?! exclamou, sem dominar-se.

— Não sei, patrão; o povo é que diz. E parece que é assim mesmo porque ninguém sabe rumo dum que ele disse que se perdeu no mato, há uns dias.

Rápida associação de idéias fez esfriarem as mãos do mineiro. Somente agora lhe causava estranheza que o velho Raimundo tanto insistisse para trocar uma filha por um celamim de sal, em vez de o fazer por um pedaço de carne, quando por não tê-la se queixava.

Pensou em Maria, e o coração doeu-lhe deveras.

Não quis, em todo o caso, revelar o negócio do sal.

Não se confessaria ingênuo ou cúmplice involuntário de uma tal monstruosidade.

— Vender filho, continuou o sertanejo, isso é coisa que se vê todos os dias.

— Na verdade! comentou o mineiro, baixando a cabeça, pensativo.

— Ah! patrão de minh'alma! exclamou o sertanejo, parando a escavação, têm se visto coisas com esta fome! Saí da terra dos meus, cidade de Caitité, e lá, e nos caminhos tenho visto! Patrão – bradou o retirante com amargura, — o Deus que nos protegia morreu ou mudou-se!

A enxada caiu de novo, cavando fundo, enquanto pela face do sertanejo duas lágrimas desciam vagorosamente.

Houve pequena pausa, durante a qual só se ouvia o tum, tum, abafado, da enxada na cova.

—Nós, João, não devemos agravar a Deus; antes sofrer com paciência! disse, sufocando os soluços, a mulher, cujo rosto, oculto pelo xale, não pôde o mineiro observar.

O sertanejo não respondeu. Enterrando mais o chapéu de couro na cabeça, e cerrando os maldres, como para estrangular qualquer imprecação inconveniente, continuou a trabalhar.

Ricardo interrompeu o doloroso silêncio.

— E daqui para onde você vai, Sr João?

— Eu mesmo nem sei, patrão. Daqui, talvez pra beira-mar. Tenho vontade de tentar a sorte na Chapada Nova mais a mulher está repugnando.

— Pois é bom ir. Eu pra lá vou vender um salzinho. Se for bom deveras, fico.

— Daí, pode ser que eu vá, obtemperou o João. Só tenho medo de ser um lugar, onde ainda se mata gente por vadiação.

— Não é mais assim, não. Isso foi no princípio, quando um sujeito, pra comprar uma lazarina, alvejava nalgum pobre que passava.

Em todo o caso, não há como a gente andar prevenido.
Houve novo silêncio.

Caía a noite. O sertanejo tomou o cadáver do filho, envolto em trapos, e o depositou na cova com o mesmo cuidado como se o fizesse numa cama. Em obediência à superstição, Ricardo lançou na cova um pugilo de terra, e com um até outra hora, retirou-se depressa para que a inditosa mãe pudesse chorar e lastimar-se à vontade.

Dirigindo-se para o rancho, o mineiro pensava em Maria. Se tinha razão o povo, e dizia coisa certa, o pai desnaturado seria capaz de matá-la também.

Não era, entretanto, só o sentimento de compaixão que agora oprimia a alma generosa do mineiro. No seu entender, parecia estar estonteado por uma coisa feita. O lindo semblante da sertaneja e o seu olhar de uma doçura infinita exaltavam a imaginação do serrano com tal intensidade que o obrigavam a evocar a lembrança do olhar da Nossa Senhora do Patrocínio da Serra Nova.

Se visse de novo a sertaneja, pensava ele, perderia de todo a cabeça e casar-se-ia com ela. Como devia ser amorosa e boa! No mais, a miséria é que não a deixava parecer mais bonita.

Quando assim meditava o serrano, ouviu um dos seus camaradas, que voltava da arrumação, cantar de voz solta, na toada dolente que os sertanejos conhecem:

Lá vai a garça voando
Lá pra a banda do sertão,
Leva Teresa no bico,
Maria no coração...

Ricardo reconheceu a voz de Pingo d'Água.
Este continuou:

Cravo roxo, cravo rosa,
Cravo de toda nação!
Meu benzinho de tão longe...
Ai, meu Deus, não posso, não!

E estribilhava com mais tristeza:

Ai, meu Deus, não posso, não!

O mineiro sentiu que se lhe marejavam os olhos, após ligeiro arrepio dos cabelos, e gritou de longe:

— Cala essa boca, demônio!

Pingo d'Água compreendeu que tinha ferido o patrão e retrucou, incontinente, com vivacidade:

O tronco nasce da terra,

Do tronco rebenta a rama,
Meu patrão não se incomode,
De longe também se ama!

Chegado ao rancho, Ricardo não pôde cear. Tomou apenas um golezinho de café, acendeu um cigarro, e estendeu-se na rede. Apesar de toda a energia empregada para calcular os negócios, e pensar nas riquezas da Chapada, só uma idéia sobrenadava, a obsidiar-lhe a mente. Maria surgia-lhe do fundo da memória, cada vez mais formosa.

Pingo d'Água, sentado num couro, à beira do fogo, ralhava na viola.
Ao longe ouviam-se rezas de velório em um rancho de retirantes.
Somente pela madrugada o mineiro adormeceu.

CAPÍTULO IV

Ao alvorecer, Ricardo estava de pé. Em tempo de verão, é a hora mais aprazível do dia, na região das catingas. O ar fresco e puro, o aroma silvestre e indefinível, que se respira, restituem ao organismo combalido as energias precisas para a labutação quotidiana.

Ao levantar-se o patrão, o cuca trouxe-lhe água para o rosto, e, após, o cuitzinho de café, que ele, como mineiro de gema, sorveu vagarosamente, aos goles poupados, como pratica o experimentador de vinhos. Após o último gole, levantou-se da rede, deixou o cuité sobre uma bruaca, puxou da bainha a parnaíba, picou fumo, que esfarinhou entre as palmas, prendendo a faca, de ponta para cima, entre o polegar e o indicador; depois do que, apertando o fumo picado na mão esquerda, cortou uma palha de milho e pôs-se a alisá-la, demoradamente, como que absorvido num pensamento profundo.

Dominava o silêncio do ermo. Os camaradas tinham partido a campear, desde as primeiras barras do dia.

Para Ricardo e o cozinheiro, esse silêncio era apenas interrompido pela fervura do caldeirão da feijoada com toucinho e pernil. O mineiro continuava a meditar. Depois de sorver algumas fumaças do cigarro, sentiu certa lassidão, que o obrigou a sentar-se.

Quando os primeiros raios do sol iluminavam as cristas das serras do poente, ouviu-se o som de um cincerro e as conhecidas vibrações do solo, indicando um tropear ao longe. Em poucos momentos ouviram-se assobios e gritos guturais dos camaradas, tangendo a tropa. Ao chegar esta ao rancho, Ricardo notou de um lance d'olhos que faltavam animais.

De fato, os camaradas queixavam-se de que, por não haver pasto, a tropa esparramara na catinga.

— Faltavam Boneca, Rompante, Bem-feito e outros; porém que deviam estar aí mesmo, nalgum encosto da serra.

— Que haviam de aparecer; até a sede ajudava a botá-los pra fora. E depois de tais afirmativas, os tropeiros foram ao café.

Estava em expectativa o que constitui o terror dos viajantes: uma falha forçada num pouso sem recurso.

Ricardo, entretanto, não se mostrava contrariado com essa expectativa; parecia até satisfeito. Dir-se-ia que o acaso vinha favorecer a uma tendência nova de seu espírito, subjugado pela paixão nascente. Segundo afirmou, tempos adiante, nesses momentos tinha ímpetos de voltar, tomar na garupa do Ruão a sua cativa, e associá-la de qualquer modo ao seu destino. Mas esses pensamentos foram passageiros. Aprendera de sua velhinha mãe a respeitar uma donzela, qualquer que fosse o seu estado e condição. Além disso, era sinceramente católico e nos princípios rudimentares de sua religião encontrava sempre uma antemural contra a tentação da carne voluptuosa, e contra os maus pensamentos. Afora esses princípios ou por excesso deles, era supersticioso. Sabia orações prodigiosas contra todos os males que o pudessem afligir. O mineiro fez-se forte e rezou contritamente. O efeito da auto-sugestão foi miraculoso. Ricardo viu tudo com mais clareza.

Gostava de Maria, porém não podia se casar com ela, e muito menos tê-la por amante. Tinha praticado uma boa ação e não havia de destruir essa lembrança com uma doidice. Ali, era seguir d'olhos fechados o plano velho. Chegar a Chapada Nova, vender o carregamento e a tropa, reservando apenas alguns animais para a viagem de retorno, e tentar a sorte nalgum garimpo rico. Se em princípio lhe desandasse a sorte, antes de entrar no cobre da tropa, seguiria para o Serro, a fim de comprar novos animais e recomeçar a vida. Se fosse feliz, voltaria mais tarde à Serra Nova, compraria uma fazenda de criação, que isso de andar em coice de tropa era cousa que nem ia nem vinha.

O sol alteava-se. Ao voltarem os camaradas com a tropa, que tinham levado a beber, Ricardo tornara-se resoluto; dava ordens mais terminantes. Ajudava, com presteza, a milhar os animais, que avançavam famintos, insistentes, com o beicho superior estendido e trêmulo, ora gaguejando uma espécie de rugido gutural, surdo; ora escoiceando-se e mordendo-se uns aos outros, murchando as orelhas, aos pinchos e aos guinchos, que os distribuidores de embornais aquietavam, distribuindo, também, murros a torto e a direito.

É esse constante lidar com animais em viagem o que faz do almocreve ou tropeiro uma entidade particular, um especialista de classe, que se não confunde com o recoveiro ocasional.

O tropeiro tem uma idiosincrasia, uma gíria, um modo, um jeito todo seu, seja para se corresponder com os companheiros, seja para atalhar uma cangalha, seja para alcear uma carga, ou arrochar um lote inteiro, dando a mesma inclinação a todas as agulhas. Para todo o ofício mais vale, de ordinário, a longa prática; mas o verdadeiro almocreve tem um instinto que causa pasmo aos ignorantes do ofício, como tem uma idiosincrasia que, observada, faz meditar um médico.

Assim, até para milhar animais reunidos, só um prático pode fazê-lo sem apanhar um couce, nem deixar se entornar o milho.

Distribuída a ração, o camarada de nome Felipe consultou:

— Hein, Pingo D'Água, você não acha que Boneca e Rompante tomaram por aqueloutro boqueirão que está mais acima?

— Acho. Aquela mula é mocambeira que é uma desgraça!...

— Deixem de consultas, interveio o patrão; Benedito e Joaquim ficam pastorando; Vocês dous sigam logo, que os animais estão aí mesmo e ainda hoje se pode fazer marcha pequena para o Angico.

Os camaradas obedeceram e seguiram. Um pouco adiante, Felipe disse ao companheiro:

— Hein, Manuel? você viu como o patrão tem estado zambuado estes dias? Mais hoje está com a vista mais alegre.

— Eu sei, moço! respondeu Pingo D'Água, e começou a cantar baixo, obrigando Felipe à segunda, sem interromper o andar ligeiro:

O cravo pediu à rosa,
Que lhe desse o seu condão:
A rosa lhe deu espinho,
Mas o cravo não quis, não!

.....

A viola chora a prima,
A prima chora o bordão...
— o cravo pediu à rosa
Que lhe desse o seu condão!
Eh! seu condão!...

O eco respondia ao longe nas quebradas da serra, porque, insensivelmente, tinham alteado a voz.

Dentro em pouco os campeadores desapareceram na catanga. Cada um tomou seu rumo.

No rancho, os animais que acabavam de comer milho, e dos quais eram tirados os embornais, ficavam por ali, a turrar, a babujar folha seca do chão ou a roer casca de pau.

Já se fazia sentir o tédio de uma folha, em que o dia parece mais longo; o sol mais quente, ou mais fria a chuva; as moscas mais importunas; o silêncio mais desanimador; e em que, tudo que não seja o burro aparecido, ou o doente são, que não seja, enfim, a cessação da folha, traz aborrecimento.

Passou a hora do almoço manso. O sol despejava uma torrente de fogo. Em longas extensões o calor irradiava-se, como se a terra fosse a abóbada de um imenso forno quente.

Passou a turma de retirantes, que pediam esmolas por todos os santos. Sem molestá-los, Ricardo convenceu-os de que não podia dar o que não era seu.

Passou uma procissão de penitência, em preces (*ad petendam pluviam*), conduzindo uma imagem de Nossa Senhora do Alívio. Mudava-se, para uma casa distante, a residência da imagem, para que ela fizesse chover imediatamente.

Pela estrada afora o mulhério, aterrorizado com a seca e a fome, carregava pedras, gritando esganiçadamente como carpideiras egípcias em funerais de grande pompa.

O mineiro e os camaradas levantaram-se e descobriram-se à passagem da Santa.

A procissão desapareceu ao longe.

Passava a hora do almoço bravo, e não vinham os animais! Uma dúvida surgiu no espírito do mineiro:

— Teriam furtado os animais?

Quis ir até ao rancho do africano, para indagar se havia ali tal costume: porém nesse momento aproximava-se o João, o sertanejo com o qual Ricardo travara conhecimento no dia anterior, e que, depois de saudar, falou:

— Hein, meu patrão, com que está sua mercê de faia!

— Era verdade. O pior era que podiam estar furtados uns animais desaparecidos, respondeu Ricardo.

— Não tivesse susto, atalhou o sertanejo. Apesar da fome, o povo dali não furtava. Estava de pouco tempo, mas podia afirmar. Os animais apareceriam.

— Os anjos dissessem amém, respondeu Ricardo, coçando a cabeça, de impaciente.

Não esperou muito. Soou ao longe o prolongado grito do tropeiro, quando encontra o último animal sumido.

— Os anjos tinham dito amém, observou João.

Contente por isso, o mineiro abriu a bruaca da cozinha, cortou bom pedaço de carne, e deu-o ao sertanejo.

— Farinha é que não havia, acrescentou.

O sertanejo expandiu-se em agradecimentos:

— Pudesse contar com ele onde estivesse. Nunca se esqueceria daquela esmola de bom coração. Ia sempre para a Chapada, e lá estaria ao serviço do patrão.

E despediu-se. Decorrido algum tempo, chegaram os animais.

O mineiro desapontou. Estavam finos e varados de sede.

Ordenou que Felipe fosse dar-lhes de beber, enquanto o Manuel atalhava algumas cangalhas de seu lote, que estavam lambendo em vésperas de pisar.

Determina a superstição dos tropeiros que se não descubram os lotes do rancho sem que estejam vistos todos os animais da tropa, porque o proceder contrário dificulta o aparecimento dos que estejam transviados, obrigando a falhar.

Assim, foi Pingo D'Água o primeiro a tirar de seu lote os couros que estavam tinindo com o calor. Desarrumou as cangalhas, lembrando que o próprio Diabo não quis ser tropeiro para não lidar com couro cru em tempo de sol quente, e, enquanto trabalhava, distraía-se:

Quem parte, parte chorando;
Quem fica vida não tem;
Não tem sono nem sossego,
Quem chegou a querer bem.

O canto era intermeado de socos para acamar ou espalhar a paina do talabardão, nos pontos a atalhar.

Quem tiver cuidados, tenha
Mas nunca procure amar,

Que é pena que puxa pena
Sem nunca mais acabar.
Quem saiu de sua terra,
Se disponha a padecer;
Que a tristeza nunca solta
Quem tem alma pra sofrer.

Concertava com a voz do camarada o ruído causado pelo corrute dos animais vindos, triturando o milho.

Chegou a hora de suspender cargas. – O sol declinava; mas ainda havia tempo de alcançar pouso de melhor arrumação, daí a légua e meia.

Os camaradas almoçaram. Ricardo almoçou pouco. Apesar de seu trabalho pensava, de quando em quando, em Maria, sem, contudo, se perturbar, como a princípio.

O primeiro lote partiu. A cabeçada agitava-se, vibrando com o desânimo peculiar às tropas batidas. Seguiram-se o segundo e o terceiro lotes. Arrochou-se a última carga do traseiro. Ricardo, ao calçar as esporas, relanceava o olhar pelo rancho para verificar se acaso ficara alguma coisa.

Por pior que seja um rancho em que o viajante passou algumas horas, causa-lhe sempre alguma saudade o deixá-lo, porque, ao menos, acode-lhe ao pensamento a dúvida ou possibilidade de o tornar a ver algum dia.

Nessa tarde a tropa derrubou no Angico.

CAPÍTULO V

Do pouso do Angico, Ricardo continuou a viagem sem tropeços.

Em poucos dias atravessou o gerais do Tanquinho; passou pelo Comércio de Fora, e entrou em Mucujê, aliás vila de Santa Isabel, desde 1847, porém somente conhecida então por aquele nome.

Em conseqüência da viagem, estava quase apagada no espírito do mineiro a lembrança da sertaneja. A sua chegada ao Mucujê obliterou ainda mais essa lembrança.

Não obstante ser filho da província de Minas e, além disso, bastante corrido, habituado, portanto, a lidar em meio de grandes cidades sertanejas, em todo o caso, o burburinho febril do comércio do Mucujê, d'então, tornou-o, na gíria dos tropeiros, zaranza e apoucado.

É preciso, em verdade, petulância e presença de espírito, para um homem qualquer enfrentar, de chofre, com calma e sem desaprumar-se, o grande movimento de uma lavra, recentemente descoberta, onde se aglomere uma população de dezenas de milhares de indivíduos, gente de todos os climas, de todas as raças, de todas as condições, e costumes diversos, num vaivém contínuo, numa azáfama e agitação atordoadoras, de vasto acampamento de guerra, e que acobarda os tímidos, desafiando a gana dos audazes. É aí que a luta pela existência se acentua, por vezes, de um modo acerbo e apressado, evidenciando-se o princípio egoísta, segundo o qual, sejam quais forem as condições étnicas e mesológicas, o mundo é dos que rugem e não dos que balam; é dos leões e não das ovelhas; aí, como na guerra, aqueles que esmorecem são cruamente calcados pelos próprios amigos, por todos os que se arrojaram no campo da luta; nem há meio termo: aí é morrer ou vencer. Nesses lugares, e em princípio, enquanto não se uniformizam os

costumes, pela força da autoridade pública ou pela preponderância dos indivíduos melhores e mais fortes, o que só acontece com o decorrer de muitos anos, a própria Caridade, entre cristãos, tem o aspecto selvagem e grosseiro, do tiro de Misericórdia das execuções militares de povos cultos.

Ricardo mandou derrubar na intendência do capitão Joaquim Manuel, o protótipo da honradez, como homem e negociante. O mineiro ouviu, durante a viagem, falar muito nesse homem como homem bom do lugar, no dizer singelo dos sertanejos, que é o mesmo das antigas ordenações do Reino, e, por precaução, estando em terra alheia, dirigiu-se ao capitão Joaquim Manuel.

Precisava de quem o protegesse desinteressadamente, em qualquer emergência, e ninguém se lhe afigurou melhor.

Esse negociante modesto (liberal e monarquista que, nessa época, nem poderia sonhar ter um dia, trinta e três anos depois, um de seus filhos, como governador de um estado republicano, recebeu o mineiro, ao balcão mesmo, com o seu discreto e afável sorriso:

— Onde vinha? que trazia de negócio? inquiriu.

— Era da Serra Nova, Minas, mas vinha de baixo pelo Maracá, donde pretendeu seguir para a casa; mas voltou para a Chapada Nova, porque soube que o sal estava dando, bem como o toicinho. Por isso a tropinha estava tampada de sal e toicinho.

Respondeu-lhe também o bom negociante:

— Que aproveitasse a quadra, realmente boa. Não podia ser melhor. Ele não comprava, porque não tinha mais onde depositar; porém, comprador não faltaria.

Pedindo sua proteção, o mineiro justificou-se, declarando que não tinha conhecimento algum no comércio.

O paciente negociante deu-lhe informações de pessoas e chegou até a indicar-lhe um alugador de manga, de confiança, para a tropa.

Deu-lhe conselhos para não se afastar do carregamento e do rancho nem se meter em badernas, se acaso gostava disso, porque poderia se arrepender.

Ricardo asseverou sisudamente que não era de badernas, nem na sua própria terra, e, despedindo-se, voltou-se ao rancho.

Nesse mesmo dia, em poucas partidas, dinheiro à vista, vendeu o carregamento, com grande lucro.

Por segurança, logo ao anoitecer deu a guardar, contado e amarrado em bolo, todo o dinheiro ao capitão Joaquim Manuel, e, conforme o seu costume, às 8 horas estava deitado em sua rede, armada a um canto do casarão de meias paredes, denominado intendência, onde estavam hospedados outros bruaqueiros.

Não dormiu logo, porque entrou a fazer cálculos para a execução do plano traçado, isto é, vender parte da tropa e atirar-se ao garimpo.

Em tais cálculos adormeceu, imitando todos os companheiros de rancharia, no ressonar alto e compassado.

Alta noite, uma tropilha de desocupados noctívagos (denominados vadios, e que constituem a escória de todas as populações) dividiu-se em grupos, e foram estes, como de costume, passear pelas intendências, acordando os bruaqueiros, arrastando couros, furtando por brincadeira, expandindo, enfim, as sensorias do espírito baixo, acanhado e acalcanhado.

Aproximaram-se alguns, pé ante pé, da em que estava Ricardo; porém o mineiro não se deixou surpreender. Como todos os viajantes de profissão, em geral, tinha o sono leve. Assim, quando o mais avançado quis puxar um couro do lote de sua tropa, ele disse pausadamente:

— Deixe disso, moço. O senhor não sabe com quem brinca. É melhor ir-se embora!

— Eu puxo couro de outros, quanto mais de você, respondeu o desconhecido, peguilhando, e puxando o couro, entre gargalhadas mal reprimidas dos companheiros de vadiação.

— Terra sem governo! Solta o couro, já lhe disse! retrucou Ricardo.

Os camaradas acordaram, e procuravam se munir de agulhas de arrocho, às apalpadelas, descompondo os vadios.

O vadio, supondo que esse, como outros bruaqueiros, se limitasse a persegui-lo, atirando agulhas, cobriu a cabeça e as costas com o couro aberto, e correu, arrastando as garras do couro pelas calçadas.

— Espera, diabo, traste! gritaram a um tempo bruaqueiros e tropeiros, atirando, no rumo, pilungas e agulhas.

O sangue, em saída, refluíra ao coração do mineiro, que, como possuído de loucura instantânea, apanhou a pistola de dois canos, e correu no encalço do desconhecido, cujos companheiros corriam adiante, em fileira, fiados no anteparo do couro.

— Espera, desgraçado! gritou Ricardo, que, não podendo alcançá-lo, fez fogo.

Ouviu-se um grito e o baque do couro. Os outros vadios fugiram covardemente, deixando o companheiro, de borco, na calçada.

Ricardo voltou, caminhando, e, ainda descalço, sentou-se na rede, afrontado, ardendo em cólera.

Algumas portas se abriram, apareceram luzes, ao longe.

Os camaradas, penalizados, rodearam o mineiro, exclamando, comentando:

— Ora, patrão, vosmecê se botar a perder com uma coisa ruim!

— Vosmecê matou o homem deveras!

Diante dessas vozes, Ricardo levantou-se sem saber que devia fazer. Voltava-lhe a reflexão. Tirou-o do estado de perplexidade o conhecido trilo de apito da polícia, e o estrépito de gente que corria dos lados da cadeia velha.

Falou-lhe então, alto, o instinto de liberdade e conservação. Agarrou o casaco de algodão, tingido de lama, enrolou-o na capanga de couro, e, empunhando punhal e pistola, correu por um beco próximo, que dava para o rio Mucujê.

Quando a patrulha chegou, já o mineiro tinha desaparecido na escuridão.

Todos se apressaram em dizer que o criminoso já não estava ali; tinha fugido, ninguém sabia para onde.

O comandante da patrulha agastou-se com tanta inocência:

— Alguém haveria de saber, ou então prenderia todos.

Para aquietar a fúria dos soldados, um, menos discreto, dos tropeiros disse:

— Ora! fugiu por esse beco aí, e se bem andou, já atravessou o rio.

— Olha os sapatos dele ali, acrescentou outro, apontando, à luz do fogo do caldeirão da feijoada, os sapatos do mineiro debaixo da rede.

Assim orientados, os guardas (como então eram chamados) atufaram-se na escuridão do beco, em carreira até à Várzea; porém nada viram nem ouviram. Apenas ninhadas de porcos espantados corriam, soprando e roncando, pela várzea afora. A um soldado pareceu-lhe lobrigar um vulto branco, ao longe, correndo. Por desencargo de consciência, descarregou a pistola que levava em companhia da baioneta. Não se viu mais nada. Após o estampido, que ecoou de quebrada em quebrada, e os estalos do ricochete da bala nas pedras, tudo ficou em silêncio, em relação a vozes e movimentos de gente.

Somente o Mucujê escachoava ruidoso por entre os rochedos e penedias escuras de suas margens e leito.

A patrulha entrou em consultas recíprocas e resolveu-se a voltar à intendência.

Os camaradas de Ricardo não arredaram pé dos lotes.

Ao chegar à rancharia, o comandante da patrulha inquiriu se não tinha companheiros ali o criminoso:

— Que tinha camaradas, foi a resposta de Pingo d'Água, e indicou os quatro, incluindo-se.

— Pois me acompanhem, disse o furriel da patrulha.

— Pra cadeia? perguntaram a um tempo os camaradas.

— Sim, respondeu um guarda, enquanto o furriel coçava a cabeça, inclinando a barretina sobre os olhos.

— Uai! exclamou Benedito, como é que o patrão faz um dilito e o camarada vai preso?

— Não. Isso não está direito, não; acrescentou Joaquim.

— E que tem isso? perguntou o comandante.

— Tem, que eu não vou por bem, nem por mal, porque não fiz dilito nenhum. E comecem com muita conversa, eu grito meu amo, senhor coronel Rocha, e está tudo acabado. O sobrado dele é ali perto, disse Pingo d'Água.

Diante desse nome e da ameaça, o furriel coçou de novo a cabeça e os guardas emudeceram.

— Mas é preciso sempre ir à casa do Sr. subdelegado.

— Está bom, isso a gente vai amanhã, retrucou Pingo d'Água; hoje já é tarde, não tem quem tome conta do rancho. E depois o vadio não teve nada. Um carocinho de chumbo na pele.

O furriel concordou e retirou-se, depois de tomar o nome do patrão e dos camaradas, em direção da casa duma velha Sinhana, onde soube estar o ferido, um rapazola imberbe, órfão de pai e mãe.

Aí verificou o furriel que realmente não devia incomodar o subdelegado. Apenas quatro caroços de chumbo empregaram-se na omoplata direita, interessando somente o tecido celular subcutâneo. O couro de boi certamente enfraquecera a força dos projetis.

Remédios caseiros foram aplicados e o rapazinho fumava o seu cigarro tranqüilamente.

Em todo o caso, no dia seguinte foram ouvidos os camaradas e mais tropeiros, formando-se o corpo de delito. Por mais que as testemunhas do inquérito inocentassem o delinqüente, este, na melhor hipótese, teria que pagar a imprudência do seu impulso, com quatro anos de prisão com trabalho, ou mais oito meses de prisão simples, porque ficou bem classificada a tentativa de homicídio.

Entretanto não houve mais novas do mineiro. Essa falta de notícias incomodava ao capitão Joaquim Manuel, por estar de posse do dinheiro de Ricardo, e exposto à probabilidade de comparecer em juízo, o que nada tinha de agradável.

Providenciou, portanto, em segredo, para que fosse encontrado o mineiro, vivo ou morto.

Quanto aos camaradas, mandou chamá-los e aconselhou-os que não abandonassem o rancho.

Somente não pôde dar um jeito em Pingo d'Água, que, à noite, andava já de viola ao peito, cantando em desafio pelas tavernas, temendo somente se enfrentar com o famoso Ponta d'Água.

CAPÍTULO VI

Quem corre com medo assusta-se da própria sombra.

Quando Ricardo atravessou o Mucujê, resistindo à correnteza, e escorregando nas pedras lodosas, ouviu o tropel da patrulha e vozes dos guardas que o perseguiram. Transposto o rio estreito, acocorou-se atrás de uma pedra baixa e ficou a espiar os vultos de seus perseguidores. Daí viu o clarão e ouviu o estampido em direção diversa da em que estava: e, com grande alívio, percebeu que voltaram. Estava, portanto, livre; porém, não há homem de brio que não tenha medo de ser preso como assassino impulsivo. Assim, apesar de ser animoso, cresceu-lhe de tal modo o medo, que não hesitou em arriscar-se a outro perigo, talvez maior, de correr sobre terreno desconhecido, acidentado, pedregoso, por entre uma vegetação enfezada, emaranhada, a lhe rasgar as roupas e as carnes, lugar próprio, enfim, para asilar inúmeras cobras venenosas.

Às vezes chegava a um ponto que lhe parecia bom esconderijo; mas instantes depois já não lhe servia, e tocava para o rumo que lhe afigurava mais longe da vila. Cerca das três horas da manhã, a luz escassa da lua minguante veio alumiá-lo fracamente as anfractuosidades do terreno onde Ricardo, vencido pela fadiga, se acoutara definitivamente. Estava no sopé duma montanha, cujo nome desconhecia. Ouviu galos cantarem, pareciam-lhe vir as vozes de muito longe. Resolveu descansar até ao alvorecer. Tendo na mão direita a pistola, recostou-se na pedra de um canal. Passou-lhe então pela memória conturbada a figura amorosa e boa de sua querida mãe. Seus olhos se vidraram de lágrimas. Teve desejo de pitar, para distrair-se e abstrair-se do mundo de pensamentos que o acabrunhavam; mas refletiu que o isqueiro poderia fazer muito ruído. Também a prostração moral e física subjugarão-lhe a consciência da vida de relação e adormeceu.

Sol alto ainda dormia. Uma algazarra de meninos veio despertá-lo. Levantou-se assustado e espiou por cima de uma pedra.

Eram lenhadores, quebrando garavetos. Isto animou ao foragido. Pensou entrar em conversação com os meninos para averiguar se dera a morte, que era o seu terror. Mas o modo de conversar sem se descobrir era o difícil. Afinal decidiu-se fingir de campeador, e, saindo dentre as pedras, caminhou para o mais próximo e perguntou-lhe:

— Se não tinha visto um burro pangaré de frente aberta?

Era realmente um de seus animais.

O menino assustou-se. Os companheiros aproximaram-se, cheios de curiosidade. O primeiro gaguejou, desconfiado, algumas palavras, dizendo que não sabia, enquanto sorratamente ia apanhando as cordas de amarrar lenha.

Nesses tempos, entre mulheres, meninos e até adultos, nada causava mais terror, nos lugares ermos do que a presença do Criminoso ou Matador, do Ladrão ou do Negro fugido. Por isso, vendo aquele homem estranho, vestido de preto, armado, descalçado, todos os meninos tiveram o mesmo pensamento, porque sabiam do fato da noite passada, e o que estava mais longe gritou:

— Corre, esse menino! É o criminoso d'ontém!

Foi uma arrancada geral, estrepitosa, entre gritos e gargalhadas, que fariam rir aforradamente ao mineiro, se inocente fora. Feixes atirados a esmo, lenha espalhada, rodilhas por aqui, chapéus por ali; uma inferneira de gritos e assobios, enquanto as camisinhas dos menores trepavam ao vento, que era um gosto.

Ricardo empalideceu. Estava perdido! Em todo caso, gritou com fingida energia:

— Vocês estão malucos, diabinhos?!

Os meninos pararam ao longe, escabriados, rindo, cochichando.

Ricardo sustentou a presença de espírito, parado também, com um riso forçado nos lábios. Depois saiu vagorosamente, fingindo rastrear, porém já muito resolvido a dar à perna, quando não pudessem os meninos vê-lo. E isto fez. Em certa distância apressou o passo. Criado em terrenos semelhantes, esperto como poucos, não sentia dificuldades. Galgava penedias, saltava canalões e torrentes sem tomar fôlego, afastando-se o mais que podia do Mucujê.

— Assassino! pensava ele, com os olhos rasos de lágrimas.

— Minha mãe! monologava alto, e apressava-se.

Onde iria parar? Não sabia. O essencial era fugir para longe. Levava na capanga alguns mil-réis (mala-reis como dizia), e, encontrando alguma coisa alimentícia para comprar, não padeceria fome. Se não encontrasse, havia a fartar frutas silvestres, coco e palmito amargo do licorioba, além de caças.

A zona que percorria era de garimpos abandonados. Isso lhe favorecia. Depois de andar cerca de uma légua, fraldeando uma serra, chegou a um ribeiro de água corada, cuja direção indicava ser afluente do Mucujê. Parou para dessedentar-

se; mas ao encher o chapéu de couro, ouviu passos. Despejou fora o chapéu e empunhou a garrucha, disposto a defender-se.

Nos terrenos diamantíferos, em geral, o som propaga-se a grandes distâncias, posto que demoradamente.

Quem vinha, estava ainda longe, e começou a assobiar uma tirana, molemente. Não havia motivo de estar sobressaltado. Contudo encheu de novo o chapéu e bebeu depressa.

O assobio parou; o garimpeiro tinha avistado Ricardo. Este voltou-se. Aquele era um tipo de faiscador indolente. Trazia a bateia à cabeça, e no ombro uma enxada, alavanca pequena e um frincheiro. Vestia calças e camisas de gruna, justas ao corpo, e de algodão sertanejo. Tinha parte do rosto oculta pela bateia; — somente, quando chegou perto, viu Ricardo que era um caboclo escuro, de barbas cerradas e pretas como azeviche.

— Bons dias, saudou o garimpeiro.

— Bom dia, respondeu Ricardo. Mas tendo o outro guardado silêncio curioso, investigador, acrescentou:

— Viu por aí, amigo, um burro pangaré de frente aberta?

— Não, vi não. Está sumido? inquiriu.

— Está.

Depois de pequena pausa, em que inspecionou o mineiro de alto a baixo, o faiscador interrogou:

— Ainda que mal pergunte, o patrão é de fora?

— Sou, respondeu secamente o mineiro, enrolando um cigarro.

O fato novo de algodão, tinto de lama, o chapéu macio, coberto de pele curtida, a capanga a tiracolo, os pés tratados, tinham feito com que o garimpeiro visse em Ricardo um patrão, do mesmo modo que este adivinhara naquele um faiscador preguiçoso, sem descortino, o que o tratamento de patrão confirmava, porque o genuíno garimpeiro, por mais infusado que esteja, não reconhece padrões. É sempre altivo como as serranias cujas entranhas ele rompe, com risco de vida, e às vezes à força de cunha e marreta, em busca do diamante.

— Então, observou o faiscador, o animal estará para as bandas do Gerais. Aqui não pode estar.

— De lá vim eu, acudiu Ricardo, e agora é que acertei com o Comércio, porque me perdi.

Vendo que Ricardo era de fora mesmo, portanto sem fidúcias, não duvidou pedir um cigarro de fumo, isto é, um pedacinho de fumo; e, ao perceber que ele abria a escarcela, atirou com a ferramenta no chão e encostou cuidadosamente a bateia.

Não havia dúvida, queria prosa, e sem saber se também a queria o patrão, foi falando sobre as riquezas dos garimpos, relanceando a vista pelas serras, como se soubesse de verdade onde estavam as grandes manchas de diamante curto.

Ricardo deu-lhe o cigarro de fumo, e, prevenido sempre, dispôs-se a ouvi-lo complacientemente. Esperava informar-se dos acontecimentos, orientar-se da saída,

e até utilizar-se do indivíduo estranho para escrever ao capitão Joaquim Manuel, se fosse possível.

— Isto aqui ainda dá diamante? perguntou.

— Se dá! Inda a semana passada um camarada do Conde achou neste riachinho um chapéu-de-frade, que vendeu por duzentos mil-réis.

— Duzentos mala-reis! exclamou o mineiro.

— Sim; vendeu por duzentos mil-réis e inda pegou mais uns lambreios.

— Que conde é esse? Aqui tem algum Conde? perguntou Ricardo.

— O Conde Fon... Me... Mero... sei lá... um estranja ruivo com um fogo, que está aí no Mucujê, muito amigo de meu amo senhor coronel Reginaldo... anda sempre junto.

— E esse Conde é rico? interrogou o mineiro.

— Dize que é rico como os diabos? Vai mudar pra Passagem dos Piaba.

— Você já veio hoje do Mucujê?

— Ora, ora! porque não? Mucujê é ali.

E o faiscador estendeu o lábio inferior na direção.

Por esse modo de conversar, Ricardo, prático e corrido, viu logo que tinha diante de si um pobre diabo, e não um perverso, um ladrão de estrada.

— E que há mais de novo? perguntou.

— Nada. Só ontém é que um bruaqueiro ou tropeiro atirou num sobrinho de Sinhana. Mas não fez mal não. Esses vadios aborrecem os bruaqueiro de mais toda a noite, arrastando couro, furtando caldeirão de feijão, e ninguém dá providência.

O faiscador começou a fazer um cigarro. Se fosse perspicaz, teria notado o rubor e em seguida a palidez de Ricardo, que, depois de uma pausa, perguntou:

— E o vadio morreu?

— Quá o que, sinhô? Demônio feliz assim só nos inferno! Pegou uns carocinho de chumbo na pá, que nem tocou no osso! Eu vi! ah! ah! ah! ladrão feliz!

A alegria que invadiu subitamente a alma boa do mineiro é daquelas que não se descrevem. Teve ímpeto de abraçar, como um irmão, aquela antipático faiscador, porém reprimiu o impulso, e perguntou sorrindo:

— E o bruaqueiro tem processo?

— Qual processo, patrão?! Se a justiça fosse fazer processo por isso, não havia papel que chegasse, porque aqui na Chapada todo o dia é tiro, facada, cacetada, navalhada, o diabo, até no meio da gente da roda!

— Você donde é? inquiriu Ricardo, seguindo seu plano.

— Eu? eu sou das Correia. Vim no ano passado com a tropa de seu Malaquias, mais fiquei pra aventurar a sorte. Mais não tenho me dado bem e com essas conversa de reculuta, estou vendo voltar a vida velha, porque tropeiro é garantido.

— Quer-me acompanhar para Minas?

— Conforme.

— Conhece o capitão Joaquim Manuel?

— É meu patrão velho. Homem bom até aí chegou!

- Pois se eu precisar, e ele me garantir por você pago pelo trivial, se quiser.
- Se quero! Me chamo Benício.

Quase toda a noite vou na loja dele, até a hora de fechar. Disse o faisgador, que olhou para a altura do sol e começou a apanhar a ferramenta.

Ricardo quis dizer a verdade, mas conteve-se. Perguntou apenas a direção mais certa para sair na Varge, que ele sabia ficar longe do Comércio. O garimpeiro ensinou, e despediu-se prosseguindo riacho acima.

O mineiro tomou o desejado rumo. Sem embargo, porém, da boa notícia, estava ainda com receio e caminhava cauteloso.

- Por muito menos, quebrando só a espoleta noutra, um conhecido seu foi condenado a oito anos de prisão com trabalho! raciocinava ele.

Em todo o caso, arriscava a aproximar-se do povoado. Passou acima do Poço do Padre, seguiu pela aba da serra, saiu no Cemitério e ganhou a Vargem, depois do meio-dia.

Viu garimpeiros e mulheres, que conversavam e riam alto, em algumas choupanas. Adiante encontrou uma preta de tabuleiro. Foi um alegrão. Comprou pão-de-ló e manuê com que encheu um lenço. Pagou e seguiu para a Volta do Morro.

Ao sair da garganta da serra, a oeste da Vila, viu sentado numa pedra alta, à margem da estrada, um homem que parecia capangueiro, ou, antes, mosquitador, isto é, comprador de diamante miúdo, denominado mosquito.

Ricardo saudou-o, mas, em vez de responder, o desconhecido chamou-o:

- Vem cá, moço?
- Não levo diamante, respondeu Ricardo.
- Venha cá, senhor; não se trata de diamante. Trata-se de negócio seu, retorquiu o desconhecido, descendo e aproximando-se.
- Negócio meu?! inquiriu o mineiro, parando.
- Sim. Conhece o capitão Joaquim Manuel?

Ricardo hesitou em responder, com receio de denunciar-se. O desconhecido percebeu a hesitação, e disse:

- Conhece, conhece! Não tenha susto de mim. Olhe, ele manda-lhe dizer que por ora não há nada; mas é bom ter cautela, porque foi uma tentativa de morte.

E, se quiser, os camaradas levarão a tropa no Tanquinho. Quanto ao dinheiro, diga o nome do seu camarada de confiança...

O homem viu que não vencia os receios do mineiro, por isso acrescentou:

— Quer que lhe tire toda a dúvida? O senhor deu ao capitão um conto e quinhentos para guardar; eu estava presente. Ele sabe que venho mosquitar toda a tarde aqui e me pediu em segredo para o prevenir, assim como mandou gente por outras partes.

— Agora, sim! exclamou Ricardo, animando-se. Agora vejo que não é um laço; porque, conforme a fama, o capitão Joaquim Manuel é incapaz de me entregar

à Justiça à falsa fé. Não tenho com que lhe pagar esse benefício. Mas Deus é grande!

E confiava o bigode preto com tranqüilidade.

— Quanto ao camarada de confiança, continuou ele, não sei bem... Pingo d'Água não serve...

— Esse, interrompeu o mosquitador, já abandonou o lote e anda cantando em desafio pelas vendas.

— Como é ingrato! Sem esse estou, e fica me devendo! disse Ricardo. E os outros?

— Estão no rancho.

— Pois sim; eu confio no cuca Joaquim. É um preto de bem; morre e não furta, nem mente à toa.

— Está direito. Neste caso volto para despachar a gente hoje mesmo. Adeus. Boa Viagem.

Ricardo apertou a mão ao mosquitador e, indagando-lhe pelo nome, disse:

— Muito obrigado, Sr. José Francisco. Dê lembranças ao senhor capitão

Joaquim Manuel, de quem estou muito cativo. E até um dia!

Separaram-se. O mineiro seguiu, mas entendeu de dormir no Comércio de Fora, posto que houvesse tempo de ir mais longe.

Nessa mesma noite chegou a tropa. O fiel Joaquim entregou o dinheiro ao patrão, num invólucro lacrado. O mineiro verificou; estava certa a quantia. Gravou-se-lhe no coração o nome do honrado negociante.

Os camaradas informaram de tudo ao patrão, que os escutava sorvendo o seu café, que lhe fez tanta saudade.

No dia seguinte supriu-se dos mantimentos que faltavam nas bruacas, e, dobrando o dianteiro, por falta do camarada, seguiu para a Serra Nova.

Levantando nuvens de poeira da larga estrada, os lotes vazios, trotavam, cortando o chapadão do Tanquinho.

Os camaradas, montados, cantavam saudosas trovas de Pingo d'Água, que, no seu dizer, ficara fazendo epa na Chapada Nova, ainda que nunca vencesse Ponta d'Água, o maior dos repentistas sertanejos desse tempo.

Ao ver-se de novo no seu Ruão, caminho de Minas, respirando o ar puro das campinas, Ricardo sentiu-se revigorar. Experimentava um contentamento incoercível.

Como reminiscência, passou-lhe pela mente a imagem da bela sertaneja. Mas agora o caminho era diverso; não a veria... talvez mais nunca. E com este pensamento mordeu o cigarro e esporeou o animal sem precisão. Em Minas também havia moças bonitas, tanto por tanto.

Quem conhece a volubilidade dos viajantes de vocação e profissão, desculpará ao mineiro.

CAPÍTULO VII

Desde que Ricardo Brandão partiu da Lagoa Seca em caminho das Lavras, Maria Alves não teve mais sossego de espírito. Pensava dia e noite no seu benfeitor.

Por singular magia, inerente aos corações muito impressionáveis, tomava, a cada dia, maior vulto a ação caridosa do mineiro, e a sua pessoa, poetizando-se-lhe a figura simpática, o olhar inteligente, os modos decididos. Por um fenômeno de autopersuasão, mui freqüente nas pessoas predispostas ao histerismo, a gratidão de Maria transformava-se em benquerer, e a mão beneficente em mão de noivo. Pouco a pouco, fixava-se-lhe a idéia de se tornar um dia esposa de seu benfeitor. Como? quando? Não sabia dizê-lo, nem mesmo se preocupava com isso. Nutria e afagava o ideal, apenas entrevisto pelo seu espírito inculto. Pensava, somente, que havia de tê-lo por marido, e, então, tratá-lo-ia muito, acariciando-o sempre, sempre, escondendo-o até da vista das outras mulheres. Havia de ter sua casa e trazê-la bem arrumada ter umas roupas muito bonitas, vistosas e limpas, umas toalhas muito alvas, e uma rede, fina, de larga varanda, em que ele descansaria das soalheiras. Horas inteiras entretinha-se a sertaneja com esses pensamentos e sonhos, numa espécie de obsessão ou matação de sua infinita pobreza e ignorância. E, escondida num quarto, beijava repetidas vezes a medalha que esteve nas mãos dele. Entretanto, em meio de sua loucura amorosa, o estômago dava sinais cruciantes e inequívocos da realidade do presente. Era preciso ingerir fosse o que fosse, para não sucumbir à dor que lhe torturava a principal fonte da vida animal. Sentia turbacões na vista e tonturas repetidas. Tinha ouros de fome. Passado o momento crítico, dobrava-a mortal desânimo, em relação aos seus sonhos, enquanto o instinto de conservação a impelia a procurar alimento.

Ralava batata de umbuzeiro, preparava, às pressas, um bró com sal, e sozinha, ou acompanhada de suas irmãs, comia para não morrer de fome.

Para garrotear uma alma, não escolhe condições o amor.

Apenas saciada, a sertaneja esquecia sua miseranda situação, entregando-se após aos seus sonhos e visões de amor. Dotada de um temperamento melancólico, afastava-se de suas irmãs, permanecendo isolada, cosendo renda quando achava linha de fuso, aconchegando-se muito à almofada, fixando, porém, cada vez mais, o pensamento no objeto de suas meditações. A idéia fixa não tardou a produzir as suas conseqüências. A sertaneja convenceu-se por fim de que no olhar do mineiro descobrira um convite para se casarem.

Sobre isso nem mais dúvida lhe restava.

As irmãs de Maria, apesar de sua ingenuidade de tabaroas, tinham-lhe notado grandes mudanças nos seus costumes. Mais calada e macambúzia do que de ordinário, às vezes expandia-se em modos muito esquisitos. Brilhavam-lhe os olhos com estranho fulgor; enrubesciam-se-lhe as faces, como em febre; afilava-se-lhe o nariz, levemente pálido; arfavam-lhe os seios; tornava-se lépida e folgazã; dava muçungões e beliscava Tiana, a irmã mais moça. Em seguida caía em mórbida abstração, amuava ou chorava, sem causa real, soluçando convulsivamente. Entre lágrimas, então, jurava, que havia de sair daquele inferno de Lagoa Seca; ir-se embora para bem longe, donde ninguém ali houvesse notícias suas, para Minas, ou para a Chapada, e nunca mais voltaria. Não tinha sido vendida, como se fosse cativa? Não ficou forra por gosto do seu senhor? Pois podia ir para onde muito bem quisesse.

Depois de tais crises, voltava à razão; tornava-se cordata, meiga e compadecida de suas irmãs.

Fatos graves, entretanto, vieram concorrer para se concretizarem uma a uma essas idéias de auto-sugestão.

A longa temporada que Raimundo e sua família levaram sem comer sal, desabituara cada organismo dos efeitos comuns dessa substância, e por isso, a esmola do mineiro transformou-se em dádiva funesta.

O cloreto de sódio, em organismos desacostumados e enfraquecidos, produziu o efeito de um drástico terrível. O velho Raimundo não resistiu muito. No fim de alguns dias estava sepultado. A velha viúva foi atacada de uma espécie de câmaras de sangue, e em breve se foi reunir ao marido, levando, pouco depois, no dizer do vulgo, o filho homem que restava, o João. As moças resistiram; ficando, porém, ao desamparo e quase assombradas no casarão vazio, pediram proteção ao vizinho mais arranjado e mais próximo, o José Bento, que lhes fez má cara, sem contudo, as despedir, em virtude do espírito caridoso de sua mulher.

— Voltas do mundo! disseram outros vizinhos, comentando o desprezo ou pouco caso a que o Raimundo, no tempo da riqueza, votava a José Bento, por ser tapuio, isto é, sem ascendência ilustre pelos haveres e feitos notáveis.

Essa proteção, entretanto, não compreendia completo sustento e vestuário, que o tapuio não podia. As órfãs continuaram a viver ainda um pouco, de seu trabalho de rendas, do bró de coqueiro e de raiz de umbuzeiro, de algumas aves que apanhavam em arapucas, armadas na fonte, onde fizeram cevadouro.

Julgando-se emancipada, e não querendo mais suportar semelhante vida, Maria Alves, a vendida, como apelidou-a o povo, tomou uma resolução definitiva. No seu entender estava só no mundo, pois que as irmãs não a podiam proteger; antes, por serem mais moças, careciam de proteção, que ela não podia dar. Assim iria tentar a sorte, em terras estranhas.

Não se ouvia dizer que muitas mulheres viviam em grandeza e luxo, sem terem pai nem marido? Pois aprenderia a viver como elas. Tomando tal resolução, a infeliz sertaneja, nem de leve meditava na hediondez interna dos túmulos caídos. E ainda que meditasse, nada é mais pertinaz do que a idéia errônea duma mulher.

Maria assentou consigo mesma ir para a Chapada. Talvez lá encontrasse o mineiro. Se não o encontrasse, seria o mesmo. Encontraria outro qualquer, talvez em melhores condições. Estava dito.

E enxugando as lágrimas, que a lembrança de suas irmãs provocava, parecia outra, tão resoluta se mostrava.

Era questão de oportunidade.

Esta, para o mal, depressa vem.

Na tarde seguinte, junto à casa de José Bento, arranchou-se uma turma de retirantes. Destinavam-se às Lavras Diamantinas. Vinham do município de Santo Antônio da Barra.

Maria soube tudo isso por intermédio dalguns meninos; mas, para se certificar, perguntou a uma velha do rancho.

— Vamos deveras para a Chapada Nova, respondeu a velha, cujos olhinhos vivos pareciam refletir o brilho dos diamantes, vistos em sonho.

— Minha tiazinha pode me levar em sua companhia? inquiriu Maria, timidamente, dando à desconhecida o tratamento que habitualmente, entre gente inculta do sertão, os mais moços dão aos mais velhos, a quem nunca viram.

A velha empertigou-se, pôs as mão nos quadris, mediu a moça d'alto a baixo, como quem observa a estampa de um animal vendável, e respondeu em tom decidido:

— Se não tem quem te pegue, minha filha, arruma tua trouxa. Talvez Deus te dê boa sorte nas Lavras! – E um olhar rápido e vesgo, para uma companheira, completou o pensamento da megera.

Não tenho pai nem mãe; explicou, em voz baixa, a ingênua sertaneja. Tenho duas irmãs, mais moças do que eu, que estão também de esmola aqui na casa de seu Zé Bento. Assim mesmo não quero que ninguém saiba de minha decisão. Minha tia não viaja cedo com as outras?

— Viajo. E é melhor que siga daqui sozinha, porque, como nunca tive filho, não gosto de choro, nem de zuada atrás de mim. Eu sou muito desempambada; o que tenho de dizer, digo logo; não é, Ritinha?

— Toda a vida! confirmou, em voz lenta, uma esgrouvinhada que remexia, à beira do fogo, uma trouxa de trapos.

Apesar de intimidada com os modos bruscos e a linguagem desenvolta da velha, disse Maria:

Pois quando vosmecê passar na Lagoa Funda, daqui a meia légua me achará.

No dia seguinte, a inditosa sertaneja cumprira a palavra.

Sobraçando a trouxinha de roupas velhas, tinha saído furtivamente de casa, à primeira cantada do galo, deixando as duas irmãs dormindo. No lugar designado, a velha Ana Maria saudou-a estabonadamente. Apesar de corruptas, as companheiras da megera compadeceram-se da infeliz. Isto, porém, depressa passou, como reminiscência importuna de perdidas virtudes.

No pouso desse dia, começou o obrigatório e ignóbil aprendizado de Maria Alves. Tornava-se familiarizada com a linguagem obscena do rancho composto de mulheres perdidas e crianças.

Depois de oito pequenas jornadas, sem embargo da fome e sede que sofreram, caminhando de pés inchados, sobre um solo ardente, o ciganado rancho da velha Ana Maria chegou ao Comércio de Fora. Este primeiro núcleo de garimpeiros, vindo de vários lugares para a Lavra do Cazuzza do Prado, já estava nessa época abandonado da primitiva influência, servindo mais de pouso obrigado. Restavam poucos ranchos de palha dos garimpeiros que trabalhavam pelos lados da Cotinguiba, a alta serra que corre à direita do Paraguaçuinho.

À medida que se aproximava do Mucujê, a pobre sertaneja sentia aumentar-se-lhe o terror secreto que experimenta quem se apropinqua de um despenhadeiro. A emoção e mais o vento frio dos gerais faziam-lhe tiritar como sezonática. Invadiu-lhe a alma um desânimo mortal. Arrependeu-se de se ter separado de suas irmãs. Chegou a ter funda saudade de sua miséria passada. Ao menos, nesse tempo, calcava a terra do seu nascimento, e conhecia os seus vizinhos. Agora, não. Pobre órfã abandonada, não fruía sequer o consolo de ver um rosto amigo. Em vez deste, quando levantava os olhos, encontrava o olhar impudente das companheiras, ou os carbúnculos da velha, que lhe pareciam dizer diabolicamente: — é tarde!

Encontraria Ricardo Brandão? Era sua pergunta íntima, que não mais comunicava, com receio da cuquiada cruel das messalinas. Firme, então, nesse

pensamento, quando encontrava em caminho viajantes ricos, jovens ou maduros, voltava o rosto ou baixava os olhos.

— Tola! – exprobrava a velha. Então pra que veio!?

Entretanto, horas havia, em que se apoderava de seu espírito um alvoroço estranho, um como pressentimento de futuras grandezas e prazeres sem fim. Sentia-se deslumbrar pelo róseo clarão duma aventura inenarrável. Lembrava-se do mineiro, que devia estar muito rico... Mas vinha-lhe a dúvida: queria se casar com ela, tão pobre? E se ele quisesse viver com ela doutra forma?

Batia-lhe então nas têmporas, descompassadamente, o sangue dessorado.

O rancho de Ana Maria acampou no Comércio de Fora, enquanto lavavam-se as melhores roupas – de aparecer. No dia seguinte, domingo, depois de se vestirem dentro de moitas, as mulheres partiram, e, à noitinha, entraram no Mucujê.

O burburinho de pegulhal humano, a multidão de luzes, lojas e vendas cheias de fregueses, foguetes, gritos, sons de música, tudo isso formando um zunzum de colmeia, aterrorizou a pobre sertaneja, que entrava pela primeira vez num grande comércio. Caminhava quase chorando, de mãos frias, pés doloridos, tropeçando a cada passo no calçamento acidentado, acompanhando, envergonhada, a velha, com o seu rancho, que, indagando sempre pela casa de uma Chiquinha do Tomba, embarafustou pela Resina da Gata e saiu na Rua do Caitité, onde encontrou a Chiquinha, sentada na porta, entre uma roda de rapazes.

É um mérito dos entes decaídos da virtude, quando em melhores condições de fortuna, ampararem os seus iguais que lhes estendem as mãos. Entre mulheres de baixa classe é isso comum. Foi, pois, não só bem recebida a Ana Maria, com o seu rancho, mas, ainda, recebida com alegria ruidosa.

As gargalhadas dobradas se sucediam entre explicações, queixas de sofrimentos, em confissão alta e repetida.

Maria, a ingênua sertaneja, acorada num desvão sombrio da casa, ouvia tudo, triste, humilhada, principalmente por entender pouco, ou nada entender das meias palavras e expressões que nunca ouvira, apesar do aprendizado em viagem.

Nas Lavras era tal o número de ditados, surgindo a cada dia um novo, que essa gente permutava idéias e gracejava, horas seguidas, sem carecer de dar o verdadeiro nome às idéias e às coisas.

Depois de muito tagarelar, lembrou-se a Chiquinha da tabaroa.

—E essa, a que veio? perguntou.

—É uma filha que eu achei. Deixe ela no seu cantinho, disse a velha, trocando com a Tomba um olhar inteligente.

— Coitadinha! É muito tola ainda! retorquiu a dona da casa.

— Qual tola, moça! Você sabe de nada? Há ninguém tolo?

— Eh, Eh, Eh, por cima! que por baixo tem formiga, gente! – comentou a Chiquinha com o ditado mais novo.

E foi tratar da ceia para os hóspedes.

Segunda-feira, entre vadios, falava-se da vinda de uma menina nova, que estava em casa da Chiquinha da Tomba.

Deixemo-la no cairel do abismo...

CAPÍTULO VIII

— É como lhe tenho dito, senhor José Moitinho. Toda a riqueza da Chapada Nova, reunida com a da Chapada Velha, não pagam a miséria desses costumes. As riquezas passam, consomem-se, e, circulando, se dispersam; os costumes, ao contrário, ficam, permanecem na sociedade donde saiu a riqueza, amestrando o povo a viver, a lutar pela vida em comunhão. De modo que, um povo rico de bons costumes, é um povo habilitado a progredir, a se engrandecer na paz ou na guerra, pela indústria, pelas artes e ofícios; um povo de maus costumes é um povo realmente pobre, posto que atualmente cheio de riqueza acumulada sem escolha de meios. Creio que me entende, não?

— Perfeitamente, senhor Bensabath. Dito assim, parece que é verdade; mas eu lhe digo que não.

— Oh! exclamou o velho Bensabath, voltado para o Moitinho, conservando os olhos arregalados de espanto e a boca na expressão da exclamativa.

— Sim; continuou o velhote português, cujos olhos vivos dançavam nas órbitas protegidas por supercílios espessos; eu lhe digo que não, e aqui está por que o digo. Quando vim para o Mucujê, em 1846...

—E eu, em 45... interrompeu o Bensabath.

— ... vi cousas que hoje não vejo, porque os costumes mudaram, concluiu o Moitinho.

— É porque hoje o governo contém melhor essa gente, observou o judeu.

Nesse ano, por exemplo, continuou o português, em casa do Tônico, ali abaixo, um garimpeiro comprou uma lazarina, carregou-a, na loja mesmo, e, para os lados onde é hoje a Cadeia alvejou um pobre diabo, por entre gargalhadas dos circunstantes. Matou-o e foi verificar tranqüilamente a roda de chumbo no peito; e se não fosse o Antônio Boca Murcha, que, nesse tempo, como vosmecê sabe, andava acima e abaixo, com seus grandes tamancos, se arvorando em inspetor, por humanidade, tornando-se o pacificador do Mucujê, o sujeito teria também tranqüilamente desaparecido. E, como esse, outros muitos fatos, que hoje não vemos. Quero dizer que, desta ou daquela forma, com o correr do tempo, o povo endireita seus modos de viver. Ande lá, meu amigo, ande lá; o senhor é muito lido e corrido, mas nesse ponto não tem razão.

E, assim concluindo, o português, conforme seu hábito, deu duas palmas, esfregando as mãos, em seguida, uma na outra.

O judeu apertou com o polegar e o indicador o nariz adunco e vermelho, como para verificar sua inteireza; abanou a cabeça, ironicamente, em sinal afirmativo, e conservou-se mudo, olhando ao longe. Sabia, por experiência, que o Moitinho dava a camisa por teimar e pairar. Ele, Bensabath, ao contrário, não gostava de teimas. Prático em seu Antigo Testamento, repetia, mentalmente, as palavras do cap. XII, v. 23 dos Provérbios: “O homem sagaz encobre a ciência, e o coração dos insipientes apressa-se a manifestar a sua estultícia”.

O português intrigava-se com o silêncio do judeu, que parecia menos um indício de convicção do que menosprezo ao seu modo de pensar. Queria prosa, e não hesitou em se fingir dócil a melhor aviso. Além disto, o esplendor da tarde convidava à boa prosa. A sombra da gameleira frondosa, sob a qual conversavam, sentados em bancos de madeira, entre a Rua das Pedras e a Rua Direita, protegia-os do calor que irradiava do calçamento e das paredes expostas ao poente. Em meio de semana, os fregueses lhes davam tempo, até porque, sendo muito careiros,

mesmo em dia de feira, raros entravam em suas lojas, verdadeiros bazares, fronteiros à gameleira. Afora isso, apenas tinham fama de abastados cauilentos.

O português não pôde suportar muito tempo o silêncio do judeu, e, por isso, perguntou:

— Então, senhor Bensabath, estou errado?

— Não, senhor! São modos de ver! exclamou polidamente o judeu.

— Tenha paciência, insistiu o português, diga-me com franqueza. Assim não serve. Gosto de ouvir as pessoas que sabem mais dos livros, porque da vida... da vida... (o português tossiu, concluindo): tenho sofrido e aprendido.

— Visto que o senhor Moitinho quer, vá; ou não me entendeu, ou está errado; mas acredito que não me entendeu. Quando eu falo em costumes, refiro-me principalmente aos costumes particulares, domésticos. É no seio da família que se aparelha o bem-estar do indivíduo e do povo a que ele pertence. Os costumes domésticos é que permanecem, porque ninguém pode extirpá-los. Se são bons, o povo será forte; se são maus, o povo será fraco, ainda que forte em aparência. Eu me explico em poucas palavras para não as gastar superfluamente.

Fora das Lavras o senhor encontrará, em geral, pessoas e famílias de costumes simples, modestos (ainda que ricos), tementes a Deus, a Quem adoram a seu modo, e, pelo que, prezam a honra acima das riquezas. Em chegando, porém, aqui, no meio dessa democracia sui generis, indisciplinada, e ambiciosa de figurar, essas pessoas simples, essas famílias, com raras exceções, transformam os seus costumes, porque aprendem somente a adorar o Deus da terra – o Diamante. De pacatas e alegres, se fazem tunantes e folgazonas, vaidosas e fúteis, tomando como civilidade certa desenvoltura que as perde, em bom conceito da gente moralmente sadia, antes de as perder para todos, em realidade irremediável. O gosto do luxo de tal modo as enfraquece, que, quando lhes falta o dinheiro para espedícios, esmorecem... e... será beijada a pústula em que brilhe um diamante. Uma prova: não vemos famílias honestas receberem em seu seio, com afagos e carinhos, a dona Messalina, chamada aqui mulher da roda? Não vemos, todos os dias, indivíduos sem educação nem instrução, analfabetos até de maus bofes, piores instintos, sentados entre os grandes, reverenciados pelos pequenos, somente porque trazem picuás cheios de diamantes grossos? Ora, diga-me, em consciência, senhor Moitinho, que tais sairão filhos e filhas, educados em tal escola? Quem mais pode consertá-los em geral? Diga-me!

— Neste ponto, bem pensado, - apoiou o português, aproveitando o fôlego que o judeu tomava. O senhor tem razão, mas...

— Está enganado! está enganado! – gritou alguém se aproximando.

Os dous voltaram-se.

Era o capitão Chico Roxo, vizinho do português, e um dos muitos felizardos ou lutadores enérgicos e audazes que, começando a trabalhar alugados, ou de meia praça no garimpo, davam algum bamburro, formando meia fortuna que duplicavam usurariamente, capangando ou negociando de porta aberta.

Ao reconhecê-lo, o judeu murmurou:

— Aí tem um.

Ao mesmo tempo o português dizia rindo:

— Eu, só, não; o senhor Bensabath primeiro...

— Sim, ambos dous! Eu ouvi tudo: ambos dous! Repetiu o Chico, na voz forte, estouvada, de dinheiro dotado dessa petulância alvar, de que a fortuna tanto se agrada, e a que tão cegamente ajuda.

— Bons e maus costumes há em toda a parte, mormente nas grandes terras, — continuou o homem, — e, às vezes, numa família só, há bons e maus, porque os dedos da mão não são iguais. Estão dizendo que tudo que vem pr'aqui muda de modo. Não é. Muda quem já tinha de mudar. Agora mesmo, esta semana, deu-se um caso muito interessante. Chegaram umas mulheres de fora, vindo com elas uma moça donzela de seus 19 anos, que também arranchou na casa da Chiquinha do Tomba. Uma velha, Ana Maria, que se dizia parenta dela, parece que queria explorar com a rapariga. Uma noite destas, passava eu pela Rua do Caitité, perto da entrada para a Rezina da Gata, quando ouvi gritos, choros, um esparrame dos diabos! Ao chegar perto, vi uma mulher sair na carreira, de uma casinha e gritei.

— Que é isto, mulher?!

Ela voltou-se chorando e ajoelhou-se aos meus pés, pedindo que a salvasse, que a quieriam desgraçar. E contou-me tudo por alto. Ela não conhece o lorde levado pela velha. Entendi o negócio; mas não podendo protegê-la em casa porque a senhora lá não quer ver saia de mais, ensinei à rapariguinha, que me disse se chamar Maria, ensinei a casa de D. Rosária, aquela que cose de alfaiate para o Jordão, a fim de que se agasalhasse. E fui mesmo explicar a D. Rosária, que teve dó da mocinha e recebeu-a. Com pena ainda, dei uns cobres e saí. Aí está um caso...

— Tão raro, tão fora do comum, que causou e causará admiração a todos, senhor capitão – atalhou o judeu, sorrindo maliciosamente e empertigando-se, em sinal de triunfo.

— Sim, mas também, ao menos, aqui no Mucujê, não é como o senhor diz, senhor Bensabath.

— Eu falo de um modo geral.

— Sim, acrescentou o português, de modo geral, porque aqui temos a Chiquinha da Roda, a Maroca Cearense, a Neném e outras que vivem no luxo e na lordeza, como dizem, vestindo seda e cobertas de jóias e brilhantes, e na maioria, as famílias, até na igreja se separam delas. Mas aqui mesmo e lá para Dentro já não fazem assim algumas famílias e pessoas de bem que as acolhem com prazer porque têm sua pataca.

— Querem saber de uma coisa? perguntou o Chico Roxo, e respondeu: - É mundo! vamos viver.

E, rindo-se, voltou para sua casa de negócio.

— Eis aí a filosofia que mata, comentou o judeu; e, com um até logo, retirou-se também para o seu bazar, do lado de baixo. Caminhava curvado, em colete, esfregando em sentido horizontal o lenço de Alcobaça sob o nariz adunco.

O Moitinho permaneceu de cabeça baixa, não tendo dado a entender que ouvira o último comentário do vizinho. É que lhe não saiu mais do bestunto a história da virtuosa rapariga abandonada. Bem sabia que não era mais um homem para

aventuras eróticas. Possuía ainda a escrava quarentona, a quem as más línguas atribuíram, em tempo, autoridade de patroa dos caixeiros dele.

Pior do que isso, porém, eram os seus 55 janeiros bem puxados.

Entretanto, uma circunstância tentava-o a inquirir desse negócio pelo miúdo. Conhecia D. Rosária desde a vila da Barra, quando ela, moça ainda, deu pancas, estonteando meia dúzia de pretendentes... e isso animava-o. Afinal assentou dar, à noite, uma chegadinha ao fim da Rua Direita, onde morava a florista D. Rosária. E com esta resolução retirou-se para a loja, do lado de cima. Eram horas de jantar. O cheiro dos guisados desafiou-lhe o apetite; porém deu-lhe na cabeça tomar uma abrideirazinha, o que desde muito não fazia.

Saltou o balcão, mas, ao apanhar o frasco de genebra holandesa, este lhe caiu das mãos. O caixeiro, um aperreado de 10 anos de idade, apressou-se a apanhar os cacos, dando graças ao céu de poder descansar as pernas um instante. Só depois de um tal desastre é que o velho notou estar nervoso, isto é, trêmulo de emoção. A velha escrava correu a ver que barulho era aquele numa casa habitualmente sossegada. Por seu lado, o Moitinho repetia entre dentes, num impulso de bom senso:

— É isto! Gente velha, metendo-se em empresas novas, é isto!

Contra a expectativa do princípio, jantou mal. Não é que ligasse importância ao prejuízo do frasco de genebra, nem à tremura dos seus nervos. Quanto a estes, se fosse lido em História, poderia, parodiando Turenne, ter dito: — Tremam demônios! tremam, que mais tremariam se soubessem que hoje mesmo dou com vocês todos em casa da velha Rosária. Em verdade o Moitinho estava numa ânsia que anoitecesse, para ir ver a virtuosa abandonada. Passeava inquieto ora no corredor, ora na frente e ao longo do balcão, assobiando muito baixo, veladamente, a medir com o olhar, de quando em quando, o progresso da sombra na calçada. Havia bem tempo que não atentava numa tarde tão comprida.

Afinal cravou-se o sol, deixando em nuvens do poente uns revérberos arruivados, renunciando isso alongado crepúsculo, para maior desespero de uma alma aflita por noite escura.

Às oito horas, contra o costume, e com grande alegria do Pedrinho, o caixeiro, fechou-se a loja.

O português meteu-se na melhor roupa de brim que possuía, tomou o chile de largas abas, e apanhou, ao canto do quarto, o velho junco, de que se não apartava nos seus passeios. Disse para dentro que ia à Rua Do Lava-pés, e, efetivamente, seguiu em direção à Matriz. Conhecia bem a casa de D. Rosária, e de longe viu luz na sala. Ao aproximar-se teve um afrontamento. Parecia-lhe ouvir vozes d'homem na casa. Apressou o passo. Não se tinha enganado. Atraído, sem dúvida, pela fama da virtuosa e bela rapariga sem proteção, pousara lá um troço do rapazio alegre. Sentiu ciúmes o Moitinho; uns ciúmes prévios, mas por outro lado, a propósito, pois que eram também os de sua quase velhice contra a mocidade vigorosa, cujo vozear ouvia.

Prosseguiu, despeitado, somente até a matriz, donde voltou.

Ao passar, de retorno, pela casa, notou que os importunos ainda lá estavam. Uma coisa, porém, o alegrou: não viu na sala senão a dona da casa. Com este consolo, recolheu-se, disposto a fazer outra tentativa.

CAPÍTULO IX

Ao alvorecer, o Moitinho estava de pé.

Passou o dia arrumando e desarrumando, meio alegre, meio nervoso.

Faltou à prosa da Gameleira, onde estiveram outros, inclusive o velho Bensabath, sempre a palpar a integridade do nariz respeitável, quando não lhe supria as fossas, vagorosamente, do legítimo Princesa, acudindo logo com o lenço de Alcobaça, cuidadosamente desdobrado.

Pensando sempre em continuar a conquista, o português mandou preparar um churrasco apimentado para o jantar, que ele regou ainda com uma garrafa de puro tinto Figueira. Precisava tonificar-se.

Não queria desfalecimentos.

Após a refeição copiosa, acendeu um charuto. Era mais uma singularidade nesse dia, em que, a propósito de qualquer coisa, falava alto e grosso, como o poltrão às escuras, para se animar.

Mas o que escandalizou a velha cozinheira, alegrou o Pedrinho, e espantou ao próprio gato, fiscal efetivo da loja, foi o se fechar esta às sete horas da noite.

— Ué! resmungava a cozinheira, que é que loiô Muitim viu hoje?!

O português estava decidido a ir até o fim. Não buscaria mais rodeios.

Que diabo! ainda era um homem. Rapazolas vadios não lhe deviam meter medo. Depois, não ia praticar nenhuma ação má. Era só uma visita à sua antiga conhecida, a D. Rosária.

Com esse intento, foi seguindo rua abaixo.

Perto da casa ouviu pizicatos de violão e vozes na sala. Eram evidentes motivos de modinhas e folgares.

Bateu devagarinho com o castão da bengala.

Abriu-lhe a porta um capangueiro principiante, que dava pelo apelido de Bilô. Este recebeu-o com um – Oh! senhor Moitinho! – semelhante a uma verdadeira pateada. Outros continuaram garganteando:

— O senhor Moitinho por aqui!

— Também aqui!

O português suava frio. Ora empalidecia, ora se tornava vermelho até à raiz do cabelo. Apesar de assim desaprumado, procurou desculpar-se com o antigo conhecimento da D. Rosária, o que esta confirmou, afavelmente, oferecendo-lhe uma cadeira.

O homem do violão afinou-o, e Bilô cantou, com voz fanhosa, a modinha triste, cuja letra é do infeliz poeta mineiro, Cláudio Manuel da Costa:

Adeus, adeus, minha adorada Eulina,
Ordena a sina cumprir mandos teus!
Se a dor matar-me na fatal masmorra,
Antes que eu morra te direi – adeus!

Enquanto o cantor arrastava a voz, numas firmatas descabidas, irritando o acompanhador, que batia com o pé e com a cabeça, como um desesperado, o Moitinho lançava miradas intencionais ao objeto daquelas visitas expansivas.

Era um belo tipo de brasileira; altura mediana, talhe esbelto, colo turturinho, boca pequena, nariz afilado, olhos negros... e não precisa dizer mais. Pode-se adivinhar o que eram os supercílios e o cabelo. Estava sentada a um canto. Trajava um vestido de cassa lisa, sobre modesto balão; casaquinho justo, tendo na frente o bicão da moda. O cabelo, penteado em bandós, dava-lhe uma graça singular. Acanhada de modos, porém de olhar inteligente, a despedir chispas, a morena sertaneja arrebatava. Tudo isso o português observou em pouco tempo. Não lhe vira os dentes, nem lhe ouvira a voz; mas devia de ter bons dentes e uma voz harmoniosa, de matar. Estava ainda magrinha; era dar-se-lhe trato.

A dona da casa, olhando de soslaio, não perdia de vista o velhote.

Alguém chegou a falar baixinho:

— Como gostou, o Moitinho velho!

O português ouviu, e voltou-se. Aquele velho, ainda que dito em voz baixa, era-lhe uma afronta. Não devia ficar mais ali.

Terminava a modinha nesse momento. Soaram palmas, bravos e comentários. O Moitinho aproveitou-se da confusão, despediu-se da Rosária e saiu.

Durante a noite, por mais que meditasse no seu plano de conquista, não passou das linhas gerais: obter a posse da rapariga, fosse como fosse, mesmo casando-se. A primeira coisa a fazer, no seu pensar, era pôr termo àquela foliata, todas as noites em casa da barrista. A continuar aquela pouca-vergonha, o resultado estava previsto: quando menos, desacreditar a pobrezinha.

De fato, todo o mundo sabe o que são liberdades e intimidades num lar honesto: quando não devoram a vida maculam a honra. Com esses pensamentos, passou em claro a noite.

Levantou-se à hora do costume, mas indisposto, excitado. Se não apressasse o desfecho do seu plano, adoeceria facilmente. Mas de que modo apressar?

A língua alheia, que ele tanto temia, veio em seu auxílio desta vez. Durante o dia alguns conhecidos lhe falaram dos comes e bebes na casa da barrista, depois do acolhimento à Maroquinha, como já tratavam a sertaneja. O próprio Chico Roxo, com cara de penitente chegou a dizer-lhe:

— Meu amigo, eu não soube o que fiz. A ovelha que há de ser do lobo...

A novidade teve o maior quinhão na prosa da Gameleira. Dizia-se que alguns amos e pais de família estavam receosos de que seus caixeiros e filhos entrassem em algum conflito por causa da influência em que estava a rapariga, como era costume entre gente de pouca idade e menos juízo.

Diante disto, o Moitinho não se demorou na execução do que pensava desde a noite anterior.

Recolheu-se à sobreloja e escreveu com letra quase ilegível:

“Senhora D. Rosária – que tivesse passado bem de ontem a esta parte. Como seu conhecido antigo, não posso deixar de preveni-la que estão falando bastante na rua, a respeito de comes e bebes em sua casa, motivo da menina, e alguns pais e amos já estão se queixando. Se quiser aceitar um conselho de amigo, lacre suas portas e janelas à noitinha. E se precisar dalguma coisa, mande dizer ao... Moitinho.”

Fechou a carta, aplicando-lhe uma obreira verde; chamou o Pedrinho e mandou levá-la. O caixeirinho saía raramente. Folgou, pois, com a novidade, e mais ainda, quando entregou a carta e a destinatária, lendo e relendo, arrenegando-se

contra as más línguas, disse-lhe que esperasse a resposta, entrando para um quarto.

Depois de alguma demora, voltou com uma cartinha fechada à obreia verde, e, em companhia da moça, interrogou o menino, que, disse, nada sabia. Deu a carta e o menino saiu.

— Eu não dizia? Eu não dizia que esse ajuntamento de noite não dava em coisa boa? – repetia a moça.

— Mas, retorquiu a velha, aqui em casa nunca houve coisa de mais. E além disso, menina, você precisa de achar algum noivo, e não é escondida como freira, que o há de achar.

— Isso não, mãe Rosa! Já disse que me hei de guardar. Ou com ele... ou nenhum!

— Tu és tola, menina? ainda que o mineiro voltasse, e o encontrasses, não estás vendo que ele não se casaria contigo?

— Deus não está pobre com o que tem dado, mãe Rosa; agora eu quero só aprender a ler; fazer flores para comprar minhas roupinhas e ajudar na despesa.

— Deus te ouça, minha filha.

Enquanto mãe e filha adotivas repisavam o assunto, o português, trêmulo de prazer, abria a carta nuncia de boas-novas.

No século passado, as pessoas lidas sabiam fazer bom uso das obreias, segundo a cor indicadora dos sentimentos e intenções de quem escrevia.

Empregando na sua carta a obreia verde, o português, sem se declarar, denunciou o intento de seu aviso, pedindo esperança; se na resposta viesse preta ou vermelha, só lhe restava lançá-la ao fogo, se não quisesse arrepender-se da leitura. Vendo pois, a cor verde, rejubilou-se e leu a carta, escrita com boa letra de que ufanavam as barristas, nesses tempos:

“Senhor Moitinho – Agradeço muito sua prevenção. Nunca houve nada de mais em nossa casa. Mas para não dar que falar às más línguas, aceito seu conselho, também sua proteção. De sua respeitadora... Rosária Conceição.”

Após a leitura, o Moitinho, ao tirar os óculos, interrogou o caixeiro:

— Então, viste lá mais alguém?

— Tinha visto somente uma moça – foi a resposta.

Era quase noite fechada. Para se certificar da resolução da velha, o português saiu às oito horas. Estava fechada e em silêncio a casa.

Quis bater, porém julgou imprudência e voltou.

Daí em diante, D. Rosária cumpriu o prometido. Não mais quis ajuntamentos em sua casa. Alguns teimosos, que batiam à porta, eram despedidos com uma desculpa qualquer. Apenas tinham ingresso o José Francisco, empregado de compras do capitão Joaquim Manuel, patrício da Rosária, e o Moitinho. Aquele de dia, este à noite, e fechava-se a porta, durante a prosa mansa do português, que não cessava de elogiar o aproveitamento de Maria, quer na leitura, quer nas flores, ou na costura.

Lisonjeava-se com esses gabos a boa velha, que se tornara sinceramente à sua filha adotiva.

Muito diligentes ambas, ganhavam de seu trabalho para o modesto passadio. Também o Moitinho dava algum presente, que a barrista, por seu turno, dava a

Maria. Mas, apesar de sua constância, o português não adiantava o trabalho da conquista.

Era de desesperar. Quanto mais se desenvolvia a inteligência da moça, tanto mais esquiva e arredia se tornava. Às vezes, pela intimidade que se permitia, o Moitinho chamava-a, para a prosa. Ela, porém, não respondia.

— Estava de veneta, dizia a velha.

Com o José Francisco é que a moça gostava de conversar, porque lhe falava do mineiro, dava-lhe esperanças.

Não obstante a entrada franca na casa, o português já se estava aborrecendo daquela maçada. Ele a querer mesmo se casar, e a moça a não querer mesmo ouvi-lo, pois até os presentes eram em pura perda.

Por esse tempo, os vadios, corridos e desenganados, tinham marcado as horas certas de entradas e saídas do português. Recebeu cartas anônimas, descompondo-o; porém, teimou por isso mesmo.

— Invejas desses biltres, dizia.

Uma noite, ao sair de casa, foi acompanhado de surpresa por uma dúzia de realejos de sopro, desafinados. Compreendeu e quis reagir de junco alçado; os rapazes recuaram em gargalhadas e avançaram após, em assuadas, tocando sem cessar.

Alguns moradores abriam janelas; deitavam a cabeça fora e se recolhiam enfatiados da algazarra.

O português resignou-se a seguir para sua casa, desesperado, infernado, invejando a sorte de quem dormia tranqüilo àquela hora, inclusive o austero Bensabath, com as suas normas de moralidade.

Tinha carradas de razão o judeu. No dia seguinte queixou-se ao Bensabath, que lhe aconselhou calma e circunspecção.

Não lhe ficou, porém, na assuada, a desfeita, sem embargo de faltar à pontualidade e não obstante ainda o carão e ponta de língua da D. Rosária contra os vadios.

Um dia as portas do português e da barrista amanhecera pintadas.

O ridículo! Se, às vezes, é ele o desforço possível à justa vingança de uma alma fraca, é sempre, sempre a manifestação mais evidente de um espírito ignorante e mesquinho.

Destarte, uma alma superior, por qualquer título, não se devia ressentir de ser alvo do ridículo; entretanto, a verdade é que todo espírito superior se refrange sobre o látego do ridículo, e a superioridade cifra-se, então, em não retribuir na mesma moeda, nem se dar por ofendido em público. Ora, se lhe não resiste um espírito superior, que fará um espírito acanhado igualmente?

Demonstra logo que sentiu a ofensa.

O português não resistiu à afronta. E não se podendo vingar doutro modo, porque entre os vadios estavam filhos de gente poderosa, verdadeiros alicerces da sociedade nascente, apaixonou-se e adoeceu. O seu único recurso era viajar para fora ou para a Bahia.

Vendeu a loja ao Bensabath, sofrendo grandes golpes os preços da receita, e viajou para S. Félix, enquanto o povinho repetia:

— Na pataca do canguinho o demônio tem quinze vinténs e dez réis.

Não se podendo transportar de súbito, por falta de dinheiro, a barrista queixou-se ao subdelegado, que, na forma do costume, prometeu dar providências. Ela e a moça permaneceram por algum tempo na mesma casa, ainda, mais recatadas, formando, contudo, o projeto de mudança para o Xique-Xique, onde sua profissão renderia mais em virtude da influência de diamantes na Serra do Coisa Boa, Califórnia, Piabas e outros garimpos do Comércio de Dentro, hoje Andaraí.

CAPÍTULO X

Não obstante a perpetração de um delito grave, e a fuga precipitada do Mucujê, Ricardo Brandão não abandonou seu plano primitivo.

Nascido no norte de Minas, sem ter jamais trabalhado em garimpo, ignorando até a tecnologia do ofício, via tudo pelo lado maravilhoso.

Em sua terra só aparecia diamante fino e com muito trabalho. Assim, a Chapada Nova é que o devia curar da obsessão, enriquecendo-o ou arrebatando-o, como fez a milhares de conterrâneos seus.

Em conseqüência da sua resolução, para voltar à Chapada, só esperaria vender a tropa arreada. Nisto o ajudou a elevação dos fretes, porque, antes de chegar à casa, vendeu-a a um fazendeiro do Rio do Antônio.

Posto que estivesse enfiado da vida de tropeiro, trabalhosa, e, afinal, pouco rendosa, em virtude dos riscos e dispêndios, teve pesar e saudade dessa vida, ao ver saírem os animais para as mangas do novo dono.

Reservara sua montada, três para os camaradas e dois para cargas. Os camaradas, embora aliviados do trabalho, também sentiam saudades do rancho, que não é o mesmo do viajante escoteiro ou de bagagem. Tais saudades, entretanto, não perturbavam o bom humor e igualdade d'ânimo, peculiares ao verdadeiro camarada de viagem; resumiam-se apenas na lembrança dos animais a que se afeiçoaram, nas recordações da prosa, à tarde ou à noite, estendidos em couros abertos, depois da arrumação da tropa, ouvindo ferver o caldeirão, quando não havia alguma violinha, em que um deles raiava a tirana saudosa.

Embolsado o dinheiro da tropa, e não querendo voltar logo à Chapada, Ricardo seguiu para a Serra Nova, onde chegou em poucos dias.

Pretendia demorar-se o tempo necessário para acertar negócios em Grão Mogol e mandar fazer uma boa roça, que ficaria para sua velha mãe. Mas esse mesmo amor materno, que lhe ditou tão boa ação filial, o obrigou a prolongar a estadia por alguns meses a mais, sem conseguir, aliás, movê-lo do propósito. Por isso, tomando de novo apenas o camarada Felipe, de confiança e disposto para tudo, Ricardo voltou à Chapada, com grande pesar da velhinha.

Não tendo de passar, desta feita, pela Barra do Gavião, lembrou-se de sua cativa-liberta, como quem se recorda de um passado longínquo. Viajando com uma carga apenas, e aproveitando noites de luar, em dez dias entrava, à noite, no Comércio de Fora, e nessa mesma noite passava por Santa Isabel, seguindo em direção ao Xique-Xique, onde chegou no dia seguinte, pela Boca da Mata. Ainda assim retardara-lhe as marchas um belo cão perdigueiro, a que votava grande estima.

Mineiro altivo e corajoso, Ricardo, apesar de desconhecido, e desconhecendo os próprios costumes das Lavras, não levou sequer uma carta de recomendação.

Possuía dinheiro e um bom camarada, e, no seu pensar, isso bastava, se Deus não o desamparasse.

Por felicidade, antes meia légua da povoação, descansou na rancharia do honrado mineiro, alferes Gil Brás dos Santos, que lhe indicou um negociante, o Felipe, estabelecido no Tomba Surrão, e recomendou-lhe muito cuidado em suas relações aí.

O mineiro seguiu satisfeito com a indicação. Desceu a ladeira extensa, atravessou o rio, que corre apertado entre morros, e subiu oposta e empinada ladeira, saindo na Rua do Tomba Surrão, se é que pode merecer o nome de rua um trecho de estrada tortuosa, por ter de contornar penedias e altos rochedos, casas aqui e ali, sem ordem, rodeadas de escavações, mal aprumadas sobre despenhadeiros, quando não eram lapas muradas de taipa, ou tapadas à pindoba, e fechadas a portas de varas.

Na primeira casa o mineiro perguntou pela morada do Felipe.

Disseram que era adiante, uma casa caiada, de duas portas e janela, pintadas de azul. Ricardo chegou à casa. O dono não estava. A mulher, que devia ser a dona, mandou-o apear-se.

— Seu marido não tardaria, disse.

E começou a mirar, insistente, as feições varonis do viajante.

Era o mineiro quem mineiros chamam – um rapaz sacudido. Entretanto o olhar da mulher não se dirigia ou atendia evidentemente, à beleza masculina, porque mais parecia relembrar feições que um dia vira, e a custo recordava. Fora de um centro populoso, como era a Chapada, onde se reúnem indivíduos de pontos diversos do globo, assemelhando-se, portanto, muitas pessoas entre si, ela teria conhecido ou não à primeira vista.

A insistência incomodou o mineiro, lembrado ainda do delito do Mucujê, e saiu para o pequeno passeio da porta, onde se pôs a acariciar o seu perdigueiro. Não teve de esperar demasiado pelo dono da casa. Este, tendo ido à Praça, a negócio, voltou em breve. Ao chegar à porta, cumprimentou o viajante, com ar afável de negociante prático, saudou o camarada, e entrou.

Depois de pequena demora, falando baixo com a mulher, no interior da casa, voltou, com ar mais prazenteiro ainda, ordenando ao camarada que arriasse as caixinhas, e desarreasse os animais; e voltando-se para o mineiro, disse:

— Descansa ao menos aqui, não é?

Entre surpreso e agradecido, respondeu Ricardo:

— Não precisa incômodo... Eu vim aqui por indicação do alferes Gil!...

— Quem? seu alferes Gilin, dali de cima? interrompeu o negociante.

— Sim, esse mesmo.

— Então, Deus vem lhe guiando, senhor...

— Ricardo Brandão, afirmou o mineiro, um seu criado.

— De Deus Nosso Senhor. Mas o senhor não sabe que homem é esse seu Gilin, aqui, para todo o mundo. Homem de conceito...

— Pois foi ele, senhor Felipe, que me aconselhou procurar esta casa, porque eu preciso de alugar uma casinha pra me aboletar...

— Não há dúvida; se arranjará a casa ainda que com trabalho, porque a influência aqui é muita; mas por ora ficará em nossa casa.

E como visse no semblante de Ricardo certa hesitação, abriu a porta que dava para uma saleta, mandou depositar aí as caixinhas, alforjes e arreios, e convidou o mineiro a entrar e sentar-se. Este acedeu, porém acanhado, ou antes, desconfiado.

Isso não era costume do lugar, segundo informações certas. Ao mesmo tempo a fisionomia simpática do negociante, o seu luxo relativo, trajando com certa elegância um terno de fina casimira clara, chapéu-de-chile, calçando botins de verniz, tranquilizava-o relativamente a intenções criminosas de roubo, como se davam casos. Contudo aventurou-se a perguntar:

— Mas aqui é casa de pasto?

— Não, senhor, foi a resposta do dono da casa, arrumando os arreios, de modo a tomar o menor espaço na saleta.

— Então, o senhor é diferente dos outros lavristas? insistiu o mineiro com semblante risonho.

— Talvez diferente de muitos; e por que o senhor pergunta?

— Porque essa franqueza me cativa, fazendo me lembrar dos meus patrícios mineiros... também eu sou mineiro.

— Estou fazendo minha obrigação, porque apesar de morar entre gente (não todos), que só acredita no dinheiro e na valentia, eu ainda creio na Providência Divina! Depois – concluiu o negociante, com olhos úmidos, em que se viam betas sangüíneas – depois temos tempo de conversar. Agora vou despachar esses fregueses que estão me vexando.

O mineiro ficou sozinho, pensando no imprevisto da recepção cordial, por pessoas que, em sua consciência, nunca ele vira.

A tarde descia. O camarada foi arrumar os animais nas mangas do alferes Gil, a conselhos do negociante, por serem mangas bem empastadas e seguras. Lá dormiria o camarada.

Às ave-marias apareceu a mulher do negociante anunciando o jantar.

O delicado convite feito pelo Felipe, tornou o hóspede obediente.

A mesa estava servida a capricho.

Mundíssima toalha, louça nova e limpa, copos e frasqueira de cristal com vinho, iguarias diversas, tudo desafiava o apetite, e, mais ainda, afirmava certo bem-estar dos donos da casa. Por isto mesmo, o hóspede, mais habituado à frugalidade do rancho de tropeiro, onde estava sempre à vontade, sentiu-se apoucado, cerimonioso.

O negociante compreendeu, e, sem ostentação, antes com lhaneza, que não era de esperar em tão poucas horas, tornou expansivo e desembaraçado o mineiro.

Servido o café, voltaram à saleta. Depois de algum tempo, o negociante rompeu o silêncio:

— Eu disse que, lhe hospedando, fazia minha obrigação, e vejo que o senhor não me conheceu ainda! Pois eu dou graças a Deus por lhe prestar qualquer serviço em reconhecimento do benefício que o senhor me fez num dia de aflição... que dia!

O mineiro olhou espantado para o negociante, que falava sério, pausadamente, e o interrompeu:

— Não será engano, senhor Felipe? Há tanta gente que se parece uma com outra...

— Não estou enganado, não! Agora veja se não se lembra? – E o negociante com seu rosto angular, encarou de frente o hóspede.

— Homem, com franqueza, não! Tenho corrido tanta terra...

— Pois vai conhecer. Eu sou aquele pai desesperado que o senhor encontrou, no Rodeador, cavando sepultura pra enterrar o último filho que morreu de fome! Lembra-se agora?

— Ah! agora, sim! Também não era possível conhecer, nem pelo nome, nem... O mineiro suspendeu a palavra.

— Pode acabar; nem pelo traje e negócio.

— É verdade. Em tão pouco tempo, ganhar tanto...

— Pois fique sabendo que o senhor foi causa disto, sem saber, porque o seu pedaço de carne me deu força a mim e a minha mulher, que não agüentava mais de fraqueza, e seus conselhos, me deram ânimo de vir par'aqui. Quando agradei sua esmola de bom coração, eu disse que nunca esqueceria!

O senhor é um mineiro bom! Pois aqui está, senhor Ricardo, também um sertanejo baiano que não nega a firma, nem morrendo! Eu me chamo João Felipe de Sousa, disse com uma entonação de altivez serena, mas o povo só me chama de Felipe e ninguém me conhece por João.

— Mas, então a sorte lhe acudiu logo, senhor Felipe! exclamou o mineiro.

— Eu lhe conto minha vida. Mas me dê licença, que vou abrir a venda e acender a luz. Além disso é preciso mandar trazer o prato a seu perdigueiro.

O mineiro ficou pensando naquele salto da fortuna, dentro de um ano; e, por associação de idéias, meditava no seu próprio destino, quando o Felipe voltou da venda, perguntando:

— Só não quer que se fale na vida passada, quem não ganhou com o suor do rosto, não é verdade?

— E quem não tem coragem de ganhar outra vez, confirmou Ricardo.

— Pois é porque ainda tenho coragem de arregaçar a calça e meter o pé no trabalho, que eu gosto de contar a minha vida. Eu fui criado no trabalho. Antes da fome, eu tinha minha criaçãozinha, minha roça e, como pobre, sustentava a família. Quando arrojou a seca, vendi tudo pra comer. Quando não pude mais, saí da terra. Como o senhor me viu, andei mendigando, até que, por seu parecer, vim pr'aqui. E por felicidade o trabalho não faltou. Trabalhei alugado uns dias, fui vivendo, até que fui convidado pra trabalhar de meia-praça num serviço de gruna, do Bom Será. Serviço duro, senhor, onde eu ia perdendo a vida, por ser inda reculuta. O dono teve pena de mim, foi me adiantando o saco toda a feira, porque eu não tinha outro jeito. Depois de um mês de trabalho, em que foi preciso arrebenatar com broca um emburrado dos diabos, também a gente catou diamante que foi um gosto! Como meia-praça, me coube uns quatro contos, e eu comprei esta casinha e botei esse negócio, porque no fim o diamante ficou cumprido.

— Sendo assim feliz, devia continuar.

— É um engano, senhor Ricardo. Garimpo é um jogo. Só deve jogar quem não tem muito a perder, e ganhando, deve sair e não voltar, enquanto tiver dinheiro.

Quer uma prova? Olhe, o homem que primeiro me alugou, estava quase rico; pois já gastou tudo com o serviço, com luxo, e está infusado que mete dó! Esta semana me veio pedir o saco fiado, e eu não tive jeito senão fiar.

— Então acha que eu não devo garimpar? inquiriu Ricardo.

— Para falar franco, não. Tendo algum dinheiro, só deve arriscar no comércio, ou então capangar, se tem prática.

— Pois eu vim decidido a garimpar, dê no que der.

— Estando assim decidido, é bom desenganar.

Chegaram fregueses em maior número, e o negociante foi despachá-los.

O mineiro adiou o pedido de informações e conhecimentos de que precisava.

CAPÍTULO XI

Na estação estival, é assaz elevada a temperatura na extensa povoação do Xique-Xique, edificada, como está, no socalco acidentado de uma das serras, que a rodeiam de perto, estreitando-lhe o horizonte visual. À noite, principalmente, devido à vizinhança de grandes rochedos, o calor é insuportável.

Ricardo experimentou, durante a noite, o mal-estar próprio de um hóspede na terra e na casa em que estava. No entanto impediu-o de dormir menos o calor do que o bamburro do João Felipe. Aumentada pela imaginação, não lhe saía da memória aquela cena fascinadora de catar diamantes numa gruta. Afigurava-se-lhe uma coisa facilíma, na Chapada, encontrar muitas grutas como a do Bom Será.

A convicção que tem a mocidade vigorosa de poder governar o destino a seu talento, excitava-lhe o desejo de se atirar ao garimpo no mais breve prazo.

Quando, ao alvorecer, João Felipe abriu as portas da venda, já o mineiro estava passeando no terreiro.

Saudaram-se.

Após a ablução costumeira do rosto, veio o café. Ansioso estava o mineiro por falar no objeto de suas meditações, quando irrompeu na venda, com ar de novidade, um vizinho do negociante, de nome Benedito, de alcunha Braço Forte, falando alto:

— Não sabe, seu Felipe? Aquele camaradinho perrengue do Chico José, do Coisa Boa, pegou uma pedra e uns lambreios, que vendeu por dois contos!

— Qual? o Badu? perguntou o Felipe.

— Esse mesmo! E o bobo, em vez de vir vender aqui no meio de gente conhecida, foi vender na Passagem!

— Está morto! Só o jogo e o mulherio de lá comem-lhe o cobre.

— Por isso, não, que aqui também comiam, mas podia vender “mais bem vendido” aqui. Enfim, lá se arrume! O que eu quero agora é matar o bicho. E bateu o cobre no balcão.

O Felipe mediu a cachaça. Braço Forte bebeu e saiu.

Ricardo exclamou:

— Qual, senhor, isso aqui é uma riqueza que não acaba nunca!

— É negócio de sorte! acrescentou o negociante, sempre calmo.

— João! ó João! gritou no interior da casa a mulher do negociante. Vem ver se não é diamante o que eu achei na moela da galinha?

O João Felipe acudiu presto à novidade. Dentro em pouco trazia um diamante na palma da mão esquerda e a víscera referida em outra, dizendo:

— Está, senhor Ricardo, porque aqui se vende uma galinha, afora o papo e a moela! Felizmente esta era nossa mesmo. Veja que lucro o senhor me deu, porque Clarinha pra lhe obsequiar matou-a para o almoço! Veja!

E o Felipe, alegre, mostrava o diamante, regulando um quilate.

O mineiro tomou-o cuidadosamente, mirando-o de todos os lados, com o pouco jeito peculiar a um bruaqueiro ou recruta em garimpo. Depois restituiu-o, dizendo:

— O senhor tem sorte; vamos garimpar, homem!

— Eu mesmo não posso; uma praça em meu lugar, podia ser; porém no moco-orô do Coisa Boa ou nas grupiaras da Califórnia que também estão dando muito, respondeu o Felipe, cedendo de seu propósito, e guardando o diamante num picuá vazio.

— Pois está dito homem! Ainda que eu nem saiba o que é moco-orô nem grupiara.

— Ora! isso aprende logo. Moco-orô é um cascalho amarelo, ou esbranquiçado e peguento como barro de telha. Grupiara é serviço onde se tira um cascalho com massa, e encontra a piçarra aí mesmo rasiño; não é como cata que é preciso desmonte, às vezes de dois estados e mais, para dar no cascalho e depois na piçarra funda.

O moco-orô ou a grupiara, quando tem diamante, é bom e grosso, canjicudo. Desenverga um cristão infusado em dois tempos. Agora, o serviço de minha influência é gruna. É perigoso; porém quando a gente dá num caldeirão, ou num casco de burro, que é um caldeirãozito, está tirando o cascalho, e no mesmo tempo catando diamante grosso, antes de pegar na bateia, é um gosto!

— E ainda há grunas ricas? perguntou o mineiro.

— Não tem conta, respondeu Felipe. Aqui mesmo pertinho há uma, chamada agora Gruna dos Defuntos e que está entupida, desde que morreram os gruneiros, que trabalhavam, quando veio água do monte. Esta dizem que é rica. Há outras muitas de fama. Eu mesmo tenho informação de uma, daqui a meia légua, serra acima, que, se é como dizem, é um encanto!

— Então vamos dar um serviço lá, atalhou o mineiro, com a volubilidade própria do recruta em garimpo.

— Não, objetou o outro. No Coisa Boa é mais certo. E se for lá, eu chamo Braço Forte pra combinar. É uma boa praça.

— Pois está direito. Hoje e amanhã arruma-se; terça-feira é bom dia de estar lá. O meu camarada já tem prática de garimpo, mas não aqui.

Nesse momento chegava o camarada.

Em tais conversas e planos passaram o dia, tratando ao mesmo tempo de preparar, juntando ou comprando, a ferramenta que faltava: alavanca, enxadas, carumbés, bateia, ralo, frincheiros, grande e pequeno.

À noite, depois do jantar, João Felipe convidou o hóspede para darem um passeio, a fim de conhecer a povoação ou parte, porque já tinha mais dum quarto de légua, até à Rua da Força.

Em véspera da feira, o povoado todo tinha uma vida, uma animação, somente comparável às duma grande cidade.

Também o calor duplicado pela falta de ventilação no lugar, e pela irradiação do solo pedregoso, não permitia viva alma no interior das habitações.

Na praça única d'então, grande número de cargas arrumadas, fazia avultar o número de transeuntes, de fregueses, enchendo vendas e lojas bem iluminadas a candeias de azeite. Via-se aí, em grupos, conversando animadamente, rindo alto, gente de todas as raças e climas, desde o bronco jeje contando pelos dedos das mãos e pés a maior soma de mil-réis ambicionada, ao aussá ladino e valente; desde o caboclo caçado a dente de cachorro, até o mestiço elegante, brasileiro da gema; desde o carcamano e o saltimbanco, meio músico, meio pelotiqueiro, até o europeu polido e aventureiro.

Nas ruas tortuosas, becos e vielas, mais afastados, crescia o burburinho e o movimento, porque aí eram pagodes, cujos brindes, entremeados do – “Como canta o papagaio” -, não raro terminavam com a louça quebrada, e no alagamento da casa com vinho caro, em que se ensopavam vestidos de chalim, calças e jaquetas de linho, veludo e merino; eram serenatas de flauta e violões; batuques nacionais; modinhas mineiras e baianas; atabaques de africanos, em candomblés intermináveis; o zunzum das casas de tavolagem, e superando a tudo, de quando em quando, as gargalhadas em tiple do mulherio sem Deus nem lei, ou o grito de uma vítima baleada ou esfaqueada.

O mineiro estava maravilhado com aquela vida; não cessava de gabar a alegria da terra, em comparação com a tristura religiosa das cidades mineiras.

O Felipe foi guiando-o para as ruas mais ordeiras, visto que só estavam armados de punhais, que nas outras imperavam o trabuco e o terçado.

Na então chamada Rua Direita do Comércio, ouviram cantar tirana. O João Felipe, conhecendo a casa, donde partiam a voz e o som da viola falou:

— Lá está o Pingo d'Água. É quem está na moda, aqui.

— Pingo d'Água! exclamou o mineiro; já tinha conhecido a voz. Foi meu camarada, e me largou o lote no Mucujê...

— Não se lembre mais disso, não. Aqui a vida é outra. Ninguém pergunta aqui por quem foi; pergunta por quem é. Pingo d'Água anda no trinque; é chamado para cantar em casas ricas, sozinho ou em desafio, porque todos nesta terra são alegres. Tem vencido Tomba Morro, Pedro Viola, e outros afamados no desafio, e tem cantado dia e noite sem repetir quadra; — só não vence Ponta d'Água. Faz bem dinheiro, jogando o lenço na roda. Está cantando na casa da famosa Dusá... conhece? Ah! nem me lembrava que chegou há pouco.

— Não conheço, não. Dusá... isso é nome? perguntou o mineiro.

— Qual nome! Ela se chama Maria... não sei de quê, Alves. Mas aqui é terra de apelido e ditado. De pouco tempo houve um ditado, que se usava para não dizer um segredo. Quando a gente ia conversando, e chegava no ponto do segredo, parava e o outro perguntava: — E o resto? A gente respondia: — Aí é que está o A, B, C. A Dusá quando ria (e ainda hoje), em vez de dizer assim, gritava: Aí é que está os ah, ah, ah! — E o povo deitou-lhe o apelido de Maria Dusá, de que ela gostou e até assina. Essa mulher chegou no Mucujê o ano passado em farrapos. O Conde da Passagem botou-a em casa, fez dela como uma princesa, gastou muito, deu muita

jóia, até mandou ensinar a ler e depois largou-a, quando a família veio da Europa. É rica muito, segundo dizem; mas é estabanada e tem veneta. Mas vamos chegar mais perto.

Nesse momento ainda improvisou Pingo d'Água:

O Bem do Mal mora perto;
Não há ninguém que os desuna.
Mas aqui... não mora longe
A Boa da Má Fortuna!

— Está ouvindo? perguntou o Felipe ao hóspede. Assim é que é cantar; o mais é bobagem!

O mineiro também estava entusiasmado, admirando ao mesmo tempo, pelos modos de Felipe, o progresso que toda gente fazia na Chapada em falar certo, dentro de poucos meses, pronunciando as palavras como gente lida.

Caminharam ele e Felipe mais alguns passos até defrontarem com as janelas. A sala espaçosa de mobiliário luxuoso, estava bem iluminada por um castiçal em cada ângulo, e pendente do teto um grande lustre de velas, com pingentes de cristal. Grupos de negociantes, capangueiros, pedristas, e mosquitadores, servidos por escravos novos, trajando calças e jaquetas de pano da Serra, bebiam alegremente, e comentavam o improvisado de quadras admiráveis, hoje perdidas, do famoso analfabeto morto obscuramente, e cuja memória apenas vive nas reminiscências de alguns velhos sertanejos, que recitam ou cantam versos deformados dessa prodigiosa imaginação poética.

Tendo parado em frente da sala deslumbrante, habituaram a vista à claridade, e dentro em pouco João Felipe indicou a Ricardo:

— Lá está a Maria Dusá! É aquela morena, de vestido cor-de-rosa, decotado, que está de cabelo solto, brincos e medalha de brilhantes, presa ao pescoço por um veludinho cor-de-rosa.

Aquelas outras também são da roda. É a Supi, a Flora, Gaguinha, Flor de Couve, e outras que não conheço.

O mineiro parecia não ouvir mais nada. Dir-se-ia que a vida se lhe concentrara no olhar faiscante.

Dusá conversava com um dos convivas, risonha, gesticulando, ora de modo vivo, ora cadenciado e gracioso. Via-se que relatava um fato. De súbito afastou-se um pouco, o conviva falou, aproximando-se, e ela, acenando com o indicador negativamente, soltou gostosa gargalhada:

— Eh, eh, eh, diá! eh! Aí é que está os ah, ah, ah!

— Ouviu? perguntou o Felipe, também rindo baixinho, porque os curiosos estavam apinhados em frente da casa.

O mineiro não parecia ter ouvido nada. E, em lugar de responder à pergunta, exclamou:

— Eu estou conhecendo aquela mulher!...

E depois de uma pausa:

— É ela mesma! Não tem dúvida!

— Ela quem? perguntou o Felipe, tornando ao sério.

— Uma moça que eu conheci em 60, acima da Barra do Gavião.

— Pode ser, concordou o João Felipe. Ela veio deveras dos lados de Santo Antônio da Barra, segundo já ouvi dizer.

— Estava quase experimentando se ela também me conhece! acrescentou o mineiro.

— Agora, não acho bom! A hora não é própria. Daí, faça como quiser, aconselhou o Felipe, lançando um olhar de dúvida à mal talhada jaqueta de seu hóspede:

— Nada! É agora mesmo, decidiu o mineiro.

E caminhou para a porta, convencido de que em casa de mulher-dama não havia cerimônias.

Pingo d'Água vinha saindo a porta e, ao ver Ricardo, reconheceu-o, e estendeu-lhe a mão:

— Oh! seu Ricardo; meu patrão velho!

O mineiro esteve a recusar a mão, mas refletiu que Pingo d'Água estava cercado de admiradores, e correspondeu à saudação, dizendo:

— Você foi bem ingrato, Manuel!

— Qual nada, seu Ricardo! Aqui a vida é outra! E a gente procura suas melhoras, respondeu o ex-tropeiro.

Ricardo perguntou, baixando a voz:

— Hein, Manuel! Esta Dusá não será aquela moça da Lagoa Seca?

— Sei lá! respondeu o cantador, com sorriso malicioso. Hoje é que fui chamado pra cantar nesta casa. Também me parece que é ela em carne e osso, mais gorda e bonita, sim. Mas como aqui tudo muda de um dia para outro, não quis dizer nada. Não quero barulho comigo!

O mineiro chegou-se para a porta. Ao perceber aquele tipo varonil de sertanejo (o que o chapéu e os modos indicavam), Dusá veio encontrá-lo. O mineiro não teve mais hesitação, e cumprimentou-a em voz brevemente comovida:

— Adeus, Maria! Não pensei...

— Quem é o senhor? perguntou Dusá em ar sério.

— Não me conhece mais? interrogou o mineiro, por sua vez.

— Não posso conhecer, porque nunca o vi!

— Pois tem fraca memória! Comentou o mineiro, entre risonho e despeitado. E alteando a voz, perguntou ainda:

— Então não conhece o mineiro? Que é da medalha da despedida?

A mundana não se pôde mais conter. Desfechou uma estrondosa gargalhada na cara do mineiro. Este sentiu o sangue escurecer-lhe a vista.

Dusá quis amenizar o caso, - desfazendo o mau efeito do riso, e disse com a voz doce, que lhe era própria:

— Meu bem, você errou a porta!

O conserto piorou o negócio, porque o mineiro retrucou em tom sarcástico e brando, que a raiva desfigurava:

— Pois, sim! Agora, não pode mais ser a troco de sal; porém, quando eu tiver a carteira bem cheia pra te comprar outra vez, acertarei com a porta! E quando todo o mundo souber como foste vendida, e como procedeu teu pai...

— Tenha paciência, meu amigo! atalhou um dos convivas que ouviram as palavras de Ricardo. Quando se bate na porta, ninguém pergunta: — Quem foi? Pergunta: — Quem é? E quem tem vergonha não mete vergonha!

O incidente chamou a atenção de todos. O mineiro apalpava o punhal, porque já era basto o grupo que o cercava.

João Felipe, percebendo o perigo que ameaçava seu hóspede, aproximou-se presto e puxou-o por um braço.

O mineiro atendeu, retirando-se, mas repetindo:

— Faço lá caso desse tunantes!

Ao mesmo tempo, os da sala comentavam:

— Sim senhor! que atrevidão!

Um mais exaltado aventurou:

— Era caso de mandar enxugar o coiro desse sujeito!

O plano encontrou aceitação de alguns. Outros, porém discordaram:

Não valia a pena: O bruaqueiro é que já ia arrastando o coiro, isto é, de cabeça inchada, porque a Dusá fez pouco caso nele, não se querendo mais vender a troco de sal!

E o despeito deu lugar ao riso.

As amigas de Dusá folgaram com a novidade que seria sempre boa arma para a deprimir no conceito dos amantes ambicionados.

Dusá tinha se recolhido à alcova luxuosa, trescalando a patchouli e macassá. Alguns, que a foram ver, encontraram-na chorando, com os dedos enclavinados, em atitude compungida.

A notícia correu na sala, e o divertimento esfriou.

— Não estou ofendida, explicava, aos íntimos, a messalina; não me ofendeu essa criatura que, por Deus eu juro, nunca vi! Ele foi vítima de um desgraçado engano! Está ainda apaixonado por alguma moça que se parece comigo! O que eu sinto é ter ele falado em meu pai, que não conheço, porque fui uma enjeitada... e sou... uma enjeitada da sorte!

Houve protestos. Dusá disse com firmeza, enxugando as lágrimas:

— Sou uma perdida, uma estouvada. Vivo a rir e a folgar, porque minha sorte foi desgraçada e o mundo me quer assim. Mas na alma eu não tenho alegria da felicidade. Preferia conservar minha inocência, de que abusou um miserável com histórias de casamento, a possuir essa meia riqueza, que na minha terra serviria de vergonha entre gente de bem!

— Deixa disso, Dusá! Esta é a vida, disse um.

— Vocês não querem ver! chasqueava outro; quem sabe se Dusá não quer virar monja deveras por causa do tabaréu?

— Isso não é nada, atalhou um curandeiro bem apessoado e circunspecto: isso é nervoso, passa!

— Vão todos vocês para o inferno, demônios! apostrofou Dusá aos comentadores sarcásticos.

Deu-lhe a veneta de acabar com o divertimento, e em poucos minutos retiravam-se os convivas, homens e mulheres, lembrando o negócio do sal, e já apelidando-a Maria Vendida, entre risos, porém em ausência, porque sabia-se que Dusá era mulher de punhal e garrucha.

Já era tarde da noite, e Dusá mandou fechar portas e janelas, recolhendo-se de novo à sua alcova solitária.

Rita, a escrava de sua confiança, veio destocá-la e guardar vestidos, jóias e enfeites que a senhora, ainda nervosa, ia atirando a esmo, sem a garrulice de outros dias.

O silêncio dominava a casa. Somente ao fundo, na senzala, havia conversação dos escravos nos serviços de copa e em outros de asseio.

A mulata velha de confiança estranhou os modos de Dusá:

— Sinhá está doente? inquiriu.

— Estou, Rita, mas é do coração. Amanhã te digo. Agora chama Juliana pra trazer água.

A escrava saiu. A mundana ficou sentada na cama, meditando, e devorando, uns após outros, seus cigarrinhos de Baependi, de que abusava.

Por este tempo entrava o mineiro em casa de seu hospedador, a quem acabava de relatar a razão de seu despeito contra a mulher que ele tinha comprado e forrado logo. Na sua ira, o mineiro jurou que não pisaria mais na Rua do Comércio, enquanto não tivesse bastante dinheiro para mandar seu camarada comprar Dusá, que o desfeiteara tão cruamente.

Baldava empenhos o Felipe, a fim de amainar a cólera do hóspede, asseverando que ali, no Xique-Xique, não valia tanto aquele negócio; que esfriasse a cabeça e pensasse.

— Não tenha susto, respondia Ricardo. Agora só desejo que amanheça o dia para ir ver logo o garimpo. O saco se faz hoje mesmo.

— Mande chamar o Braço Forte e outro, que o meu camarada está aí.

No dia seguinte seguiam o mineiro e três camaradas para o Coisa Boa.

CAPÍTULO XII

Sabe-se que é bigúmea a arma do ridículo; se é, porém, temida pelos mesmos que a manejam, para as pessoas simples, de espírito ingênuo e delicado, constitui um verdadeiro e terrível espantalho.

Sob sua ação, a alma boa doridamente se contrai, como a sensitiva ao choque da asa estouvada dum inseto, enquanto o espírito grosseiro salta e esbraveja, como a saramatinga no brasido. Trate-se, entretanto, deste ou daquela os efeitos são quase sempre contrapostos aos intuitos de quem os ridiculariza.

O espírito ingênuo de Maria Alves e o coração bondoso da velha D. Rosária não suportaram muito à baixa vingança dos garotos, despedidos da sua casa.

Viveram algum tempo enclausuradas, porém trabalhando sempre, com o plano formado de se mudarem para o Xique-Xique, onde lhes parecia haver menos floristas e mais dinheiro. A facilidade do transporte, em virtude do trânsito de bruaqueiros, ajudou a execução do desígnio, ficando logrados os vadios ciosos da rendição.

Souberam da retirada, quando viram fechada a casa.

Existia no Xique-Xique, na Rua Direita do Comércio, uma barrista ilustre, professora de meninas, e D. Rosária procurou-a, sendo bem recebida com sua filha adotiva, que fizera progressos na leitura e na arte.

Dous dias depois, alugou uma casinha, de porta e janela, contígua à da professora.

Chegaram em oportunidade as floristas. Prometia ser de arrojo a festa de S. Sebastião, cuja novena começava.

Por esse motivo, tendas, fornos e oficinas trabalhavam dia e noite; alfaiates, costureiras, floristas, sapateiros, ourives, marceneiros, doceiras, não tinham mãos a medir, e, pois, sobrou logo trabalho para as ádvenas.

Uma das noites, D. Rosária envergando sua capotina de veludo azul, foi à novena com a filha.

Não só era devota de S. Sebastião, como também afirmava ela, não era nenhum peixe podre. Além disso precisava de sair à rua com a filha, para que se engraçasse de algum rapaz bom, desenganando-se do mineiro, no qual não cessava de falar, contando então, como mais certo o enlace, por estar civilizada e prendada, de esforço próprio.

À noitinha, desceram caminho da capela.

Para a sertaneja era uma festa. A multiplicidade de luzes da fachada; portas e janelas do coro, rodeadas de lamparinas de azeite, em coco de sapucaia, a iluminação, à vela, desde a nave até ao altar-mor, enfeitado de flores; o mulhierio de tundás, luxuosamente vestidas, a recender os perfumes da moda; o rapazio, trajando a capricho, tudo concorria para encantar e atordoar-lhe os sentidos.

Por sua vez, sem o saber, a sertaneja despertou a atenção na igreja. Houve cochichos, entre rapazes; donzelas mussitavam, como despeitadas contra a formosa novata.

Começaram as rezas. Subiram foguetes em barda; bombões espocavam, estrondeando nas grotas vizinhas e serras distantes, atestando os recursos dos mordomos.

Maria relanceava os olhos, furtivamente, à direita e à esquerda.

D. Rosária percebeu, e passou-lhe um recipe de mansinho. Mas, ao terminar a ladainha, a moça olhou à direita, por acaso, e empalideceu, tornando-se vermelha em seguida.

Viu, sem dúvida, alguma pessoa ou cousa, que a surpreendeu, e que só o lugar e o momento forçavam-na a conter-se. Baixou a vista, com receio da velha.

Terminado o oferecimento, enquanto repicava-se o sino, espocavam de novo foguetes e bombões, e crescia o burburinho confuso de conversas e risos, como é d'uso nos templos católicos. Maria, com as mãos frias, apesar do calor puxou a capotina da velha, e falou baixo, mostrando com os olhos:

— Está ali, mãe Rosa! Está ali!

— Ali o quê, menina? interpelou a velha admirada.

— Ele, mãe Rosa! Ele!

— Ele, quem?

— O senhor Ricardo...

— Ah! o mineiro?

— Sim!

— E ele te viu?

— Pareceu ver... e fez que não viu, disse a moça, corando. Voltou o rosto para o altar.

— Pode ser que não te conhecesse. Como está vestido?

— De jaqueta preta e calça branca... e saiu por aquela porta.

A velha meteu-se pelo meio do povo, levando a filha pela mão, para que se não separasse.

Em boa ocasião aparecia o homem, pensava a velha. Maria estava vestida direitinho, artigos baratos, porém de elegância.

E D. Rosária tomou a peito descobri-lo.

Começava o grande leilão da porta, e bem podia ser que lá estivesse para arrematar alguma coisa. Dirigiu-se, pois para o adro da capela, onde gente da roda cercava uma grande mesa, em que se arrimavam, sem ordem, a caixinha de segredo, o peru assado, galinhas assadas, e doces de compota; enormes pães-de-ló, frigideiras gordurosas, misturando-se por fim, lombos fritos, frutas e ramalhetes de flores naturais.

A velha relanceou um olhar de gula por tudo aquilo, que lhe fazia crescer água na boca e continuou a procurar o mineiro.

Olhos mais investigadores, no entanto, deram-lhe primeiro conta do achado.

Apertando com força a mão de D. Rosária, Maria falou em voz baixa:

— Lá está ele, é aquele de bigode preto e barba cerrada e anelada, que está pitando agora. Mas eu não vou lá, acrescentou.

Era louvável a resolução da moça. Acima de qualquer afeição, deve estar a afeição ao pudor.

D. Rosária também coçou a cabeça envergonhada. Riu-se, sem coragem; mas afinal resolveu.

Deixando Maria encostada ao frontispício da igreja, foi ao encontro do mineiro. Deu uma volta, atravessou grupos, e chegando junto a Ricardo, disse:

— O senhor me dá uma palavra?

— Não há dúvida, respondeu ele; e separando-se do companheiro com o qual conversava, afastou-se alguns passos, acompanhando a velha que, por causa de

dúvidas, tinha posto o capuz. Adiante, ela voltou-se. Estava meio atrapalhada sobre o modo de começar a conversa, afinal perguntou:

— O senhor chama-se Ricardo?

— Um seu criado.

— Pois Maria, filha do Raimundo, da Lagoa Seca...

— Não é ela que está morando na Rua Direita do Comércio? perguntou o mineiro, interrompendo a velha.

— Está, respondeu D. Rosária, espantada do tom e modo da pergunta.

— Pois diga-lhe que, quando eu tiver dinheiro bastante para comprá-la outra vez, acertarei com a porta, como já disse outro dia.

— Acho que o senhor está enganado! retorquiu D. Rosária com altivez. Nossa casa não é o que o senhor pensa!

— Sei disso! Lá somente vão condes!... Eu é que não quero mais histórias. Desfeita que ela me pregou, há de pagar do modo que eu sei.

— Qual, senhor! eu acho que vosmecê está muito enganado; foi outra pessoa que lhe ofendeu.

— Está bão; pode ser! Mas quer ouvir uma coisa? Vá-se embora em paz! E voltando as costas, resmoneou:

— Diabo desta onze letras ainda vem pra cá requeutar o caldo!

D. Rosária sentiu-lhe faltar-lhe a terra aos pés, tão injuriosa foi a empresa.

Como se aproximassem algumas pessoas curiosas, perguntando que era aquilo, ela respondeu-lhes, com um sorriso contrafeito, que não era nada. E foi encontro de Maria, que estava no mesmo lugar. Ao avistá-la, a barrista disse apenas, bruscamente:

— Vamos!

Maria seguiu como um autômato, e, por sua vez, surpreendida pelos modos da velha, que a acompanhava, calada, pisando forte.

Na altura do Lava-pés, além do cemitério, Maria rompeu o silêncio:

— Mas o que foi que aconteceu, mãe Rosa? inquiriu.

— Menina, me deixe! Aquele homem, ou é maluco, ou está com o Diabo no couro... ou... então que está me metendo nalgum mexerico. Mas eu não sou de mexericos, fique sabendo!

A sertaneja, cujo temperamento se modificara pela orfandade, e pelos novos costumes, mais polidos, esteve a cair sufocada, e parando na estrada, exclamou com acento dolorido:

— Mas, que foi, meu Deus?!

A velha compadeceu-se da pobre órfã e, para a acalmar, disse:

— Deixe estar; em casa contarei tudo; vem muita gente aí atrás.

E apressaram o passo. Em poucos minutos entravam em casa, e a barrista, depois de trancar a porta e atirar a capotina para a marquesa da sala, perguntou:

— Que desfeita pregou você ao tal homem, que lhe ameaça de você pagar do modo que ele sabe?

— Eu?!... exclamou a moça, tornando-se lívida. Pois, se desde lá de casa que não o vi mais... como é que preguei desfeita?

— Quem sabe, ponderou D. Rosária, sentando-se, se você não está esquecida de ter batido a porta ou a janela, quando passava alguém, aí na rua?

— Tenho certeza de que não fiz isso. Às poucas vezes que tenho chegado à janela, não vi, ao menos, ninguém que chegasse perto. Além disso, mãe Rosa está sempre aqui...

— E como sabe ele que você mora aqui, na Rua Direita?

— Não sei!... Isso é uma coisa que me faz ficar tonta!

— E a mim? E a vergonha que eu sofri? Cruz! Eu te arrenego! Isso até parece obra do capeta! Ora, a gente chegou esta semana, e já encontra uma coisa assim! Creio em Deus Padre! Você quer saber, Maria? Tire essa criatura do pensamento! Deixa estar, que achará um bom rapaz, para se casar. Não precisa de semelhante bruto. Até me parece que isso é uma desculpa que ele arranjou para não vir aqui! E vamos dormir para acordar cedo. A encomenda de D. Julinha tem muita pressa.

D. Rosária levantara-se, decidida ainda a não revelar a parte injuriosa da conversação.

Maria estava acabrunhada.

Não há maior dor moral que a da morte súbita, ainda que aparente, da nossa mais viva esperança.

Passados momentos de reflexão, as lágrimas começaram a correr pelas faces abrasadas da jovem. Ai, quantas, quantas mutações na vida, originadas de pequenas causas!

— Deixa de tolice, menina! consolou a mãe adotiva, com voz trêmula. O mundo é assim mesmo. A gente há de sofrer de tudo.

E retirou-se para o quarto, levando a lamparina.

Maria ficou, soluçando, na sala escura. Depois acalmou-se. É que no seu espírito começaram a debater-se dous sentimentos opostos: amor e ódio.

Quando se foi deitar, predominava o último. Daí em diante se esforçaria por esquecer o ingrato. Começaria freqüentando a janela.

CAPÍTULO XIII

Desde a noite em que trocou palavras com o desconhecido, Maria Dusá tornou-se, pouco a pouco, quase intratável para com a maioria dos freqüentadores de sua casa, e com as amigas que a alcunhavam de Vendida, em ausência.

Maria era uma dessas pecadoras que, não obstante a opulência, a juventude e o meio vicioso em que vivem, cedo aprendem, na facilidade do amor venal, a distinguir o joio do trigo, o oiro falso do verdadeiro, adquirindo, por isso, uma experiência precoce, que as torna ambiciosas da monogamia, cimentada pelo verdadeiro amor, sagrado por Deus, no qual crêem, sancionada pela lei, à qual obedecem tementes.

Sabia Dusá que o tesouro da sua tão falada formosura se empobreceria, muito cedo, pelo consumo da libertinagem, e que, para isso evitar, seria necessário, em

tempo, um só admirador, pois que, mais de um auxiliariam também a ação do tempo.

Além disso, em lugares como nas Lavras, da Chapada Nova, não faltavam belezas fenomenais, sedutoras e novas, tenros lírios arrancados ao lar paterno ou ao lar conjugal, na sua primeira eflorescência e vigor.

Seus amantes, em grande maioria, sentiam por ela a pura paixão carnal, violenta, e portanto saciável; raros lhe votavam certa amizade admirativa, que não era, propriamente, amizade nem amor.

Em outros tempos, e ainda que de modo confuso, tais idéias lhe surgiam sempre em horas de meditação. Mas o desconhecido lhe despertara francamente o instinto ou inclinação à monogamia, ao casamento.

Aquele moço vigoroso, moreno, esbelto, bem apessoado, valente e singelo, atestando, no seu parecer, firmeza de amor, em procura da mulher amada, feriu-lhe a fundo a imaginação... e o coração.

Fora, pois, verdadeira, quando disse à escrava, na noite do incidente, que estava doente do coração.

Dias se passaram, e a mundana continuava taciturna, o que lhe dava, aliás, maior realce à beleza do semblante.

Seus próprios escravos murmuravam, ansiosos por descobrir a causa.

Na noite em que D. Rosária teve o desagradável encontro com o mineiro, Dusá mandou fechar a casa cedo. Pretendia descansar das noites de insônia; porém, não conseguia dormir. À meia-noite chamou Rita, que dormia em quarto próximo.

A escrava acudiu, e em poucos momentos apresentou-se, mas exclamando e interrogando na mesma frase:

- Uai! que é que Sinhá teve que não drumiu até agora?
- Nada, Rita. Perdi o sono à toa.
- Quá! Sinhá não engana negra velha! Sinhá viu coisa, ou tem coisa feita!
- Está bom. Manda Juliana trazer café.
- Eu trago já, mais Sinhá conta tudo à sua negra velha pra dá remédio.

A escrava saiu pelo corredor, atravessou a sala de jantar e entrou na cozinha. A cozinheira dormia; porém, habituada ao contínuo pedido de café, tinha posto a chaleira ao fogo, o qual clareava escassamente a cozinha.

Rita entendeu de fazer ela mesma o café. Como o necessário estava à mão, não se demorou.

Em alguns minutos voltava ao quarto da Senhora, com a bandejinha de café perfumoso.

Quando a escrava entrou, Maria, vestida de rob de chambre azul claro, estava sentada em frente à banca do toucador.

Recebeu da escrava confidente a xícara de porcelana, e disse sorrindo:

- Então, Rita? Eu tenho coisa feita?
- Tem, Sinhá tem coisa feita! Pois um bando de dia Sinhá vive triste, suspirando, chorando... Eu também tenho chorado escondido, com pena de Sinhá, porque é boa pra mim e pra tudo aqui.
- E se tiver? quem me dá remédio?
- Uai! Maravilha tá aí, já voltou. Sinhá nunca viu falar, não?

— Já ouvi falar em Maravilha. É um negro baixo, de olhos vermelhos como sangue. Mas ele não dá remédio para mim, não.

— Quem?! Maravilha? Sinhá não conhece aquele negrinho, não, devera!

— Pois, se o que eu tenho é um desejo, que ele não pode satisfazer!

— Que é que Sinhá qué?

— Eu queria virar homem, Rita! respondeu fingindo-se grave, e voltando vagarosamente a colherinha na xícara.

A negra entupiu a boca com a ponta do xale para não estrondear a gargalhada.

Riu a bom rir. Dusá parecia estar de pachorra nessa noite.

Depois de esvaziar a xícara, colocou-a na bandeja e acendeu um cigarrinho, cada vez mais séria.

A escrava comentou, limpando os olhos com o xale:

— Sinhá tem astúcia! Pra que queria virá home?

— Pra trabalhar, Rita; pra ser considerado, respeitado na sociedade. Mulher, e mulher do mundo, sofre muito, Rita.

— É mesmo, minha Sinhá! apoiou a escrava, tornando-se pensativa também.

— Mas, não podendo ser homem, vou viver agora como... homem, ou viúva, visto que não posso ser... casada.

— O quê, Sinhá! Vosmecê tão moça, deixa o mundo?! exclamou a velha escrava, pondo a mão no queixo, franzindo os supercílios e com o olhar firme.

— Vou, Rita. Não tenho gênio de sofrer mais, como sofro, e tenho sofrido.

A escrava caiu de joelhos aos pés da mundana, de um lance.

— Minha Sinhazinha do coração! nem a carta de liberdade me dava tanto gosto como esta notícia! Nossa Senhora da Conceição ajude minha Sinhá nesse capricho! Deus é grande!

E a escrava cobria de lágrimas e beijos a mão fina da Dusá.

Maria comoveu-se também. Tinha certeza de que Rita amava-a como mãe carinhosa. Era mesmo a única afeição sincera com que contava no mundo. Ordenou que a escrava se levantasse, e prosseguiu:

— Pois estou decidida, Rita. Vou me entregar ao trabalho. Quero ganhar dinheiro agora com o suor do meu rosto.

— Pode mesmo, Sinhá. Olhe sinhá Dedé, sinhá Juliana, sinhá Raimunda, do Mucujê! Esta tem comprado negro, devera! Já comprou vinte e quatro. Negro novo, só! Disse que é pra fazer terno de zabumba, pra tocar em toda festa ganhando dinheiro pra ela.

As negra, é bolo e mais bolo, doce e mais doce na rua... a muié é um home! Tudo respeita a ela e qué bem.

— É assim, Rita. Isso é que agora eu acho bonito. Além disso, tu bem sabes que Dindinha mandou-me dizer que não me abençoava enquanto eu estivesse nesta vida. Até dinheiro que eu mandei, ela voltou, dizendo que era amaldiçoado. Tudo

sofrimento e desprezo... Só penso numa dificuldade! acrescentou, depois de uma pausa.

— Porquê, Sinhá?

— Um homem de idade, de respeito, ainda que fosse só pra figurar em casa.

— Uai! no meio de tanto branco bom, é Sinhá escolher um!

— Dos solteiros que conheço, não vejo... Só um... se for solteiro... solteiro é! — Esse, sim! acrescentou a mundana, como falando consigo mesma e desviando-se mentalmente do plano traçado a princípio.

— Quem é, Sinhá? perguntou as escrava, piscando os olhos, maliciosamente.

— Tu não conheces, Rita.

— À vez conheço, Sinhá.

— Pois se eu mesma não sei ao menos o nome dele, como tu conheces?

— À vez Sinhá viu e eu também vi.

— Faz oito dias que eu o vi, e cada dia me lembro mais dele, Rita!

— Ahn! eu não disse que Sinhá viu coisa? Eu também vi ele.

— Tu viste, Rita? perguntou Maria, voltando olhos tristes para a escrava.

— Vi, sim! Pois eu fiquei junto de Sinhá quando ele falou zangado... como, é?

— Pois é esse que me serviria pra vida e pra morte, Rita! Aquele, quando amar, é a uma só!

— Pois Sinhá manda procurar ele...

— Agora... é difícil... E eu tenho tanta vontade de vê-lo outra vez...

— Ahn! que é que eu dizia? Pois Sinhá tem coisa feita mesmo; que é que eu dizia? Maravilha t'ái!

— Tu és tola, Rita? Quem me botava coisa feita? Ele?

— Ele mesmo, Sinhá! O moço saiu zangado de verdade!

— Pois um moço, tão... bonito, sabe feitiço, Rita?

— Uai! pois falta negro mau na Rua do Rosário pra botar a mando dele, Sinhá?! Não quero mais saber, não. Sinhá me dá um lencinho, eu levo. Boto o xale na cabeça. Maravilha não me conhece... ele diz tudo e eu venho dizer a Sinhá. Ninguém há de saber!

— Tu estás maluca, Rita?

— Maluca, não! Sinhá não conhece Maravilha, de verdade, não. Aquele negro faz coisa, Sinhá, que só vendo. Ele lê o pensamento da gente como quem sabe ler um livro. Amanhã eu vou lá. Isso não pode andá mais assim. Minha Sinhá triste, triste...

— Deixa isso! Mas o moço é bonito, Rita?

— Bonito é! uns olho grande; sobancelha fechada, cabelo de caracol, rosto bem feito, bigode preto como carvão; barba anelada, corpo bem feito... bonito é; mas pode ser mau, Sinhá!

— Não fala mais, não... Rita, disse a mundana, ameaçando com faceirice risonha, tapar a boca da escrava. A vingança que ele quer comigo, Rita, é mais ou menos a que eu desejo, porém ele mesmo.

— Ah! se eu o visse outra vez! É bem mau o costume de rir a toda hora!

— Eu vi tudo. Ele disse que havia de comprar Sinhá. Uai! como é que compra gente forro?

Maria riu mais alto, e respondeu:

— Comprando... Rita! Mas eu não quero mais conversa, hoje, não. Vem pra cama, matar um cafuné. Ponha a cadeira aí na cabeceira.

Dusá levantou-se da cadeira e deitou-se na cama. A escrava sentou-se na cadeira, colocou um travesseiro grande no regaço, e Maria recostou-se. A escrava abriu a basta e perfumosa coma luzidia, começando os estalinhos do cafuné.

Em meia hora, Maria ressonava docemente, com semblante risonho, e cruzados os braços roliços e corados sobre os seios rijos.

A escrava ajeitou devagarinho o travesseiro, suspendeu de manso o tronco da adormecida, voltando-o aos poucos, até pô-lo na cama fofa.

Depois afastou-se em ponta de pés, cerrando a porta da alcova.

CAPÍTULO XIV

Dusá acordou ao meio-dia. Rita veio encontrá-la ainda sentada na cama, com cara de preguiçosa.

— Hoje, sim! exclamou a governante. Dormiu de verdade!

— Porém, em vez de sonhar com quem eu queria, sonhei só com barulhos, facadas, um horror! – retorquiu Dusá, pondo-se de pé e dirigindo-se para o quarto do lavatório.

— Barulho houve de verdade, Sinhá! Joaquim veio da rua e disse que na Rua do Fervedô mataram uma mulher.

Enquanto Maria asseava-se, perfumava-se e mudava de vestido, auxiliada pela governanta, que era ao mesmo tempo criada grave e confidente, esta narrava o acontecido. Fora uma das muitas cenas de ciúmes, às quais os moradores do lugar estavam assaz habituados.

Mas um ponto prendeu-lhe a atenção. Era de fora, e desconhecido, o moço que ocasionara o ciúme entre os amantes.

— Quem seria? perguntava ela.

— Tanta gente que é de fora... quem sabe quem é, Sinhá?

Juliana chegou à porta do quarto. Depois do “Sôs Cristo” disse que o café estava na mesa.

Dusá foi servir-se. Estava pensativa. Em meio à frugal refeição, constante de biscoitos do Reino e queijo de Minas, perguntou:

— Veio alguém hoje aí?

— Veio seu capitão Lucrécio, respondeu a governanta; e também, de manhã, aquele moço da ponta da rua...

— Antoninho? perguntou Dusá.

— Acho que é ele mesmo.

— Que me queria tão cedo?

— Não foi cedo, não. Que queria? Eu sei, Sinhá? Chegou rindo, rindo, e perguntando se Sinhá é uma ou duas!

— Uma ou duas?

— Sim, Sinhá.

— Que diabo de negócio é esse?! Uma ou duas! repetia Dusá, com as orelhas já vermelhas, ao terminar a refeição.

Vai chamar Joaquim, ordenou ela.

A escrava dirigiu-se ao quintal, onde estava Joaquim, o velho africano da confiança de Dusá. Quando o escravo se aproximava, bateram na porta da rua e imediatamente soaram vozes alegres no corredor.

Maria mandou Sofia, escrava mais moça, abrir a sala de visitas. Os visitantes eram três, disse a escrava ao voltar: dous conhecidos e um ruivo de fala atrapalhada. Mas já falavam na porta do meio:

- Ó Dusá, gritou um, vem dizer-nos se tens o dom da ubiqüidade!
- Vem explicar, dizia outro, essa tua transformação em menina ingênua!
- Non, disse terceiro, mim estar convencido que Dusá tem sua sócias aqui mesmo perto!

Dusá apareceu, vestida de branco, cabelos soltos, apenas com um nastro de veludo, em tope, no alto da cabeça. Não obstante o ar de enfado que se lhe notava, esplendia de formosura. Cumprimentou, apertando a mão de cada um.

O inglês fez menção de acariciar-lhe, com a mão, o rosto. Ela repeliu-o brandamente:

- Deixe-te de graças, Artur! Não estou para graças, hoje!
- Aó! mim não faz por graça. Mim quer bem tua formosura, só!
- Digam-me que diabo tanto falam vocês que eu não entendo.
- Muito simples, disse o Filó, —um pedrista dos Lençóis. Está morando ali, perto do Beco dos Sete Pecados, uma moça que é teu retrato, um pouco desmaiado apenas. Se ficares pálida e apertares bem o vestido, não haverá quem distinga uma da outra, ao longe.

— E que tenho eu com isso? Que é que hei de fazer? perguntou Dusá, mordendo o lábio inferior e tornando-se vermelha.

— Eu é que tenho de cobrar o que sofri, respondeu-lhe o Almeida, um negociante de jóias. Vínhamos subindo, e ao te avistar, assim vestida de branco, de cabelos soltos, na janela contígua à casa da professora, adiantei-me para te saudar, e... sem tir-te nem guar-te, me arrumaste com a janela na cara! E, pior ainda, saiu uma velha curunga dizendo que eu me assuntasse. E lá se ficou a me descompor, ou a nós três. Mas a demoninha se parece contigo deveras, Dusá!

E os três continuaram a rir, lembrando-se do quiproquó com o sócia de Maria e principalmente da caraça da velha. Dusá sorria apenas, porque o riso é comunicativo. Mas, interiormente, cada vez mais se desaprumava com a sua semelhante. Corava e empalidecia a miúde o narizinho bem conformado, o que era indício claro da alternativa de suas impressões sobre o caso. Chamou Sofia e mandou servir licor aos três, mas ao trazer a rapariga a salva de prata com os cálices, ela mesma serviu, fingindo-se indiferente e calma.

— Afinal, disse ela, em voz pausada, afetando rir; acho bom que vocês continuem no engano. Já aqui vieram dous com a mesma história.

Quem sabe também se... aquele moço...

— Dusá! ó Dusá! gritou da porta da rua alguém.

— Entra, Eduardinho! ordenou ela, com a sua voz argentina, acrescentando logo: — Vamos ver que Eduardinho traz a mesma novidade.

Apenas acabava de falar, entrou ele, aos pulos, todo espantado, de chapéu à nuca, exclamando:

— Isto só pelo Diabo! Por sua causa passei por uma vergonha desesperada, neste instante!

Todos estimavam muito a Eduardinho, que era de si mesmo engraçado. Por isso diante do seu todo desapontado, não houve mais quem se agüentasse sério. A própria Dusá, apesar do recente propósito de se regenerar, soltou uma de suas gargalhadas estridentes e escandalosas, bem conhecidas dos moradores mais afastados.

Eduardinho enfiou. Isso prolongava o riso, porque raramente era visto em atitude séria, e muito menos de um sério cômico.

— Não se riam, pelo amor de Deus, que estou danado com uma velha que quase me arrebenta a cabeça com uma colher de pau!

Subiu o diapasão do coro de gargalhadas. O próprio Eduardinho disparou a rir, esquecendo, por momentos, a pretendida vergonha.

Por fim, Dusá, enxugando os olhos, porque riu até chorar, pediu ao Eduardo que contasse como se dera o engano.

— Venho da Rua do Sapo, disse aos três; dobro a esquina dos Sete Pecados, e dou de frente com Dusá. Tendo eu intimidade na casa da professora, e supondo que ela estivesse por aí passeando, entro. Conheço logo ser outra a casa; mas vendo correr pela casa a dentro, pensei que estivesse gracejando, e enfiei também pelo corredor, até à saleta de jantar. Quem eu supunha ser Dusá entra num quarto e tranca-se pro dentro, enquanto da cozinha sai uma velha e berra-me aos ouvidos: — Está doido, seu diabo! — ao tempo que investe para me arrebentar a cabeça com uma colher de pau engordurada. Apesar de todo o meu embaraço, tive vergonha de um escândalo, recuei e pedi desculpa. Qual desculpa! A mulher nem me ouvia. Estava danada, já! De cachorros e delambidos me fez a festa e a outros mais, que, sem dúvida, também se enganaram. Saí corrido. Também não sei donde são semelhantes criaturas! concluiu Eduardo, espantado outra vez, porque nem Dusá, nem os três lhe prestavam mais atenção.

Ligando este com os enganos anteriores, presididos pela velha desconhecida, tinham atingido o grau em que o riso se transforma em nevrose insuportável, num espasmo que toma a respiração, deixando o indivíduo estatelado, na posição em que estava a rir. Cada um, debruçado sobre um espaldar de cadeira, soltando espaçados guinchos guturais amparava com a mão livre os músculos já doloridos do epigastro. Ninguém se atrevia a encarar a figura, já de si jocosa, do Eduardinho enfiado. E no momento em que este, no meio da sala, de mãos nos quadris, perguntava a sério:

— Ora, mais esta! Como é que se ri assim à toa? – parece que um só pensamento surgiu a um tempo nos que se riam: — fugir!

O jovem inglês, foi o primeiro a espirrar pela porta afora; os dous seguiram-no, enquanto Dusá fugia para a alcova, deixando Eduardinho, o sujeito mais risão do lugar, a repetir no meio da sala, sozinho:

— Mas, senhor, como é que se ri assim, por uma cousa que não tem graça nenhuma?

E pôs-se a assobiar.

Passado algum tempo voltou Dusá, gemendo e rindo e enxugando os olhos. A pena que teve de ver Eduardo sozinho, curou-a do riso. Ofereceu-lhe licor e sentou-se.

Os outros tinham fugido numa vez.

— Então, Eduardinho, a moça se parece comigo? perguntou Dusá.

— Nem que fosse sua irmã mabaça! exclamou ele.

Lembrando-se que fora uma enjeitada e podia ter irmãos desconhecidos, Dusá tornou-se pensativa. Depois, suspirando, e como se não quisesse ser ouvida, disse:

— Quem sabe, o engano doutro dia...

Sofia veio dizer que o almoço estava na mesa. Dusá convidou a Eduardinho, que exclamou:

— Ora, boa dúvida! depois de um susto daqueles, não há como um almoço ajantarado.

Era Eduardo um tipo de valdevino simpático, engraçado, cantor de modinhas, à meia-noite, sentado nos passeios da rua, e, pelo bom gênio, sempre folgazão, muito estimado. Quase não tinha morada, porque o quarto alugado na Rua da Bica, passava semanas inteiras, sem ter a honra da presença do locatário.

Jogava e era feliz em pequenas paradas. Nunca pôde conseguir ganhar um conto de réis. Também não se preocupava com esse capricho da sorte.

Depois do almoço, Dusá falou sobre a sua semelhante e pediu a Eduardo para indagar quem era e donde viera.

— Ora! isso é já! Doido estou eu por tomar conhecimento. A professora me dirá, respondeu ele; e saiu.

Apesar de o não ter divulgado, Maria estava quase convencida de que essa moça era a que o homem procurava. Era ela a amada, e feliz, por isso; enquanto ela, Dusá, a perdida, que, afinal de contas, excetuando Rita, não contava ao menos com a afeição desinteressada de seus próprios escravos, estaria, talvez, condenada a passar uma velhice sem recordações, por não ter encontrado na vida quem lhe votasse amor sincero e puro. Intuitivamente, a mundana reconhecia que não há deserto mais triste que o de uma alma esterilizada pelo egoísmo em tudo, nem há

velhice mais desconsolada do que aquela a que faltam doces recordações da juventude. Esse pensamento voltava-lhe, entristecendo-a, sempre que estava sozinha.

Não se demorou o prestante Eduardo. Pouco adiantavam as informações colhidas; em todo caso, se ficava sabendo que a moça se chamava Maria, era florista, vinda do Mucujê em companhia de uma D. Rosária, que era sua mãe adotiva.

O que mais interessou à Dusá foi a profissão, pois que esta lhe dava ensejo de travar conhecimento.

O Eduardo não cessava de elogiar a beleza da menina. E já falava em propostas de paz à velha. Por isso saiu de novo, postando-se na esquina dos Sete Pecados.

Ainda que interessada no conhecimento, e curiosa de ter melhores informações, Dusá começou a sentir pronunciada antipatia por essa moça, assim tão formosa. Além disso, a comparação que todos faziam, a molestava sem saber por que, e apesar de não ter ainda visto a moça. Adiou, por isso, a encomenda de flores que imaginara, como traço de aproximação.

O resto do dia passou-o arrumando roupas, limpando jóias, pondo em ordem vidros de essência e latinas de banha do toucador e cosméticos então muito em moda.

Ao anoitecer chamou Rita. Não estava. Para onde tinha ido? Ninguém sabia. Calou-se, porque, na sua afeição, Rita só era escrava em nome.

Entrou a noite. Dusá, dispensou o jantar, continuando entretida nas arrumações e leitura de cartas novas e velhas, que ia rasgando uma a uma, sem encontrar ao menos um bilhete, no arquivo de amor fácil, que merecesse então ser conservado.

De quando em quando, escutava, para saber se Rita já estava em casa. Essa ausência, prolongada, contra o costume, causava-lhe cuidado.

Cerca das nove horas da noite, chegou a governanta, resfolegando, cansada, e rindo.

— Onde estavas, Rita? inquiriu Dusá, admirada.

— Eu não disse que eu ia?

— Ia, aonde?

— Na casa do negro velho?

— É porque não tens que fazer.

— Que fazer tem muito! Mas a saúde de Sinhá também é que fazer.

— E daí?

— Daí, é que fiquei descansada e contente. Sinhá há de ser feliz.

— Feliz como?

— Não sei. Maravilha (ah! negro danado de sabido!), quando entrou com o lenço no quarto cheio de traquitanda...

— Que lenço, Rita? inquiriu Dusá, interrompendo-a.

— O lenço de Sinhá! eu não disse que levava?

— Meu Deus, pois não levou meu lenço a Maravilha?!

— Levei, sim, e trouxe.

— Pois fica com ele, que eu não o quero mais!

— Arruma! Contanto que trouxe boa-nova.

— Que nova, criatura tonta?!

— Ele demorou, demorou, demorou, no quarto. Quando saiu, principiou rindo, com cara de velhaco, e disse: — “Fala com dona do lenço, que tem paciência de esperar. Coisa que ela quer, terá. Nesse dia Maravilha espera pagamento sem faltar”.

Eu creio, Sinhá, o negro sabe de verdade. É muita gente que tem provado. Até meus senhores e senhoras casada vai lá.

Dusá ficou pensativa. Supersticiosa como, em regra, são todas as mulheres, era fingida a sua reprovação à aventura da velha escrava.

Vendo-a assim meditativa, por tanto tempo, Rita perguntou:

— Agora, que é que Sinhá pensa? Si nova fosse má...

— Penso, Rita, que Maravilha te enganou. É impossível eu ter o que eu quero!

— Nada é impossível pra Deus, Sinhá! Não pensa mais, não; faz o que Maravilha me disse só, e espera.

Dusá continuou a rasgar as cartas perfumadas de seus amantes, porque nenhuma já lhe despertava emoções agradáveis.

CAPÍTULO XV

A curiosidade crescente de conhecer a bela florista venceu em Dusá a injustificada antipatia ao sócia. Amanheceu decidida.

Vestiu-se com o apuro costumado, lançou aos ombros um xale de Tonquim, de cores vivas, e dirigiu-se à casa da professora D. Florinda. A escola desta tinha boa freqüência, pela falta de escola régia (como então se denominava a escola pública), apesar da densidade da população escolar, visto que, vem de longe a emburrância dos governos em negar instrução ao povo, deixando os sertões às escuras. Entretanto, com a vida cara da Chapada, em qualquer de suas povoações, a escola não bastava a suprir as precisões da professora. Era-lhe necessário mais meio pão, que ela obtinha, trabalhando de modista. Não podendo ainda, em tal profissão, distinguir virtudes, e, sem embargo de seu recato, tendo-se habituado ao meio, trabalhava mais para quem melhor pagava, e todas as freguesas lhe mereciam a mesma atenção. É que no seu parecer, como no do célebre imperador romano, o dinheiro não trazia o cheiro da procedência. Se era ouro ou prata, brilhava; se papel, quando novo, estalava. No mais o valor era o mesmo, donde quer que viesse. Foi, pois, com sincera afabilidade que recebeu a sua melhor freguesa, apertando-lhe a mão e conduzindo-a à sala de costuras. Não obstante as relações da freguesia, mantinha sempre certa cerimônia de tratamento, a que a mundana correspondia com louvável modéstia e acanhamento. Nesse dia, principalmente, não tendo de tratar sobre costuras, e não querendo mentir, sentia-se Dusá ainda mais apoucada, com um riso dissaborido a lhe dançar nos lábios. Não devia tomar o tempo a quem tinha deveres múltiplos a cumprir e não se animava a dizer logo o fim de sua visita, que era ver de perto a moça florista.

Mas o assunto da semelhança já estava tão trilhado dos vizinhos, que foi D. Florinda a primeira a exclamar, com semblante risonho:

— D. Maria! tenho agora uma vizinha que é seu retrato! Mora em companhia de uma patrícia minha que eu conhecia de vista. Até o nome é o mesmo!

— Já soube, D. Florinda, respondeu Dusá; e para falar com franqueza, vim aqui hoje, somente para conhecer essa moça, que me disseram trabalhar em flores.

— É verdade, coitadinha! apoiou a professora; D. Mariazinha bem precisa de quem lhe ajude. Minha patrícia, D. Rosária, tomou essa moça, por obra de caridade, segundo me disse. Não tem pai nem mãe; mas é muito inteligente, sabe ler e é trabalhadeira.

Esse elogio fez corar a vadia. Dusá sabia ler, possuía muitos bens, porém não trabalhava em coisa alguma. Servia para o que servia... avultava pelos bens, e recomendava-se pela ponta de língua e desembaraço petulante que, em poucos meses, adquire quem freqüenta centros populosos como são, em geral, as Lavras de ouro e diamante.

— Pois, D. Florinda, insistiu ela, eu queria mesmo encomendar umas flores, e estava com vergonha de bater na porta, sem ter conhecimento.

— Ora! por isso não! – retorquiu a professora. Vou já prevenir a D. Rosária.

Disse, e dirigindo-se à sala de jantar, chamou a patrícia. Esta acudiu prontamente, e a professora pediu-lhe para chegar à cerca do fundo. Ouviram-se passos apressados, e em pouco a professora prevenia à sua patrícia da visita de Dusá, que pretendia encomendar umas flores a D. Mariazinha. A conversa começou em voz alta, em tom alegre, mas descambou depressa para o cochicho. Foi D. Rosária quem começou, dizendo:

— Sim, mas... então é do?... e, meneando a cabeça, a voltar olhar pelo horizonte, completou a frase interrogativa, porque o olhar significava – Mundo.

A outra riu-se, baixinho, e respondeu no mesmo diapasão:

— Sim, é... e, fazendo com os dedos o sinal de moeda, acrescentou: — Mas tem... e paga bem!

Toda essa conversa foi rápida, em meias palavras, de modo que, em poucos instantes, voltava a professora, dizendo a Dusá:

— Já não tenha acanhamento; quando quiser, será muito bem recebida. D. Rosária, — não é por ser minha patrícia –, parece uma criatura muito boa!

Dusá levantou-se, corando, bateu nas dobras da saia de chalim, barrada de ramagens verdes, consertou o xale com recato, agradeceu o obséquo da professora, e despediu-se. A poucos passos penetrou na casa vizinha. Já aí encontrou D. Rosária espanando móveis, uns tamboretos velhos, catando retalhos no chão, tentando, enfim, dar melhor aspecto à sala de visitas.

Recebida prazenteiramente pela dona da casa, perdeu o acanhamento e declarou não só a curiosidade que a levava, como o desejo de obter flores feitas por D. Mariazinha.

Rindo-se da curiosidade, contou logo a barrista, por alto, os enganos a que a semelhança com sua filha dera lugar.

Dusá disse sentir essas contrariedades, mas não era sua a culpa. Era antes da sua sorte, porque não era livre por seu gosto, de modo que todo o mundo tomasse tanta liberdade.

Tão franca declaração tocou a alma da barrista, que logo percebeu tratar com uma criatura digna de estima, à parte seus teres e haveres. E polidamente, pondo termo ao assunto, chamou sua filha adotiva. Esta saiu do quarto onde estava, e à sala veio ter.

Vestia de branco, tinha os cabelos em parte soltos, parte em bandós elegantes. Sua presença desarmou a antipatia de Dusá, que se não conteve de exclamar, sorrindo:

— Como é bonita!

— Isso é mangação! retorquiu a moça. A senhora é que é bonita.

— Não estou mangando, não; sou incapaz de fazer isso, minha Santa! E agora fique sabendo que só lhe chamarei Minha Santa, para não chamar xará.

Ria-se a velha Rosária, sentindo mais funda simpatia por essa mulher, que se diferenciava das outras.

Dusá falou na encomenda de flores. Queria cravos e rosas. E prometeu auxiliar na freguesia.

Neste ponto D. Rosária afirmou também sua gratidão. Tendo-se já estabelecido entre ambas certa simpatia confiante, a barrista narrou seu passado, incluindo as razões por que viera para o Xique-Xique do que, aliás, não estava arrependida.

De novo referindo-se aos enganos dos conhecidos seus, em relação à filha de D. Rosária, Dusá afirmou que isso terminaria.

Ao ouvi-la, a barrista exclamou:

— Ah! minha senhora! Isso não tem sido nada em comparação com a vergonha que eu sofri numa novena de S. Sebastião.

A menina compreendeu que não poderia pôr cobro à tagarelice de sua mãe adotiva, pediu licença, e retirou-se para o interior da casa. E a barrista, agoniada ainda, tudo narrou, inclusive os conselhos à filha. Dusá escutou-a com atenção, porém impressionada, beliscando o lobo da orelha, que era seu sestro predileto, quando meditava. Quis também dizer quanto sofrera com o engano do mineiro, porém conteve-se. Parecia que no seu cérebro germinava alguma idéia elevada, alguma resolução extremamente generosa, porque pediu para se despedir da moça, e ao avistá-la, disse com firmeza!

— Minha Santa; de hoje em diante, seremos como irmãs. E não se ofenda, porque eu mostrarei ser digna de uma afeição pura.

E despediu-se. A moça riu-se ingenuamente, mas não compreendeu o sentido das palavras de sua nova protetora.

D. Rosária repetia contente:

— Aí está: antes cair em graça do que ser engraçada!

E logo que Dusá desapareceu ao longe, correu ao cercado, chamando D. Florinda, a quem narrou suas impressões.

Dusá acelerou o passo miudinho, como quem tinha pressa de chegar em casa. Era quase meio-dia. À sombra escassa, sentadas nos passeios das calçadas, quitandeiras açodadas, doceiras belfas, alfeloeiras dengosas mercavam, em gritos ininteligíveis, como se usava na capital da província, donde muitas foram importadas.

Além, na praça, cede o costumado burburinho a um relativo silêncio, cortado às vezes por um trape! ou pelo rasgar de fazenda engomada, indicando vendagem a retalho.

Ao chegar a casa, com o rosto afoagueado, Maria Dusá atirou com o xale para um sofá, e chamou Rita. A escrava acudiu, e ela deu ordem para chamar Joaquim.

Quase ao mesmo tempo vieram os dous. Rita inquiriu se devia servir o almoço. Dusá disse que sim, e ordenou logo a Joaquim que se preparasse para uma viagem, depois que fosse à rua chamar Eduardinho.

As ordens eram seguras, decisivas, como se as desse um homem.

Os escravos já conheciam a veia da senhora, e em tais ocasiões, se tornavam irrepreensíveis.

Servido o almoço, Dusá sentou-se à mesa, porém comeu com pouco apetite. Era evidente que algum projeto a preocupava.

Demorando-se o Eduardinho, disse ela a Rita, ao terminar o almoço:

— Sabes, Rita, que nós vamos para o garimpo?

A governanta arregalou os olhos, como se visse um fantasma, depois riu-se, e exclamou:

— Sinhá tá caçoando!

— Estou falando seriamente, Rita. Hoje mesmo vou tirar Francisco e Venâncio do jornal, porque quero por mim arriscar a sorte no garimpo.

— Pois Sinhá deixa roda de branco rico, pra ir sofrê no garimpo?!

— É por isso mesmo, Rita. Essa roda não me vale de nada, quando eu nada tiver e precisar dela. Além disso, tenho agora uma promessa a cumprir.

Diante da palavra “promessa”, posto que empregada em sentido profano, a escrava calou-se. Mas, in petto protestava contra uma tal resolução, porque, qualquer que fosse o acúmulo de trabalhos, a vida em grandes povoados lhe agradava muito mais que a solidão do garimpo.

Estava Dusá ainda à mesa, quando entrou Eduardinho, gingando, a imitar castanholas com os dedos, ao compasso de um fado português, que trauteava.

Dusá recebeu-o com a afabilidade do costume, e o fez almoçar dos pratos intactos. Enquanto decorreu o almoço, Dusá, depois de relatar a entrevista que tivera com a sua Santa, disse o que pretendia, acrescentando:

— Quero agora servir para alguma coisa honesta no mundo. Visto não ter uma boa irmã precisada, um parente infeliz a quem me dedicar, uma pessoa, enfim, para a qual eu tenha obrigação de trabalhar com minhas próprias mãos aqui, entregar-me-ei ao benefício de uma órfã como eu. Para começar, desejo saber o paradeiro do homem, cujo nome é Ricardo, que me tomou pela órfã a quem amava, e que hoje erradamente odeia. Eu fui causa do rompimento e quero reparar o mal.

Eduardinho tornou-se sério, e atalhou, ponderando:

— Que na Chapada não valia a pena se nutrir tão elevados sentimentos. Ali era para quem mais gozasse a vida e possuísse para gozá-la. Que a moça acharia outro rapaz para casar. E que não achasse! Valia a pena tanta matação por uma desconhecida?

Nenhuma ponderação demovia a mundana. Se lhe não impulsionava a voz do sangue, estava num desses momentos, às vezes passageiros, em que todo o ente sensível toma uma resolução que se afigura decisiva para melhorar de sorte.

— Sei de tudo isso; mas desejo saber onde está esse mineiro. É esse serviço que peço a você.

O rapaz estava numa entalção, não só por fazer uma figura duvidosa, procurando um indivíduo a pedido duma mulher livre, como por já ter, sem dúvida, d'olho a florista.

Além disso, nem ao menos se lembrava das feições desse mineiro, nem da pessoa que o acompanhava. Em todo o caso, resolveu-se a prestar o serviço, e saiu disposto a inquirir doutras pessoas que estiveram na noite em que Pingo d'Água cantou em casa de Dusá. Entretanto não deixou de protestar, ao transpor a porta da rua:

— Qual! Dusá está malucando!

Ficando com Rita, a mundana mandou chamar Francisco, um dos dois escravos novos, e ordenou:

— Vá dizer a loiô Flores que é tempo de cumprir o prometido; que agora vou faiscar para ver se estou de sorte.

Enquanto isso, Rita andava em uma dobadoura, arrumando, separando roupas, apertando Sofia e Joana para lhe ajudarem.

À tardinha, já Dusá estava impaciente pelo resultado da pesquisa sobre o paradeiro de Ricardo.

Francisco voltou com a resposta do Flores, sempre cavalheiro e cumpridor da palavra dada.

Mas anoiteceu, e Eduardo não aparecia.

Tarde da noite voltou, trazendo a suspirada nova.

O mineiro fora hospedado por um negociante do Tomba Surrão, de nome João Felipe.

Em vez de alegria, Dusá mostrou certa tristeza.

Depois dalguns momentos de prosa fria, o cantor de modinhas saiu monologando:

— Vão lá entender o coração desses demônios!

CAPÍTULO XVI

Descoberto o rastro, Dusá mandou Joaquim ao Tomba Surrão saber notícias do mineiro, cujo nome e qualidades morais já conhecia pelos informes da barrista.

João Felipe estranhou o interesse da investigação, e foi preciso explicar-lhe tudo, tintim por tintim, para se resolver a falar:

— Que Ricardo Brandão estava num garimpo rico do Coisa Boa, descambo para o Rio das Piabas. Estava se enriquecendo, e tinha dissolvido em poucos dias a primitiva sociedade. Não obstante algumas inimizades, por causa do garimpo, ia se tornando popular entre os garimpeiros dos arredores, porque em seu rancho, a qualquer hora, se encontrava a franqueza e a fartura da terra mineira. Porém que, se aproveitando de seu gênio franco, amigos especuladores aumentavam-lhe, as despesas, iniciando-o ainda nos mistérios do livro de 42 folhas.

Tais informações não desagradaram à Dusá, e, melhor ainda, por ser o garimpo do Flores pouco distante do Coisa Boa. Demais, a povoação da Passagem estava em franca prosperidade e ficava mais próxima de ambos que o Xique-Xique. Não tinha mais que pôr mãos à obra. Mas que obra? Ela resolvera, estava resolvendo ainda, sem patentear um plano, uma orientação segura. Que queria ao certo? Os seus mais íntimos ignoravam. E quem pôde jamais sondar o intento de uma mulher, quando delibera consigo? Só futuros acontecimentos indicarão em linhas gerais o que ela queria definitivamente, porque, em princípio procede sempre de modo inverso ao proceder comum do homem.

Os mais firmes apaixonados de Dusá estavam de pulga na orelha, com a notícia de suas relações.

Na Chapada Nova, como na Chapada Velha, era coisa vulgar verem-se mulheres de vida livre, no auge da influência, transformadas repentinamente em negociantes, capitalistas, garimpeiras, hoteleiras, e até alquiladoras, abandonando dessorte, sem confissão nem penitência a poliandria do tom. Era isso efeito de intuitiva previdência, reunida ao instinto monogâmico, ou da conservação da espécie, que mui alto fala, exatamente entre as mais baixas classes dos sertões brasileiros. Essas mulheres, porém, constituindo exceções, à vista do grande número que, tendo o instinto, careciam de energia, eram sempre de natureza varonil. Eram mulheres, que, em suas lutas e rivalidades de alcouce, vibravam o punhal de preferência à navalha traiçoeira e baixa. E se algumas, por sua prudência e bem-viver, não se utilizavam do ferro bigúmeo, também nunca se apartavam dele; antes ostentavam-no como símbolo do poder soberano. Aí na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: — É mulher de punhal!; — o que valia dizer: — É um perigo, se lhe chegam a mostarda, ao nariz. Quem tivesse suas estudantinas a praticar, procurasse antes gente de navalha.

Entretanto, Dusá não ostentava nenhum punhal, posto que tivesse quigília à navalha. Só a governanta e alguns escravos a tinham surpreendido, por vezes, acomodando sob o corpinho um fino estilete de cabo de prata com anéis de oiro. E para esses somente, ela possuía instintos de homem, era capaz de empresas arriscadas; por isso nenhum a contrariava, quando franzia os supercílios; ao contrário, tornavam-se atentos, diligentes, dóceis, contentes, mesmo, de tais modos varonis.

Quanto aos amantes, nunca lhe conheceram a natureza íntima, porque não tinha ciúmes de nenhum; a nenhum amava; mas para eles essa natureza não diferia

de gênio puramente feminil. Donde, pois, lhe vinham essas resoluções de garimpar e beneficiar uma desconhecida? Todos tinham notado que, desde o encontro com o sertanejo, Maria Dusá mudara de modos. Mas esse indivíduo não mais aparecera. Quem a possuía depois disso? Andava em cheiro de mistério a sua vida. Alguns aventaram a idéia de um amante liberal e oculto; outros, que seria nova paixão dalgum donzel de casa rica.

Se acertavam de perguntar a Eduardinho, que era íntimo, sem ter sido amante, ele encolhia os ombros e respondia invariavelmente:

— Sei lá? acho que está para malucar!

E todos deitaram inculcas, pois que baldaram esforços com a mundana, para lhe arrancar por bem o segredo da revolução de sua índole.

O que deu na vista foi a nova revolução, depois de ela saber o paradeiro de Ricardo. Tomou um ar discreto, mudando o tom do riso, substituindo certo desdém por uma afabilidade cortês e sem afetação, que lhe valeu logo o chasco e alcunha de condessa enfadada.

Ao despedir-se dos conhecidos, amantes e vizinhos, afirmava que entendeu de mudar de vida para servir dalguma coisa no mundo. Mas ainda aí estava uma frase sibilina: ocultava ou podia ocultar um mundo de pensamentos egoístas, de egoísmo bem entendido, que não lesa nem melindra aos outros. E tiveram de se contentar com isso.

Arrumados, jóias e dinheiro de prata e ouro, provisões e roupa necessárias, Dusá mandou, à Rua da Força, um esboço de rua, lá, fora de portas, chamar o Chico Fortuna.

Quando saiu Joaquim, ela ficou na alcova, onde Rita arrumava ainda qualquer cousa.

— Então, Rita? Maravilha falou certo? Já não viste como mudei tudo? Fiz um esforço e pretendo casar minha Santa com o mineiro... de quem nem me lembro mais, senão para isso, que não direi, nem quero que ela saiba.

A governanta sorriu desconsolada, e respondeu:

— Sei lá, Sinhá! Mundo dá tanta volta... O que eu sei é que o negro velho, nunca mentiu; só se for agora. Se Sinhá, quando eu levei lenço, queria esse, há de ser ele mesmo.

— Porém, se eu é que não quero mais?!

— Tá bom! língua de branco só branco é que entende! Sei não!

E continuou a arrumar, enquanto Dusá ria-se do amuo da governanta.

Ao fim de duas horas chegava o Chico Fortuna.

Vale a pena traçar o tipo físico e moral desta criatura.

Era alto, magro, porém forte e trabalhador, apesar dos seus cinquenta janeiros. Tipo de carioca, preto, de cabelo corrido, ninguém lhe adivinhava a idade. Entusiasta, como ninguém, das riquezas da Chapada, nunca se aventurara em garimpo. Mania como qualquer outra. Seu cognome ou alcunha não passava de uma irrisão do destino, porque vivia somente de alugar animais que trouxera do alto sertão, e que lhe herdou um pai laborioso.

Entretanto gozava de um bem equivalente a uma fortuna: todos lhe votavam sincera estima em Xique-Xique.

Entrou na sala e gritou:

— Que me queira a senhora Dusá?

Esta saiu, rindo da estúrdia, saudou-o, e disse:

— Quero cinco animais de carga para a Passagem, amanhã.

O alquilador deu o preço e combinaram.

— Não quer animal de silhão? perguntou o Chico.

— Deus me livre, vou a pé como todas.

Nesse mesmo dia, Dusá despediu-se de D. Rosária, da filha, e da professora. Repetiu o pedido das flores, e prometeu que não pouparia esforços para ver a moça amparada. Maria sensibilizou-se ao indício de tão desinteressada afeição, e a barrista enxugou os olhos. Era de se crer numa voz do sangue entre Dusá e a moça. Dusá dispôs as cousas de forma que, às cinco horas da manhã seguia acompanhada de Joaquim, Rita e Sofia. Francisco ficava tomando conta das cargas e Juliana permaneceria provisoriamente na casa.

Ao seu bota-fora compareceram algumas conhecidas. De homem, só Eduardo cumpriu a palavra, levando-a até um quarto de légua de distância.

De véspera mandara Dusá a um conhecido seu, na Passagem, para lhe obter uma casa, alugada. E assim confiante, seguiu vagarosamente, pelo caminho tortuoso, ladearento, pedregoso, um quase trilho de peão, tropeça aqui, manqueja ali, de modo que as cargas a alcançaram, passando adiante, e assim, somente sobre a tardinha é que chegou à Passagem, entrando logo para a casa que Venâncio varrera e asseara, na Rua Direita.

Correu a notícia da vinda de Maria Dusá. A sala encheu-se de desconhecidos de várias classes. Esse mau costume, em muitos lugares do sertão, entre pessoas incultas, tem, aliás, seus préstimos; evita, em certos casos, a tristeza do isolamento em terra estranha, e poupa dispêndio para informes e obtenção de objetos necessários. Há apenas o inconveniente de serem os indivíduos, às vezes, os piores do lugar. Mas, ainda assim, havendo prevenção, aparam-se os golpes de sua malignidade. Dusá tinha experiência e mesmo certa intuição no trato com tais íntimos. Conhecia-os logo, mas agradava, sem intimidade, em forma de captar-lhes a boa vontade, sem, contudo, se utilizar dos seus serviços no primeiro momento.

Demais, prazenteiro e serviçal, aí estava o velho Antônio Roxo, o seu conhecido, para a atender nos menores desejos.

Em presença das visitas, Dusá perguntou-lhe por tudo, menos pelo que mais lhe interessava. Quando ficou a sós com Antônio, e durante a refeição, constante de locro e ovos, deu parte de seu plano de garimpar, e pediu conselho sobre o melhor garimpo do Flores.

O velho garimpeiro riu-se da singular lembrança e perguntou:

— Se aquilo era sério?

Dusá respondeu que era, e até desejava admiti-lo como sócio ou praça.

— Como sócio, não, que não tenho capital bastante; como praça e feitor aceito, respondeu o garimpeiro, entusiasmado com a masculinidade daquela mulher.

— Pois sim, assentiu ela; vamos ver agora qual é o ponto melhor dos garimpos do Flores.

— Eu embirro muito com garimpo de grupiara e os dele é só lavradão que se vê. É verdade que aí o diamante é grosso e bom, mas às vezes é comprido; é preciso lavar muito, labutando com canela-d'ema e candombá para fazer um montinho de cascalho, dando pouco e com água longe.

Calou-se. Dusá pensava. Antônio Roxo refletia também. Depois levantou-se e falou convictamente:

— Há tempos eu ando banzando, por não poder trabalhar numa gruna que eu descobri, perto daqui, em terreno divaluto. Também se essa não tiver boa mancha, não há na Chapada outra que tenha. É perigosa, não nego; mas guirimpeiro não conhece perigo. Ainda não dei um serviço nela, porque o cobre tem sido curto, e preciso de gente de sangue nos olhos. Se quiser...

Dusá encarou-o, e disse:

— Vamos ver qual é o perigo.

— É que se deve entrar por um talhadão largo. E não há quem alcance os lados, que são a prumo, com os braços. Só descendo em corda de laçar, e uma não chega nem duas, porque eu já tenho jogado pedra que leva batendo um tempão.

— Mas há quem desça aí? perguntou Dusá.

— Ora! Ora! Ora! Pois guirimpeiro tem alma, quando desconfia achar diamante! No inferno que seja, vai! Eu mesmo desço brincando, se achar companheiro firme na ponta da corda. Quanto mais que eu conheço aqui mesmo muitos que não trastejam, se eu estiver na frente.

— Pois está dito; vamos a ela! exclamou Dusá! Vá dar providências e ajuste as cordas e ferramenta.

— Pois sim, quem não se arrisca não perde nem ganha. Mas há demora de uns dias para arranjar tudo. Hoje vou prevenir a João Caboclo que é um gruneiro coraçudo

Disse o Antônio e despediu-se.

Dusá foi bater água de sal nos pés que lhe ardiam, como se estivessem escaldados.

CAPÍTULO XVII

Enquanto o velho garimpeiro se provê do necessário à exploração da Perigosa, como à gruta nova lhe aprouve denominar, Dusá medita e faz executar singelo plano de reconciliação entre o mineiro e Maria Alves, tornando assim possível a realização da felicidade de sua Santa.

Com tal intuito escreveu a seguinte carta:

“Passagem, 3 de abril de 1862.

“Senhor Ricardo Brandão – Tendo eu sido causa involuntária de ódio seu à moça a quem vosmecê, parecia amar, correspondendo assim à constância que a

trouxe de longe à sua procura, apresso-me a dizer que ela, D. Mariazinha, está morando na mesma rua, onde morava, em Xique-Xique. Sem outro motivo, assino, sua respeitadora... Maria Emerentina.”

Fechando-a com obreia branca, Dusá chamou Joaquim, e deu-lhe a carta para levar ao mineiro, no Coisa Boa.

O escravo partiu.

Desilusão, que sofre quem encontra rude e rebarbativo o infante, outrora visto – criança papeadora e gentil; mágoas, que experimenta o coração materno ao sentir mal recebidas as bênçãos do seu amor e os conselhos de sua providência, pelo filho julgado inocente e que ela encontra a rebolear-se no chão da taverna; tais deveria sofrer Dusá, desilusão e mágoas, mais acerbadas, em troca do seu bem-fazer.

Na sua imaginação, via sempre o mineiro na roupa mal talhada, belo, na sua ingenuidade sertaneja, varonil e apaixonado, na vingança de seu mal correspondido amor.

Entretanto, bem outro era agora Ricardo. A fortuna do garimpo, tornara-o orgulhoso; a companhia de maus amigos, fizera-o esquecido dos nobres sentimentos em que fora criado; a casa sempre freqüentada de mulheres livres, transformara-o de religioso em descrente e zombeteiro.

Apanhara a prática da vida, como ele dizia.

Quando o escravo chegou à casa do mineiro, estava este numa roda de jogo, tendo ao lado uma garrafa de vinho e um copo. Levantou-se, deixando um garimpeiro no seu lugar e dirigiu-se para o interior da casa. Joaquim ficou fora, à sombra. Em poucos momentos toda a gente da casa espocava em gargalhadas, que terminaram em chacotas.

Ao voltar com a resposta, em bilhete aberto, o mineiro estava já em companhia de mulher conhecida de Joaquim, que a saudou. O velho africano desconfiou de tanto riso, e se soubesse ler, afeiçoado como era à senhora, teria lido o bilhete, poupando-lhe, talvez, um grande desgosto. Mas, nada sabendo ao certo, viajou e entregou à Dusá a resposta.

Entre indignada e nervosa, a mulher leu isto:

“Senhora condessa Maria Dusá – Gostei muito de seu aviso, porque agora posso comprar ambas. Quando quiser... não faça quindim”.

Não trazia assinatura. O primeiro ímpeto de Maria foi para rasgar o bilhete. Se fosse mulher de faniquitos, teria caído sufocada. Mas teve a coragem de reler. Doía-lhe menos a parte da afronta que lhe tocava, do que a crueldade da outra parte em relação a uma inocente.

Sobrevieram-lhe dúvidas, em abono do homem que ela ainda amava de instinto. Teria o escravo errado a casa? Teria entregado a carta a outro?

Chamou Joaquim. Veio o escravo e ela o interrogou.

O africano contou o que vira, adicionando suas impressões.

Quando disse que tinha visto Supi, junto ao Ricardo, compreendeu tudo. O sentimento da injúria cedeu lugar ao ciúme vingativo. Ela disse apenas:

— Vai comer, Joaquim.

E ficou a traçar um plano de vingança. Consigo monologava, amarrotando o bilhete:

— Ah! ela quer lutar ainda? Pois sim, lutarei com ambos. Miseráveis criaturas! Mas, como virou ruim! Esta terra muda tudo de um dia para o outro. Bebendo... jogando... vendido à Supi... E assim monologando, disparou a rir.

Rita ouviu o riso de pouco caso, e, tendo sabido de alguma coisa por Joaquim, veio à sala.

— Está, Rita! exclamou Dusá, o tal mineiro mandou me dizer que agora compra as duas! Eu fui me meter a fazer bem, saí de mal!

— O mundo é assim, Sinhá! Mas Deus é grande. Deixe está que ele dá jornal de cada um como merece!

— Já está dando, Rita. O sujeito já deu pra beber, está jogando, e, tolo, bem tolo, vendeu-se à Supi! No primeiro momento eu tive raiva! quase sufoco. Agora... tenho pena! Depois que comecei minha devoção a Nossa Senhora, estou aprendendo a ter mais paciência.

— Isso, Sinhá! Brabo! apoiou a escrava.

Nesse momento bateram na porta. Rita foi ver. Era uma carta e um embrulho de flores, de D. Rosária, enviados por positivo.

Dusá arrebatou a carta, ansiosa por ler. Vinha a propósito o portador, porque ela desejava aconselhar à moça para abandonar a idéia de encontrar o mineiro, que se tinha mudado em mau homem. Qual não foi, porém, o seu pasmo ao ler as primeiras linhas! — Dizia a barrista, que Mariazinha não queria mais saber do mineiro, que estava muito malquisto, por ter tomado garimpos alheios, muito mal visto pelo procedimento mau, e que estava para ser preso por um crime no Mucujê.

Mulher gosta de contar todo fato, pelo miúdo, e a barrista não fazia exceção. Dizia ainda: “Eu mesma fui ontem à casa do sr. João Felipe, que é um bom homem, e ele me narrou tudo, até sentido, porque o tal mineiro (a quem ele deve uma obrigação que não esquece), ficou de amizade fria com ele, porque lhe deu conselhos e lhe abriu os olhos.

“Dizem que é ‘coisa feita’ que o moço tem. Entregou-se mesmo a tudo quanto é gente ruim. Vive bebendo, jogando, como um perdido, entre gente perdida. Um garimpeiro, de quem ele tomou o serviço, não podendo se vingar doutra forma, tendo sabido por um Pingo d’Água, que o mineiro tinha um crime no Mucujê, foi denunciar à justiça o procedimento dele e fornecer dinheiro ao ofendido. Pelo que, quando o homem mal pensar, vai preso. Arrume-se! sua alma, sua palma! Mariazinha não quer mais nem ouvir falar nele. O senhor Eduardo é que tem nos servido muito, e é um bom moço. Esta é só para lhe avisar que não procure saber mais do tal mineiro. Adeus. Aceite abraços de sua Santa que lhe envia as flores, e da amiga... Rosária da Conceição.”

Quando acabou de ler a carta, Dusá tinha os olhos úmidos. Rita que estivera a conversar com o positivo na porta, voltou-se, a uma interjeição da senhora. Esta disse-lhe em voz quase trêmula:

— Estás vendo o que é o mundo, Rita? Pois o moço não está para ser preso?

— Que moço, Sinhá? perguntou a governanta, admirada.

— Esse, do Coisa Boa.

— Ora! quem faz cama boa deita nela, Sinhá!

— Mas, preso!... ponderou Dusá.

— E daí, Sinhá?

— Está bom! Leva o rapaz pra dentro e dê-lhe o que comer.

A escrava obedeceu. Mas enquanto o camarada comia, a governanta entregou à Sofia o resto do serviço e voltou à sala.

Dusá passeava na sala pensativa, correndo os dedos nos cabelos desgrenhados.

— Uai... qué que Sinhá tem? Tá cum pena de quem queria comprar Sinhá?

— Estou, Rita! E se minha Santa tivesse amor deveras a esse moço, agora é que ela devia querer salvá-lo de qualquer perdição.

— Quá! Sinhá mesmo tem coração bom demais!

— É isso! continuou Dusá, sem prestar atenção à escrava. Eu, no caso dela, queria vê-lo morto ou mesmo nos braços doutra mulher; porém preso, algemado, acorrentado... que horror, meu Deus!

E a mundana levou as mãos aos olhos como se quisesse furtá-los ao espetáculo triste de um prisioneiro que passasse.

Entre admirada e sugestionada, a escrava apoiou em voz triste:

— É de verdade, Sinhá preso? Nem pro Santantônio!

E meditavam ambas.

Bateram outra vez à porta. Era o Antônio Roxo, que vinha combinar a ida para o garimpo, porque estava tudo pronto. Dusá pediu licença para escrever uma cartinha, e foi primeiro responder à carta da barrista.

Foi resposta lacônica, em que disse o que era preciso, sem ocultar que sentia se o mineiro, além de cair tanto, ainda fosse preso. Fechou a carta com obreia roxa e despachou o portador.

Se estiver aí o Eduardinho, bem pudera dizer de novo:

— Vão lá entender o coração de mulheres!

Antonio Roxo deu a conta detalhada das despesas a pagar, e declarou que a gente esperava ordens.

Dusá correu a vista demoradamente pela conta, verificou preços, achando tudo caro, verificou a soma, e entrou para um quarto, donde voltou com a importância precisa.

Combinou a ida para o dia seguinte, e o feitor saiu.

Determinou Dusá que Rita ficaria na casa com Venâncio e ela iria, somente para aprender o caminho, em companhia de Joaquim e Sofia, pois que Francisco reunir-se-ia à turma de trabalhadores.

Veio-lhe de novo, a Dusá, o entusiasmo pelo garimpo. Nunca tinha visto ao menos como se apanhava diamante, de perto. E toda ela era curiosidade.

CAPÍTULO XVIII

O genuíno garimpeiro é uma organização especial, de educação física e moral algo semelhante à dos marinheiros.

Deliberação e execução, para um e outro, são coisas que andam sempre irmanadas, quaisquer que sejam os obstáculos antepostos.

A diferença entre as duas classes está em que o marinheiro obra disciplinadamente, e o garimpeiro, por impulso, ambição, entusiasmo, ou valentia, transfigurando-se, por vezes, em mártir ou herói, é sempre o velho garimpeiro, o incorrigível sonhador das bandeiras e entradas de aventureiros, vivendo romanticamente, nutrido moralmente por um ideal de riquezas inexauríveis.

Não admira, pois, a quem conhece o espírito do garimpeiro, as deliberações instantâneas e as execuções arrojadas.

Esse espírito animava a Antônio Roxo, e dele participava Dusá, os quais, no dia imediato, ao alvorecer, acompanhados de escravos e camaradas, carregados de sacos e ferramentas, se encaminharam para uma espécie de contraforte, ou, antes, socalco da Serra do Andaraí que teve depois o nome de Cantinho.

À hora do almoço chegavam ao canal ou talhadão, que, segundo os cálculos do Antônio Roxo, daria, no fundo, entrada para alguma gruta.

Perto do canal, havia uma das muitas lapas existentes na serra, e cuja frente ou entrada, tapada a barro ou a pindoba, e dividida em quartos, transformar-se-ia em uma casa confortável para garimpeiros. Aí se arranchou Dusá, com Sofia e Joaquim, ordenando logo os benefícios indicados aos escravos e camaradas.

Antonio Roxo, João Caboclo e mais dois camaradas, tomaram outra lapa vizinha.

Nesse mesmo dia, iniciou-se o trabalho pela roçagem do serviço, roçagem que, além de indispensável à ação desimpedida dos trabalhadores, constituía um sinal de posse do descobridor.

Limpas do mato enfezado as bordas do talhadão, surgiu uma dificuldade: era ou parecia tudo a prumo; nenhum dos lados ou cantos oferecia ponto de apoio aos pés de quem descesse na corda. Era portanto, imprescindível a colocação de três vigotas, paralelas, em um dos cantos do talhadão, nas quais, se abrissem mossas ao meio que substituíssem roldanas de guindastes. E para que o gruneiro pudesse ao menos conter as oscilações da corda, escolheu-se o canto mais estreito, e tomada a medida de largura e sobras, foram todos os trabalhadores em busca de três madeiros fortes. Em falta de teoria, ensina a experiência que, nas chapadas e declives das serras, quanto mais funda a depressão de um trato de terra, tanto mais alta e vigorosa a vegetação.

Assim, não distante, à margem duma torrente, encontraram mucujês excedentes à medida.

Cortaram e trouxeram os troncos preciosos, com tamanho duplo da largura do canto do talhado. Abertas mossas no meio como montão, e nos extremos de cada tronco, amarraram nestes cordas fortes de caruatã, e atravessaram os troncos ou vigotas no lugar preferido, fixando-as por meio das cordas a estacas e pedras, distantes uns três palmos uma da outra, de modo a passar o gruneiro por entre vigotas, na descida e subida.

Dusá assistia a todo o trabalho com a emoção própria de quem nunca presenciara temeridade semelhante.

Os camaradas, inclusive João Caboclo, que era o gruneiro, galhofavam:

— Deixem estar, meninos, repetia João Caboclo; como esse negócio lá embaixo parece pertinho do inferno, se eu voltar trago, pra vocês, lembranças do Diabo.

Cascalharam gargalhadas chocarreiras. Dusá interveio de longe:

— Pra que fala assim, seu João?

— Qual, minh'ama! Quando a gente tem Deus no coração, não faz nuvem ter na boca Pedro Botelho.

Os camaradas dobraram as gargalhadas.

Antônio Roxo, sério, ativava o trabalho, tomava precauções; examinava os laços de couro untados, assegurando-se dos nós.

Mas era tarde, e ele ordenou a suspensão dos trabalhos.

Na manhã seguinte, depois do almoço de carne assada e chá, feito do arbusto que chamam Três folhas, voltaram ao serviço. Era necessária uma experiência das cordas ou laços. Enlinharam bem uma pedra, de cerca de 4 arrobas, equivalente ao peso do Caboclo, e, dada no tronco do meio a laçada de sarilho ou de dobadura, fizeram descer a pedra. Dois escravos seguravam, de longe, a ponta da corda de couro, dous camaradas e o Antônio regulavam a descida, seguros à corda, e com os pés apoiados ao mais próximo travessão de mucujê. Assim tornava-se pequeno o peso da pedra, que descia, oscilando, batendo nas paredes do talhadão, de que resultava um som cavo e repetido.

Os escravos caminhavam, lentamente, escorando-se nas anfractuosidades do terreno, e os laços emendados iam-se sumindo no talhadão. Quando os escravos estavam a poucos passos dos travessões, o laço fez seio. A pedra tinha pousado no fundo.

Todos se voltaram para o Caboclo, que arregalou os olhos, exclamando com um riso amarelo:

— É fundo, como seiscentos diabos!

— Eh! eh! tomou medo! chufaram os outros camaradas.

Os escravos riam-se à socapa. Antônio Roxo franziu a testa.

— Sai daí, cambada! Medo de quê?! – retorquiu o Caboclo, dirigindo-se ao rancho, a fim de se preparar.

Na sua ausência foi guindada a pedra, e, livre da corda, precipitada em seguida; desceu como um prumo e depois de alguns segundos, deu um som tinido e rolou para um dos lados do canalão. Não havia dúvida; era uma gruta, e, neste caso teria arrote, longe ou perto.

Nesse momento chegava o gruneiro, vestido com a roupa própria, constante de camisa de algodão, de mangas a meio braço, justa ao corpo, descendo até a braguilha, sobre calças do mesmo pano, apertadas, com o talhe de ceroula. Cobria-se com uma carapuça afunilada, de baeta azul, em cujo fundo interno tinha guardado fósforos, fumo de palha de milho, para cigarro. Trazia à cinta uma faca pequena e na mão a candeia de gruneiro, feita de forma que não derrame o azeite de mamona, que a alimenta.

João Caboclo ajudou a atar cordas a uma travessa de madeira, formando um trapézio triangular baixo, e cujo vértice foi amarrado com segurança à grande corda. Esta prendia ainda uns como cinturões largos, de boa sola, que o gruneiro apertou ao tórax, à cintura e às coxas, de modo que, se lhe faltasse aos pés o trapézio, ficaria sempre pendurado em posição natural.

Tudo pronto, Antônio Roxo disse:

— Agora, rapazes, toda a atenção é pouca.

Deu-se outra laçada ao tronco; os dois escravos distanciaram-se de novo com a ponta da corda; os camaradas ficaram à meia distância, nela seguros; Antônio Roxo, junto ao canal, regularia por sinais o momento de ceder ou colher a corda. O gruneiro agarrara-se ao travessão, sentando-se ao meio.

Dusá e a escrava assistiam agora, de perto, com a respiração quase suspensa, à perigosa descida.

Quando a corda cedeu o necessário, o Caboclo, sempre agarrado ao tronco, dependurou-se sobre o abismo, apoiando os pés no trapézio.

Trêmulo e pálido, pediu a candeia. Ao dar-lha na ponta do frincheiro, que ele também devia levar, Antônio Roxo animou-o:

— Coragem, Caboclo! Confia em Deus e em mim!

— Até à volta; foi a resposta.

Começou a descida. Cedia-se a corda, lentamente, aos sinais de Antônio Roxo. O Caboclo balanceava no espaço como uma pêndula ou como um enforcado, à feição do vento. Mas como tinham previsto, a proximidade do extremo do canal servia ao gruneiro para, com a mão livre, moderar a oscilação.

Agora não eram somente mulheres impressionadas e apreensivas, que suspendiam a respiração; nos mais insensíveis despertara-se o instinto de conservação, personificado no João Caboclo. O terror do desconhecido também os assombrava. Antônio Roxo, calado, em aparência impassível, segurando a corda, atendia ao movimento da descensão, esperando, angustiado, qualquer sinal na corda, ou algum grito do gruneiro.

Após largo tempo, sucedeu o que ansiosamente esperavam; a corda fez seio, ao mesmo tempo que um grito fanhoso, como se saísse de um túmulo mal fechado, soou:

— Cheguei!

— Muito bem! – respondeu o Antônio.

Passados alguns minutos, sem mais sinal, o Antônio, apurando a vista para o fundo, percebeu tênue clarão.

Era o Caboclo, já desligado da corda, que tinha acendido a candeia.

Desapareceu o clarão. Pouco depois soou um ruído surdo como o do rascar de ferro em pedra ao longe. Não foi longo o trabalho. Reapareceu a luz e veio a voz longínqua:

— Jogue um saco!

O Antônio pediu um saco e um preto foi às carreiras buscá-lo ao rancho. Não restava dúvida sobre a existência de cascalho em algum caldeirão; mas o Antônio não se conteve e perguntou alvoroçado:

— Achou cascalho?

— Achei um caldeirão e uns cascos de burro!

— Tem água? perguntou o Antônio.

- Não! só se for mais abaixo!
- Terá arrote?
- Ainda vou ver; mas tem jeito dele!
- A gruna é apertada? indagou o Antônio.
- É um salão! Só falta uma viola e meia dúzia de chinas!
- E uma gargalhada alvar ecoou do fundo do talhadão.

— Ah! tratante! É do que você se lembra!
— Não, senhor! Em falta da viola e das chinas, aceito um pedaço de raspadura no saco.

Antônio riu-se com os camaradas, e pediu um quarto de raspadura. Ao voltar o escravo com o saco, amarrou-se dentro a raspadura, e o Antônio avisou:

— Lá vai!

E atirou o saco.
A luz desapareceu de novo.
Fatigada já do sol, Dusá retirou-se com a escrava para o rancho.
Decorrida uma hora, reapareceu a luz e um leve balanço da corda indicava que o gruneiro estava se aparelhando para a ascensão. Decorrido mais algum tempo, ele gritou:

- Estou pronto!
- Está bem seguro? inquiriu Antônio Roxo.
- Estou!

Todos se puseram a postos. Antônio deu ordem, e a subida começou, mais assustadora do que a descida, porque o tronco se movia a cada guindagem.

O Antônio atendeu a isso, mandando um camarada escarranchar-se no extremo mais fino do madeiro, o que diminuiu os movimentos.

Isso não obstante, a ascensão foi lenta e penosa.

Quando o gruneiro apareceu, oscilando sobre o abismo, estava pálido, como um defunto. A essa feição, Antônio exclamou:

— Que é isso lá, rapaz? Está esmorecido? Tenha coragem!

O Caboclo não respondeu. É que talvez a grande demora da ascensão, e os movimentos da travessa lhe tivessem sugerido a idéia de que sua vida esteve por um fio. Assim, ao alcançar os travessões, agarrou-se a um deles, cedendo-se-lhe a corda, enquanto grimpava, escarranchando-se, e, ajudado pelo patrão, com todo o cuidado saltou em terra, onde levou bom pedaço resfolegando, sem desembaraçar a língua.

Dusá aproximou-se com interesse. O Caboclo respirava agora com delícia, mas parecia amuado.

Só então notaram todos que ele deixara saco, frincheiro e candeia.

— Que foi isso? Caiu o saco? E o frincheiro? E a candeia? inquiria Antônio Roxo.

— Caiu, sim, senhor! – respondeu o gruneiro, sério; e agora só mandando descer um desses, porque lá não vou mais hoje.

Os camaradas desconversaram.

— Por mim, pode dizer que tudo fica lá, disse o Pedro Pinga.

— E você, Manuel Grosso? indagou o Antônio, ainda mais roxo de decepção.

— Pra falar com franqueza, eu vou saindo; não fico nesse trabalho por dinheiro nenhum, afirmou o camarada.

— Eu também vou-me embora, concordou o outro.

— Pois estão despachados, e já! Eu quero camaradas para todo o serviço, no sossego e no perigo. E venham receber o jornal, decidiu o Antônio, que julgou descobrir qualquer coisa no olhar sonso de João Caboclo.

Dusá retirou-se, contrariada, maldizendo a ruindade da gente e do serviço.

Em meia hora, os dous camaradas desciam a serra, e era a quem mais andava, com receio dalguma sova.

Antônio voltou ao serviço e dirigindo-se ao João, perguntou:

— Então, Caboclo! Você esmoreceu deveras?

O João soltou a sua gargalhada alvar e respondeu:

— Esmoreceu o quê, seu Antônio! Mande chamar minh'ama, que saiu por ali resmungando. O que eu quis foi meter medo àqueles sujeitos, para se irem embora, porque pra mim não são gente de fé.

Antônio mandou chamar Dusá, e enquanto esperavam, o gruneiro ia narrando os sustos que passou, na descida e na subida, e concluiu convictamente:

— Quem não tiver sangue nos olhos, não desce, não, deveras!

Veio Dusá; o Caboclo tirou de sob a camisa um lenço sujo; e começou a desdar os nós duma das pontas, depois do que, à vista deslumbrada de Dusá e de Antônio Roxo, caíram no chão limpo quatro belos diamantes de fina água.

O Caboclo tomou um ar solene, e levantando-se apontou os diamantes, afirmando:

— Está aí a prova da gruna! É pra catar! Catei isso, só num “casco de burro”. O cascalho de um caldeirão está no saco, e nós vamos tirá-lo sem precisar descer ninguém.

Depois de Dusá, Antônio Roxo tomou os diamantes na palma da mão esquerda, enquanto com o indicador da direita revolviam vagarosamente, apreciando-lhes a beleza, ou antes a bondade, porque o garimpeiro não diz – diamante belo, porém diamante bom.

Dusá dividia agora sua admiração entre os diamantes e a ação do Caboclo. Parecia-lhe um sonho a fidelidade do pobre jornaleiro. E imediatamente propôs ao Antônio dar praça ao Caboclo, no que aquele consentiu logo, apesar da ambição irreprimível do garimpeiro veterano.

Entregues de novo os diamantes a Dusá, que se retirou para o rancho, o Antônio perguntou ao Caboclo:

- E o saco?
- Espere aí, respondeu ele.

Foi ao mato próximo, cortou quatro varões, tendo dous deles ganchos, em forma de anzol de tapuia, engradou-os, formando um quadro mais estreito que o canalão; ao lado oposto aos ganchos amarrou uma corda em cada canto, e prendeu estas, em ângulo, à grande corda. Fez descer o engradado, vagorosamente, até tocar no fundo.

Quando o suspendeu, de novo, sentiu pelo aumento do peso, que o saco vinha, com o frincheiro que ele deixara atravessado, e sobre pedras, onde devia chegar como um prumo à grade imaginada.

Ao verem surgir o saco de cascalho, Dusá e os escravos riram-se, admirados, e o próprio Antônio dizia:

- Este Caboclo não é gente!

Era, de fato, um engenho simples; porém cuja invenção, nem a todos ocorreria de momento.

Recolhido o saco, retirada a candeia de dentro, todos se dirigiram para o rancho de Dusá. Aí, João Caboclo despejou-o vagorosamente numa bateia grande, que Antônio Roxo mantinha equilibrada com o pião no solo, enquanto com a mão livre remexia o cascalho, recolhendo, de espaço a espaço, mais uma gema, que Dusá guardava num grosso picuá de imbé. Terminado o singular e maravilhoso processo, apenas usado nos garimpos ricos e de pouco cascalho, Antônio ensacou de novo o catado e mandou conduzi-lo com a bateia para a lavandeira, que ainda ia fazer no riacho vizinho.

O resultado desse dia, em diamante grosso e fino, foi de causar pasmo.

À tarde, Antônio mandou o João em busca de camaradas de confiança.

Dusá parecia ter-se transportado ao país dos sonhos no entanto em vez de alegria pesava-lhe n'alma uma nuvem de mal definida tristeza. Decidida a abandonar a vida livre, que faria de sua fortuna?

— Procura um bom marido, segredava-lhe a consciência. E, instintivamente, lembrou-se do mineiro ingrato.

CAPÍTULO XIX

Riquezas não guardam segredo.

Por maior que fosse o sigilo entre os associados e seus conhecidos, a fama da riqueza da gruna de Antônio Roxo souu e correu célere, atraindo garimpeiros para as vizinhanças.

Em mais alguns caldeirões, os três associados fizeram boa fortuna, relativamente às condições de cada um.

Dusá retirou-se, dentro em pouco tempo, enjoada de muriçocas e da solidão do garimpo. E deixou a sociedade.

João Caboclo, desconfiado de que aquilo era apenas mancha, de que tiraram o melhor diamante, foi se estabelecer, além do Andaraí, no Comercinho, que estava no auge da influência.

Antônio Roxo era garimpeiro rançoso e insaciável.

Descoberto, entre as rochas coração de negro (gneiss), um estreito arrote da gruta, entendeu de dar um serviço de broca, para abrir entrada franca. Gastou mais de um mês nesse trabalho dispendioso, ao mesmo tempo que, fiado noutros caldeirões a encontrar, fazia voar a meia fortuna em passadio de fidalgo, em comezainas opíparas, quer no garimpo, quer na passagem, onde trajava-se como um pedrista.

Quando conseguiu entrar na gruta pelo rebaixo já fazia o saco fiado, e fiado continuou, porque confirmou revera a opinião do João Caboclo. Extinguira-se a boa mancha, circunscrita aos caldeirões e cascos de burro explorados.

Os mineralogistas, arrimados aos princípios e teorias sobre as jazidas metalíferas, supõem que o diamante é como o ouro, a prata ou o cobre. Esta é a razão porque têm falido muitas companhias, ficando, às vezes, na miséria os incorporadores, desacreditando assim bons garimpos. A formação casual do diamante, pelo carbono puro, cristalizado em altas temperaturas, ou nas súbitas mudanças dessas temperaturas, durante as grandes convulsões geológicas, não dá lugar a regras fixas de mineração diamantífera.

A mais abalizada experiência também falha muitas vezes, porque os minérios que constituem ou denunciam a formação e paradeiro do diamante (que não jazida ou veio), a ferragem, o caboclo, fava, feijão-preto, pingo-d'água e outros, e que na gíria de garimpeiros se denominam informações, estão freqüentemente isolados, baldando-se destarte os conhecimentos do garimpeiro. Por outro lado o diamante se encontra onde não se espera estar, num mocororô, por exemplo, argila branca ou amarela, pegajosa, contendo mui pouco cascalho. Torna-se, por isso, um jogo aleatório a mineração diamantífera, e eis porque o garimpeiro diz fazer ou dar bambúrrio, quando, apesar do trabalho constante e pouco remunerador, encontra inesperadamente um diamante grosso ou mancha que o tira da infusão, ao passo que o garimpo não dá mais nada.

Eis por que em todas as minas de diamantes, por grandes que sejam suas riquezas, gira com rapidez maior que em qualquer outra indústria, a roda da Fortuna e ninguém sabe ao justo, quando se abatem os muros e elevam-se os monturos, acontecendo ainda que aquele que se abate hoje, levanta-se amanhã, e assim sucessivamente.

Antônio Roxo, portanto, fizera um bambúrrio e, não sabendo se precaver como João Caboclo, recaíra na infusão costumeira, com a qual, aliás, não se resignava.

João Caboclo já lhe tinha emprestado dinheiro uma vez para o saco, e ele tinha vergonha de lhe pedir dinheiro outra vez, mesmo porque o Comercinho era longe. Devia nas vendas e somente lhe restava a mobília para pagar.

Reservando um caboclo velho de confiança, despachara os outros camaradas, por não poder sustentá-los.

Chegou ao extremo de alimentar-se, durante uma semana, com raspadura e farinha.

No sábado à tarde, e depois da apuração, em que, por ironia da sorte, encontrou cativos e ferragens, no fundo da bateia, voltou à lapa, inteiramente desanimado. Sentou-se, fumando cigarro, enquanto o Manuel Pedro fervia a garapa de raspadura, com que de costume ingeria a farinha.

O silêncio e a tristeza mortificavam o ousado garimpeiro. Sentiu frio e achegou-se ao fogo crepitante a um canto da lapa. Vendo a atitude sorumbática do patrão, Manuel Pedro quis alegrá-lo, e exclamou:

— Não tem nada, patrão! coragem, que nós damos de testa com uma pedra grossa, breve!

Antônio balançou a cabeça, respirou longamente e respondeu:

—Daqui já estou desenganado. Eu devia ter feito como João Caboclo. Agora, é tarde.

— Pois eu digo a vosmecê que é aqui mesmo. Onde se quebrou o pote aí se pricura a rodia. Vosmecê não acredita em visagem de diamante, não?

— Dizem que há, mas eu nunca vi. Por isso não creio, respondeu Antônio.

— Pois eu tenho visto e creio, e por isso não saio daqui.

— Que é que você viu? interpelou Antônio, interessando-se no assunto.

— Vosmecê não sabe aquele canoão que tem pra baixo da gruna, no caminho do riacho?

— Sei.

— Pois umas poucas de noites eu tenho ouvido lavar cascalho, e bater marreta até de madrugada.

—Ora, Manuel Pedro! Isso é garimpeiro vivo, como nós, que vem faiscar.

— Vivo, não, seu Antônio! Quando este caboclo velho afirma uma coisa é porque já provou. E garimpeiro lava cascalho em noite escura como breu? Ahn! Vosmecê ainda não viu nada! Ainda a noite passada, eu saí aí fora, e a marreta falava que era um gosto. Eu não tenho medo dessas coisa, mas sempre o cabelo me arrepiou.

— E, daí, inquiriu o Antônio, que é que havemos de fazer?

— Dá um serviço no canoão, respondeu o caboclo. Pra vosmecê acaba de acreditar, espere hoje até meia-noite.

— Está dito; se eu dormir você me acorde.

E atiraram-se à jacuba como gato a bofes, porque bem poucas tristezas resistem à ação digestiva das águas potáveis da Chapada.

Anoiteceu, mas a lua repontava através de uma barra de nuvens.

Os garimpeiros acomodaram-se em suas camas de capim macio, descansando o corpo fatigado da soalheira. De hora a hora trocavam algumas idéias, falando pausadamente, para não adormecerem.

Fora, os bacuraus, curiangus, e caburés cantavam tristemente nas cristas dos rochedos. No mais, dominava o luar, um silêncio medonho, nas grotas, lavrados, e ribanceiras.

É menos triste a noite escura nos garimpos montanhosos e despovoados, do que a noite em que um luar muito esplendente põe sombras fantásticas, de espaço a espaço, no solo acidentado, imitando todas as formas que a imaginação possa conceber.

Alta noite, Antônio ouviu um tinir de ferro; porém julgando se ter iludido, perguntou:

— Ouviu, Manuel Pedro?

O camarada riu baixo, e disse:

— Vai principiar agora o trabalho.

Terminava a última sílaba, quando se ouviu o retintim da marreta dum broqueador amestrado.

Antônio sentou-se na cama de pedra. O trabalho era perfeito e continuado. Não havia ilusão possível.

Parecia-lhe estar assistindo de longe aos cavouqueiros e broqueadores no trabalho do rebaixo. Levantou-se para escutar melhor. O som partia do canoão indicado por Manuel Pedro. Este sentia o prazer da confirmação de suas palavras. Antônio duvidou ainda de ser visão e disse:

— Aquilo é gente, Manuel Pedro!

O camarada levantou-se e respondeu:

— Pois vamos ver de perto. Medo eu não tenho.

— Nem eu; vamos, respondeu Antônio, apanhando a garrucha e o punhal.

O camarada empunhou a faca de ponta e saíram, devagarinho, escutando. Corria um vento ligeiro que fazia variar o som.

Quando estavam a meio caminho, parou-se o trabalho.

— Ora! exclamou baixo o Antônio.

— Vamos esperar, ponderou o camarada.

Dentro em pouco ouviram o chuí! de calhaus que o lavrador atira às mancheias, à margem da lavadeira.

Continuaram a caminhar de manso. Não havia dúvida de que alguém estivesse lavando cascalho no canoão.

Ao avistarem este, tudo cessou. Antônio Roxo era corajoso. Desceu ao canoão, que estava deserto. Nem sinal de lavadeira havia. Somente trilavam grilos. Apesar de sua coragem, Antônio Roxo sentiu-se apavorado. Não podia explicar semelhante coisa. Os olhos lhe umedeceram e os cabelos se eriçaram, como cerdas de porco.

— Então, seu Antônio? Já viu com seus olhos? perguntou o camarada.

— Já vi! já vi!

— Pois vamos pra o rancho, se quiser ouvir outra vez, disse o Manuel Pedro.

O Antônio seguiu adiante, apressado, tiritando de frio.

A meio caminho da lapa, recomeçou o trabalho.

Manuel Pedro convidou-o a verificar outra vez.

— Para quê?! Agora acredito no que muita gente assevera, também, sobre facho de fogo que sai dum lugar pra outro, de um monte pra outro, à noite.

— O que eu sei dizer, comentou Manuel Pedro, é que há muita coisa neste mundo que ninguém entende. E num garimpo em que aparece visagem é diamante

certo, nem que seja um só. E vosmecê não tem que imaginar. Segunda-feira vamos ver o canoão.

Antônio foi se deitar, pensando na possibilidade de encontrar diamante num lugar que não parecia ter cascalho. O barulho cessou; mas, enquanto o Manuel Pedro roncava alto, Antônio velava sem poder conciliar o sono. Somente pela manhã madornou.

Sol alto, despertou da modorra, e correu ao canoão.

Nada viu, nem ao menos um rasto, um sinal de que se tivesse trabalhado. Parecia-lhe que tudo fora um sonho.

Decidiu-se a ir procurar Dusá para justificar a sua pertinácia no mesmo garimpo, e pedir-lhe algum dinheiro de empréstimo.

Com esse intuito tratou de esconder a ferramenta existente, bem como outros objetos, porque não podia deixar o Manuel Pedro jejuando.

E com ele desceu à Passagem.

CAPÍTULO XX

Atendendo apenas ao vário humor seu, de folgazão na abastança, e taciturno na infusão, Antônio Roxo supunha ir ver em festa permanente a casa de Maria Dusá, cuja fortuna se aumentara, e cuja fama crescia por toda a Chapada. Começou a sua desilusão por encontrar, à noitinha, a porta fechada e as janelas de gelosias descidas. Pareceu-lhe uma casa de luto. Bateu, e só então viu luz no interior.

Veio abrir-lhe a porta a governanta. Dusá ficara na sala de jantar. Sabendo que era o Antônio, mandou-o entrar para onde ela estava.

Quando o garimpeiro penetrou na sala, viu que se não enganara.

Dusá pálida, recostada numa cadeira de balanço, trajando um vestido cor de ametista, dizia, pelos olhos pisados, que alguma dor a oprimia.

Rita entrou para a cozinha, donde vinha um sussurro de conversação em voz baixa.

Um candeeiro de bronze, antigo, de bico elevado, alimentando a azeite o pavio, por meio de pressão do próprio azeite, dava uma claridade insuficiente para a extensão da sala, cujos móveis mais afastados pareciam mergulhados em penumbra.

Depois da saudação, o garimpeiro indagou:

— Está doente, D. Emerentina?

Maria estimava Antônio Roxo, especialmente pelo modo delicado e quase paternal com que a tratava. Essa mesma escolha de seu sobrenome era uma singularidade que a penhorava.

Confiando instintivamente no garimpeiro, em cujas feições via também estampado o sofrimento, deliberou abrir-lhe o coração, como fazia com Rita, e respondeu:

— Do corpo, não; porém o que eu tenho sofrido estes dias é mais do que uma doença.

— E eu não posso saber, não? perguntou mansamente o garimpeiro.

— Pode, sim, por que aqui na Passagem é a única pessoa que eu sei que me estima, sem interesse.

— Por aí, obtemperou o garimpeiro, dizem que eu sou seu peito largo, seu bajulador; mas eu não faço caso dessa corja ruim. Por isso mesmo desejo saber o que vosmecê sofre, porque se eu puder dar remédio... e suspendeu a palavra, dando um murro na mesa.

— É mesmo por causa dessa gente ruim, que me chama Vendida a toda a hora, gritando na rua, insultando meus escravos... mas eu bem sei quem é o culpado! Ele é que devia me pagar!

— Ele que? perguntou o garimpeiro.

Um sujeito, que mora no Coisa Boa, um Ricardo, mineiro, que, quando chegou, o ano passado, no Xique-Xique, foi à minha porta pensando que eu era uma moça que ele disse ter comprado em 60 a troco de sal, e como eu respondi rindo que ele tinha errado a porta, prometeu se vingar de mim. A moça apareceu procurando-o, também, eu tomei conhecimento com ela; tive pena, e daqui escrevi a esse traste avisando que a moça estava no Xique-Xique, e ele me respondeu que estimou saber, pra nos comprar a nós duas. Daí começou a espalhar a mentira de eu ter sido uma vendida a troco de sal, e essa cambada não me deixa. Mas deixe estar que Deus velará por mim, concluiu Maria enxugando os olhos.

O garimpeiro escutara a Dusá, como quem escuta queixas de uma criança que perde um brinco. Quando ela terminou, ele disse rindo:

— Ora, dá-se? Pois vale a pena estar se matando por isso?

— E não hei de sentir? perguntou ela, franzindo a testa.

— Não digo isso. Digo que já podia ter mandado virar a cara pras costas, a uns dois ou três e se acabava a graça.

— E os outros? e ele? inquiriu Dusá.

O garimpeiro pausou as palavras:

— D. Emerentina quer que eu acabe com isso?

— Como? brigando? Não!

— Não se importe com as conseqüências, nem é preciso brigar. Onde há dinheiro se dá jeito em tudo que pode ter jeito.

— Ah! quem me dera comprar com dinheiro o meu sossego! exclamou Dusá.

— Se é por isso, compra, e é em poucas horas.

— Pois diga logo, seu Antônio. Farei o que Vmcê. disser.

— Em primeiro lugar fique sabendo que esse sujeito do Coisa Boa, já deve, aqui na Passagem, talvez o que não possui; já vê que está imposturando. Só a seu Bebê, ele passou outro dia uma letra, a prêmio, de dois contos. A Vito de Terto deve também uma letra a prêmio, não sei de quanto.

Dusá levantara-se. Os olhos brilhavam de contentamento malévolo. Antônio Roxo mostrava-lhe o caminho da vingança contra o mineiro. Ia por sua vez emudecê-lo a troco de dinheiro.

— Não fale mais, não, seu Antônio. Vá ver se compra essas letras em seu nome, e depois passará para o meu sem dizer a ninguém.

— Espere, Senhora: é preciso que hoje mesmo uns dous sujeitos que eu conheço saibam quem sou eu! E porque estou quebrado, me dê aí cinqüenta mil-réis, que eu vinha tomar emprestado, pra continuar noutro serviço, em que estão aparecendo umas visagens de diamante.

Dusá conhecia a sisudez de Antônio Roxo, e entrou num quarto, donde trouxe o dinheiro.

Ao receber a cédula, o garimpeiro disse:

— Se vosmecê ouvir zoadá na rua hoje, não se importe; é gente minha.

Na porta da rua estava Rita. Ao ver o garimpeiro, exclamou baixo, em voz chorosa:

— Ah! sinhô Antônio! Eu ouvi tudo! Os anjos do céu lhe dêem bom pago.

— Não é desaforo, Rita? A moça quer viver direito, e essa cambada atentando como os demônios? Eu tive uma filha que morreu nos meus braços. Faço de conta que minha filha é essa. Estou velho, e não nasci pra semente. Agora o negócio é comigo!

E assim falando, se distanciara, enquanto a velha escrava enxugava os olhos, sentindo ao mesmo tempo a alegria de quem se desabafa.

Antônio dirigiu-se à loja do negociante Bebé, pedindo-lhe trocar em miúdos a cédula.

— Olé! pelo que vejo já se desenvergou, hein, Antônio? perguntou o Bebé, tomando a cédula.

— Ora, si! Esta Chapada é assim; a gente enverga hoje, desenverga amanhã, e até vai desenvergar os outros.

Ao receber o dinheiro do Bebé, Antônio indagou:

— E por falar em gente envergada, seu Bebé, não é da minha conta; mas eu ouvi dizer que esse mineiro do Coisa Boa, está envergando!

— Deixe-me, Antônio! Envergado já está ele! A mim mesmo deve-me uma letra de um conto e cem, a 30 dias, e o prêmio já lhe está montando no costado, ou antes no meu costado, porque eu é que terei o prejuízo.

— Ora vejam! comentou o garimpeiro; um moço tão bom...

— Mas que quer? acrescentou o negociante; orelha de sota já deu lucro a alguém? Demais... só a Supi está no Xique-Xique coberta de ouro: anéis, brincos, trancelins...

— O moço pode endireitar; ele é caprichoso...

— Qual nada! O diabo é que eu não acho quem compre a letra dele, até com abatimento.

— Pode achar, retorqui o garimpeiro; eu mesmo tenho pena de um cristão nesse estado!

— Você quer? Pode cair já com o cobre? Dou abatimento de cem mil-réis.

— Neste instante! Pode ir preparando a letra.

Disse o garimpeiro e saiu apressado.

O negociante ficou pasmado, contemplando o vulto de Antônio, que caminhava na direção do armazém do Vítor de Terto, e fazendo beijo de descrença para alguns indivíduos desocupados e alcunhados sapos de balcão, chacoteou:

— Ou está doido, ou está para isso!

Os indivíduos gargalharam tolamente.

No armazém do Vítor, o Antônio comprou um frasco de genebra holandesa e deu ao negociante uma cédula de vinte, para que lhe voltasse o troco.

Conhecedor dos desperdícios do garimpeiro, o negociante perguntou-lhe se tinha dado noutra mancha.

— Dei, e estou até comprando letras perdidas.

— Olá? espere aí! tenho algumas que ainda não estão perdidas; mas estão de difícil recebimento... se quer...

— Vá dizendo.

— Tenho do Juca do Fundão...

— Nada. Mora longe.

— Tenho do José Balaio...

— Esse, nem pra fumo.

— Tenho do Ricardo Mineiro, que está se metendo em processo...

— De quanto a letra? perguntou o garimpeiro, tornando-se grave.

— De mais de quinhentos, quase seiscentos.

— Quer os quinhentos?

O negociante olhou sério para o garimpeiro.

— Não estou caçoando! acrescentou. É um bom moço...

— Traga o dinheiro e a letra é sua.

— Prazo de uma hora, disse o Antônio e seguiu para a própria casa, onde dormia, cansado e faminto, Manuel Pedro.

Acordou-o e mandou chamar uns camaradas conhecidos, gente de baderna e manguara; bateu na casa da vizinha que lhe preparava as refeições; deu dinheiro para uma ceia gorda, e voltou à casa de Dusá, já armado de garrucha e faca. Relatou as condições dos contratos, com os respectivos abatimentos e deu pressa.

Dusá parecia já estar com a importância contada. Tirou do bolso da saia um maço de cédulas, contou um conto e quinhentos e entregou. O garimpeiro tirou cem mil-réis e devolveu. Ela recusou aceitar.

— Não dei de mais por engano. Cem é de sua comissão.

Antônio saiu, e dentro de uma hora voltava com as letras endossadas em seu nome.

Em casa de Dusá, fez novo endosso à D. Maria Emerentina Alves, e voltou apressado à casa.

Dusá sentia agora estranha comoção ao contemplar, sozinha, a escrita do mineiro em teor de nota promissória. Que bonita letra! Que assinatura clara, legível, como que indicando o caráter franco e resoluto do dono! Mas por que franquearam essa franqueza, inteligência e resolução? Em horas de meditação, longe de parentes e de algum amigo verdadeiro, não sentiria essa criatura a falta doutra criatura sincera que lhe servisse de prumo, e apoio na luta pela vida? Havia de ser mau, sempre, entregue a pessoas sem coração?

A mundana se esquecia das ofensas; sentia vontade de perdoar ao ofensor. Amara uma vez, quando virgem, e fora desiludida. Via bem que o não podia amar; porém desejava votar ao mineiro uma amizade perpétua, tranqüila, num canto de sertão, contanto que ele correspondesse com amizade igual, protegendo-a, como esse velho garimpeiro, que a estava garantindo desinteressadamente.

Mas isso era agora impossível. Ele mesmo, ofendendo-a com o desprezo, quando ela indicara a moça a quem ele parecia amar e dando auso a que a ridicularizassem indivíduos despeitados pelo seu recato, a que chamavam impostura, criara um grande obstáculo. Agora que ela se tornava sua credora, o obstáculo aumentava de proporções. Quando ele soubesse, entenderia ser uma vingança e o ódio lavraria em sua alma como um incêndio. Mas isso era preferível ao desprezo, que lhe doía mais do que tudo. Ao menos enquanto constasse que ele era devedor ninguém levaria em conta suas bazófias.

De tais cogitações foi Dusá despertada por um arruído, na Rua de Cima. Rita correu para a sala falando baixo:

— Barulho, Sinhá!

Maria empalideceu, pensando ser provocado por Antônio Roxo. Quis falar e a glote paralisou-se-lhe. Maria não era medrosa, porém o remorso de ser causa de um conflito, podendo mesmo ser indigitada mandante, tirou-lhe toda ação.

Continuavam gritos, estrondos de portas que se fechavam apressadamente, correrias e em seguida alguns tiros.

Maria sentiu gelarem-se-lhe os pés e os braços. Que seria dela, se Antônio Roxo matasse ou morresse!

Os escravos estavam também amedrontados.

Dusá arrependia-se de se ter queixado ao garimpeiro.

Viu então que a vingança parece agradável, porém tem frutos bem amargos.

Somente voltou-lhe a respiração regular, quando ouviu vozes de comentários, entre gargalhadas estrondosas de homens e mulheres.

Agora sufocava de curiosidade.

Que teria acontecido? Antônio teria tomado parte nesse barulho?

Somente na manhã seguinte poderia saber, porque não abriria sua porta antes do amanhecer.

CAPÍTULO XXI

Dusá acordou cedo e mandou chamar Antônio Roxo. Joaquim encontrou ainda fechada a porta do garimpeiro. Bateu. Veio abrir-lha Manuel Pedro. Na sala dormiam outros camaradas. O escravo deu o recado e voltou. Encostado à porta da Senhora estava um homem de calças arregaçadas. Perguntou-lhe que queria.

—Venho do Xique-Xique; trago esta carta, afirmou o portador.

O escravo recebeu a carta e na sala de jantar, entregou-a a Dusá, ao passo que dizia:

— Sinhô Antônio ainda tá dromindo.

Dusá abriu, sobressaltada, a carta de obreia roxa. A assinatura era da professora.

Joaquim fora limpar um quartinho contíguo à casa, onde se agasalhavam os portadores, ou camaradas estranhos.

D. Florinda noticiava, aflita, que D. Rosária estava a expirar, e que Mariazinha ficaria, outra vez, ao desamparo, porque ela, Florinda, não dispunha ao menos de um quarto na casa para a hospedar, se não por alguns dias. Que tendo Dusá prometido proteger a moça, era ocasião de cumprir a promessa.

Em post-scriptum acrescentava:

“Ouço gritos de Mariazinha. Não há dúvida que minha pobre amiga acaba de entregar a alma a Deus.”

Dusá não tinha amizade a D. Rosária, porém, possuía um coração capaz de simpatizar-se com alheias dores. Mostrou, pois, o seu pesar umedecendo os olhos e dizendo:

— Deus lhe dê descanso.

Ouvindo à senhora falar assim, Rita veio inquirir. E toda a casa ficou sabendo a triste nova, que, aliás, ninguém sentia realmente.

— E a mocinha, Sinhá? perguntou a governanta.

— Só mandando buscá-la. Faço de conta que é minha irmã mais moça.

— Sinhá, Sinhá! Olha! O dia do benefício é bespa da ingratidão! Se ela fosse irmã, ainda, ainda!

— Agora não há outro jeito. Prometi proteger a moça, simpatizo mesmo com ela, e não tenho coração de ver uma criatura assim abandonada. Vai te aprontar pra seguir com Joaquim, depois do almoço e voltar amanhã com a pobre órfã. E diga a Juliana que venha.

A escrava chamou Joaquim, transmitiu a ordem, e foi se aprestar.

Na porta da rua soou a voz grossa de Antônio Roxo. Dusá gritou-lhe que entrasse. O garimpeiro percorreu o corredor e penetrou na sala de jantar. Saudou rindo. Dusá retribuiu a saudação, e perguntou, também sorrindo:

— Que barulho foi o dessa noite?

— Não houve barulho, não; respondeu o garimpeiro, com ar de sonso. Foram uns meninos que andaram lambuzando pelo chão uns três sujeitos da Rua de Cima, que gostam muito da vida alheia, e têm língua de palmo. Um correu. Foi nessa hora que os meninos atiraram no rumo.

— E se o sujeito morresse, meu Deus!

— Não tinha nada, não, Dona. Era mesmo que morrer um cachorro, porque ninguém gosta dele aqui. Os outros não tiveram nada. Tomaram uns panaços de facão, e acabaram, às boas, bebendo à saúde de D. Maria Emerentina.

— À minha saúde?! exclamou Dusá.

— E então? Vosmecê, que trata a todos bem, respeitando pra ser respeitada, servindo a pobres e desvalidos que batem na sua porta, não merece que se bebe à sua saúde?

— Mas, por essa gente!?

— Qual, Dona! Todo o mundo entende por que eu fiz isso. E o remédio pra esse povo é esse. Afirmo que vosmecê pode viver descansada agora. Conheço

muito a Chapada e o sertão. Mostrar muita prudência é fraqueza. E quem é fraco vai pisado; nem merece fé! Aqui ou nas armas, ou no dinheiro e com elas. Agora me falta o tal Aristo Alfaiate. Mas o dia dele está guardado.

— Aristo! Quem é? Que fez esse? perguntava Dusá admirada.

— Não fez nada! É um santo, um pisa-mansinho! Quando fala, quase que é preciso a gente encostar a porta do ouvido na boca dele. Sempre dengoso, todo petimetre, ninguém o leva preso por nada do mundo! Mas porque não tem entrada nesta casa como tem em outras, outro dia escreveu um pasquim contra vosmecê, e até tratando de meu nome, e estava metendo de madrugada por baixo da porta, aqui, quando o Manuel Pedro pegou-o no “sufragante” e tomou o papel. Ele pediu muito pra não dizer nada a ninguém, que era uma brincadeira, porém Manuel tomou sempre o papel e me deu. Está lá em casa. Esse ele come, assim como há Deus no céu! É um alfaiate, que se mete a escrivão ou advogado. Mora na esquina da Rua de Cima.

— Mas que é que fiz eu a essa gente, meu Deus? exclamou Maria enclavinando os dedos. Qual! Só paciência!

— Paciência, não, atalhou o garimpeiro. Pau muito, é que é preciso.

— Ave Maria! sô Antônio! Deus tomará contas de cada um!

— Deus manda castigar a quem erra, retorquiu o garimpeiro, galhofando. Ele não pode tomar conta de gente, ou rebotalho de gente, que vive, desde o nascimento, solta como animal no campo, sem peia nem cinorro. E com esta, até amanhã!

— Espera para almoçar, convidou Dusá.

— Não senhora. Muito obrigado.

O garimpeiro saiu, e Maria ficou pensando como, toda a gente, querendo, pode mudar de uma hora para outra. Ela não supunha que Antônio Roxo fosse capaz de se transformar em valentão da noite para o dia.

Entretanto, os escravos, na cozinha, transmitiam os boatos da rua. Enquanto ele falava mansamente com Dusá, o povo miúdo resmoneava, amedrontado, com as correrias da véspera. O nome de Antônio Roxo corria de boca em boca, em comentários tímidos ou respeitosos. Os escravos estavam contentes.

Sem saberem explicar, notavam que muitas pessoas tinham mudado o tratamento à senhora. Tratavam dona Emerentina, em vez de Emerentina.

Rita era a mais contente, e já de saias guindadas para o caminho, comunicava à senhora essa mudança.

Dusá, ao entregar uma carta para a professora e outra para Mariazinha, repetia:

— Deus há de me ajudar, Rita. Agora, escute: venha devagar com minha Santa. Não quero que ela chegue maltratada.

O portador e Joaquim tinham almoçado, e partiram, acompanhando Rita.

Sofia serviu o almoço e Dusá sentou-se à mesa, prevenindo logo que queria limpo o quarto dos baús.

Antônio Roxo, ao chegar à casa, conversou em voz baixa com os camaradas, que se dispersaram, em rumos diversos, dando isso grande alívio às pessoas tímidas, que esperavam novas correrias à noite.

O próprio Antônio, acompanhado de Manuel Pedro, seguiu caminho do seu garimpo, no Perigoso, como ficou denominado o canalão. Mas um até logo à vizinha

cozinheira, dito em cara de riso, fez desconfiar à vizinhança que aquilo era uma retirada falsa ou fingida.

E fora justificada a desconfiança, porque ao anoitecer alguns dos camaradas foram vistos nos extremos das ruas principais, em atitude pacífica.

O Aristo Alfaiate, não fora ameaçado de modo nenhum, mas na sua categoria de pasqureiro conhecido, com várias culpas, não andava bem tranqüilo; por isso entendeu de se recolher, contra o costume, às 8 horas da noite. Saiu da loja, onde prosava sempre, e dirigiu-se para sua casa. Abriu a porta; quando, porém, mudava a chave para o lado de dentro, um vulto surgiu da sombra, tomou a porta, e, saltando na sala escura, disse em voz abafada:

— Somos amigos; não tenha susto!

Outro vulto entrava, fechando a porta de manso, e dando volta à chave.

— Mas que quer dizer isso? Inquiriu o Alfaiate, puxando a faca da bainha, e encostando-se à parede.

— Ora, que bobagem! Se fosse pra matar, você não tinha tempo de puxar essa faca, disse o primeiro vulto, em voz baixa.

— Acenda logo a luz, disse o outro no mesmo tom, que não é negócio de sangue, nem de roubo.

Animado por essas palavras, o Alfaiate começou a bater nos bolsos à procura da caixa de fósforos. Encontrou-a e meteu a faca na bainha. Tirou a caixa, que rangeu ao abrir-se, que tais caixas eram de madeira e de forma cilíndrica. O tempo não estava bem seco e o fósforo, então, havendo umidade, requeria prolongado atrito. O Alfaiate estava trêmulo e isso fazia-o perder palitos sobre outros.

—Que diabo! exclamava a cada perda, mais trêmulo, porque o silêncio dos desconhecidos o apavorava.

Conseguiu, enfim, acender um. Elevou à altura da cabeça, para reconhecer os dois indivíduos; mas não pôde. O clarão baço e a fumaça do enxofre impediram-no. Dirigiu-se ao quatinho contíguo à sala, onde estava a candeia de azeite. Parecia que os desconhecidos sabiam não ter a casinha saída pelo fundo, porque não se moveram. Novo trabalho teve o Alfaiate para acender a candeia. O pavio tinha morrão, e novo palito foi necessário.

Quando chegou à sala a claridade da candeia, um dos indivíduos deslizou-se até à porta do quarto, de modo que, ao voltar-se para ela, com a candeia na mão, o Alfaiate recuou, quase assombrado, exclamando:

— Sô Antônio Roxo!

— Eu mesmo, sô Aristo. Mas não precisa ficar assim, homem! Deixe a luz aí mesmo. Eu vim somente lhe pedir para ler um papel, que eu não sei ler.

— Mas com tanto mistério? inquiriu o Alfaiate, com um riso amarelo.

— É porque o negócio é de segredo, disse Antônio Roxo, tirando um papel do bolso, e entregando ao Alfaiate. Este, ao desdobrar a meia folha de papel, tornou-se lívido, rufando involuntariamente com os dentes.

— Uai! pois esse papel é venenoso assim? perguntou o garimpeiro, chasqueando.

— É... foi... uma brincadeira... tartamudeou o Alfaiate.
— Mas tenha paciência, leia, porque eu não sei.
— Sô Antônio! Eu lhe peço que me perdoe!
— Não lhe tenho que perdoar; quem lhe pode perdoar é a senhora a quem você ofendeu e que nunca lhe viu ao menos esta cara cínica. Ela não leu isso, e lendo não perdoa. Se você quer que acabe tudo...
— Sim, vamos queimar isso!
— Queimar! Pra queimar eu mesmo já tinha queimado. O que é preciso é curar você. Esse negócio de pasquim, parece que é uma doença de alma ruim. Mas tem cura. Dizem que o último remédio é o mesmo sujeito que faz, comer o pasquim aos bocadinhos, sem derramamento de sangue, nem zoadá.
— Sô Antônio! Pelo amor de Deus! disse, tremendo, de novo, o Aristo.
— Ora, senhor! Quem sabe que há Deus não mete espinho à toa na alma do próximo que não lhe ofendeu! E avia com isso! disse o garimpeiro sacando duma grande parnaíba.

O camarada que ficara na varanda, tossiu, consertou a garganta, e disse:

— Essa conversa já está muito comprida!
— Avia, avia! continuava Antônio. Ou você come o papel neste instantinho, ou eu lhe sangro como a porco. E estou lhe dando a escolher, porque sei que você tem mãe, que não soube lhe ensinar a viver no mundo, e tem irmãs. Senão...

A lembrança avivada desses entes queridos acabou de acobardar a alma fraca e mesquinha do pasquineiro.

— Isto é uma vergonha!... Mas vosmecê promete...
— Ora, coma, senhor, que eu não prometo nada!

O Alfaiate rasgou o primeiro pedaço do pasquim e levou-o à boca, enquanto duas lágrimas compridas lhe desciam pelas faces esverdeadas.

Em poucos minutos tinha engolido todo o pasquim. No último, Antônio voltou ao tom zombeteiro, e ria.

— Agora, sim, disse ele, podemos ser camaradas. Com essa cura você ainda pode fazer boa figura na sociedade, porque inteligência tem. Assim não lhe dê ela pra aperrear os outros... Sim, já comeu tudo... agora só bebendo um pouquinho do azeite da candeia, que eu acho que papel comido assim, faz um mal danado à barriga da gente.

E assim falando, procurava uma vasilha para tirar azeite.

— Tira aqui, Manuel Pedro.

O camarada assomou à porta. Ao vê-lo, exclamou o Alfaiate:

— Ah! seu Manuel Pedro! Veja que mal o Sr. me fez!

O camarada abugalhou os olhos para o Alfaiate:

— Ué! estou lhe fazendo nada? Dei o papel a meu amo, porque a casa onde você estava botando é de uma senhora que ele considera! Nem eu sabia que diabo de papel era esse. No mais queixe de si e da mãe ou do pai que não soube lhe ensinar!

— Ande, Manuel! “vigia” aí um copo ou “xícara” seja que diabo for, e depressa!

Manuel Pedro apanhou uma xícara na saleta que servia de cozinha e trouxe.

— Ah! Sô Antônio! O azeite da candeia está quente! olhe ali no canto uma garrafa!

— Como é sabido! chasqueou o garimpeiro. Não gosta de azeite quente pela boca! Porém no inferno você há de tomar fervendo por outros lugares!

A garrafa estava cheia de azeite de mamona, retinto; o garimpeiro encheu a xícara, e o Alfaiate bebeu-a de um fôlego.

— Bem, agora estamos de pazes. Adeusinho, e queira-me bem que não custa dinheiro, disse Antônio, saindo adiante do camarada.

O alfaiate chorava debruçado sobre a mesa do quarto.

Pela porta da rua, que ficara aberta, entrou apressado um vulto de mulher. Na porta do quarto, apostrofou:

— Mas isso é que é miséria no mundo! Toma estas saias e dá cá essas calças, peste!

Disse e fez meia volta, retirando-se. Era a vizinha predileta do Aristo.

CAPÍTULO XXII

Logo às primeiras horas da manhã, soube, minudentemente, toda a Passagem madrugadora, a negregada história do pasquim comido com azeite de candeia, que originou a fuga do Aristo Alfaiate, antes do alvorecer.

Não se sabia ao certo o rumo tomado pelo infeliz pasquineiro, mas as mães de família, toda a gente honesta e modesta sentia um grande alívio com a ausência definitiva do Alfaiate, cujo ofício principal era indagar de lavadeiras, engomadeiras, criadas e criados, pela vida de toda a população, para se vingar de quem não o cortejasse, não fosse seu freguês, ou seu cliente, bem como de pessoas que não o convidavam para suas reuniões festivas. Até os homens fortes temiam-no, não porque ele fosse valoroso, mas porque não se queriam tornar criminosos por causa de uma lesma.

E eis por que eram os próprios amigos do pasquineiro os primeiros a rirem, comentando a ceia do Alfaiate, e sua inopinada viagem obrigada a baú de dedo.

Ouvir a conversa de um grupo, sobre o assunto, era ouvi-la de todos:

— Então? O Aristo entrou sereno, hein?

— Na aragem, e obrigado a baú de dedo!

— Ingrato! nem aqui fica a chave! Nem ao menos pra passar o São João com a gente!

— O azeite não deu tempo!

- Ora! “quem com muitas pedras bole...”
- E seria mesmo a Emerentina que mandou?
- Se foi! Antônio Roxo não é protegido? Não trabalha no garimpo dela?

Enquanto o povo assim falava e pensava, Dusá era surpreendida não somente com a notícia do fato, dada pelos escravos, porque Antônio Roxo não mais lhe aparecera, como por lembranças e mimos enviados por pessoas desconhecidas para ela. De hora a hora entrava em casa uma bandeja de flores, conduzida por escrava bem trajada trazendo lembranças e agradecimentos que a Sinhá Velha ou Sinhá Moça mandava. Inquirida pelo nome, a portadora dizia-o. Quando, porém, Dusá perguntava:

- Agradecimento por quê?

A portadora respondia requebrando-se e rindo maliciosamente:

- Eu sei, Sinhá? Eu entendo língua de branco?

Ou então:

— Eu sei? Sinhá Velha ficou muito alegre hoje. Ela só diz que foi uma obra de caridade. Um descanso pra todo o mundo!

Inteligente como era, Dusá compreendeu logo que lhe atribuíam o principal papel na lição recebida pelo Alfaiate.

Senhoras pobres ou de poucos haveres, sem disporem dum braço d’homem que as protegesse contra a malignidade do Alfaiate e seus asseclas, agora livres da obsessão e opressão, expandiram-se por meio de tais mimos.

Por isso, às últimas portadoras, Dusá respondia:

— Diga à Sinhá que fico obrigada, e que estou também alegre, porque nem sempre os malvados vencem.

E bem a propósito vinham essas flores e essas alegrias, porque, em vésperas de S. João, Dusá preparava contente a casa e principalmente o quarto destinado à Mariazinha, a quem esperava com a simpatia de uma irmã.

Dir-se-ia que a própria natureza acoroçoava-lhe o prazer despertado por uma obra de caridade, como o amparo a uma órfã em estado vizinho da miséria.

Se lhe não bastara a simpatia das almas boas e simples, assegurando-lhe o apoio moral, mesmo em ação criminosa, como a pena infligida ao recidivo autor de uma ação odiosa, aí estava um dia formoso, em que um sol brilhante, deslizando-se num céu de anil, escampo, alumbrava as florestas do nascente, faiscando oiro e gema nas águas encachoeiradas das serranias opostas.

Águas e serras! Que filho, que habitante destas regiões criadoras do “diamante e do gênio”, não sentiu alguma vez toda a grandiosa poesia dessas paisagens alpestres, que, se desnudem ambições evangélicas, de pobreza e santidade, tonificam o caráter para as mais rudes conquistas da vida!

Águas e serras! Que desventurado, ausente, ou que feliz, mas ao entardecer da existência, não rememora saudoso os dias idos, de sonhadora contemplação das

altas serranias, que dilaceram as nuvens com o itacolumito de seus visos, ouvindo o escachoar das águas límpidas, por entre as arestas do granito de seus flancos!

Águas e serras! Que filho ou ádvena não traz de memória o selo de grandeza dessas altanadas serras, e o cunho fisiológico dessas águas salubérrimas!

Doce viração do meio-dia para o setentrião, penetrando pelas janelas laterais da casa, fazia farfalharem as flores artificiais dos jarros elegantes da sala, desafrontando da calma a moradora gentil.

Dusá, de cabelos soltos, vestia uma bata de musselina branca, enfeitada de rendas finas. Era o requinte do gosto romântico da época.

De vez em quando chegava à janela, como um sinal de quem espera.

Caiu a noite. Acenderam-se as luzes. Em pouco um tropel de pessoas aproximava-se da casa. Dusá estava de ouvido à escuta. Correu à janela. Adivinhou mais do que conheceu no escuro da rua ser Mariazinha, acompanhada dos escravos Joaquim, Rita e Juliana.

Simpatia, pena da infelicidade alheia, desvanecimento da sua própria ação, qualquer que fosse o sentimento indefinido que a dominava então, a ex-mundana não receberia com maior alvoroço uma irmã amiga.

— Minha Santa! — foi a saudação de ambas, abraçando-se, demoradamente, porque a órfã chorava, confundindo suas lágrimas com as da sua protetora.

Os escravos estavam admirados dessa expansão repentina.

Não havendo mais que um conhecimento recente, só a voz do sangue, que até a semelhança das duas lembrava, justificaria tão espontâneo bem-querer.

A própria Dusá teve momentânea ilusão de abraçar uma verdadeira irmã.

Mariazinha queixou-se do caminho. Precisava de descanso, e recolheu-se ao seu aposento.

Rita trouxera cartas de D. Florinda e do Eduardinho.

Dusá foi lê-las. Boas notícias que ainda mais lhe alegraram. O Eduardinho estava tomando juízo. Tinha começado a mosquitar e era feliz nos negócios. Não queria saber de jogo, nem de foliadas. A sua insistência sobre Mariazinha dava a entender que tinha pretensões lícitas.

Mas o dia não devia terminar, para Dusá, sem certo dissabor. Ao saírem do Xique-Xique, Joaquim e Rita ouviram falar muito em segredo, que um inspetor estava intimando pessoas do povo para uma prisão no Coisa Boa.

Não restava dúvida que isso se referia a Ricardo Brandão.

Apesar do ódio que votava ao mineiro, por lhe atribuir desgostos curtos, nesse dia, cheio de alegrias, condeu-se de sua sorte.

Não desejava, apesar de tudo, vê-lo preso. Além disso, se quisesse justificar o impulso de seu coração, com um sentimento egoísta, bastaria recordar a sua qualidade de credora quirografia.

Tal qualidade, entretanto, era o que ela menos invocava.

E pensou na sorte do mineiro, durante a noite, predispondo-se a mandar indagar o que havia de verdade sobre a prisão no Coisa Boa.

Para todos, em casa de Dusá, a véspera da festa de S. João, somente foi percebida pelas fogueiras e os estrondos de tiros e busca-pés.

CAPÍTULO XXIII

Aos primeiros sorrisos da fortuna com o acertar em garimpos em que se repetiam os bambúrrios, realizando-lhe passados sonhos de riquezas inexauríveis, Ricardo começou a cercar-se de maus amigos que o pervertiam lentamente, inflando-lhe um orgulho mais oriundo de sua educação defeituosa e do meio em que vivia, do que da sua índole sempre boa, e acessível a sentimentos elevados.

Na sua espécie de alienação temporária do ideal do Bem, chegara a esfriar as boas relações com o João Felipe, porque lhe exprobrava o procedimento menos digno, avisando-o das tristes conseqüências da bebida e do jogo, e também da ambição desmedida, que o fizera senhorear-se à força de garimpos alheios, de pessoas mais fracas, acarretando-lhe ódios e rancores que deviam explodir, tarde ou cedo, em vinganças justificadas.

Em pouco tempo cessaram os bambúrrios; mas o impulso dado às despesas extraordinárias e excessivas, invadira os domínios do crédito pessoal, onerando de dívidas o mineiro, a quem restavam apenas uma casa de pequeno valor, o garimpo inconstante, e alguns animais; de modo que, se pagasse as dívidas, ficaria em árvore seca.

Disse a sabedoria romana:

Donec eris felix, multos numerabilis amicos; tempora si fuerint nubila solus eris. Quando fores feliz, terás inumeráveis amigos; no dia da adversidade, sozinho ficarás.

Chegara para Ricardo Brandão o tempo brusco do infortúnio, em que seus amigos e comensais assíduos, como andorinhas, o abandonaram aos vendavais da sorte. Desde muitos dias essa ausência o obrigara à reflexão. Conheceu que tinha errado.

Mas era tarde. Só lhe restavam duas criaturas, em cuja lealdade podia descansar: eram o seu camarada Felipe, e seu cão perdigueiro amestrado. Fora desse, somente os seus credores se interessavam por sua boa sorte, mas para uma cobrança imediata.

Soube que um inimigo fora de novo ativar a conclusão do processo de tentativa de morte no Mucujê. Que haveria de verdade? Não sabia. Mas era preciso saber. No dia seguinte iria ao Xique-Xique reatar suas relações com João Felipe, confessando-se culpado e prometendo regenerar-se.

Após essas reflexões, veio-lhe a saudade do torrão natal, onde sua velha mãe, a essa hora, estaria talvez rezando e orando a Deus para que ele fosse feliz. Lembrou-se do seu labor de tropeiro, vida mais laboriosa, porém livre das vertigens de elevações repentinas. Por associação de idéias passou-lhe pela memória a cena da Lagoa Seca. E sentiu remorsos de ter ofendido, posto que em estado de embriaguez, a uma pessoa a quem beneficiaria em dia de aflição, estendendo a ofensa a outra que nunca lhe ofendera de intenção. Lembrava-se bem que a Supi o obrigara a escrever um bilhete injurioso em resposta a uma carta delicada. Agora, por seu procedimento ingrato, Supi demonstrava que era ela a messalina desbriada, e não Dusá.

Já era noite alta. O mineiro sentou-se na cama, remordido com a prática de tão feia ação. Acendeu um cigarro, depois levantou-se e vestiu-se, no intento de mandar Felipe fazer café. O camarada que estava dormindo na sala, tossiu.

Nesse momento ladrou fora o cão de guarda para o rumo do Xique-Xique. O coração do mineiro palpitou como se pressentisse a iminência de uma desgraça. Os

ladridos repetiam-se com insistência, mas o animal recuava como se procurasse defender a porta.

Um estrupido surdo, pouco distante, indicou a aproximação dum grupo de gente a pé. Não tendo razões para esperar uma visita de amigos àquela hora, o mineiro foi à sala falar, em voz baixa, a Felipe.

Este, que tivera desconfianças também, já estava de pé, nu da cintura acima, camisa na capanga e armado de facão, punhal, garrucha e clavinote, e capanga de munição a tiracolo. Desde muitos dias um vizinho lhe fizera entender por meias palavras um segredo, que Ricardo seria preso em breve. Comunicou o aviso ao patrão, mas este não deu crédito, ao passo que o camarada, a cada dia se prevenia mais, principalmente sabendo que tais prisões, no mato, se transformavam, quase sempre, em assassinatos frios sob a capa da lei.

O grupo tinha parado perto, e um murmúrio de vozes abafadas demonstrava hesitação ou consultas recíprocas. O cão ladrava sempre, compassadamente, porém cessado o murmúrio, fazia-o para a frente e para o fundo. Era evidente que o grupo se dividira e não restavam mais dúvidas de ser uma diligência policial contra o mineiro.

Não há homem, principalmente ignorante de matérias jurídicas, que se não apavore ante a lembrança de ser preso, diante do aspecto hediondo da cadeia, além da vergonha pela qual, acorrentado, passa um homem brioso.

Ricardo estremeceu, rufando os dentes. Felipe era um cabra de coragem individual e calma. São os mais dedicados e generosos. Teve pena do patrão, e disse baixinho:

— Esconda-se lá dentro, meu amo. Deixe estar que eu recebo essa gente e agüentarei o tempo que vier.

Ricardo sabia que o sertanejo não bazofiava. Era corajoso, tinha prática de brigar, e era perfeito esgrimidor de terçado, punhal e manguara. Por isso mesmo, o sangue lhe subiu às faces. Voltava-lhe a reação do espírito, contra a momentânea fraqueza da carne, e ele afirmou:

— Isso nunca!

— Mas não se bote a perder. Eu já estou costumado...

No mesmo instante bateram na porta da frente e na do fundo, enquanto uma voz cavernosa intimava:

— Em nome da lei, abra a porta, seu Ricardo. Entregue-se à prisão!

Felipe inquiriu:

— Quem é? Meu amo viajou.

— Viajou o quê, senhor! pois se nós sabemos que ele está aí dentro, como é?... Abra a porta e entregue-se como home! É o inspetor que está aqui e os apenado. Abra em nome da lei, e não faça opção.

O cão acuava agoniadamente, mas não mordia, porque não tinha ordem.

O mineiro, impulsivo como era, não se conteve, e revidou:

— Não sou criminoso! Não abro que não quero, porque a lei me garante para não abrir minha porta de noite e à força!

— Deixe-se de conversa, já disse! Sou inspetor juramentado com honra de subdelegado, e a lei aqui é o que eu quiser. E não m'afervente o sangue, porque se não abrir por bem, abre por mal. Mando tocar fogo na casa e está como é a história.

Ouviu-se um mussitar dentro da casa. Felipe dizia a Ricardo:

— Me deixe “divertir” com os da frente um instante. Quando o tempo estiver duro, os do fundo “foge” ou vão acudir, e meu amo corre e me dá um assobio pra eu também correr serra acima.

— Está direito, disse o mineiro, dirigindo-se ao fundo.

Mas a presteza da resposta, em desacordo com os seus sentimentos verdadeiros, indicara intuito diverso.

Em verdade, estimulado pelo exemplo do camarada, Ricardo tomou a resolução de resistir e vender caro a vida, porque compreendia que, sendo a diligência guiada por inimigos, entregar-se era morrer, e fugir era apanhar uma descarga pelas costas e morrer sempre, tolamente, como um covarde. Além dessas considerações, estava em sua dignidade não abandonar seu camarada, e único amigo, como não abandonaria o Amigo, o seu cão fiel, que se mantinha em distância, ladrando, à espera de ordem do senhor para agredir.

— Si não abre, derruba-se, insistia o inspetor na porta da frente.

— Ora! espera aí, que essa porta não agüenta um coice meu, disse um apenado; e juntando à palavra a ação, “soltou” o pé na porta, que tombou fragorosamente.

Felipe tinha tomado posição convenientemente, com o clavinote engatilhado.

Supondo os sitiantes que os dois sitiados não resistiriam, e tomando agora o silêncio da casa como covardia, precipitaram-se para a porta em grupo cerrado. Era o que Felipe esperava, e descarregou o clavinote.

O grupo rareou; ouviu-se um ai! e um baque no chão; mas, imediatamente, o clarão de uma descarga alumiu a sala, enquanto voavam estilhaços de móveis, e caíam torrões da parede do fundo da sala, fronteira à porta, e soava a vozeria selvagem dos apenados.

— Morreu, cabra! gritavam alguns.

De fato quem estava na sala parecia ter morrido ou corrido pelo fundo. E o grupo arrojou-se de novo para vingar a morte do inspetor que estrebuchava encostado à parede do lado de fora, mas dois tiros, à queima-roupa, demonstraram-lhes que na casa havia gente viva. O grupo recuou, e alguns gritaram que estavam feridos. É que Felipe, após descarregar o clavinote, engatilhou a garrucha de dois canos e encostou-se à parede junto à porta. Houve pequena pausa, e o camarada pensou que não devia dar tempo ao resto dos sitiantes de preparar as armas de fogo, e saltando inopinadamente no terreiro, com o facão desembainhado e a garrucha na mão esquerda gritou:

— Vamos ver, rapaziada! Agora é a frio!

Só os primeiros golpes empregaram, porque Felipe sentiu peso no facão afiado. O grupo dispersou, ganhando certa distância, enquanto os feridos gritavam aos do fundo da casa:

— Acode cá, gente!

Mas os apenados do fundo, gente intimada e obrigada a servir, foi firme no posto, até ver se o criminoso se entregaria por bem; desde que perceberam a resistência, escafederam-se imediatamente ladeira acima, e era a quem mais corria.

Entretanto havia na força do governo gente de sangue nos olhos. Recobrados da surpresa, quatro ferros cruzaram-se com o de Felipe, numa rapidez que só lhe dava tempo de cobrir-se, em defensiva, apadrinhando-se com a parede da casa.

— Entrega, negro! bradavam a um tempo os apenados.

— Entrega, si não “morre”! insistiam, em cutiladas perdidas.

Intervalando-se com o jogo do facão e os golpes no cano da pistola, Felipe respondia:

— Isso... não é... bem certo... não!

— Já é fraqueza! Tantos contra um! – trovejou uma voz indignada, atrás do grupo, e, como um raio relampagueou sobre a cabeça dos sitiados o que os esgrimidores sertanejos chamam com muita propriedade – um facão doido.

Era Ricardo que, ouvindo o tinir de ferros, no terreiro da frente, abriu a porta do fundo, e, rodeando a casa, dava sobre a retaguarda do grupo.

Não podendo servir-se da garrucha de dois canos, pois que, atirando, poderia ofender Felipe, servia-se do facão.

— Bravo, meu amigo! gritou Felipe, sentindo-se aliviado na defensiva, porque dois voltaram-se contra o mineiro.

— Entrega, negro! bradavam os dois apenados.

— Ora! ora! ora! com dois é até “vê”! respondeu-lhes Felipe, já agredindo, porque era melhor esgrimidor do que eles.

— Entrega como homem! intimavam os outros, reconhecendo Ricardo, que saltou para trás, o que deu lugar a ser acometido pelas costas.

Sentindo-se ferido aos primeiros golpes, por causa de sua mesma imprudência, lutando em meio do terreiro, o mineiro soltou um assobio agudo. Invocava o socorro de Amigo. Este, tendo ido levar ou impor alguns fugitivos da força, voltava a trote, arquejando de cansado; mas ao ouvir o assobio do senhor, sacudiu as orelhas e disparou ladeira abaixo. Em poucos instantes, um dos apenados, que lutavam com Ricardo, era violentamente arrastado pela perna. Conseguindo levantar-se com presteza, “correu” o facão no animal com gana de o traspasar. Ignorava, porém, que o cão era amestrado no jogo de arma branca e cacete, e foi incontinentemente desarmado, porque Amigo desviou-se do furo, saltando para um lado, e aferrou o braço do facão. Sentindo cair a arma, o animal soltou o braço e firmando-se nas patas traseiras, aferrou a garganta do apenado, que soltou um grito de estrangulado e tombou. Neste momento Felipe desarmara, com um

golpe no punho, um de seus contendores e o outro, ouvindo o grito do companheiro, e o grosso rosar, que dava à luta um aspecto de briga de cães, saltou para trás e correu. Felipe resfolegou um momento, passando a mão pela testa ensangüentada.

— Amigo, aqui! gritou o mineiro subjugado pelo contendor, que procurava desarmá-lo, oprimindo-o com o joelho nos peitos.

Felipe quis correr em socorro, mas faltou-lhe a terra aos pés e caiu tonto. Ao ouvir o grito do senhor, corre Amigo em socorro, deixando a sua presa estrangulada.

— Traz as cordas, gente, que o homem está morrendo! gritou o apenado, supondo que lhe restava algum companheiro.

Não sabendo “jogar” facão, e tendo de lutar com dois, Ricardo defendia-se saltando para trás. Depois de ferido na espádua e no braço esquerdo, o que o fez deixar cair a pistola, perdeu o equilíbrio ao pisar numa pedra mais alta e caiu de costas.

— Chega, gente! que o homem...

Não pôde dizer mais. Sem ganir, nem rosar, Amigo dera uma peitada no apenado, derribando-o para um lado. O homem quis reagir, porém sentiu-se logo na garganta as presas do cão possante que lhe sacudia a cabeça com violência.

Livre do apenado apanhou a arma, e vendo-o agora debater-se aferrado pelo cão, Ricardo correu em socorro do valente camarada. Encontrou-o já sentado no chão, rasgando em pedaços a própria camisa para estancar o sangue que ainda corria de golpes da cabeça e das coxas.

— É você, Felipe? perguntou.

— Sou eu mesmo, patrão!

— Está ferido?

— Ora, si! o tempo foi duro deveras! Os meninos me deram pó!

— E você não pode andar?

— Espere aí, deixe acabar de amarrar aqui. E vosmecê também está ferido?

— Estou; mas é preciso deixar a casa, porque alguns demônios podem voltar e eu não agüento mais, nem você.

— Eu estou é morto de sede. Acho que bebendo água, inda agüento varar um diabo no facão.

Ricardo entrou na casa, apenas alumiada pela claridade fraca das estrelas e trouxe o pote d'água e copo do seu quarto de dormir. Deu a beber ao camarada e bebeu também, banhando depois a cabeça de Felipe.

Chegou Amigo lambendo o focinho, “fazendo festa” a ambos.

— Está quem fez o serviço deveras, disse o camarada.

— Você... e ele, que me livrou duas vezes, acrescentou Ricardo. Eu acho que ele acabou de sangrar outro.

— Esse cachorro é o diabo! Tem força de leão!

O cão deitara-se junto à pedra em que Ricardo estava sentado.

— Agora deixe ver, disse Felipe levantando-se. Ora! Não foi muita coisa!
— Eu estou com um braço me adormecendo, afirmou Ricardo, mas é preciso deixar este lugar já, antes que aponte a barra do dia.

Amigo levantou a cabeça, farejou para o lado do Xique-Xique e rosou.

— Está vendo? Vamos pelo fundo, serra acima.

E seguiu, acompanhado pelo camarada e Amigo, devagar, por um trilho que ia dar no alto da serra.

Em certa distância, Ricardo parou e disse:

— Só sinto ter ficado minha garrucha! Podia mandar Amigo buscá-la, mas pode chegar alguém e ver o rumo que ele toma.

— Só mandando, opinou Felipe.

Ricardo sentou-se, chamou o cachorro em voz baixa. O animal veio contente. O mineiro tomou a garrucha de Felipe, mostrou-a ao cão, esfregou-lhe as orelhas e ordenou:

— Vai buscar o perdido!

O cão partiu correndo. Os dois continuaram o caminho. Em poucos minutos Amigo os alcançava, trotando com a pistola atravessada na boca, como se fosse um osso.

Ricardo acariciou-o com entranhada afeição.

Se tivesse demorado mais, o cão seria visto. Ao tempo que entregava a arma, alguns vultos se aproximavam cautelosamente do terreiro, onde alguém gemia de espaço a espaço.

Eis o que sucedera, ocasionando a vinda dessas pessoas:

Quando o imprudente apenas derribou a porta, o inspetor José Calisto passou para a retaguarda do grupo, que avançou, e um apenas que estava vestido de roupa da mesma cor, foi o que recebeu no peito toda a munição do clavinote de Felipe. José Calisto correu até à sua casa e outros o imitaram, tomando rumos diversos. Ao chegar em casa, José Calisto encontrou sua mulher chorando, porque ouvira os tiros, entrou esbaforido, afirmando convictamente:

— Estou ferido; estou mesmo todo baleado! Que desgraça!

A mulher aproximou-se, solícita e chorosa:

— Meu Deus! Onde pegou a bala, seu José?

— Sei lá, mulher! Sei que estou “chumbado” e ensangüentado!

A mulher alumiou cuidadosamente, sem ver sinal de sangue, e convencida de que nenhum chumbo ou ferro furara os intestinos do marido, ela fez:

— Fum!... Seu José? Você veio chumbar a gente! Se isso... fosse sangue deveras... então você estava morto mesmo! Fum! Fum! Vá se lavar e mudar a roupa, antes que chegue gente, homem dos meus pecados!

— Cala a boca, mulher! que a coisa está feia lá!

— Sim; mas vá se lavar. Quem não pode com o tempo não inventa moda. Si você não tem “coragem”, pra que aceita esses “emprego” de prender criminoso?

O José Calisto foi ao riachinho, levando roupa limpa, e minutos depois voltava limpo, mas tremendo de frio e medo. Neste estado procurou o fogo da cozinha. Dentro de meia hora bateram na porta, gritando:

— Seu Zé Calisto! Seu Zé Calisto!

A mulher abriu a porta, mas recuou aterrada:

— Seu José! venha ver o que é sangue! “Mané Paulista” está todo lavado de sangue!

O apenado entrou, pedindo algum remédio e panos.

— Depressa, que está me escurecendo a vista!

O inspetor acudiu:

— Que é isso “Mané”?!

— O Sr. deixa a gente só e ainda pergunta, seu Zé Calisto?! O que sei é que matei o negro! De longe eu vi cair, e João Mandinga gritou que o “home” estava morrendo e eu corri.

— Valha-me Nossa Senhora! exclamou o inspetor. Estou perdido! Meu amo, sô coronel Rocha mandou dizer pra o Xique-Xique que prendesse o “home” com jeito! Que é que eu faço agora?!

— Não sei; eu também estou muito ofendido! dizia o apenado.

A mulher tinha colhido no quintal folhas de algodoeiro e de capim-açu, e pisava-as no almofariz.

O inspetor tirava fios de uma ceroula velha. Veio a mulher, examinou os ferimentos. Não pareciam graves. Espremeu sumo, assentou fios. O homem pediu água para beber.

Bateram outra vez na porta. Eram os apenados da porta do fundo, que andaram extraviados por manha, e vinham chegando, escabriados, tristes. O inspetor chamou-os de parte, dizendo:

— Pois não mataram o homem e o camarada?

— Ahn! Nós bem “sabia” disso e por isso corremos pra não comprometer a vosmecê. Depois nós somos desconhecido, nem ao menos conhecemos os companheiro, como podia brigar sem saber?”

— É isso mesmo, vocês “procedeu” com juízo, dizia o inspetor levando os apenados para mais longe da porta. Agora, eu quero um serviço de vocês, mas ninguém há de saber, porque é pra bem de nós todos. Antes de amanhecer é preciso fazer desaparecer os cadáveres dos defuntos. E eu boto na minha parte de

inspetor pra o juiz que o homem fugiu e o camarada. Tem atrás da casa uma boca de gruna.

— Tá bom, isso nós faremos, responderam os quatro apenados, e seguiram para o lugar do conflito.

Eram os vultos que se aproximavam cautelosos e foram pressentidos pelo cão.

Ao chegarem no terreiro, viram logo dois cadáveres. Os cabelos de cada um se arrepiaram. Ouviram mais abaixo alguém em estertor. Quiseram correr, porém um mais animoso impediu a fuga. Acudiram ao agonizante. Não o conheciam e embalançaram-lhe o corpo chamando-o irmão.

O moribundo abriu os olhos e disse apenas:

— O cachorro... me matou!

— Pois lembra o nome de Jesus, exaltou o corajoso.

O homem expirou.

— Agora vamos vê a gruna primeiro, disse outro.

Atrás da casa encontraram, a pequena distância, o que procuravam. Atiraram uma pedra. Era funda a gruna. Carregaram os cadáveres, um a um, e do modo mais bárbaro atiraram-nos ao fundo do precipício.

Depois desse trabalho, fugiram à longa-perna, enquanto o da frente afirmava:

— Nos Lançó ninguém nos pega!

CAPÍTULO XXIV

Três dias depois da sinistra diligência policial ao Coisa Boa, corriam no Xique-Xique e na Passagem, os mais desconhecidos boatos.

O próprio subdelegado do distrito ignorava oficialmente quanto ocorrera.

Quem lhe podia melhor informar era o inspetor José Calisto; esse, porém, tinha desaparecido no dia imediato ao conflito. Nesse dia, o pobre homem escrevia a sua parte oficial, tão cheia de inverdades, quanto recheada de erros ortográficos, quando o aparecimento do último ferido veio restabelecer a verdade, lançando-o num estado de irresolução, do qual aliás saiu logo, graças aos gritos de vingança dos parentes, preparando-se para cobrar na pele do José Calisto a falta dos três apenados mortos.

Mas para o povo da Passagem, não foram vitimadas somente pessoas da diligência. A multidão de urubus, pairando no alto da serra do Coisa Boa, durante dias, faziam crer no boato insistente, segundo o qual morreram, depois do conflito, o mineiro, o camarada e o cão formidável, em conseqüência dos graves ferimentos recebidos na luta; e coisa singular, mas não admirável, a maior parte das pessoas cientes do fato, manifestava mais dó pela morte do cão valente e fiel, que estrangulara dois apenados, defendendo o senhor, do que pelas vítimas, e pelo próprio dono e camarada.

Entretanto, no seio dessa população indiferente ao infortúnio alheio, havia alguém que lastimava, em secreto, a sorte infeliz de Ricardo Brandão. Desde que

soou a primeira notícia, Maria Dusá percebeu que a sua simpatia pelo mineiro era mais poderosa do que seu ódio, originado mais de certo ciúme do que de definida malquerença. Sempre que saía do quarto, estava com os olhos vermelhos. Durante esses dias, alimentava-se de café. Os escravos atribuíam esse estado ao prejuízo da senhora, como credora do mineiro, e justificavam menos a quase indiferença de Mariazinha que nem sequer rezara um padre-nosso pela alma de Ricardo. Apenas alguns julgavam-na desobrigada, como ela se julgava também, em virtude da injúria que ele lhe infligira, e, só atendendo ao desenvolvimento de sua mania de luxo e riqueza, cuidava no feitio de vestidos novos, com que Dusá a mimoseara.

Houve uma hora em que Dusá se aproximou da mesa de costuras, e perguntou à sua protegida, em tom de censura:

— Minha Santa, não lhe dói o coração pela morte do moço, não? Você não tem dó, não?

— Eu, não! Pra que hei de mentir? Tive um bocadinho de pena só no princípio. Depois me lembrei da injúria que ele me fez... e depois, favor alegado, favor resgatado.

— E pra que conserva essa medalha?

— Ora! por enfeite! respondeu Maria.

— Você quer outra mais bonita por ela? perguntou Dusá.

Mariazinha levantou a vista da costura, olhou sua protetora com um sorriso inocente e respondeu, corando:

— Não precisa outra, minha Santa. Já lhe devo tanto, que, mais cara que ela fosse eu dava. Aqui está, acrescentou, tirando pela cabeça o laço de veludo com a medalha.

Dusá recebeu a lembrança do mineiro, dizendo:

— Agora todo o mundo ficará sabendo que ele comprou foi a mim, e você, minha Santa, fica livre das más línguas, não é?

—Pra que isso? perguntou Maria, com uma inocência vizinha da idiotice.

Dusá foi ao seu guarda-jóias, trouxe uma medalha com pequeno brilhante cravado, e entregando-a, já presa ao veludo da outra, disse:

— Agora, tome esta, para você se lembrar somente de mim.

— Ah! esta sim, que é bonita e rica! disse a moça, contente e amarrando ao pescoço o veludo com a medalha. Quem tem muito, não faz caso de nada! Esta sim! toda a vida eu guardarei como lembrança de minha Santa!

Dusá voltou ao seu quarto, pensando:

— Ou tem coração duro, ou é tola demais, coitadinha!

Tirou de uma bauzinho de folha-de-flandres envernizado, uma fita estreita de veludo preto, enfiou-a na argolinha da medalha, e dando um lacinho de gravata, com as pontas da fita passada ao pescoço, reconstruía, mentalmente, as belas feições do inditoso mineiro, dominado pelo amor e paixão ao entregar aquela lembrança a

uma irmã. Mais viva ainda, acordava-lhe a lembrança do primeiro e único encontro que ela, Dusá, tivera com ele, e a funda impressão de simpatia que sentira, principalmente quando ele lhe perguntou por aquela medalha. Ah! se fosse possível encontrá-lo agora, com a lembrança assim à vista!

Nisto, terminava o laço e, voltando-se para a nuca, puxava para a frente a medalha, de modo a ficar entre os seios cor de jambo.

Isso feito, ajoelhou-se ante o oratório, apoiando a testa sobre as mãos cruzadas à borda da banca, sobre a qual estava o nicho.

Não chorava, não gemia; porém rezava contrita e dominada pelo dó e afeição de que são capazes somente as almas boas e experientes.

Por mais paradoxal que pareça, não há ente mais respeitável do que a mundana moça e bela, que ama santamente e ora, sem esperança, pelo objeto do seu amor infeliz.

Não se diz que o seu amor ou a sua dor se superiorize ao amor e ao dó da esposa virtuosa, que chora a perda irreparável do esposo amado, porém se diz que os desta são iguais aos daquela notando-se apenas que, enquanto os excessos da afeição e da dor conjugal podem ter por base o hábito de convivência, possibilitando, às vezes, o lenitivo de um segundo consórcio, os da mundana se sobredoiram com a intensidade e a abnegação, pelo conhecimento que tem do mundo e das coisas que despreza.

No evangelho cristão, onde a lei divina tem por base o amor, é o pranto de Madalena que orvalha o tronco da árvore redentora, como se o Divino Mártir predeterminasse, por este símbolo que a santidade dum afeição ou dum dor só se afere pela pureza consciente de sua origem toda espiritual.

E Maria continuava a orar, e a sua dor, era santa, porque agora lhe parecia amar em espírito.

Bem pouco sabe do coração humano, quem nunca um dia se ajoelhou sozinho.

Há nessa atitude humilde, não sei que magnética influência no mecanismo fisiológico, que o espírito se eleva, quando o indivíduo voluntariamente se prosterna sobre os joelhos.

Qualifiquem de auto-sugestão esse exaltamento por força de princípios doutrinários; mas, enquanto o altruísmo ou a caridade for a base da moral humana mais perfeita, não poderão jamais empanar o caráter de nobreza dessa momentânea alienação do eu material.

Continuando a orar, Maria supunha-se em estado de viuvez eterna. A medalha, que trazia ao colo “fora” um presente de núpcias.

Alguém caminhando de manso na sala, despertou-a desse sonho.

Era Rita, que ao observar a senhora orando, disse, intencionalmente, em voz baixa e pondo-se de joelhos, à porta do quarto:

— Eu também tenho rezado pela alma dele essas noites; porém não faz mal rezar outra vez!

Depois de algum tempo, Maria levantou-se. A escrava persignou-se, levantando também.

— Sinhá, disse a governanta, eu mesma fiz um caldo de frango...

— Sim, eu vou tomar, atalhou Maria, e mudando de tom perguntou: — Tu tens pena dele, Rita?

— Ou, Sinhá! Porque não “há” de ter pena dum cristão comido de urubu?! Eu nem gosto de pensar. Também sou mãe! e como não ficará o coração dessa mãe, quando souber da sorte triste desse filho!

Maria levou o lenço aos olhos.

— Assim mesmo, estão também dizendo na rua que ele foi jogado, ainda quente, Sinhá, num “buraco” muito fundo, atrás da casa! Mas isso não é certo. O certo eu acho que é o que se encontrou em cima da serra!

Maria sentou-se na cama, e com um sorriso dolorido, murmurou:

— Então, Rita?! Desta vez Maravilha se enganou, hein? Esperei, sofri, tive prejuízo, que eu não sinto...

— Ah! Sinhá! Mas quem podia pensar uma coisa assim? Sinhá acha outro...

— Comigo não é assim, não, Rita. Isso de simpatia, não está na vontade! Além disso me parece que meu espírito era casado com o dele, e que agora estou viúva, e viúva morrerei.

—Uai! não fala em morrer, não Sinhá!

Mariazinha, na sala de dentro, começou a cantar um trecho de moda.

— Esta, Sinhá, aquela sim, esquece como o vento que passa!

— É tola coitadinha! Não conhece a vida e o mundo! – observou Maria.

— Tola, Sinhá! tola, Sinhá! Hum! Pois então, faz poucos dias que morreu o pobre que “socorreu ela”, nem lembra! Deixou pai e mãe, nem fala! Disse que esse moço matou a fome dela; quis bem a ela; morre duma desgraça assim, tá cantando! A moça tem a vista alegre demais! Só fala em “luxar” seja como for. Sinhá há de ver! Ela lhe dá um desgosto! – concluiu a escrava convictamente.

— Mas eu terei sempre pena dela, coitada! revidou Maria.

— É porque Sinhá tem um coração bom! respondeu a escrava.

— É porque ela é dos lados da minha terra. Nasceu e criou-se perto do lugar onde eu nasci e me criei e é uma desamparada.

A escrava baixou a cabeça como a se recordar dalguma coisa, depois levantou-se com presteza, dizendo:

— Sim! estava esquecendo de dizer à Sinhá uma notícia que eu não sei se é certa. Francisco veio da rua inda agora, dizendo que sô Antônio levou uma queda no garimpo, que está muito doente!

— Quem disse a Francisco? perguntou Maria assustada.

— Ele “viu” falar que o Sr. Manuel Pedro veio na botica e comprou arnica e “balso”.

— Quando veio Manuel Pedro?

— Acho que foi ontém, Sinhá!

— Qual! Se sô Antônio estivesse doente assim, mandava-me dizer. Pode ter levado alguma queda, mas não está tão doente, afirmou Maria, tranquilizando-se.

— Agora, Sinhá, o caldo? Já é de tarde!

— Vá buscar e deixe sobre a mesa de jantar. Vou já.

A escrava saiu.

Maria dirigiu-se ao toucador e por um sentimento de faceirice, peculiar ao organismo feminino, ficou a olhar para o espelho a fim de verificar se a medalha e a fita ficavam bem. Após alguns instantes, saindo do quarto e tendo levado aos lábios a medalha, disse baixinho:

— Coitado! Não sabia onde ela devia parar!

CAPÍTULO XXV

Menos áspero seria o caminho da virtude, se, além dos combates aos nossos maus pendores, não se tornasse preciso combater alheias resistências, de modo vário opostas, obrigando-nos a delinqüir para evitar delitos maiores.

Desde Xique-Xique começara a luta de Dusá. Já não eram os detratores gratuitos, os inimigos que ela temia. Eram os seus adoradores, velhos e novos, que lhe constituíam sério obstáculo.

A mudança de lugar não bastou. Adotou hábitos modestos; vestia-se com simplicidade; raras vezes era vista; ainda era pouco.

Apelou para a mentira. Fingiu-se doente de mal incurável; estabeleceu o costume de se fechar cedo, às primeiras horas da noite; então descansou; porém, durante o dia, tinha de ouvir, de lenço atado à cabeça, as declarações dos resignados e esperançados.

Depois da notícia da morte do mineiro, nem essas quis mais ouvir, porque conservava a porta fechada, dia e noite.

Os escravos transitavam pelo portão. Ao prejuízo das letras, pagas ao Bebê e ao Vítor, atribuíam os bisbilhoteiros o nojo.

Ao terceiro dia, dormiu cedo, resignada com aquisição da medalha, que considerava já como um amuleto contra tentações carnavais.

Com ela ao pescoço, supunha-se obrigada a respeitar a sombra de um morto, principalmente com a tenção que fizera de se mudar para o sertão alto.

Cerca de nove horas da noite, Rita entrou na alcova e chamou em voz baixa:

— Sinhá! Sinhá!

Maria acordou assustada, perguntando:

— Que é, Rita?

— “Fala” baixo, Sinhá! Sô Antônio está aí no quintal. Ele disse que quer falar com Sinhá sozinha! – respondeu a escrava, espevitando a lamparina.

— Oxente! pra que esse mistério? Ele não estava doente? Que hora é esta? perguntava Dusá sem dar tempo a responder.

— É cedo, Sinhá. O relógio deu nove. Aqui em casa, só Mariazinha é que tá dormindo agora. Sr. Antônio está com a cabeça amarrada, e todo enrolado em baeta, que parece negro fugido.

— Isso é diamante grosso que achou, observou Dusá.

— Não sei, Sinhá; mas ele tá alegre.

— Mande-o entrar para a sala de jantar, que eu já vou.

A escrava saiu.

Dusá “arranjou” o cabelo às pressas, abotoou uma batina escura, e dirigiu-se para a sala de jantar; onde encontrou Antônio Roxo.

— Boas noites, D. Emerentina! saudou ele em voz baixa.

— Boa noite! respondeu ela, perguntando logo: Ainda está doente? que novidade é essa?

O garimpeiro riu, e disse:

— Eu nunca estive doente. É uma mentira de precisão pra poder mandar comprar na botica, porque apareceu lá no rancho uma complicação...

— Complicação?! interrogou Maria, tornando-se pálida.

— Quero dizer, uma gente complicada, que está muito doente...

— Já sei! bem o coração me dizia e eu não acreditava! É o moço...

— Fale baixo, dona! É ele mesmo e o camarada.

— Está muito ferido, ele? Escapar? perguntou Maria com aflição.

— Está muito ferido, mas pode escapar. E o camarada também perdeu muito sangue, dos talhos que levou, mas está mais forte.

— Estão no seu rancho? Como foram esbarrar lá sô Antônio? Diga! Como se salvaram, meu Deus?

— Salvos, não estavam, não, que a justiça, quando persegue, não faz graça. Por isso, é que preciso muito segredo, pra o moço ficar livre, se escapar com vida; senão vosmecê perde o cobre.

— Não me lembro disso. Mas estão no rancho?

— O moço não quis ficar no rancho, porque pensou que o garimpeiro é de vosmecê, e foi bom...

— Oh! ainda ele me odeia? interrompeu Dusá, mais pálida ainda.

— Não, senhora. Ao contrário, diz que tem vergonha do que fez, principalmente pelo que escreveu, já meio “chumbado” e por conselho da sujeita que estava em casa dele. O moço tem “opinião” e é “sentido”, Dona. Pelas conversas, ele está mais arrependido de ter ofendido a vosmecê do que à outra, que ele diz ser falsa.

— Falsa? inquiriu Dusá, sem ocultar seu pasmo.

— Falsa, porque ele diz que nunca a viu, e sim a Vmcê.

— Talvez ele tenha razão, coitado, noutro sentido, porque minha Santa não quer mais saber dele. Mas continua enganado, porque a mim é que ele nunca viu. Que engano aborrecido! concluiu Dusá, tornando-se pensativa.

— Mas deixe-me contar de princípio. Na madrugada da véspera de S. João, em que eu fiz o tal sujeito apanhar o caminho dos Lençóis...

— O Alfaiate foi pra os Lençóis? interrogou Dusá.

— Foi, sim, senhora. Eu segui para o garimpo a fim de desenganar do canoão, onde estava aparecendo visagem. Hora de almoço, nesse dia, estava Manuel Pedro arrebetando um “costelão”, para ver se achava cascalho debaixo, quando eu vi apontar um homem armado, com a roupa suja de sangue, e depois outro, nas mesmas condições, e um cachorro. Fiquei logo de pulga na orelha. Quando chegaram perto, foi que eu conheci o mineiro.

— Que é isso, sô Ricardo? perguntei.

— “Trabalho dos homens, respondeu ele; quiseram me prender e eu resisti, porque sabia que era homem morto se me entregasse. Mas devo a vida abaixo de Deus a este amigo” e apontou o camarada Felipe, que veio com ele de Minas.

“Mas quem fez maior estrago, continuou ele, livrando nós dois da morte certa, foi este cão, que sangrou dois sujeitos. Viemos subindo a serra, devagar, porque temos deitado muito sangue. Vamos por aqui procurando um lugar onde a gente possa, ao menos, morrer descansado”.

— Isso não, disse eu. Os senhores podem ficar aqui, porque o rancho é de pobre, mas é de gente que não trai.

— “Muito obrigado, respondeu o mineiro; mas aqui é o garimpo de uma pessoa que tem toda a razão de não gostar de mim. Além disso não devemos procurar complicação para os outros”.

— Pois ainda assim, disse eu, os senhores não hão de morrer à míngua. Eu vou ensinar uma gruna aqui perto, e onde ninguém vai. Pode confiar, sô Ricardo.

— “Eu já lhe conhecia de nome, antes de nos conhecer em casa de Bebê, sô Antônio, respondeu ele. E me entrego em suas mãos”.

— Essa franqueza do homem me cativou, Dona Emerentina. Mandei logo Manuel aqui buscar arnica e bálsamo, e que ele dissesse que era pra mim. Conduzi os feridos pra gruna, atrás da lapa onde estou, mas do outro lado da serra. E nesses três dias é que nós temos conversado o que eu já disse, nas horas da comida e tratamento. Mas agora eu vim pedir recurso de roupa de cama, porque o homem já apareceu com uma febrezinha, que tem me dado pó...

— Não só a roupa de cama, como o que for preciso, conte comigo, atalhou Dusá. Somente não quero que ele saiba disso, nem do negócio das letras.

— Não saberá por mim, asseverou o garimpeiro. Agora mande Vmcê. preparar e enrolar a roupa, que eu vou falar com a velha Mafalda, minha vizinha, e em quem tenho muita confiança, pra ir tratar do moço, lá na gruna.

— Muito bem, apoiou Dusá. Neste caso mande que ela vá junto com Joaquim. Você volta e continua doente. Todos os dias Joaquim irá pedir notícias suas, já sabe.

O garimpeiro despediu-se e saiu pelo portão, depois de verificar que a rua estava deserta.

Rita veio logo à Maria:

— Sinhá, eu acho que Mariazinha ouviu tudo!

— Não disseste que ela estava dormindo? inquiriu Dusá, apreensiva. Vai ver se ela está acordada.

— Vou; porém Sinhá olhe pra o telhado. Se aparecer minha sombra, foi a sombra dela que eu vi andando.

A velha entrou devagarinho no aposento da moça. Esta ressonava, toda coberta. Ao voltar, Dusá perguntou:

— E tu viste mesmo sombra no telhado?

— Vi, Sinhá.

— Entra agora no meu.

A escrava foi até à cama de Dusá. E, como fizera no outro aposento, esquadrinhou todos os cantos.

Maria olhava para o telhado. Quando Rita voltou, ela inquiriu:

— Até onde veio a sombra que tu viste?

— Até ali, Sinhá, até ali! afirmava a velha, apontando convictamente um ponto do telhado.

— Então, foi ela! concluiu Dusá, franzindo os supercílios. Mas que interesse tem ela em escutar ou ver o que se passa comigo?

— Não sei, Sinhá. O que sei é que essa criatura dá um desgosto aqui em casa. Eu não sou enredeira; mas se “sai” alguma coisa da conversa, Sinhá pensa que é nós, e que castigamos sem razão”. Assim, fica sabendo.

— Não haveria engano de tua vista, não Rita? indagou Maria, querendo se amparar a uma dúvida, porque lhe doía ter de repreender a moça.

—Eu não me enganei, Sinhá! E tanto que a sombra batia com a mão fechada, como quem esmurra, quando sô Antônio falou que o moço não se importava de ter ofendido ela.

Maria corou e empalideceu, sem dizer palavra, meditando.

Depois lembrou-se da andaina de cama e disse baixinho:

— Mete num saco o colchãozinho, que eu vou tirar cobertas, lençóis e fronhas pra dois travesseirinhos.

A governanta entrou no quarto em que dormia, e Dusá dirigiu-se para o seu, onde abriu uma arca, e daí tirou, escolhendo, as peças de que precisava.

Em sua vida, apesar da impressão que a dominava, jamais sentira emoção tão plácida e ao mesmo tempo indefinível, como nesse momento, em que figurava de irmã de caridade.

Rita veio tomar a roupa e “vestir” os travesseiros.

Alta noite, Antônio Roxo mandou a velha Mafalda bater no portão de Dusá, para chamar Joaquim, e foi esperá-los no caminho.

CAPÍTULO XXVI

Maria Dusá acordou tarde, quase à hora do almoço, porque, somente pela manhã conseguira adormecer, apesar de se ter recolhido ao quarto à meia-noite. Três foram as causas da insônia: incerteza do restabelecimento do mineiro; persistência do engano (porque ela não queria ser amada por semelhança); e a espionagem de sua protegida. Por tudo isso foi doloroso ainda o seu despertar, principalmente sendo, por delicadeza, obrigada a se mostrar amável e alegre com uma criatura a quem oferecera proteção, e que estava de poucos dias em sua casa. Só esse pensamento lhe constituía um martírio. Fingir era coisa contrária a seu gênio. Mostrar-se desconversável, era uma grosseria que lhe repugnava, porque não tinha uma prova decisiva contra a moça. Nesta alternativa, sem querer sair, como de costume, para banhar o rosto, no lavatório da sala, chamou Rita.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Sinhá – saudou a governanta, abreviando a pronúncia como era de uso.

— Pra sempre, respondeu Dusá, ordenando em seguida: traz água aqui, Rita. E ficou passeando no quarto, escovando os dentes com o macio “areador” de salsa, enquanto voltava a escrava.

— Está aqui, Sinhá. Está mornazinha, dizia Rita, apresentando a bacia de rosto, com a toalha no ombro.

— Onde está minha Santa? perguntou ela arregaçando as mangas do vestido.

— Tá cosendo no quarto, Sinhá.

— Ou! exclamou Dusá. Mudou hoje da sala?

— Sei lá? Sinhá? Hoje, nem café ela quis!

— Por quê? Alguém molestou-a? inquiriu Dusá, tornando-se vermelha.

— Ninguém buliu com ela, não. Ela disse que não queria café, enquanto Sinhá não se levantasse. Eu perguntei que é que tinha tomar primeiro. Ela disse que sendo uma “agregada” aqui em casa, não devia tomar primeiro que Sinhá.

— Mau, mau! exclamou Dusá, lavando o rosto apressadamente. — Assim não está direito! Vou já brigar com ela, porque eu quero que viva aqui como uma irmã.

Intimamente Maria estimava encontrar um pretexto para se mostrar expansiva com a sua protegida, de quem, nesse momento sentiu-se mais compadecida do que nunca.

— Espera que eu vou já brigar com ela! repetia Dusá (depois de enxugar o rosto e “passar” o pente no cabelo), ao atravessar o corredor.

— Que é isso, minha Santa? por que não quis tomar café? perguntou ela, entrando no aposento de Mariazinha.

A moça levantou os olhos da costura, encarou Dusá com um triste sorriso de lábios secos, e disse:

— Eu sou como uma agregada sua, minha Santa! Como é que vou tomando jeito de dona da casa?

— Mas você não é agregada aqui, já disse, retorquiou Dusá. Você viverá aqui, como se fosse minha irmã. Assim é que eu quero!

— Não pode ser sempre assim, minha Santa! Aqui está: ainda esta noite, eu acordei com sede, vesti, cheguei até aí na porta, mas ouvi fala de gente estranha, corri e fui me deitar outra vez. Felizmente peguei logo no sono e só acordei de manhã. Eu sabia lá quem era? Eu podia interromper a conversa dos outros?

Um relâmpago de alegria passou pelo espírito de Dusá, vendo justificada a moça por uma confissão espontânea, ingênua e ao mesmo tempo num tom melancólico e resignado, que despertava dó.

Não se conteve. Abraçou a moça com olhos úmidos, dizendo em voz branda:

— Pois fez mal em dormir com sede, sem precisão. Não era gente de mais que estava aí. Era sô Antônio Roxo, que é para mim como um pai, e eu o auxílio também, como se fosse filha dele. Está doente, e veio me pedir recursos. Além disso, você podia chamar Juliana, Rita, ou Sofia para lhe dar água... ou pra outro serviço qualquer, pode chamar a qualquer hora...

Rindo baixinho, com faceirice diabólica, Mariazinha atalhou:

— Eh, eh, eh... meu bem!... Não pode... não!...

Ao ouvir a risada e o ditado de Supi, tão bem reproduzidos, pareceu a Dusá ver um anjo transformado em demônio, e, abrindo os braços que mantinha em volta

da cintura da moça, levou as mãos à cabeça, como se lha tivera, de repente, tocado a asa duma ave agoureira e exclamou:

— Misericórdia! Com quem aprendeu esta risada moça?!

— Eu ouvi no Xique-Xique, respondeu Mariazinha, com a cara mais ingênuo deste mundo.

— Pois não repita essa risada, minha Santa! Não lhe assenta rir assim. Essa risada com esse ditado são duma perdida como eu, porém a criatura mais perversa que o sol cobre, admoestou Dusá.

—E você é perdida, minha Santa? perguntou a moça, piscando, como se o rosto de Dusá fosse um foco de luz viva.

— Para mim, fui; para o mundo ou a sociedade ainda sou uma perdida, e por isso sou infeliz...

— Ai! quem me dera ser infeliz assim! atalhou Mariazinha.

— Meu Deus do Céu! Que modo de pensar é esse, minha Santa? Você hoje não está com o juízo certo, não!

— Muito certo! retorquiu Mariazinha, olhando-a de frente.

— Então você não é mais “moça”? bradou Dusá, num assomo de súbita indignação. Se fosse, queria se casar e não ser...

— Sou “moça”, revidou Mariazinha, com a calma de parteira abalizada; mas enquanto estiver aqui, não me caso!

— Por quê? inquiriu Dusá, apertando as pálpebras, e franzindo os supercílios.

— Porque eu acho você tão bonita, minha Santa! e já lhe quero tanto bem... que chego até... pecar! – respondeu a moça envolvendo Dusá num olhar frio.

Dusá corou até à testa, enquanto a moça, numa palidez histórica, rasgava um retalho da madapolão, nos dentes. A mundana aproximou-se e perguntou com voz abafada:

— Pecar... Como?...

A moça afastou-se, e riu baixinho, como ave nova a ensaiar gorjeios próprios da família:

— Eh, eh, eh, diá! Aí é que está os ah, ah, ah, ah!

Ouvindo, fielmente reproduzida, a risada que lhe dera o nome que ela agora odiava, Dusá levou a mão ao queixo, exclamando:

— Coitadinha! Está ficando doida varrida! e agora, com quem aprendeu essa risada? Porque aqui ninguém ri assim...

— Com a Santa mais bonita que eu já vi, no Xique-Xique. Foi assim: eu tinha chegado com mãe Rosa, aí num dia, e no outro, de noite, houve um pagode na casa da tal Santa, que ria assim. A voz dela, até hoje, não me saiu da memória.

— Sim, objetou Dusá, porém, lembre-se que a tal Santa morreu, ficando mulher que pensa agora doutra forma!

— Qual morreu! exclamou Mariazinha. Maria... dos... às é agora mais bonita do que era!... só essa covinha no queixo, que eu não tenho... essa sobancelha que parece pintura...

— Você está doida, deveras?!... exclamou Dusá vermelha já, outra vez, sentindo perdida sua força moral sobre a protegida.

— Está bem! estou brincando! não se zangue, não, minha Santa! prometo que não falo mais tolices! Me perdoe! Mas, agora é sério: se eu fosse rapaz só me casava com você!

— Eu é que não me casaria com um doido de sua espécie! E deixe-se de asneiras! intimou Dusá.

— Eu lhe prometo que muito em breve minha Santa não me chama doida mais...

— Porém chamo feia, se continuar a me chamar bonita.

— Bonita! insistiu o anjo-demônio.

— O café está na mesa, Sinhá, avisou a governanta, chegando à porta do quarto e retirando-se em seguida.

— Vem tomar café, feia! convidou Dusá.

— Vamos, bonita! respondeu a moça.

Dusá entrou na sala com cara de riso, mas as orelhas pareciam verter sangue.

Exceção feita dos que trazem cilícios, ou lançam cinzas sobre a cabeça, não há ninguém que odeie de coração um elogio, quando sinceramente externado, ainda que por um monstro, em referência a uma qualidade possuída. E se, por alguma conveniência, reprova, só os lábios reprovam.

Como protetora espontânea e desinteressada, Dusá sentia que essa intimidade, ex-abruptamente procurada pela moça, fosse, na vida comum, uma causa de constantes desgostos. Temia que nesse mesmo instante, à mesa, tivesse de ralhar com a moça pela repetição de algum dito inconveniente, à vista das escravas. Entretanto durante essa primeira refeição, que não era simples café, Mariazinha mostrou-se com recato e até apoucamento dos dias anteriores. Apenas contou com a mesma ingenuidade à Rita, dando a entender que já o tinha feito à Dusá, o fato de ter se levantado à noite com sede e de ter adormecido logo, quando viu que não podia sair.

— Pois custava me chamar, Mariazinha? perguntou Rita, lançando à moça e à Sinhá um olhar de dúvida.

— D'agora em diante poderei chamar, porque minha Santa ralhou comigo.

— Ralhei mesmo, afirmou Dusá, continuando a tomar café.

Terminada a refeição, Mariazinha foi para o quarto coser, enquanto a dona da casa se dirigia para a sala de visitas, cujas janelas abriu, conservando as rótulas descidas.

Rita espanejava móveis, pois que a sala fora varrida pela manhã.

— Sinhá acreditou naquela conversa de sede? inquiriu ela.

Dusá encolheu os ombros, e continuou a reunir as pétalas de uma rosa, que tinha começado, em aprendizagem com a protegida.

Juliana chegou na porta e disse que Joaquim queria falar à Sinhá.

Esta ficou alvoroçada e ao mesmo tempo receosa de má notícia, porém ordenou que o escravo viesse à sala.

— Então? melhor ou pior? indagou ela, depois de responder à saudação do escravo.

— O “curador” que tá lá, diz que tá melhor, Sinhá!

— E por que te demoraste assim?

O velho escravo riu-se discretamente, rodando com as mãos, vagarosamente, o chapéu de couro luzidio de unto, e exclamou:

— Ué! foi gosto do moço, que o “curador” disse que não se deve contrariar, senão a febre volta. E Sinhá também teve culpa! Eu vinha de manhã, mas...

— Culpa de quê? perguntou ela intrigada.

— Ué! pois Sinhá mandou roupa tudo com nome, como é?!

De fato, lençóis, fronhas, toalhas, tinham, a linha vermelha, esta marca: Maria E. Alves.

— E eu que não me lembrei disso, senão tinha cortado! Também eu estava tão alheia de mim mesmo... Mas, daí? que é que houve? perguntava Dusá.

— Daí, que houve é que o moço só deita de bruço, porque o ferimento foi na costa, e quando deitou leu o nome de Sinhá, e disse que agradecia muito a caridade; que Sinhá pagava com bem o mal que ele tinha feito; e daí disse pra Mafalda, que Sinhá não é Dusá, não; é dos Arve, da Lagoa Seca; que conheceu muito, pai, mãe e irmão de Sinhá, e daí perguntou o nome do portador, mandou me chamar pra ele dá o conhecimento ao cachorro dele.

— Pois cachorro é gente, pra conhecer? perguntou Dusá, disfarçando o despeito e rindo, no mesmo tom de voz baixa.

— Hum! cachorro do home só farta falar, Sinhá! Eu fui, dei sós Cristo, e ele chamou: — Amigo! Cachorro levantou a cabeça (um cabeção que faz medo), e ele disse, apontando pra mim: — Joaquim! Joaquim! — Cachorro pegou a minha mira do pé à cabeça, tomando faro. Daí moço disse: você vai com o cachorro até lá no rancho, bota um raminho na coleira dele e diga: — Leva a sinhô. Eu despedi e ele disse: — Amigo, vai! — Amigo me acompanhou, e no rancho eu fiz como o moço mandou. Aí sô Antônio me mandou comer e eu fui comer.

Dusá e Rita estavam maravilhadas com a história do cão.

O escravo ia se retirando, depois voltou e disse:

— Sô Antônio mandou falar pra Sinhá me mandar eu lá amanhã de tarde, pra trazer Amigo e ele aprender a casa, porque se precisar d’um portador ligeiro, de noite, ele vem.

— Está direito. Irás amanhã, ordenou Dusá, já aflita para ver o animal; mas ao mesmo tempo impressionada pela persistência de uma das causas de insônia na noite anterior: era, conforme o seu dizer, o engano aborrecido, pelo qual, só em aparência lhe eram dirigidos agradecimentos ou quaisquer sentimentos de afeição, porquanto se revivesse o amor antigo, desprezaria Mariazinha, supondo ser outra Maria, e amaria Dusá, supondo ser Mariazinha, ou Maria Alves, como a nomeava. E esse engano lhe causava fundo desgosto. Já lhe importaria menos ser posta à margem, do que ser amada em lugar de outra. Ricardo estava como um cego que recobrasse a vista e tivesse de escolher, a distância, entre duas, a mulher amada durante a cegueira. Dusá tinha medo da escolha e não se sujeitaria a ela. Além

disso, não tendo ainda o amor que mata, o verdadeiro amor, ao mineiro, e sim inclinação, desejo de amá-lo, não podia ter demasiado ciúme de sua protegida, e por isso tinha antes pena dela. Era uma situação singularíssima a de Dusá, que não sabia bem se devia lamentar sua sorte ou a de sua protegida. Parecia que a cabeça lhe andava a rodar.

Levantou-se e dirigiu-se para o quarto em que Mariazinha trabalhava. A porta estava fechada; bateu devagar, perguntando a si mesma:

— Estará dormindo?
— Não, respondeu a moça, abrindo a porta.
— Pensei que estava dormindo, disse Dusá; e, reparando-lhe os olhos rasos d'água, perguntou: — Por que está chorando? Que foi?

A moça baixou a vista, apanhando a costura.

— Fale, minha Santa! Pra que faz assim, insistia Dusá.
— Se eu falar, você ralha; assim não falo.
— Não ralho, não! afirmou Dusá, penalizada.
— Choro, porque tenho medo que você me despreze em breve, disse a moça.
— Que loucura, meu Deus! Mas por que hei de desprezar a quem eu estimo? perguntou Dusá, já desaprumada.
— É por isso mesmo! Você me estima e eu lhe quero bem!
— Pois não está direito? Não é a mesma coisa?
— Não! Querer bem é outra coisa... Se você me quisesse bem, chamava pra um serviço, nem que fosse pra catar cafuné. Não chamava Rita, só, que é a quem chama. E eu não sirvo de nada.
— Era o que faltava! ter ciúme da amizade de uma escrava velha! Pois você não está me ensinando a fazer flores?
— Ora! isso não é nada!
— Então agora é você que me cata cafuné, chasqueou Dusá. Mas fique sabendo que, quando eu quero, Rita agüenta até eu dormir. Quer assim?
— Nem que seja a noite inteira!

Dusá retirou-se, pensando em tão esquisita amizade.

Era hora do jantar. E servido ele, sentaram-se as duas amigas. Mariazinha, entretanto, não despregava os olhos de Dusá. Estava fascinada ou desejava fascinar.

À noitinha, Venâncio e Francisco vieram entregar o dinheiro do jornal. Sofia trouxe, do quarto de engomar, o tabuleiro cheio, entregou à governanta, que, aliás, tinha mais vontade de dormir do que de guardar a roupa nos baús.

Juliana serviu d'água nos aposentos de Mariazinha e de Dusá, e às oito horas a casa estava em sossego.

Dusá gastou algum tempo debruçada à janela, respirando o ar da noite, e Mariazinha trabalhava no quarto à luz do candeeiro.

Receando alguma visita importuna, Dusá fechou as janelas, acendeu um cigarrinho, e, preparando-se para dormir, chamou:

— Venha agora, minha Santa!

Em poucos instantes, Mariazinha estava junto à cama de Dusá.

Ela notou-lhe, à luz da lâmpada, a mudez e a respiração ofegante, mas não fez caso.

Acomodou-se de modo a facilitar o trabalho da outra, sentada à beira da cama, atirando fora o cigarro.

Os estalinhos começaram. Em pouco, Dusá ressonava. Mariazinha devorou primeiro com os olhos em fogo as formas esculturais da adormecida.

CAPÍTULO XXVII

Mariazinha acordou cedo, com uma expansão de ruidosa alegria. Ora trabalhava, ora passeava, a recitar versos patrióticos, que aprendera de um livrinho de D. Florinda. Mas a sua alegria, em vez de aborrecida, era comunicativa. As escravas riam-se por seus gracejos, sem demasia!

Dusá, entretida no trabalho de flores, em que desejava se aplicar, mantinha-se reservada e séria, lançando-lhe, de vez em vez, olhares langurosos.

Sobre a tarde, após o jantar, encontrando Dusá na sala, sozinha, perguntou-lhe:

— Então?... Sou doida?...

Baixando mais a vista sobre o trabalho, Dusá respondeu, depois de alguns momentos:

— Não; mas parece doente... E eu tenho pena de você, porque não se governa!

— Pois eu lhe mostro que não sou doente e me governo, retorquiu a moça.

— Estimo isso!

— Ah! estima?

— Estimo!

— Pois vamos ver! Quem primeiro se arrepender é que não terá juízo!

— Você ainda tem coragem de falar, Mariazinha?

— Oh! não sou mais sua Santa, não?

— Não! de hoje em diante é Mariazinha!

— E eu continuo a chamar você de minha Santa! Agora vou me preparar, e quero que me deixe ir, com Sofia, pagar a visita das moças que vieram cá.

Disse, e sem esperar o consentimento pedido, dirigiu-se ao seu quarto, fechando-se por dentro.

Dusá ia se habituando às mutações repentinas daquela alma, que não podia compreender; porém, ia se convencendo, por outro lado, que sua ação benfazeja não teria o êxito desejado, ainda mesmo que sobre a moça exercesse autoridade parental. Via mesmo que era pior contrariá-la com advertências. Deixá-la ao seu destino, era o melhor partido para quem não se presumia “palmatória do mundo”.

Entretanto, essa resolução instantânea de retribuir visitas, foi muito apropositada para Maria. Joaquim, tendo partido caminho da serra, devia voltar à noite, em companhia de Amigo. Estando a moça em casa, havia necessidade de ocultar-se à sua vista o cão, mantido na senzala ou no quintal; ausente ela, o cão ficaria na sala iluminada, onde Maria podia admirá-lo à vontade. Ordenou, pois, com

semblante alegre, que Sofia se preparasse para sair com Mariazinha. Esta, depois de larga demora, saiu do quarto, como se tivesse de ir a alguma festa. Não trajava, sobre a roupa branca, mais que um vestido cor de cinza, com enfeites e laços de fita cor-de-rosa; mas, do toucado à ponta da sapatinha de fivela dourada, havia elegância tal, e era tão imponente o seu ar senhoril, que, se fosse a um baile, seria proclamada Rainha, segundo o uso.

E reinaria e dominaria com o despotismo da beleza. Dusá podia desaparecer, porque ficaria em Mariazinha o seu retrato, Percebendo isso, aquela ficou a contemplar sua protegida, pensando ao mesmo tempo na possibilidade de um parentesco próximo. Nada dizia, temendo as respostas de Mariazinha. Esta, porém, tinha notado uma espécie de embevecimento de Dusá, e perguntou:

— Falta alguma coisa?

— Um bom noivo, disse Dusá, baixando a vista sobre o trabalho.

— Já lhe disse...

— Está bom! atalhou Dusá, gracejando; não é isso que eu queria dizer. Digo que está boa de dar um doce!

— E a quem então?

— A quem lhe achar bonita.

— Então é à minha Santa!

— A mim, não, que não acho; pra mim é até feia... afirmou Dusá, rindo.

— Pois quero mesmo ser feia, contanto que todas digam que você é bonita!

— Está bom, vá a seu passeio; mas diga a que hora quer que eu mande Sofia ir lhe buscar.

— Se está com tanta pressa de me ver pelas costas, não mande mais me buscar, retorquiou Mariazinha, fingindo-se enfadada.

— Oh! criatura sem juízo! exclamou a outra. Pois é porque está entrando o sol, que eu acho bom ir logo, pra voltar mais cedo.

— Ah! quer que eu volte cedo? Mande me buscar quando quiser.

Apareceu a escrava, entonada do disforme “tundá” com saia de chalim, trazendo à cabeça bem entrelaçado “tum-tum” de cassa lisa, com sombra cor-de-rosa; e às pontas dos dedos dos pés trazia, que não calçava, a clássica sapatina de oleado e salto alto. Ajeitava ainda o “pano da Costa” fino, cruzando-o do ombro esquerdo ao lado direito, de modo que aparecia em ângulo a alva camisa “cerrada de rendas”, deixando entrever um seio rijo.

Juliana e Rita saíram a “espionar”. Mariazinha transpôs a porta da rua, chamando imediatamente a atenção dos transeuntes e dos vizinhos, que “tomavam frescor”, sentados às suas portas.

Como se traduzisse o pensamento de todos, Rita dizia, acompanhando a moça com o olhar:

— Meu Deus! Não sei como uma “gente” parece com outra assim! Até o caminhar! Eu tenho visto muita irmã que não parece com outra irmã assim!

— Minha comadre, repare também Sofia como vai bonita, dizia Juliana, cochichando ao ouvido de Rita.

— Uai! pois Sofia é peixe podre?

Dobraram a esquina próxima a moça e a criada.

Dusá mandou Rita abrir o portão, para que, ao chegar, Joaquim não precisasse bater.

Juliana foi cuidar dos candeeiros e lâmpadas.

Quando anoiteceu, Rita veio apressada ao quarto de Dusá:

— Sinhá! Joaquim tá aí! Trouxe o cachorro. Que cachorro bonito! Cor de vinagre, pintado de branco. Um bicho bonito, Sinhá!

Dusá estava recostada, pensando exatamente na chegada de Joaquim, e saltou da cama, dirigindo-se à sala de jantar. Aí, à luz do candeeiro de quatro bicos acesos, encontrou Dusá o cão, sentado sobre as patas traseiras, farejando e mirando todos os objetos. Joaquim, da porta, que dava para a cozinha, mostrava os dentes alvos, num sorriso interminável, à espera que Sinhá lhe dirigisse a palavra. Amigo fitava-a, impressionando-a mais pelo olhar inteligente do que pelo tamanho do corpo e beleza da pele. Era de fato um genuíno perdigueiro, cuja inteligência desenvolvida causava pasmo às pessoas que supunham ser o raciocínio um privilégio do ser humano.

Afastada e medrosa, Dusá perguntou:

— Como vai o moço, Joaquim?

— Sinhá, ele não vai bom, não. A ferida tá sarando antes do tempo. Curador mandou buscar remédio que, tá escrito. Sô Antônio tá muito triste também. Eu vou dá escrito a Amigo pra entregar a Sinhá. Foi assim que o moço mandou.

E em seguida o escravo chamou:

—Amigo!

O cão voltou a cabeça, levantando-se, e abanando a cauda.

— Toma, Amigo! Dá Sinhá! ordenou, apontando para Dusá.

O cão tomou na boca o papel dobrado e entregou.

— Agora, Sinhá passa a mão na testa dele; dá algum bolo, que ele não perde mais conhecimento.

Dusá passou a mão fina e rosada pela cabeça do cão, cujas grandes orelhas caídas tinham um pêlo macio como o de lontra.

Dirigiu-se ao armário, abriu a porta envidraçada, tirou biscoitos, pão-de-ló, que ela pretendia jogar no pavimento.

Percebendo isso, Joaquim disse:

— Sinhá não bota no chão, não, que Amigo não come.

— Ah! Amigo é fidalgo assim? Não sabia! disse, e pondo tudo num prato, colocou-o no pavimento, ordenando!

— Come, Amigo!

O cão mostrou-se alegre, agitando a cauda com presteza, mas deitou-se junto ao prato, pousando a cabeça sobre as patas dianteiras.

— Come, Amigo! insistia ela.

O cão olhava para ela e para o prato, sem levantar a cabeça.
O escravo ria, tapando a boca com o chapéu de couro. Depois disse:

— Sinhá não fala come, não; fala boca!
— Boca! repetiu ela.

Amigo levantou-se e devorou tudo em poucos instantes.
O escravo ensinou de novo:

— Agora eu tapo a cabeça de Amigo, Sinhá vai devagar pra o quarto e cerra a porta. Eu mando ele procurar Sinhá. Aí manda ele botar sentido, e mandar dinheiro e papel pra comprar mezinha na botica.

E Joaquim chamou o cão para a cozinha, e ocultou-lhe a cabeça. Dusá deslizou de manso pelo corredor e entrou no seu quarto de dormir.

Em poucos instantes, Joaquim soltava o cão, ordenando:

— Vai procurar Sinhá.

Amigo atravessou a sala de jantar; ao penetrar no corredor, pôs-se a farejar em cada porta, porque eram dois quartos de um lado e dois doutro. Porém, antes de acertar no de Dusá, bateram na porta da rua, e o cão rosnou de modo a causar terror.

— Deve ser Sofia, explicou Rita. Vai abrir, Joaquim, que eu não vou lá.

O escravo atendeu. Era de fato a mucama que voltava, trazendo recados de lembrança, não sem sentir os cabelos arrepiados, quando passou pelo corredor, encolhendo-se com medo do cão.

Joaquim ralhou com Amigo e passou, acompanhando Sofia.

Amigo não se tinha esquecido de seu dever, e, chegado ao quarto de Dusá, empurrou a porta com a pata.

Dusá tinha se escondido do melhor modo que pôde, porém, Amigo acertou logo, sem vacilar, puxando com os dentes a roupa sob que se ocultara. Ela riu-se alto. Depois ordenou:

— Sentido!

O cão deitou-se e ela foi ler os bilhetes na sala, onde havia claridade suficiente.

Dizia um, sem assinatura, escrito a lápis:

“Maria. Estou mal. Se antes de morrer pudesse ouvir de sua boca o meu perdão, morreria tranqüilo”.

O outro bilhete dizia:

“D. Emerentina. O moço está piorando. Mande-me um bocado de quina em pó, aguardente e alcanfor. Peço, se escrever ou vier, não contrarie em nada o moço. Esteja por tudo. Seu criado... Antônio Santos”. “N.B. O moço chama-se Valeriano”.

Dusá tornou-se triste com a leitura. Mas pensou que não havia tempo a perder. Tirou duma bolsa uma cédula branca de mil-réis, e, sem se lembrar de mandar Amigo a Joaquim, chamou por si o escravo e mandou-o à botica comprar a quina e a cânfora. Em casa havia aguardente. Quando o escravo saiu, Dusá voltou ao quarto, tomou papel, sem saber como escreveria a resposta, principalmente dando o nome de Valeriano a Ricardo. Ignorava que era um sobrenome dele. Afinal, urgia responder, e sobre uma banca da sala de visitas escreveu:

“Sr. Valeriano. Seu bilhete me fez ficar triste. Espero que Deus lhe dará saúde. Sobre o perdão, eu não tenho o que perdoar mais. Como disse estar mal, eu me esforçarei para ir.”

Não datou nem assinou. Escreveu a contragosto, porque sentia figurar em lugar de Mariazinha. Era sempre vítima do tal engano aborrecido, que não podia ainda desfazer, para não contrariar o enfermo.

Na resposta a Antônio Roxo, entretanto, falava com mais convicção, exigindo que se não poupassem despesas, a fim de que o mineiro tivesse o melhor tratamento.

Joaquim tinha voltado com os remédios e ela dobrando os bilhetes, numa tira de pano, atou-os no pescoço de Amigo, ordenando:

— Leva ao Senhor.

O cão sacudiu as orelhas e dirigiu-se ao portão. O escravo apanhou a botelha d'aguardente e acompanhou-o.

Dusá lembrou-se de Mariazinha, e ordenou a Sofia para ir buscá-la. Mas, intimamente, sentia já certo retraimento, que não podia vencer, contra sua protegida. Quando não houvesse outros motivos, revoltava-se contra a idéia de proceder em sua casa, como se tivesse contas a dar a algum tutor. Pensou afinal em perguntar à Mariazinha, se lhe não agradava tornar a seus parentes, pois, no caso afirmativo, faria todas as despesas e daria dinheiro para que ela pudesse viver algum tempo sem mendigar. Esse foi o plano que tomou vulto no seu espírito. Assim, ficaria livre da língua do povo, e mais livre ficaria em sua casa. Neste propósito esperou a moça, conservando-se no quarto, onde Juliana lhe trouxe o banho. Terminado este, Mariazinha bateu na porta com estrondo. Rita abriu, e a moça entrou alegre, perguntando por sua Santa, porém, recolheu-se ao seu quarto. Depois mudou de vestido, saiu de novo e seguiu para o quarto de Dusá. Esta pitava um cigarrinho recostada nos travesseiros, com semblante calmo em aparência.

— Que é isso? está enfadada? As moças mandaram lembranças, dizia a visitante, correndo o olhar pelo quarto.

— Estão todas boas, hein! indagou Dusá, pausadamente.

— Estão. Elas dizem que não compreendem como você fica presa em casa sem sair...

— É porque eu já saí demais, noutra tempo.

— Mas, deveras, minha Santa, tendo dinheiro como você tem, é até pecado não gozar. Olhe, agora mesmo D. Zizi esteve me dizendo que a festa de Dois de Julho, no Xique-Xique, vai ser muito bonita. Já estão armando palanque na praça, aprontando carro de caboclo... Que bom se você fosse!

O olhar de Dusá iluminou-se com essa idéia. Ao menos por alguns dias poderia ficar em liberdade; por isso disse com bonomia:

- Eu não poderei ir, mas você...
- Ouxente! eu sozinha?!... exclamou a moça, rindo.
- Sozinha, não! Eu posso mandar Juliana e Joaquim com você... Lá tem a casa... para onde você pode ainda chamar tia Bibi, uma velha de muito respeito e que me quer muito bem... pode passar o dia em casa de D. Florinda.
- E você não fica zangada comigo, não? perguntou a moça, como justificando sua volubilidade.
- Oh! zangar como? Se você quer ir e eu ajudo... Passada a festa, volta, não é?
- Volto logo!
- Pois... no mais, quem melhor guarda uma moça é ela própria!
- Bom! então eu irei no dia 30, depois de amanhã.
- Está direito! concordou Dusá.
- E você não tem saudade de mim, não?
- Tenho, decerto.
- Ah! velhaca! Se dissesse que não tinha...
- Que acontecia? perguntou Dusá.
- Nada! Eu sei...
- Sabe o quê?
- Mudemos de conversa, minha Santa! Eu lhe quero muito bem e você tem sido muito boa pra mim. Você diz que eu não tenho juízo, mas eu dou meu sangue por você...

Dusá riu-se.

- Você duvida? perguntou Mariazinha, tornando-se grave. Eu sinto, quando lhe vejo uma saudade, não sei de quê!... Você tem uma coisa que me puxa. Há horas que eu tenho uma pena no coração, e ainda mais se você fica triste. Olhe! tanto me disseram, hoje, que nós parecemos irmãs, que eu estou muito arrependida de minhas tolices!
- Ah! já se arrependeu?! chasqueou Dusá.
- Já! E se você não brigasse comigo, eu lhe diria tudo quanto sei e sinto.
- Diga, não brigo, não, que eu também sou culpada.
- Pois eu sei que o senhor Ricardo não morreu...
- Quem lhe disse?! inquiriu Dusá, sentando-se.
- Não sei. Ele está escondido na Serra e tratado por uma velha Mafalda... E quer muito bem a você... porque socorre "a ele"...
- Não negue, Mariazinha! Diga como você soube! Se me deseja sossego, diga, porque se outras pessoas sabem, eu também estou perdida! Diga!
- Foi D. Zizi... e eu também já sabia alguma coisa. Ela soube, porque a velha era lavadeira dela; mais ninguém sabe!
- Graças a Deus! exclamou Dusá, acrescentando: visto que você é leal comigo, fique sabendo que ele pensa que eu sou você, e me incomoda não poder desmanchar o engano logo.
- A mim também aborrece isso, porque eu não o amo mais, e ainda que amasse um pouco, estimava que ele casasse com minha Santa!
- Comigo! Você está sonhando, Mariazinha?
- Veremos! Já não disse que hoje dou meu sangue por você? Eu não sou tão tola que não possa lhe ajudar, para ser feliz...
- Mas eu não...

Mariazinha tapou, com a mão rosada e fina, a boca de sua protetora.

— Não diga mais nada, minha Santa. Nunca você dirá que eu sou uma ingrata! Meu passeio não é só pra ver a festa, não. Agora vamos dormir.

— Bem se diz que coração alheio é terra aonde ninguém vai! Vem cá, minha irmã! deixa te chamar assim. Dá cá um abraço, porque nunca pensei que uma cabeça leve fosse tão boa e generosa!

— Não dou nenhum abraço, porque me chamou cabeça leve, disse Mariazinha rindo e afastando-se.

— Chamei-te assim por causa de tuas levadas de...

— De doida... diga logo, porque eu não cato mais cafuné.

— Também, só hoje... não vale a pena.

— Vale, sim. E agora quero catar, senão você não dorme. Deita aí já! – intimou a moça, levantando o dedo indicador.

Dusá riu-se e obedeceu.

Era tão habituada a esse sestro ou vício, que em pouco adormecia.

Mariazinha saiu em ponta de pés e recolheu-se a seu quarto.

CAPÍTULO XXVIII

Tendo sido avisada, na noite de 29 de junho, de que Ricardo piorava, Dusá aproveitou-se da madrugada de 30, em que Mariazinha seguira para o Xique-Xique, depois de chorosa despedida, e, acompanhada de Sofia e Francisco, tomou o caminho do Perigoso.

A idéia de praticar uma obra de caridade, como perdoar, de viva voz, a um enfermo, ofensas velhas, dava-lhe força para vencer o caminho escabroso, e às oito da manhã chegava ao rancho de Antônio Roxo. Rolas e tico-ticos esvoaçaram às tontas de dentro.

A lapa, chamada rancho, estava deserta. Não havia sequer um objeto que denotasse continuar habitada. Advertida pelo instinto de cozinheira e engomadeira, Sofia dirigiu-se ao canto do fogo porque fogão não havia, e assentou o dorso da mão sobre a cinza: estava morna. Alguém dormira ali na noite anterior. Mas isso em nada remediava a situação penosa em que estava Dusá, cujo coração “se fechara”, isto é, se entristecera com a decepção.

Francisco perguntou se podia dar um grito; e a Sinhá disse que não. Não havia realmente, necessidade de alarmar um criminoso doente.

O escravo deu voltas em busca dalgum trilho, que levasse a descambar a crista da serra, porém não encontrou vestígio algum de passagem, nem era possível encontrar, porque para o poente, atrás da lapa, tudo que se avistava eram rochedos a prumo e penedias horizontalmente sobrepostas, em cujos interstícios, cheios de cascalho e terra humosa, vegetavam canelas-de-ema e candombás.

Maria pensou em voltar. Piorava-lhe o estado d'alma, aquela paisagem alpestre e triste, tornada ainda mais triste pela presença de algumas orquídeas brancas e roxas, debruçadas aqui e ali sobre o negrume das rochas, lembrando as lendas em que formosas princesas, definhavam prisioneiras nos tétricos domínios de monstros encantados. A visitante ia dar ordem para a volta quando ouviu um ladrido longínquo, cuja direção lhe era impossível determinar porque cessou logo. Lembrou-

se de Amigo, e se dispôs a esperar que aparecesse alguém. Depois dalgum tempo, Francisco disse:

— Olha ali, Sinhá, em cima duma pedra um cachorro!

Maria levantou-se e foi olhar na direção apontada. Não lhe restava dúvida. Era o cão fiel. Ela gritou alegre:

— Amigo!

O cão ouviu, agitou a cauda, demonstrando que conhecia quem o chamou, mas, em vez de aproximar, desapareceu rapidamente atrás da rocha.

— Acho que é por ali o caminho, Sinhá – opinou Francisco.
— Pode ser: mas é bom esperar que apareça alguém.

Decorridos alguns minutos, apontou Amigo correndo sozinho. Chegou junto de Maria, ganindo alegremente; ela o acariciou, perguntando, por brincado:

— Onde é o caminho, Amigo? Hein? onde é o caminho?

O cão festejou-a, lambendo-lhe as mãos, agitando a cauda, depois seguiu devagar, por um rumo diverso daquele pelo qual tinha vindo.

Dusá ficou de pé, com os escravos, em estado de dúvida. O cão voltou a cabeça e, vendo-os assim, deitou-se.

— Será por ali? E por que ele veio por este lado? perguntava ela.

Afinal decidiu-se a experimentar a intenção do animal e caminhou em direção dele. Amigo levantou-se e continuou.

— O caminho é aqui mesmo. Esse cachorro sabe como gente! disse Sofia. Seguiram. A breve trecho voltaram um rochedo, que ocultava a entrada de um trilho tortuoso, em direção ao cimo da serra.

Enfraquecida pela fome e pelas emoções, Dusá venceu, já com dificuldade, a ladeira empinada; mas, logo que atingiu o cimo, sentiu-se recompensada pela vista da paisagem do poente, menos alpestre do que a do nascente. Entretanto, esse folgar da visão foi de poucos instantes. Urgia chegar ao termo da viagem, e desceu acompanhando Amigo. No primeiro socalco, o animal tomou rumo do Norte, em caminho melhor, e em pouco desapareceu. Agora era seguir o trilho franco. Francisco ia na frente, distante; Dusá atrasava-se dando indícios de estropiada, apesar dos chinelos.

Foi, pois, com alegria que viu surgir, numa volta do caminho, Antônio Roxo; mas, em vez de prosseguir, sentou-se, banhada de suor. O garimpeiro aproximava-se.

— Oh!! D. Emerentina! bom coração é o seu! exclamou ele ao chegar perto.

Depois de retribuir a saudação, Dusá disse:

- E se não fosse Amigo eu tinha voltado.
- Esse cão vale deveras, dona!
- E como é que ele sai por um lado e volta por outro? – perguntou Dusá, que não podia explicar o procedimento do animal, — porque eu estou certa que ele veio aqui, quando eu o chamei lá fora, e tornou a voltar.

O garimpeiro riu-se, e explicou:

— Quando chegaram lá, ele pressentiu, porque estava no arrote da gruna, perto do rancho: se fosse gente estranha, ele vinha latindo pra dentro; mas chegou festejando, e sô Ricardo disse: — vai buscar. Ele foi pelo arrote, que só “cabe ele”, e porque nunca viu gente passar ali junto com ele, trouxe vosmecê por aqui, que é o caminho. Eu fiquei bem assustado assim mesmo, porque o moço tem conhecidos que não convêm, por ora, que saibam onde ele está.

— Agora, me diga como vai ele... se está pior mesmo...

— Pior não está; antes, ao meu ver, está melhor, como diz o velho que está curando. É um amigo meu, que merece “bom pago”. Quando o doente pensou que estava sarando, foi que o velho Domingos teve susto. Diz ele que a ferida estava “morrendo” e não tardava dar o “mal”. Aí ele frigiou uma banha e escaldou a ferida, que ficou viva outra vez; e porque o doente está sentindo doer, diz que está mal, porém é engano.

— Coitado! Tem sofrido! – comentou Dusá.

— Tem, e nós temos trabalhado deveras, com ambos, ajuntou Antônio. O Felipe, esse, felizmente, está são. Só tem é fraqueza. Vosmecê “creia” que eu não tirei mais um carumbé de cascalho!

— Então, faltou dinheiro?

— Isso não! Dos cem ainda resta, porque eu não tenho saído fora. Mas vamos chegar pra diante, que o sol está quente, D. Emerentina.

— É muito longe ainda? perguntou ela.

— Qual, é ali mesmo; e, em seguida, gritou: - Vai Francisco; fala com Mafalda pra fazer café e apressar o almoço.

O escravo seguiu depressa. Dusá levantou-se, gemendo, a queixar-se dos pés, e seguiu devagar, acompanhada de Sofia e do prestante Antônio Roxo.

Há ações, cuja importância desconhecem as próprias pessoas que, em boa intenção, as praticam, ainda que muito presumam do seu merecimento.

A notícia da chegada de Maria foi recebida com um júbilo indefinível, de que apenas Ricardo não participava, por ter adormecido, depois de uma noite de sofrimento atroz.

A sua entrada na lapa alta, que se prolongava em forma de gruta, foi saudada com exclamações comoventes, proferidas em voz baixa, para que não despertassem o enfermo. Mafalda já esperava no pequeno aterro que servia de terreiro, e a alegria parecia transpirar-lhe de todos os poros; Manuel Pedro coçava a cabeça de satisfeito; Felipe, o camarada valente e dedicado, só esse, levantando-se com o chapéu na mão, não disse palavra, se é que nada exprime a mudez reverente de um bravo a fitar alguém com os olhos úmidos. O próprio curandeiro pareceu esquecido um momento da sua altivez de sábio rústico.

— Sá Emerentina! sua vinda vem servir muito ao doente, que tinha esmorecido.

— Pois eu sou Deus? perguntou ela, rindo modestamente.

— Não é Deus, mas traz a alegria, que é a fonte da saúde! Vigia! até Amigo está alegre!

Dizia a verdade o curandeiro Domingos. Naquele deserto, habituados à monotonia da convivência, sob o mesmo teto de pedra, às vezes entanguecidos ou enfarados do rugitar do vento constante nas frinchas dos rochedos e na vegetação enfezada do socalco, só a presença de Maria, personificando a saúde, a formosura e a bondade, parecia encher o ar ambiente de um fluido vivificante. O timbre de sua voz feria docemente os tímpanos afeitos à própria voz rouca e rude dos garimpeiros, que, se alguma coisa podia causar admiração naquele momento, seria o fato de algum desconhecer certa superioridade na recém-vinda, desobedecendo a um aceno seu.

Veio o café, que a Mafalda fizera, às pressas.

Antônio apontou a Amigo o centro da gruta, e repetiu a fórmula: - Olha o inimigo.

O cão partiu para o posto de observação, donde denunciara Dusá e os escravos, e o garimpeiro voltava a receber sua xícara de café, quando ouviu a voz enfraquecida do enfermo:

— Quem está aí, sô Antônio?

— Uma pessoa amiga! respondeu o garimpeiro aproximando-se da cama de varas.

— Eu conheço essa voz! continuou o enfermo, debruçado sobre os travesseiros, que era a posição em que se sentia aliviado.

— Então já sabe quem é!

— Não sei bem porque, quem eu penso não virá... aqui...

— E quem é que você pensa? indagou o garimpeiro, rindo.

— Maria Dusá! respondeu o doente, baixinho.

Sabendo que Maria não queria mais ouvir esse apelido, Antônio confirmou:

— Pois é D. Emerentina em pessoa!

O doente fez menção de se levantar, mas, prevendo isso mesmo, já o Domingos, junto da cama, lhe dizia:

— Tenha paciência, não se levante agora! A moça aqui está!

— Senhor Raimundo! Vim vê-lo! Como vai?

— Como hei de ir? Entregue aqui, às mãos de Deus! respondeu o mineiro, descobrindo a cabeça e voltando-a para sua interlocutora.

— Mas, graças a Deus, está salvo! atalhou ela.

— Deus permita que assim seja, porque tenho sofrido muito, muito!

— Mas, prosseguiu ele, mudando de tom, como teve coragem de subir a serra para ver um pobre doente?

— Pois é porque está doente mesmo que eu vim, disse ela num sorriso compassivo, sentando num banco tosco.

O curador e Antônio afastaram-se, que o café esfriava.

— Maria! exclamou o doente, — permita essa liberdade, porque eu devia chamar dona.

— Sim, chame, porque eu não sou uma dona ainda.

— Ai! quem dera a muitas donas terem de novo tanta vontade de ser!

— Bom, não fale mais nisso. Diga o que ia dizendo.

— Eu ia dizendo, que, quem tem tão bom coração, já me perdoou de todo...

— Já, sim, nem fale mais.

— Não posso deixar de falar, insistiu o doente, com a voz enfraquecida, porque, afora esse amigos verdadeiros, que estão me tratando, só duas pessoas, na minha lembrança, me têm dado força pra viver... é minha mãe... e você.

—Eu! exclamou Dusá empalidecendo, porque sentiu de súbito um misto de decepção e ciúme.

Era evidente que o mineiro ainda amava Mariazinha na sua pessoa.

— Sim, respondeu o enfermo, serenamente.

— Olhe o cordialzinho, sô Ricardo! disse o Domingos, aproximando-se da cabeceira do enfermo.

Este fez uma cara de resignado; mas em seguida mostrou-se alegre, porque vira Dusá tomar a xícara para lha apresentar. Levantou a cabeça, na mesma posição em que se mantinha, e, aos goles, esgotou o conteúdo da xícara. A gentil enfermeira limpou-lhe a boca com um lenço, notando em voz baixa que era preciso mudar-se o jogo de fronhas ou antes, toda a cama.

O enfermo deitou de novo a cabeça, voltando o rosto para a mulher, cujo olhar o inebriava. Fosse efeito desse gozo, que um organismo combalido não podia resistir, fosse o do cordial, especialmente preparado com alguma substância soporativa, para subtrair o doente à excitação a que se estava entregando, ele fechou os olhos, pouco a pouco... e adormecendo com um sorriso que contrastava com o descarnado e a palidez cadavérica do rosto.

Dusá retirou-se de manso. O almoço estava posto sobre a larga laje que servia de mesa. Essa vida rústica lhe causava bom humor; mas alguma coisa a impediu de comer em proporção do jejum sofrido. Deu pressa aos escravos para que se aviassem para a volta.

Ao Antônio Roxo aconselhou que mandasse, com urgência, ao João Felipe, no Xique-Xique, para que desse um jeito a fim de não ser incomodado o enfermo, e todos, enfim, e que não mandasse mais o cão à Passagem, enquanto não viesse resposta favorável.

Antônio julgou boa a idéia e mandou Manuel Pedro preparar-se para a viagem.

Duas horas depois, Maria descamba a serra, em companhia dos escravos.

Caminhava triste, abatida de corpo e de espírito, pois levava a certeza de que não tinha forças para suportar ser amada em lugar de outra. Desta vez, ainda que o mineiro se curasse, o que, segundo afirmou Domingos, podia se realizar em oito dias, o seu sonho de ser mulher casada estava desfeito.

Ao chegar à casa, Rita conheceu logo o semblante contrariado da senhora, mas esperou que ela lhe quisesse confiar as suas mágoas.

CAPÍTULO XXIX

Estudados, em sua simplicidade, certos fatos psicológicos, sem prevenções de seitas religiosas ou de princípios filosóficos, eles autorizam a acrescentar que no íntimo de cada ser humano reside uma inteligência superior e distinta da inteligência que preside à vida de relação no mundo físico. Em verdade, pelo desenvolvimento desta, explicam-se muitos fatos de previdência instintiva e fenômenos neurológicos incompreensíveis para inteligências rudimentares que, desde tempos pré-históricos, povoam de deuses os altares de todas as raças; mas aqueles que implicam uma presciência, e aos quais vulgarmente se chamam pressentimentos, sem ligação real ou aparente com a razão ou senso comum, que não são determinados por um estado d'alma, nem por um despertar do instinto, esses ficarão inexplicados, por mais que os expliquem aqueles que tudo pretendem saber.

Na madrugada em que despertou para viajar para o Xique-Xique, Mariazinha preparou-se alegre, porque contava estar de volta em poucos dias. Demais era tão pequena a distância da Passagem àquele grande povoado, que não havia razão para tristezas. Contudo, na hora da despedida, Mariazinha sentiu de súbito uma tristeza mortal, desfazendo-se em copioso pranto.

— Se está arrependida, não vá, minha Santa, dizia Dusá, admirada daquele acesso de choro.

— Não estou arrependida, porque preciso ir; mas passou-me uma coisa de repente pelo coração, como se não nos víssemos mais nunca. Mas é uma tolice, não é? Ainda que eu adoecesse, você não ia me ver?

— Decerto, confirmou Dusá. Isso não é nada, ou é nervoso.

—É mesmo, concordou Mariazinha, desprendendo-se dos braços da protetora, no alto da igreja, e apressando o passo em rumo do Xique-Xique.

Criada no sertão, habituada desde criança a caminhar todos os dias para a roça ou para fontes distantes, sentia prazer em caminhar agora, não obstante a sua nova educação e modos adquiridos.

Além de tudo, fortificava-lhe o ânimo, para vencer as ladeiras sucessivas, a novidade dos festejos e o desejo de ser útil à sua protetora.

Quando chegou ao Xique-Xique, percebeu logo que não havia exagero nas notícias de D. Zizi e das filhas.

O povo só pensava e falava na festa patriótica. Nada faltava. Todos estavam a postos, inclusive os batalhões legendários, atentos ao alvorecer de 1.º de julho.

Apesar de ser baiano o território, a população era constituída, em maioria, de mineiros e paulistas, não falando em indivíduos ou grupos doutros pontos do globo; por isso os baianos formavam uma espécie de colônia; mas havia um laço que unia baianos a mineiros e paulistas; era o amor pátrio simbolizado no auriverde pavilhão; havia um objeto que apertava entusiasticamente esse laço: era o retrato do imperador, que lá estaria sob custosas cortinas, no palanque, armado na Praça do Comércio, ao qual dariam guarda de honra oficiais de patente.

Todos renunciavam uma festa de arrojo.

A fabulosa riqueza da Chapada, circulando já em boa parte, proporcionava facilmente a realização de todos os desejos da comissão de patriotas baianos, ou antes, de todos os baianos unidos em comissão patriótica.

Não era, entretanto, o dinheiro, somente, que dava cunho especial aos festejos comemorativos do imortal Dois de Julho.

Era ainda esse patriotismo sincero e ardente que eletrizou os fundadores do Império do Brasil; era o sentimento da Liberdade, amada mais por instinto do que por definições filosóficas e doutrinas liberais; era esse civismo raro que vingava nas urnas e se ostentava nas praças públicas, nutrindo a geração de fortes, que, pouco mais tarde, devia fornecer carne ao canhão nos campos inóspitos do Paraguai.

Nestes tempos, bem vizinhos daqueles em que brasileiros ilustres trocavam sobrenomes e apelidos avoengos por nomes de árvores, rios, montes e animais genuinamente brasileiros, como ainda atestam muitos nomes patronímicos existentes, nosso amor pátrio tinha alguma coisa de fanatismo religioso e do delírio das grandezas, em certos momentos. Era esse fanatismo e esse delírio que davam a nota predominante nos festejos para cujo realce se estimulavam todos os brasileiros, qualquer que fosse a província do nascimento.

Ao entrar na casa de Dusá, depois de ver as ruas adornadas de arcos triunfais e as portas e janelas da Rua do Comércio, enfeitadas de palmas e folhas brasileiras, Mariazinha levava já n'alma o entusiasmo comunicativo dos moradores, transitando em grupos alegres. Mas foi de breve duração esse primeiro despertar de amor pátrio, porque grande número de conhecidos de sua amiga e protetora invadiu a casa, supondo que Dusá estava na terra. Felizmente, dentre esses, surgiu Eduardinho, que tomou a seu cargo desfazer o engano, porém ainda assim não evitava as visitas maçantes. Ele já era um homem de negócios e não podia estar a perder tempo. Aconselhou, pois, à moça, que pedisse agasalho em casa de D. Florinda.

— É no que já tinha pensado, senhor Eduardo. Mas antes de tudo eu tenho um grande favor a lhe pedir. É um favor que nunca pagarei...

— Oh! é tão grande assim? inquiriu o ex-cantor de modinhas, corando, mas em atitude respeitosa.

—É. Desejo livrar minha Santa de um grande incômodo e conto com seu auxílio.

— É dizer logo.

— Desejo que o Sr. obtenha com seus amigos para não ser perseguido aquele mineiro...

— Oh! já mudou de pensar? atalhou Eduardinho.

—Não mudei; contestou a moça gravemente; porém minha Santa deseja protegê-lo, porque ele está à morte, e tratado em segredo por gente que ela também protege. Pode fazer esse favor?

Eduardo refletiu alguns minutos, e gaguejou:

—Eu não gosto de me meter em negócio de justiça... esse homem está complicado demais, porque resistiu, e da força morreram três...

—Dois, foi um cachorro dele que matou...

— Sim, mas... está o diabo! E já se sabe que ele está vivo? porque se diz que ele morreu... dos ferimentos... E Dusá que se importa com ele? Não foi injuriada?

—Ele pediu perdão, e ela perdoou.

— Tenho uma idéia... vou ver se o Cazuzza, inspetor, que veio à festa, dá uma parte, afirmando que o homem morreu. Mas o Cazuzza pode se negar... "Está cru" este negócio! Em todo o caso, vou tentar. Agora diga, D. Mariazinha fica aqui mesmo, ou...?

—Deus me livre! exclamou ela.

Quer que lhe leve à casa de D. Florinda?

—Muito obrigada, respondeu Maria, eu vou com Juliana.

Eduardinho saiu pensativo. A moça chamou a escrava e seguiu para a casa da professora, que a recebeu alegremente, desde que a viu bem trajada, e em companhia da escrava de Dusá, conduzindo um baú de folha-de-flandres.

Entretanto, por mais que se esforçasse para corresponder à alegria da dona da casa, Maria não podia dissipar certa tristeza, o que foi logo atribuída à lembrança da velha falecida.

Em verdade, a casinha, caiada de novo, e ocupada por inquilino estranho, lembrou à moça os dias passados em companhia da boa velha, que ela chamava Mão Rosa; mas possuindo uma dessas naturezas para as quais o passado em breve se distancia, nos meios movimentados como a Chapada, pareceu-lhe um acontecimento de meses. O que a entristecia era a incerteza de poder servir de auxílio à Dusá, a quem desejava surpreender com esse serviço não solicitado.

Veio a noite, cheia de luzes e burburinho da povoação. Maria denotava esperar alguém, porque chegava à janela alta, de espaço a espaço. Às sete horas, Eduardinho aproximou-se da janela, dizendo:

— Boas novas!

— Graças...

— Mas espere. Não obtive ainda; porém “cresci” um cobre no sujeito para agradar e ele cede.

— Deus permita.

— Há de permitir; eu daqui a pouco vou chamá-lo para a venda, e não há dúvida que ele cai, porque eu já disse que o moço me toca parente. E até logo.

D. Florinda, que ouviu a conversa enigmática, desejou saber de que se tratava. E porque segredo de mulher, em regra, só se conserva de ouvido a ouvido, ficou a barrista louvando a intenção generosa de sua hóspede.

Durante a noite não mais voltou o Eduardinho a quem talvez os fregueses impedissem de sair, porque, mostrando-se cada vez mais apaixonado por Mariazinha, só por força maior se explicaria o descumprimento da palavra, pois ele dissera até logo, e não até amanhã.

O alvorecer do dia 1.º de julho foi estrondoso. Somente ficaram na cama os organismos refratários às emoções agradáveis e comunicativas. Ao toque das cornetas dum ala de batalhão aquartelado, isto é, cada guarda em sua própria casa, reunia-se o espocar de bombões, de girândolas de foguetes, e o bimbalar no sino da capela distante. Em pouco os sons de música, na rua, completaram o entusiasmo da população madrugadora.

D. Florinda era patriota consciente e participava da alegria geral. Sentia apenas não ter um marido que a compreendesse.

Mas nem por isso sua porta e janelas tinham menos enfeites.

Correu a “ver a música”, chamando Mariazinha, porque, em geral, ninguém se contenta de ouvir os sons, sem os completar com a vista do instrumental.

Ao mesmo tempo chegava o Eduardinho e, depois de saudar, disse, com a estouvance que lhe era própria:

— Alvíssaras! Tudo arranjado! Pode ficar tranqüila!

— Oh! que alegria que eu sinto, por minha Santa! exclamou a moça.

— E eu também! obtemperou ele. Mas agora tenha paciência, quero uma capela muito chic e na carreira, pra amanhã. Hoje tenho uma, mas não está bem feita, porque não o foi por mãos que eu conheço!

Mariazinha corou, retirando-se um pouco da janela, enquanto D. Florinda comentava, rindo:

— Isso é que é patriotismo! Até a capela do ombro deve ser feita por mãos conhecidas...

— E adoradas! terminou, rindo e escapulindo-se, o Eduardo.

— Está dito, D. Mariazinha; Eduardinho será seu noivo!

— Noivo! exclamou ela, meio pensativa. Eu o estimo, porém não posso me casar, ainda que ele queira.

— Pois havemos de ver. Ele é estourado, e o dia que lhe der na cabeça, corre à Passagem, levando o padre, e ou casa, ou casa mesmo! Aqui agora está em uso isso!

Mariazinha fez um muxoxo, e, mudando de assunto, repetiu:

— Como minha Santa vai ficar alegre comigo! Pensava que eu não tinha préstimo? Anda!

— Bem merece um bom serviço! É tão boa... disse a professora.

— Agora vou trabalhar na capela de...

— De meu noivo! fale assim logo.

— Não fale mais nisso, não, D. Florinda! Por caridade!

— Não falo mais, não; mas é bom fazer também a sua, de prevenção.

— Tró, tró, tró! Tró, tró, tró! cantarolou Mariazinha, por disfarce, dirigindo-se à sala de costuras, onde estava o seu baú.

Encontrando os aviamentos precisos, entregou-se ao trabalho, sem descanso, porque não queria perder a festa da noite.

Fora, nas ruas, o movimento crescia.

O ouro, nesse tempo, corria à farta no Xique-Xique, e não havia tempo para tristezas nem mutismo.

CAPÍTULO XXX

Raiou, enfim, o dia suspirado, em que a gloriosa Bahia comemorava essa epopéia escrita pelo nobre sentimento que o futuro cosmopolita denominará loucura patriótica.

O alvorecer fora aquecido a mais por um “terno” de barbeiros com o respectivo “zabumba”, vindos da Furna, localidade vizinha da vila do Rio das Contas. Logo pela manhã começaram os preparativos da entrada do carro triunfal, levado, na véspera, para os lados da Rua da Força, percorrendo assim quase toda a extensão do povoado, à luz de archotes embebidos em resina de jatobá.

Nunca fora tão intenso ali o fervilhar da vida coletiva.

Havia missa cantada, e só essa parte da festa era bastante para fazer andar em polvorosa, metade da população.

Os batalhões patrióticos se aparelhavam a capricho. Patriotas avulsos se esmeravam principalmente em sair montados em bons e bem ajazados animais. Por isso, desde cedo, escravos de estimação transitavam para o rio ou regatos próximos, levando a lavar ginetes briosos, que nitriam inquietos ao sair das “estrebarias” e eram a custo contidos pelo “estorvo” dos “buçais” trançados.

Mais tarde, já faziam estrotegar ou esquipar os corcéis ardidos, cavalheiros que possuíam mais de um, e que reservavam os mais belos para a entrada triunfal dos carros.

A meninada enchia as ruas em gritos, vivas e assobios.

Mucamas, vestindo seda ou chalim, traçando “becas” de alto valor, atestando ainda pelos grossos colares, argolas e braceletes de ouro, a abastança das senhoras (que nisso punham ponto de honra), conduziam mimos em bandejas de prata, cobertas de toalhas de esguião fino, cujos bordados e rendas valiam tanto quanto as bandejas, em razão do baixo preço da prata.

Até o exterior das casas, pelo acúmulo de enfeites, parecia estremecer do amor pátrio dos donos. Algumas estavam mesmo ornamentadas com luxo. A de D. Florinda, apesar de pequena, era desse número. Das janelas e portas pendiam cortinas e sanefas, graciosamente postas, e das ombreiras, festões de folhas de pitanga e brasileiras. Nos claros das paredes, lanternas venezianas multicores indicavam que a casa se iluminaria à noite, como quase todas. A de Dusá, por insistência de Eduardo, estava ornamentada também.

Submetida, voluntariamente, à chefia do ex-valdevino, Mariazinha radiava de prazer. Tinha preparado uma capela bonita com laços de fitas verdes e amarelas, esperava-o para colocar-lha no ombro, que ele assim o exigira. Sobre a tardinha veio açodado e puxadinho, e a moça prendeu-lhe o distintivo patriótico.

Tinha pressa de ir montar no fogoso ginete, porque o povo e batalhões já estavam se reunindo para os lados da Rua da Força, onde ficaram os carros, mas insistia num pedido feito pela manhã:

- Se não recitar, não me verá mais!
- Eu morro de vergonha! Sô Eduardo! Não me exija isso!
- Qual morre nada! Faça de conta que está recitando sozinha, como costuma fazer!

A moça meditou, querendo consentir, porque D. Florinda também a animava e rogava, mas imediatamente disse:

- Qual! eu sinto que não ficarei em mim!
- Fica, sim. Olhe, D. Florinda, quando passar o carro, bata palmas por ela, e eu quero ver se ela lhe mete vergonha!

Disse e saiu ligeiro o Eduardo.

Mariazinha enbranqueceu. Sentia faltar-lhe a terra aos pés. A professora ria-se, metendo à bulha o acanhamento da moça.

Caía a noite. Cessara o rumor das ruas inferiores, porque o povo acorrera ao lugar dos carros. Mas dentro em pouco ouviram-se os sons das músicas. O grande préstito cívico desfilava entre vivas e aclamações. Ao penetrar na Rua Direita, ao som do hino baiano, cantado por centenaes de vozes, o entusiasmo tocava ao delírio, que mais excitavam o espocar dos foguetes, dos bombões, o tropel da

cavalaria, os vivas incessantes ao imortal Dois de Julho, à Nação Brasileira e ao Imperador.

O préstito de milhares de indivíduos, terminado pelos carros de bagagens, imitava realmente a entrada do Exército Libertador.

Quando paravam as músicas, soavam os clarins. O carro do caboclo, em que figurava um menino, era puxado por patriotas. O préstito movia-se lentamente, parando de espaço a espaço, quando assomava a alguma janela um orador ou poeta, incendiado de amor pátrio, a recordar em prosa ou verso os feitos dos heróis de 1823. Terminando, soava o Hino Nacional, e o povo prosseguia, cantando ao som do hino baiano:

Nasce o sol a Dois de Julho,
Brilha mais que no primeiro;
É sinal que, neste Dia,
O mesmo sol é brasileiro!

E, seguia o coro:

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações,
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações!

Não era raro encontrarem-se baianos e cachoeiranos, cantando satisfeitos, a plenos pulmões, porém com os olhos rasos de lágrimas.

Ditosa a Nação que rememora seus feitos heróicos!

O povo que esquece os nobres estímulos de seus antepassados, e se envergonha de entoar, à luz do sol, velhos hinos patrióticos, verá perder-se o seu civismo, entre os temores arteiros da autolatria dos poderosos, bem como sua independência, confiada à covardia que se alaparda nos devãos de interesses mercantis, onde por vezes a própria consciência se almoeda.

O vigor desse entusiasmo comunicou-se rapidamente ao espírito de Maria, que ficou alheada de apreensões anteriores. Não via mais nada, senão esse estrondo que a arrebatava. E quando o carro triunfal defrontou com a janela em que se instalara, foi ela própria que bateu palmas, pedindo atenção. O préstito parou, e entre o povo percorreu um murmúrio de admiração e surpresa; era uma mulher que ia falar. O seu traje e a sua beleza captaram logo simpatias. Vestia de branco, trazia à cabeça um diadema de sempre-vivas amarelas, ao pescoço um colar de rosas mínimas, e a tiracolo uma faixa de fitas largas, com as cores brasileiras. O povo duplicava a atenção pela patriota. Algumas vozes repetiam, contudo:

- É a Dusá!
- É uma irmã!
- É a Dusá mesmo, que a casa dela está iluminada, também.
- Psiu! psiu! psiu! insistiam outros.

Conseguido relativo silêncio, Maria, ligeiramente pálida, recitou, em voz de timbre argentino, a primeira estrofe:

Salve, ó tu, Pátria de livres!

Salve, querido Brasil,
Que te coroas de flores
Debaixo dum céu de anil!

Os bravos espontâneos, que irromperam no seio da multidão, animaram a poetisa, e, ela prosseguiu, em voz vibrante:

Um dia quebraste os ferros
Da mais negra escravidão;
Por isso devem teus filhos
Jurar perpétua união!

E unidos, seremos fortes,
Perante os povos da Terra,
Opondo sempre aos tiranos
Ódio fundo e crua guerra!

Os vivas ao Brasil e ao Imperador indicaram o fim da poesia.

O povo correspondeu em delírio de entusiasmo, e ouviram-se vivas à Brasileira patriota. Tudo isso ultrapassava à expectativa de Maria, que considerava já uma glória o não ser vaiada, como às vezes acontecia aos maiores poetas e oradores da terra. Estava cheia de si, porque até a professora a abraçara efusivamente. Porém, num átimo, aguçou-se-lhe o prazer. Ao terminarem os vivas do povo, formou-se um tumulto à frente do préstito. Portas fechavam-se ruidosamente; corria gente em direções opostas, desorganizando as fileiras, enquanto vozes enérgicas repetiam:

— Não pode! No dia de hoje, não pode insultar a uma brasileira!

— Fosse, ou não fosse vendida a Dusá, ninguém tem nada com isso, hoje!
Hoje é viva a Liberdade!

Maria tornou-se lívida. D. Florinda arrastou-a, quase à força, para o interior da casa. Juliana ajudava.

Fora repetiam-se os vivas, e soava a música reconstituindo o préstito, e serenando o tumulto, cuja causa logo se soube. Uma dessas almas odientas e mesquinhas, almas de chicharro em corpos de lesmas, que coleiam entre as multidões ou rastejam pelos lares, ora farfalhando sedas, ora coberta de trapos, tinha injuriado à brasileira, dando um fora, e adicionando-lhe à alcunha – o qualificativo de vendida. Perto estava o Eduardinho, cavalgando seu belo corcel, e, ouvindo a injúria esporeou o cavalo e vibrou uma chicotada em cheio no rosto do indivíduo que a proferira. Quis dar segunda, mas o covarde penetrou na casa mais próxima, e fugiu pelos fundos. Alguém denunciara-lhe o nome. Era um Aristo Alfaiate, um pasquineiro.

Eduardo mordida o charuto, vermelho de cólera. Apenas chegado o carro do caboclo junto ao palanque destacou-se com um grupo de rapazes amigos e voltou à casa de D. Florinda. Aí foi encontrar Maria, banhada em pranto, em que se desfazia a comoção produzida pela injúria. E lançava à conta do seu desamparo o atrevimento do indivíduo, que ela desconhecia completamente.

— Não chore mais, D. Mariazinha. Já está vingada e bem vingada, porque o miserável levou na cara a marca deste chicote, afirmava ele, mostrando o rebenque de castão de prata, com anéis de ouro.

E ele também não se vingará? perguntava ela apreensiva.

— Ora! um covarde! Mas deixemos isso. Vim dizer que tomei uma resolução extrema. Amanhã, cedo, nos casamos, D. Mariazinha; consente?

A surpresa da proposta estancou de súbito as lágrimas da moça. D. Florinda teve um acesso de riso.

— Mas que casamento estourado é esse, meu Deus?!

— Estou falando seriamente, e há de ser amanhã, disse o rapaz.

— Casamento assim aferventado, não é bom. Reflita, Sr. Eduardo, aconselhava D. Florinda.

— Já refleti, há mais de mês. Casamento demorado é que não presta. Responda, D. Mariazinha, insistia Eduardo.

— Consinta, consinta, logo! corroboraram os amigos de Eduardo.

Mariazinha, com as mãos geladas, suando em camarinhas, mantinha-se emudecida com o olhar no pavimento. Mas, ajoviada, num assédio de pedidos, murmurou:

— Consinto, porém, se minha Santa consentir!

— Por ela fico eu! bradou Eduardo.

— Também eu, disse a professora.

— Mas é uma ingratidão não esperar por ela, disse a moça em voz suplicante.

— Qual ingratidão, exclamou ele. Pior é ficar pesando-lhe às costas, porque o vigário vai amanhã para o Mucujê... e sua recusa é para mim um desengano.

— Faça como quiser, Sr. Eduardo, interveio a professora.

— Pois neste caso, só precisa um véu e uma capela de flores de laranjeira. O mais é como está aí. Amanhã às oito, à hora da missa. E vou dar providências em casa!

E o noivo, em companhia de seus amigos, saiu radiante de alegria.

— O vigário celebrará o casamento sem banhos? inquiria um.

— Ora se! Eu tenho meu plano, respondeu o Eduardo.

Ao ficar a sós com a professora, Mariazinha exclamou:

— Mas isso parece um sonho!

— Sonho que você desejava, minha sabida!

— Juro que não desejava assim.

— Pois é isso o mundo e a sorte, ponderou a professora, sorrindo. Eu que guardo véu e capela, há tanto tempo, ainda não achei casamento, nem assim. E agora vão servir para quem eu não esperava.

— Por isso, não, D. Florinda, eu compro na loja.

— Mas, agora sou eu que quero que eles sirvam, porque dizem que isso ajuda a gente...

— A casar?

— Sim!

— Neste caso aceito, porque lhe desejo de coração o mesmo sonho! Já não tem algum em vista?

—Tenho uns poucos! mas nenhum me agrada direito.

Desse modo se entretinham as duas, enquanto Juliana, Joaquim e a escrava da professora se benziavam, rindo, na cozinha.

No dia seguinte, à hora da missa, no momento da elevação da hóstia, os assistentes, e mais ainda o vigário, foram surpreendidos por um fato extraordinário. Nesse momento solene duas vezes se alternavam, dizendo:

— Perante o Deus vivo, recebo a vós, Maria, por minha mulher.

— Perante o Deus vivo, recebo a vós Eduardo, por meu marido.

Os crentes curvaram a cabeça, reverentes, abençoando os noivos.

Mais longe alguns reprimiam o riso, enquanto outros murmuravam:

— Esse Eduardo é estourado em tudo!

— Porém aquela é a Dusá mesmo?

— Parece, muito.

Após a consumação simbólica, não teve remédio o vigário, senão terminar o casamento, intervindo com a sua autoridade.

Realizara-se o plano de Eduardo, cujos amigos lhe proporcionaram uma boda estrondosa.

Mas não houve então quem convencesse ao povo da rua que Maria não era Dusá.

CAPÍTULO XXXI

No dia 4 de julho, repercutiu pelos garimpos da Chapada a notícia do casamento de Dusá. Por sua vez fora ela surpreendida com a nova trazida por Joaquim e Juliana, e ratificada pela seguinte carta, datada de 3:

“Minha Santa: Parece-me que ainda estou sonhando ao escrever esta. Casei-me com Eduardo hoje, à hora da missa. Ele não quis esperar pelo seu consentimento, que eu reclamei, nem por sua presença. Nunca pensei numa coisa assim. Só com a vista poderia conversar melhor. Prometi ajudar a você e fiz mais do que pensava. Logo que cheguei pedi a ele mesmo para obter do subdelegado não perseguir mais o homem. Ele arranhou tudo.

“No dia 2, ontem, ele insistiu para eu recitar na passagem do carro; eu recitei, mas depois de aplaudida, um Aristo Alfaiate, pensou que eu era você, e me injuriou. Eduardo estava perto e deu-lhe com o rebenque.

“Eu fiquei fora de mim. D. Florinda, com quem ainda estou, foi minha salvação, porque quase morro. Mais tarde chegou Eduardo, com amigos dele, e tanto fizeram pra eu dar o sim, que não tive outro remédio. Agora não sei o que será minha sorte e dele. Tenho muita, muita saudade de você. Agradeço os benefícios

que você me fez. Espero em breve nos abraçar. Adeus. Sempre sua, de coração... Maria”.

Depois da leitura da carta, Dusá cessou o riso que lhe despertara a simples nova do casamento de Eduardo e Maria. Seu espírito se entristeceu, vendo-se causa involuntária de uma injúria a uma amiga, e de uma desfeita a um miserável que se constituíra seu inimigo gratuito; desfeita que podia ter conseqüências funestas, apesar de ser vítima o mesmo que comeu um pasquim, bebeu uma xícara de azeite e fugiu, sem se vingar.

Maria meditou, com desgosto, na sua vida, na sua alcunha, e assentou que, para fruir dias mais tranquilos, devia se mudar para a capital ou para o sertão; sair, enfim, da Chapada.

Alheada alguns minutos de sua inclinação para o mineiro, Dusá arquitetou o plano de viver entre pessoas estranhas, trabalhando com seus escravos, sem precisar de despender o ouro e a prata, guardados em saquinhos, no fundo dos baús.

Permanecendo assim, em atitude meditativa, tendo ainda a carta na mão, nem viu se aproximar a governanta, que a assustou, perguntando:

— Sinhá sabe duma coisa?

— Que susto! Que é Rita? Pra que me assusta assim?

— Uai! me perdoe, Sinhá. Eu pensei que Sinhá tinha me visto.

— Que coisa é? Diga.

— É Maravilha, Sinhá, que tá morando no Alto da Igreja.

— Daí? que tem?

— Que tem, Sinhá? o negrinho tá chegando pra perto. Agora Mariazinha casou... eu quero vê...

— Ver o quê?

— Deslindado duma vez esse negócio, Sinhá.

— Não pode ser deslindado, não, Rita, porque ele ainda tem muito amor à Mariazinha. Eu conheci isso da última vez que fui à serra. Por isso voltei aborrecida. Não desfiz o engano logo porque ele estava muito fraco, não devia ser contrariado. Porém agora já o engano estará desfeito. O que eu estou pensando era em mudar daqui pra o sertão ou pra Bahia...

— Pra o sertão, Sinhá; pra o sertão! Ah, meu sertão! Quem me dera Sinhá viajasse esta semana! Mas é preciso esperar um bocadinho!

— Decerto, que é preciso vender minhas casas e o que eu não posso levar.

— Não é isso, não, Sinhá. Esperar que eu falo é o negócio...

— Está bom, vai procurar o que fazer e deixa-te de tolice, que eu não hei de querer a quem morre por outra.

— Sinhá verá quem vence! Se é Maravilha ou ela!

— Tola! Quem vence é a vontade minha, porque não quero.

— Pois eu tenho a certeza de fazer esse arroz e não demora muito.

Assim dizendo, a escrava saiu rindo, enquanto Dusá recaía na meditação, que agora tinha por objeto exatamente o que ela não queria. E veio-lhe à imaginação a possibilidade de ver o mineiro confessar-lhe um amor sincero, sem apego à sua pequena fortuna, afirmando que o seu amor à Mariazinha fora um sentimento passageiro. Então sim, aquela fronte morena, aquela cabeça adornada de cabelos negros e finos, de anéis largos, poderia descansar em seu regaço, porém como marido. E o amaria de um amor invencível, que seria como o dele, uma

fonte de felicidade, até para os seus escravos. Neste caso, em vez de buscar a capital, melhor seria procurar um recanto de sertão, sossegado e fértil, onde em meio de um pomar verdejante se levantaria a casa branca, o cândido ninho de seu amor... e de... seus filhos!

A esta idéia última Dusá pareceu despertar, e murmurou:

— Que loucura! Nem ele me terá amor, nem eu, sem esse amor, o quererei, mesmo como esposa, o que é quase impossível!

Levantou-se, guardou a carta, que tinha, dobrada na mão, e começou a passear na sala, apenas iluminada por uma réstia de luz, como fita sobre o ladrilho de tijolo projetada pela lâmpada na alcova.

Alguém bateu na porta, devagarinho.

— Quem é? – perguntou Dusá, chegando à rótula.

— Sou eu, Dona!

— Ah! por aqui hoje, sô Antônio? perguntou ainda correndo a abrir a porta ao velho e dedicado garimpeiro.

— Eu mesmo, D. Emerentina. Boa noite. Eu mesmo, que vim me desenganar com meus próprios olhos, porque Manuel Pedro disse e jura que vosmecê se casou.

— Ora, senhor! Veio só por isso? Foi minha Santa, que estava aqui, e foi passar a festa no Xique-Xique e já se casou com o Eduardo Franco, conhecido por Eduardinho. É um bom moço, porém muito estouvado, como mostrou, casando sem a noiva esperar isso, nem pessoa alguma.

— Muito bem, disse o Antônio. Eu vim somente para acabar de acreditar. Agora o difícil está em convencer o doente.

Dusá pareceu perturbar-se; mas perguntou, depois de convidar o Antônio para a sala de jantar, que estava iluminada:

— Que doente?

— Seu Ricardo, respondeu, dirigindo-se pelo corredor, seguindo a dona da casa. Vosmecê nem sabe como ele demudou com a notícia. Desde meio-dia não deu mais uma palavra.

— Sem dúvida! apoiou ela, fingindo indiferença. Pois se Mariazinha era conhecida e amada...

— Qual! – atalhou Antônio. O negócio é outro. Ele pensa que vosmecê casou de veras!

— Pois é isso mesmo. Ele me tem ainda como Mariazinha que ele conheceu. Eu não desfiz esse engano outro dia, porque podia lhe fazer mal; mas à primeira vez que eu o encontrar, ficará ciente, porque isso tem me aborrecido demais. E como soubera do casamento?

— Já não disse? Foi por Manuel Pedro, que eu mandei ao João Felipe. Este mandou ao Monge, e só ontem veio a resposta, felizmente boa, porque chegou lá a parte do inspetor com ofício do subdelegado, dizendo que o Ricardo Mineiro morreu no conflito.

— Pois fique ele sabendo que quem obteve o ofício e a parte foi Eduardinho, a pedido de minha Santa, que, por si mesma disse que ia ao Xique-Xique pra ajudar a mim e a você nesse empenho de livrar o moço da perseguição.

— Então seria isso. Da minha parte serei reconhecido, porque o rancho, em que ele está, é meu, e agora vou tratar de lavar o cascalho do Canoão que está amontoado até hoje. Também seu Ricardo ou Valeriano, como se chama agora, já está andando; quando sarar de todo, que cuide de si. E não sei como se há de arranjar, porque roubaram o dinheiro e tudo dele, que ficou na casa! Só tem a roupa do corpo! Os animais estão soltos na serra, de modo que só vosmecê comprando e mandando pegar.

— Coitado! Chegou ao último ponto! Mas posso mandar pegar esses animais sem me comprometer com a justiça?

— Pode, sim, porque o rebate das letras foi antes do barulho. Se são, como ele e Felipe dizem, os seis animais valem a letra maior.

— E ele quer vendê-los a mim?

— Quer, e já me falou. Ele pediu a Manuel Pedro pra indagar de Vítor e do Bebé, como quem não sabia de coisa alguma, se eles, eram credores do criminoso, e neste caso mandavam pegar os animais que ele deixou; responderam que isso era com vosmecê, que tinha antes comprado as letras. Isso faz três dias, e desde então ele foi ficando triste, e me pediu para lhe falar. Agora, depois da notícia do casamento, calou de todo.

Maria soltou um fundo suspiro, como se sua própria alma soluçasse, carpindo o infortúnio do mineiro.

— Seja como for, Sr. Antônio. Não quero que esse homem sofra e se desespere por causa de dinheiro.

— Vosmecê está enganada, supondo que ele aceite dinheiro. É orgulhoso e de opinião, como ele só!

— Espere. Não quero dar dinheiro assim. Mande pelo camarada dele, pegar os animais; faça preço e compre-os a dinheiro, que lhe darei.

— Ora! dá no mesmo, porque ele vem lhe entregar o dinheiro, que eu sei.

— Pois deixe vir!

Rita serviu o café. O garimpeiro tomou e saiu, deixando a mundana entregue às suas meditações.

CAPÍTULO XXXII

Decorreram oito dias.

Fosse intento de amor, ou estivesse resignada a esquecer, Dusá voltara à vida laboriosa e metódica de boa dona-de-casa.

Iam já um pouco distante os dias breves em que despertava sol alto, almoçando à uma hora da tarde, e jantando às sete da noite.

Muito outro era agora o seu viver e maiores os seus rendimentos, porque, além do jornal de Francisco Venâncio, transformara Juliana e Sofia em doceiras. E seus doces e bolos eram disputados pelos fregueses, logo que os tabuleiros saíam. De propósito deliberado, Dusá freqüentava a cozinha, o que, aliás, enchia de contentamento à velha e amorosa escrava.

Joaquim tinha nova obrigação de cuidar dos animais, comprados ao mineiro pelo Antônio Roxo, que os pagara a bom preço. Ricardo guardou o dinheiro, de que separou apenas certa quantia para a compra de roupa de “carregação” e despesas,

inclusive o pagamento ao curandeiro e à enfermeira Mafalda, mas logo que se sentiu forte, convidou Antônio para descerem à Passagem. O garimpeiro deu-lhe a chave da casa, alegando não ir, por estar triste com a apuração do cascalho das visagens de que resultaram somente uns diamantinhos de despesa, e muito cativo, o que era “prenúncio certo de infusão”.

Isso dizia ele, porém o Manuel Pedro teimava que, tendo ficado o cascalho amontoado por muitos dias, os batichós tinham engolido o diamante grosso da visagem.

Ricardo, que tinha precisão de descer, tomou a chave e seguiu à noitinha, acompanhado de Felipe.

Nessa noite, conforme o costume, Dusá estava na sala de visitas, em meia penumbra, recostada num canapé, conversando, em voz baixa, com Rita, sentada no ladrilho.

De súbito, ouviram um arranhar na porta da rua que, estando destrancada cedeu, dando entrada ao vulto imponente de um cão de raça.

— Olhe Amigo, gente! exclamou Dusá, sentando-se, e chamando o cão.

Amigo avançou, abanando a cauda alegremente, com a alegria pacata de cão ensinado e pousou o pescoço nos joelhos de Dusá, para que ela melhor o afagasse.

— Que novidade é essa?! perguntava ela. Tanto tempo que não te vejo! Vamos a ver que nem trouxe nada hoje! exclamava, rindo, e passando a mão no pescoço do lindo animal, para verificar se trazia algum bilhete atado.

— Isso é o sinhô dele que vem aí, Sinhá! – Amigo! Cadê Sinhô?

— Dá licença? solicitou da porta entreaberta uma voz conhecida.

— Pode entrar, disse Maria, levantando-se.

Ricardo entrou risonho ainda porque ouvira as palavras carinhosas com as quais Dusá tinha recebido o seu fiel Amigo, mas essa expansão ficou despercebida, por causa da meia escuridão da sala. Depois de apertar, com a mão gelada, a mão fria de Dusá, e responder à saudação da escrava, o mineiro sentou-se, ao passo que Amigo estirava-se junto à sua cadeira.

Rita fora buscar e já trazia o candeeiro para a sala, porém Ricardo ponderou que não convinha ser visto.

— Então vamos para a sala de jantar, convidou Maria.

— Não, senhora; aqui mesmo estou bem, respondeu ele, e mesmo a demora é pequena. Eu vim agradecer sua bondade e caridade, me socorrendo, porque eu sei de tudo, e até indo ver um pobre doente escondido atrás da serra. E afirmo, D. Emerentina, que meu reconhecimento não se acabará enquanto vivo for.

Dusá ouvia, silenciosa e embevecida, aquela voz simpática a lhe penetrar no íntimo da alma. E aquela voz branda e pausada, partia de um homem, que, além de belo a seus olhos, era destemido e generoso, as duas virtudes mais apreciadas pelo comum das mulheres; mas o tratamento de dona Emerentina desfez-lhe a ilusão de um momento, e ela, com fingida chocarrice, inquiriu:

— Oh! Já não sou Maria?! Sou dona Emerentina? Já se convenceu de que a outra é a verdadeira?

O mineiro emudeceu um momento e, não podendo ler coisa alguma no semblante de sua interlocutora, tomou as perguntas como ditadas por altiva indiferença, ou vingança das afrontas que ele lhe fizera duas vezes, e respondeu secamente:

— Tenha paciência, dona Emerentina. Agora vamos tratar de negócio. A senhora é credora de duas letras. Venho resgatar a menor e vou trabalhar, para resgatar a outra.

— Tenha paciência também, retorquiu ela; não quero que se vexa por isso! Esse dinheiro, que o senhor quer me dar, pode servir para ganhar outro, e assim não tomo...

— Isso não! Assim me contraria muito! Eu quero a letra de seiscentos e vinte.

— E se eu tivesse queimado ambas? perguntou Dusá.

— Eu depositava o dinheiro em mão segura, aqui, e a senhora não me veria mais nunca.

— Mas isso é capricho ou orgulho? Que gênio, meu Deus!

— Nem orgulho nem capricho. É negócio. É porque a senhora não está acostumada a negociar, se não, sabia o que é honra de negociante. Por minha infelicidade dei pra garimpar, mas espero ainda negociar no sertão, se bem que o garimpo não tivesse culpa de minhas doidices, e antes desse lucro. E vá buscar minha letra, que não posso me demorar muito.

Dusá, habituada à obediência dos escravos e dos amantes, quando os teve, ouviu, como um sibilar de serpente, aquele “vá buscar”, indicador da altivez de espírito do mineiro.

Calou-se, entufada, e, pisando forte, dirigiu-se ao quarto. Demorou-se um pouco e voltou com a letra exigida; porém, imaginando vingar-se, perguntou:

— E os juros? Não paga também?

— Pois não! acudiu o mineiro. Olhe aqui, pode contar, principal e juros até hoje.

Maria desaprumou-se. Mas entregou a letra e recebeu o dinheiro, tendo nos lábios um sorriso dissaborido.

— Negócio é negócio, amizade à parte, insistiu Ricardo.

— Mas nem tanto... ponderou Dusá. Agora, também não aceita uma xícara de café? perguntou ela, já temendo a resposta.

— Muito agradecido. Mas está ficando tarde e eu quero ver se vou ainda hoje pra o rancho. Preciso entrar logo num trabalho marcado. E quem é cativo não bota fubá de molho! Não é? perguntou Ricardo, em tom de mal disfarçada ironia.

— Mas isso vai a quem é cativo; retorquiu ela, em voz sufocada.

— Mais cativo do que eu sou? Cativo de um benefício que não tenho com que pague, e cativo ainda da mesma senhora, por uma dívida de conto e cem, afora prêmios...

— Adeus, dona Emerentina. Vou trabalhar e espero em Deus, breve resgatar minha letra, ficando sempre agradecido e pedindo ainda perdão de outras ofensas novas, porque das velhas já fui perdoado.

O mineiro tinha se levantado, e estendia a mão à Dusá.

— Modere seu gênio, senhor Ricardo! Eu vejo que o senhor está zangado comigo, porque comprei suas letras.

— Qual, dona. Foi até um benefício, um ensino que me deu.

— Olhe! Eu não disse? Ensino de quê? inquiriu ela.

— Eu era um tantinho orgulhoso e agora fiquei convencido de que a gente não deve ser vingativa nem orgulhosa!

— Então eu sou vingativa e orgulhosa? perguntou ela, cuja emoção traía-se pelo trêmulo da voz.

— Deus me livre de dizer isso a quem fez o sacrifício e a caridade de ir tão longe me visitar, doente para morrer. Peço também que reforme o seu pensamento; eu não sou ingrato... E boa noite, concluiu o mineiro, apertando, quase à força, a mão trêmula da formosa mundana, que se ria nervosamente, como histérica, desejando chorar.

Ricardo saiu e Amigo o acompanhou.

Dusá tinha ainda o dinheiro na mão esquerda, e apenas fechou a porta, correu para o quarto, atirou o dinheiro sobre uma banca, e, deitando-se de bruços na cama, afogava com os travesseiros o pranto soluçado, que reprimira a custo.

Na sala de jantar, as três escravas escutavam, emocionadas, os soluços e o assoar das lágrimas. Rita não sabia que fazer; ir para junto da senhora, podia excitá-la inda mais; conservar-se arredia, sujeitava-se às conseqüências de sua raiva depois.

— Mas o que foi, gente? perguntava Juliana, em voz baixa.

— Cala a boca, minha comadre, cochichou Rita, levando o indicador aos lábios. Vem cá, que eu estou até alegre!

— Pois Sinhá tá chorando, e vosmecê, que é mesmo que mãe dela, tá alegre? murmurou a cozinheira, sinceramente aflita.

— Vem cá, insistiu a governanta, e, acenando, dirigiu-se para a cozinha, donde ouviria qualquer chamado da senhora.

Juliana e Sofia acompanharam-na automaticamente.

Encontrando Joaquim, na cozinha, Rita ordenou:

— Vai depressa, Joaquim, aí pelo portão, e vigia que é que o moço, sô Ricardo tá fazendo na casa de sô Antônio, e vem me dizê.

O velho escravo saiu apressado, supondo ser uma ordem de Dusá e Rita, concentrando-se num momento, disse depois:

— Minha comadre: Maravilha vai ganhar o prêmio!

— Que prêmio, minha comadre? perguntou Juliana.

— Do casamento de Sinhá, respondeu a governanta, cujos olhos brilhavam de alegria.

— Uai! Pois Maravilha contratou casamento pra Sinhá? interrogou Sofia, por sua vez, com voz de assombrada.

— Não, menina; mas adivinhou, e fez Sinhá ter paciência e esperar...

— E com quem? com esse moço estourado, que deixou Sinhá chorando?

— Cala a boca, menina; você inda é nova e tola, continuou Rita, em tom de misteriosa decifração. Eu sou negra velha baseada. Sinhá Maria tá apaixonada pelo

moço e ele inda mais por ela. Ele é homem mesmo, que mulher não governa; o moço é valente e fala rosado, mas é bom, agora eu vi! Aqui uns tempo Sinhá quis vingar dele e comprou umas letras que ele devia. Agora ele soube, e pensou que Sinhá o despreza e quer comprar a vontade dele como cativo a dinheiro. Por isso zangou e veio pagar uma. Sinhá não queria receber e ele obrigou. Eu escutei tudo, por bem dela. Agora o choro passa e ela fica mais presa. Ele também fica pelo beíço, quando souber que Sinhá quer bem a ele... de coração.

— E quem diz? perguntou Juliana.

— Eu! exclamou Rita, batendo no peito.

Rangeu a porta da cozinha, e Joaquim entrou.

— Então? perguntou a ex-governanta.

— Moço tá na sala de dentro, sentado, pitando cigarro de cabeça baixa. Eu fui vê sô Felipe, que estava fazendo café na cozinha.

— Eu não disse? Negra velha não se engana. O moço tá de modo que tendo inimigo, deixou a porta aberta. Vou lá neste instante. Cadê meu pano?

— Tá aqui, tia Rita, disse Sofia, apresentando o pano da Costa.

— Si Sinhá me chama, Juliana, diz que eu volta já.

As escravas ficaram como estateladas da resolução de Rita.

Esta saiu, chamando Joaquim, que a acompanhou à casa onde estava Ricardo. Ao ver o vulto de Rita, Amigo rosnou, mas depressa conheceu Joaquim.

— Ahn! exclamou a escrava; assim ninguém entra, que Amigo não deixa, si for estranho.

A porta ainda estava aberta e Joaquim entrou adiante.

O mineiro estava tomando café. O escravo disse:

— Rita veio vê sinhô!

— Que Rita? inquiriu Ricardo.

— Rita velha, lá de casa, sinhô!

— Ah! essa eu não conheço ainda.

— Pois inda agora dei Louvado sôs Cristo... mais a sala estava com pouca luz e sinhô não viu direito, disse a escrava aparecendo na porta, enquanto Joaquim entrava para os fundos da cozinha.

— Ah! era você, minha velha? Que veio fazer?

— Vim vê si sinhô estava incomodado e zangado com sinhá...

— Foi ela que mandou saber? Zangado, por quê?

— Ou! pois sinhô nem quis tomar o café que sua negra velha tinha feito... como é que não tá zangado?

— Mas foi ela que mandou? insistiu Ricardo.

— Não foi, não. Ela nem me viu saí. E digo a loiô. Minha Sinhá é mesmo que uma fia minha. E tenho dó quando ela sofre. Sinhô saiu e nós vimos ela entrar pra o quarto chorando, eu pensei que sinhô brigou com ela.

O mineiro sorriu descrente.

— Está bem, minha velha. Isso é lá outra coisa. Não sou culpado.

— É porque sinhô não sabe como ela lhe quer bem!
— Bem, a mim? perguntou o mineiro, rindo. Se ela me quisesse bem de coração, não comprava dívida minha, por vingança, pra querer trazer-me debaixo dos pés!
— Não foi isso, não, sinhô!
— Olhe, minha velha, vai tomar café na cozinha. Não fale mais nisso, não, ordenou ele, imperativamente, em voz mudada.

A escrava calou-se. Julgou inconveniente insistir, e disse:

— Tá bom, meu senhor, me perdoe. Eu não posso demorar, vou só dizer adeus ao Sr. Felipe.

E foi à cozinha, donde voltou instantes depois, com Joaquim.

A velha escrava não sabia onde pisava. Todo o seu castelo se desabara. Ao chegar à casa nada disse; estava triste, mas foi fazer companhia a Dusá, que se tinha acalmado, posto que continuasse a velar.

Ricardo continuou a meditar.

Felipe fechou a porta, depois de prender Amigo na sala, e foi deitar-se.

Ricardo velou, até que adormeceu de fadiga, debruçado sobre a mesa.

Quando os galos “miudaram”, Felipe levantou-se e despertou-o, porque deviam partir para o garimpo.

CAPÍTULO XXXIII

Resistir, na luta pela vida, destruindo os obstáculos emergentes, é apanágio das almas fortes; porém perseverar, contornando-os e afeiçoando-se a um objetivo supremo e digno, só é próprio dos espíritos de eleição, para os quais é estímulo a própria desventura.

Dusá possuía a virtude da perseverança no amor, que se nobilita pelo sofrimento, e acrisola-se pelo domínio do amor-próprio.

Acalmada a crise nervosa, que a acometera após o último encontro com o mineiro, reconheceu a sua sem-razão e infantilidade.

D’homens dóceis às veleidades de uma mulher, não estava cheio o mundo? Logo, aquele que, polidamente, a subjugava, era, entre muitos que conhecia, o único digno de sua dedicação.

Não a amava? Era preciso que amasse. E para ela se transformou em estímulo a altivez de Ricardo. Estava aberta a luta da brandura contra a violência, em que o ponto de honra daquela era vencer pela afeição.

Em conseqüência de sua resolução, adotando novo plano de combate, em que Antônio Roxo entrava como figura obrigada, mandou chamar o garimpeiro, e, propondo sociedade nos lucros, fê-lo estabelecer-se na Passagem com armazém de “gêneros da terra”. Além disso procurou entreter amizade com as vizinhas, que não suportava já o isolamento em casa.

Por sua parte, Ricardo continuava a viver e pensar como um homem desorientado, desde o casamento de Mariazinha, ou antes desde a notícia de ter Dusá comprado suas letras.

Era singular a situação do mineiro, e mais singulares as alternativas do seu espírito, que se debatia entre a razão, o amor, o reconhecimento e o brio.

Ele próprio lembrava essas alternativas e sofrimentos, admirado da resistência de sua razão, quando, por muito menos, outros a perdiam.

No Xique-Xique odiou Dusá, convencido de que era Maria Alves não porque tivesse a esta um verdadeiro amor, mas porque se julgou menosprezado, quando tinha direito ao reconhecimento e a certa superioridade moral. Depois entrou em dúvida, por ter notícia da moça, vinda do sertão, que o procurava e arrependeu-se de ofender a uma pessoa que, além de estranha, o impressionara pela beleza. Porém Supi, que o iniciara no vício da embriaguez, convencerá-o de que Dusá era a verdadeira Maria Alves, e a moça uma especuladora, forçando-o a injuriá-las por um bilhete sem assinatura.

Sobrevem o infortúnio, e a ingratidão de Supi mostra-lhe que Dusá era-lhe superior, e se o tinha desconhecido, a culpa era dele, Ricardo, que desprezara o bom aviso de João Felipe.

Surgem, depois, os negros dias da perseguição, e Maria Dusá toma a seus olhos o prestígio de uma heroína adorável, e adora-a no mesmo calor da febre traumática, e no delírio de sua fraqueza. Vendo-a transpor a Serra, deixando comodidades que lhe a fortuna proporcionava, depois de abandonar a vida alegre das funçanatas, sentiu-se acabrunhado de remorsos, porque Maria se tornara um ente superior. Mas, eis que essa superioridade se rebaixa à vingança trivial dos entes mesquinhos. Maria Dusá compra as letras, por vingança, para mostrar que não devia ser chamada vendida, porque também sabia e podia comprar. Em seguida vem a notícia do seu casamento com um daqueles que lhe fizeram frente no Xique-Xique, em casa da mundana. Tal notícia, transmitida por Manuel Pedro, que a conhecia e a viu recitar à passagem do préstito do Dois de Julho, veio entretanto lançar o mineiro, num estado vizinho do desespero. Desapareceram de sua alma todos os sentimentos e considerações de reconhecimento, para ficar sozinho, veemente, como ele não supunha, um amor sem limites, que pedia sangue, numa vingança estrondosa, porque Dusá, dois dias antes, recebera compassiva a expressão desse amor. Foi este ímpeto de vingança que o fez emudecer, despertando apreensões dos que o cercavam. Mas a verificação de Antônio Roxo, que fora à Passagem, donde Dusá nem ao menos tinha saído, chamou-o à razão. Mas a essa razão era preferível a ilusão antiga, porque seu amor caía agora, fracionado, do pedestal de sonhos em que se estadeava. Sentia-se contrafeito como aquele que ao cravar o ferro homicida, reconhece a inocência da vítima. Que semelhança tão extraordinária era essa, entre as duas criaturas, que iludia até aos conhecidos de poucos dias!? Seriam irmãs? Mas isso que importava? quando a amada era Dusá, a verdadeira e não a que o povo teimava em denominar assim, e a quem agora votava indiferença?

Havia, entretanto, o lado que o inquietava.

Enquanto estava enganado, tratava Dusá com a familiar superioridade de quem a beneficiara em dias de miséria. Agora era-lhe uma mulher estranha, de quem conhecia apenas a beleza despótica, e a generosidade turvada pelo instinto de vingança. Nem poderia invocar em prol de qualquer familiaridade, o fato de ter sido mundana, porque ela estava em caminho de notória regeneração. O próprio tratamento geral de “D. Emerentina” era a consagração do seu esforço virtuoso.

Em tais meditações, o mineiro gastava horas, dias inteiros.

Não gostava de admitir seus camaradas em palestras íntimas, mas a fidelidade, a constância de Felipe, elevaram-no à categoria de um confidente. Por isso, ao voltarem da Passagem, ao alvorecer, Ricardo repetia, pela quarta vez:

— Eu nunca pensei de cair num engano assim, por tanto tempo.

— Também foi culpa desta daqui da Passagem, patrão.

— Não foi. A vez única em que ela podia me enganar, não o fez porque o Domingos preveniu-a de que não me contrariasse, e quando viu que ela ia desobedecer, deu-me um cordial, e eu dormi sem que a visse partir.

— E me pareceu, patrão, que ela tinha muita pena de vosmecê. Se não me enganei, eu vi água nos olhos dela, na hora da saída...

— Nesse ponto eu também me enganei... mas... sei lá... a mulher estima dinheiro, como todos. Talvez fosse medo de perder a dívida... E não fazia mal! Quem mandou comprar minhas letras?... É o diabo! aí quem não tem razão sou eu!... Agora, a velha Rita disse que ela ficou chorando, quando eu saí ontem. Se é verdade, a velha pensa numa forma e eu penso de outra. Se chorou, é porque, mulher rica, pensou que eu me agachava obediente, porque estou devendo. Que engano! Nem a ela, nem a ninguém no mundo! Qual! quando eu penso nessa dívida... fico com raiva de mim mesmo! Gastar à toa com uma infame e ingrata! Nem gosto de me lembrar!

— Não vale a pena, patrão. Água passada não mói... Agora vamos ver o que diz a sorte nesse novo guirampo.

— É isso! Hoje mesmo pode se desmontar um bocado bom, se sô Antônio quiser se associar... mas, coitado! Eu o vejo tão esmorecido com o serviço de garimpo... Comprou os animais e não teve remédio senão tornar a vender... Garimpo é um jogo do diabo!

Olhe, no momento que resgatar minha letra e tiver um cobre mais pra viagem, vou-me embora. Foi uma cabeçada que eu dei, deixando minha tropa. Mas tenho fé em Deus, que inda boto outra na estrada!

— Ah! dia, patrão! Tomara já chegar esse dia! Creia vosmecê, que se não fosse a amizade que eu tenho, e vergonha de me apresentar sozinho a sinhá D. Joaquina, eu já estava longe!

— Coitada de minha mãe! Não sabe quanto eu tenho sofrido!

A recordação do amor materno pôs termo à conversa. O mineiro suspirou, como um filho pródigo infeliz, sentindo umedecerem-se-lhe os olhos, e continuou, vagorosamente, a galgar a serra, acompanhado de Felipe e Amigo.

CAPÍTULO XXXIV

No julgar do povo, estava “de sorte aberta” o Antônio Roxo, quando estabeleceu o seu armazém de víveres.

Em poucos dias afluíu tão numerosa freguesia, que foi admitido um caixeiro, filho de uma vizinha de Dusá.

A razão dessa afluência estava, principalmente, nas simpatias de que gozava o sócio ostensivo, que apenas sabia ler, porém que aliava à sisudez – um trato delicado e bonachão. Entrou a negociar, para fazer vontade à Dusá, visto que sua

vocação era para garimpar; mas, talvez, por isso mesmo, a sorte o auxiliasse a contragosto, porque, no dizer vulgar, ela agarra pela orelha a quem lhe nega as mãos.

Havia, entretanto, uma palavra, que não deixaria de concorrer para arraigar as simpatias: era o título SAUDADE, escrito em grandes letras na frontaria da casa do negócio. Chamava muito a atenção e alguns amigos perguntavam:

— Ó Antônio, que quer dizer esse título? Saudade de quê?

— Ora! Sei lá? É um nome!... É saudade do meu garimpo, onde eu não estava como macaco amarrado no cepo: — corre pr'aqui, despacha um; corre pr'ali, despacha outro, que já não dou conta das minhas pernas!

E, assim dizendo, ria-se maliciosamente o ex-garimpeiro, porque, nem levava a mal os lucros obtidos à custa da canseira alegada, nem lhe pertencia a autoria do título.

Dusá é que o imaginara, guardando o segredo sobre o fato ou objeto distante que motivava o sentimento por ele expresso. Saudade! por que se lembraria Dusá da mais bela, e mais sugestiva palavra da língua portuguesa?! Dessa palavra, que, por si mesma, evoca sonhos e ilusões desfeitas?

Saudade! De que ou de quem teria ela saudade? Da alegre vida passada? Não, porque cada vez mais se esforçava por esquecê-la, atarefando-se em constante e produtivo trabalho com seus escravos.

Saudade! Tê-la-ia de Mariazinha, por se ter mudado com seu marido para mais longe ainda, para o Mucujê?

Não, que até ficou satisfeita com a mudança de Eduardo Franco e sua mulher, a quem o povo teimava em dar a alcunha de Dusá.

Ela própria não saberia dizer definitivamente de que tinha saudade, porque, no seu viver atual, experimentava apenas o sentimento indefinível de uma ilusão esvaecida.

Fosse como fosse, o que não sofria dúvidas era que em meio de uma população de ádvenas aventureiros, em um lugar, cujos naturais mais velhos não teriam ainda vinte anos de idade, esse título não podia deixar de exercer certa influência no ânimo dos fregueses, porque não há criatura adulta, feliz ou desventurada, que não tenha sempre uma saudade a chorar num canto d'alma.

Em conseqüência e porque morava já um bom violão encordado na Saudade, alguns fregueses escolhiam a venda do Antônio Roxo, para desabafar mágoas que se reavivavam pelos comentários do título, e, não raro, às dez horas, fechada a venda, vibrava o pinho saudoso, acompanhando modinhas populares. O vinho então corria fartamente, com o que lucravam os donos da casa.

Dusá morava perto, e já se tinha habituado a ouvir essas expansões pacatas, que, em regra, terminavam em carraspanas inofensivas, mesmo porque todos sabiam que o Antônio era "homem como trinta", e não admitia provocações. Entretanto, apesar do hábito, uma noite, em meio de semana, quando todas as casas estavam fechadas e a população repousava em maior parte, Dusá foi despertada por uma desconhecida e bela voz de tenor, segura e afinada, que partia da venda ou armazém Saudade.

Era umas dessas vozes soberanas, que ordenam a quem ouve: Ama ou recorda-te de quem amaste um dia.

O acompanhamento era também diferente daquele dos cantores já conhecidos. Era uma modinha mineira, escrita sem dúvida por algum aventureiro

inditoso, que, deixando o torrão natal para correr em busca do ouro e do diamante, acordara um dia desiludido, vibrando a corda lírica e romântica da alma da terra natal. A música exprimia o mesmo sentir e não havia mineiro ou chapadista desse tempo que a não conhecesse.

Era esta a primeira estância que a voz de tenor repetiu:

Arrojado em climas remotos
De desgraça em desgraça corrido,
Nestas plagas, enfim, desvalido,
Que o destino me obriga a pisar...

Sem gozar o carinho materno,
Sem irmãos, nem amigos ou amante...
Combatido da sorte inconstante.
Quem virá minha dor consolar?!

Também cantou a segunda estância e nada mais se ouviu.

O acento da voz denunciava o grito de uma alma infeliz, que não deixaria de encontrar eco na alma da mulher sensível, para quem o ouro não constituía a fonte da verdadeira felicidade. Alma boa e sonhadora, atirada em verdes anos no abismo da luxúria humana, e, ora tentando grimpar pelas arestas cortantes, numa escalada heróica, para galgar os cimos tranqüilos, donde pudesse deslizar, flutuando em ondas luminosas, a inebriar-se do azul cerúleo num alvorecer sem fim, Maria estimava tudo que lhe podia fortalecer na luta, avigorando-lhe o amor ideal.

Simpatizou com o cantor, mas não podendo conhecê-lo pela voz, formou o intento de indagar quem era ele.

No dia seguinte mandou chamar seu sócio, sob um pretexto fútil, e, no meio de conversa corriqueira, perguntou:

— Quem cantou uma modinha, só uma, esta noite, lá?
— Ou! vosmecê não conheceu, não? perguntou, sorrindo, o Antônio.
— Nunca ouvi essa voz, e quem cantou estava sentido, que fazia pena!
— Estava, e está, acentuou o negociante, compadecido. Seu Ricardo...
— E era ele? E canta assim? atalhou Dusá, mudando de cor.
— Canta e toca violão como poucos aqui. É mineiro e não tem que ver! Mas, como eu ia dizendo, esse moço entrou deveras na carreira duma infelicidade, que faz dó. No vexame de pagar a dívida, fez despesa no serviço de um “emburrado” que dá muito diamante; pois o que trouxe ontem no final do serviço, mal deu pra pagar Manuel Pedro, e fazer o saco. Agora, decidiu trabalhar na Grana do Defunto. Apesar do tempo estar “fixe”, eu não achei bom, porque neste mês costuma dar uns aguaceiros na serra, e qualquer agüinha do riacho toma a boca da grana, e foi assim que morreu o primeiro que entrou.

Fiz ver isso, mas o homem respondeu que quem está perdido não procura caminho.

— Coitado! mas para que há de ser assim? Por que não veio aqui? perguntou Dusá.

— Eiô! Eu fui falar nisso, e ele atalhou logo, dizendo que só vem aqui no dia em que tiver o dinheiro contado.

- Que orgulho!
- Não é orgulho, não, dona. É gênio. Eu também pensava assim, mas é gênio desconfiado de mineiro. O moço é bom à boca cheia.
- Faça um jeito, sô Antônio, pra ver se ele deixa esse serviço. Ofereça-lhe dinheiro emprestado, faça sociedade com ele, noutra garimpo... e eu agüentarei com os prejuízos, se houver.
- Está direito. Isso é até obra de caridade. Quando ele aparecer aqui no Comércio, eu proponho.
- E se eu pudesse convencê-lo para vir aqui em casa, talvez ele se deixasse de tanta desconfiança, porque eu rasgaria a letra à vista dele.
- Vamos ver, respondeu o Antônio, despedindo-se.

Dusá tornou-se desde então apreensiva. Comunicou seus sentimentos a Rita, e a escrava fazia apelo a Deus, consolando, porque via que, pouco a pouco, a senhora devotava-se, como esposa extremosa, ao mineiro.

A contrariedade sofrida, o pranto inconsolável de uma noite, servira somente para acentuar depois a simpatia, transformando-a em verdadeira paixão, porque Dusá já não pensava muito tempo em outro objeto. Era a paixão fria e ponderada da mundana de juízo, que é a paixão mais veemente, porque menos se denuncia antes do momento que ela julga oportuno.

Dias se passaram. O desassossego de Maria tornou-se notório aos seus próprios escravos.

— Que é que Sinhá tem, que vive olhando pra o céu? perguntavam uns aos outros, rindo à socapa.

— Sinhá tem um trabalho, explicava Rita, que a chuva bota a perder, por isso tem medo que chova.

A explicação era maliciosa, porém satisfeita, porque todos compreendiam a referência ao mineiro.

CAPÍTULO XXXV

Entrou o mês de setembro, nublado e quente, prenunciando chuva.

Ricardo, desde a noite da modinha, cuja música Maria repetia baixinho nas horas de tranqüilidade, não mais voltara à povoação. Apenas mandava Manuel Pedro fazer compras a crédito em casa de Antônio Roxo. Este mandava-lhe recados que viesse; precisava de falar-lhe; porém o mineiro, entretido e animado num trabalho de desmonte dificultoso no veio da gruta, não atendia aos chamados.

A princípio trabalhava com grande cuidado. De espaço em espaço, ia ou mandava inspecionar o estado da atmosfera. Porém não só ele como os camaradas foram se habituando ao interior da gruta que formava, na gíria dos gruneiros, um bom “salão”, comprido e largo, onde trabalhavam à vontade, desmontando areia do meio para amontoá-la aos lados. É certo que fixou o hábito do descuido a preguiça, oriunda da dificuldade da saída, porque era preciso calma e perícia do gruneiro. A “boca” estreita da gruta ficava no leito do riacho, livre, porém, do fio d’água, que sussurrava na estação estival; o leito ou veio da gruta era “baixo”, inferior, cerca dum “estado”; de modo que, uma ponta de rocha, aquém da “boca”, é que servia de apoio ao gruneiro que, para sair, se perfilava nela, depois metia os braços, firmando as

mãos na borda, pendurava-se, guindando como um acrobata, até apoiar os cotovelos em alguma saliência; firmava os pés noutra aresta, e surgia fora. Era um exercício penoso.

Mas o garimpeiro se acostuma aos mais penosos trabalhos; e esse causava apenas preguiça e não medo. A entrada era mais fácil pelo hábito de se deixarem escorregar até o ponto de apoio.

Fora, no rancho, que era uma lapa, à margem direita do riacho, ficava Amigo vigiando ou dormindo, pelo que, às vezes, antes de entrarem para o trabalho, escondiam em redor, as roupas e víveres.

No dia 3 de setembro, à tarde, estava terminado o trabalho do desmonte, e patente o cascalho de alguns caldeirões. Adivinhando o pensamento do patrão, Felipe e Manuel Pedro disseram que se devia logo dar uma “experimenta”.

— Sim, respondeu Ricardo, mas depois que eu souber o estado do tempo. Felipe vai comigo, pra ajudar a trazer a bateia e ralo, e você, Manuel Pedro, vai tirando cascalho deste primeiro caldeirão e amontoando lá embaixo, junto da “lavadeira”. E pra não andar com candeia às voltas, deixa a sua aí no alto, toma a de Felipe e leva pra lá, com o primeiro “carumbé”.

Depois de tais deliberações, seguiu com Felipe, levando a sua candeia, que alumiaava o caminho para ambos; e, pela prática do trânsito, em poucos minutos estavam fora.

Amigo veio, alegre, festejar o senhor e o camarada. Este tratou de atear um bom fogo, para assar carne e fazer café.

Ricardo subiu a um ponto mais alto da encosta, olhou em redor, e desceu convencido de que não haveria chuva até no dia seguinte.

Estava pronto o café, à moda dos tropeiros, e Ricardo tomou logo o seu cuitzinho, para se aquecer e esperar a carne assada.

Decorrido algum tempo, tomaram ambos a frugal refeição, reservando o que bastava a Manuel Pedro, deram a Amigo a sua parte e, depois de esconderem de novo os sacos de víveres e outros objetos, partiram para a gruta, ficando Amigo com a costumada ordem de – sentido!

Felipe entrou primeiro, para receber a bateia, que Ricardo fazia, por meio de uma corda, descer devagarinho, o que se efetuou sem partir-se a bateia.

Ricardo olhou ainda uma vez para o céu e desceu disposto a trabalhar parte da noite, porque nada viu de suspeito.

Mas, ao cravar-se o sol, nuvens negras, impelidas por um leste rijo, mudaram totalmente o estado atmosférico, e poucas horas depois cobria a serra uma chuva grossa e “mansa”, isto é, sem trovoada, fazendo escachoar subitamente dezenas de riachinhos, precipitando-se no Riacho da Gruta do Defunto, que, de humilde fio d’água, avolumou-se em caudal impetuosa e rugidora, tomando de margem a margem.

Alta noite rebentou violenta trovoada, ribombando de grota em grota, e a chuva caiu semelhante a cataratas diluvianas.

Amigo, de espaço a espaço, gania de aflição e terror.

Ao amanhecer, o riacho atingia o aterro do rancho dos garimpeiros, mantendo esse nível, porque a chuva continuava, se bem que mais calma.

Não tendo visto chegar o senhor, o cão saltou n’água, mas a correnteza arrebatou-o com violência, atirando-o um pouco abaixo sobre pontas de rocha gneiss. Galgando a ribanceira, apesar de ferido, o cão voltou ao rancho, soltou um

uivo dolorido e prolongado, que repercutiu tetricamente, misturando-se ao fragor das águas. Depois, sacudiu as orelhas, arrepiado e trêmulo, e disparou serra abaixo, pelo caminho da Passagem.

Os habitantes madrugadores viram-no atravessar na carreira, em direção à casa de Dusá. O portão estava aberto, porque Joaquim e Sofia estavam carregando potes de água, e o animal, do conhecimento que tinha, atravessou o quintal, saltou a janela da sala de jantar, entrou pelo corredor, farejando, e foi encontrar Dusá na sala de visitas, quando relia uma carta, recebida à noite, e firmada por Mariazinha. Apesar de não ter dormido, receando a sorte do mineiro, a mulher soltou um grito de assombro e recuou.

O cão aproximou-se de novo, deitando, humilde, ganindo, a seus pés. Só então ela notou que o pobre animal, além de molhado, tinha manchas de sangue na cabeça e no corpo.

Não podia compreender como, tendo perecido o “senhor”, salvara-se, o cão que não apartava-se dele. Outra cousa teria sucedido.

Condoía-se, com a quase certeza dalguma desgraça.

Não tendo o cão trazido bilhete, nem objeto algum, ela exclamou:

— Coitado de Amigo! Parece que foi ferido! Que foi isso, Amigo? Que é de Sinhô? inquiria, alisando-lhe, com as pontas dos dedos, a cabeça molhada.

Ao ouvir a palavra Sinhô, o cão levantou-se, e soltou um uivo esquisito e prolongado, dirigindo-se para o corredor. Esse uivo, núncio certo de uma catástrofe, ecoou, na casa, de um modo lúgubre. As escravas acorreram espantadas. Estando na cozinha, a um lado da casa, não tinham visto entrar o cão. Logo que o reconheceram, exclamaram a um tempo:

— Foi uma desgraça que sucedeu, Sinhá!

Maria sentia os cabelos arrepiados, e rápida associação de idéias fez-lhe compreender tudo.

— Corre ali, Rita, vai chamar sô Antônio que venha cá depressa. Ah! meu Deus! não há mais remédio! exclamava ela, chorando. Eu bem disse! Que moço teimoso! pagou com a vida a sua teima!

As escravas resmungavam, paralisadas. O cão foi até ao quintal, porém, não vendo ninguém seguiu-lo, voltou de novo, uivando.

Em poucos instantes Antônio Roxo entrava na sala, acompanhado pela escrava.

— Já adivinhei o que aconteceu, disse ele. Cachorro não entra nessa grana, por isso Amigo está aqui. Agora é a gente rezar por alma de todos os três.

— Mas não era bom, ao menos, ver o que ficou fora...? a chuva aqui passou já, também, e se achasse o corpo dele, eu mandaria fazer o enterro decente... Oh! meu Deus! nem eu gosto de pensar! exclamava Dusá, em voz chorosa. Tenha paciência, sô Antônio! Fecha a casa e vá até lá mais Joaquim e Venâncio, que eu não deixei ir hoje pra o serviço, pensando mesmo nisso!

— Não tem dúvida, D. Emerentina. É um dever, e eu ia com algumas pessoas, por mim mesmo. Eu quero dizer é que não se deve ir com esperança de salvar nenhum. E até logo. Mande os escravos me esperarem lá adiante.

Disse e saiu para a venda.

Joaquim e Venâncio receberam ordem de partir, e logo que Amigo os viu arregaçando as calças ou enfiando jalecos de baeta, ganiu menos triste, como se preparando para guiá-los. E no momento em que os viu partir, seguiu adiante trotando.

No fim da Rua do “Ferve”, Antônio Roxo os alcançou, e em menos de uma hora de caminho chegavam ao rancho.

O cão uivou novamente, vendo o riacho ainda cheio.

— Enquanto não baixar, é tempo perdido estar aqui, ponderava Antônio Roxo. Em todo caso, vamos lá embaixo a ver o arrote da gruna que cai no riacho.

Desceram. O velho garimpeiro conhecia palmo a palmo esses terrenos.

O arrote ainda estava tomado pelo riacho, mas via-se bem que a água da gruta saía em borbotões.

— Eu vou descer, ordenou Antônio aos escravos, mas vocês ficam no rancho procurando os trens que devem estar escondidos pra me levar e eu apresentar à autoridade.

Os escravos ficaram até à tarde, e encontraram sacos de víveres e roupas, que conduziram.

O cão, fiel ao senhor, não os quis acompanhar.

Continuou junto ao riacho, a soltar uivos que enterneciam.

CAPÍTULO XXXVI

A chuva cessou de todo. O tempo firmou-se com um sol ofuscante. Passaram-se dois dias, durante os quais o povo falou na “desgraça” da Gruna dos Defuntos. Mas como sempre acontece nos centros muito populosos, maximamente lavristas, no dia 6 de setembro já ninguém, nas ruas ou vendas, falava em tal coisa.

Outros acontecimentos, e as urgências da vida, ocupavam a atenção de cada um. Demais, ia-se festejar a Natividade de Nossa Senhora, no dia 8, e isso era, então, um acontecimento da maior valia, que empolgava a alma católica da povoação, para a qual o vigário, chegado de véspera, era uma espécie de ente superior, quase sagrado.

Assim, somente na casa de Maria Dusá ou D. Emerentina (como era conhecida e tratada, visto que na opinião geral, a verdadeira Dusá era a do Xique-Xique ou Mucujê), somente nessa casa não se esquecia o fato lutuoso. Dia e noite, a casa estava cheia de tristeza. Todos se moviam como sombras, taciturnos e acabrunhados. É que também a dona da casa estava de cama e a caldos, tão forte foi a emoção sofrida com o desengano que lhe deram os escravos, trazendo o restante dos objetos, na tarde de 5, e asseverando que a gruta estava seca, porém metade da altura aterrada de “lavagem” e areia. Não houve seduções nem violências, afirmavam igualmente, que conseguissem retirar o cão fiel da boca da

gruna. Deitado aí, defendia o lugar com uma ferocidade insólita. Atiraram-lhe pedaços de carne, que ficaram esturricando no lajedo, porque o animal não queria comer.

Na noite de 6, porém, houve um rebuliço na cozinha: gritos, exclamações, risos comprimidos. Rita, Juliana e Sofia correram ao quarto de Dusá. Esta “madornava”, e abriu os olhos com o estrupido das escravas.

- Que é isso? inquiriu ela.
- “Alvista!” exclamaram a um tempo.
- Por quê? É Mariazinha?
- Não, Sinhá; é “sinhô” Ricardo, que chegou vivo! vivo! Sinhá!
- Mentira, Rita! disse ela, sentando-se na cama com grande esforço.
- Joaquim “viu ele” chegar na casa de morada de sinhô Antônio!
- E onde está Joaquim?
- Tá i, Sinhá.
- Chame Joaquim.

O preto já estava na sala. Ouviu e respondeu:

— É de vera, Sinhá. “Chegou” há muito tempo, ele e Manuel Pedro. O outro eu acho que morreu. Mais sinhô Antônio não qué que ninguém fale na rua.

Dusá levantou-se, cambaleando de fraqueza.

Nesse momento bateram devagarinho na porta da rua.

Rita abriu-a e retirou-se com os parceiros. Era Antônio Roxo. Entrou com ar misterioso e sentou-se, esperando a dona da casa. Depois de pequena demora, ela apareceu na porta. Trazia os longos cabelos sobre uma de suas batas azuis de cote, que mais acentuava-lhe a palidez e o desfigurado semblante.

- É verdade, sô Antônio? perguntou ela, sem saudar.
- É, dona, respondeu ele, compreendendo o objeto da pergunta.
- Mas isso, só por milagre!
- Realmente, só por um milagre, depois de tantos dias e noites.

E explicando o milagre, Antônio Roxo narrou o que ouvira ao mineiro:

— Na tarde de 3, saiu com o pobre Felipe, e tornaram a voltar à gruna onde tinham deixado Manuel Pedro amontoando cascalho de um caldeirão. Não viram sinal de chuva. Felipe começou então a “servir” e Manuel Pedro a lavar. Como era pouco o “esmeril”, apuraram logo. Ficaram assombrados da riqueza da gruna. Ricardo encheu o “picuá”, e colocou-o numa banqueta de pedra. Um bonito diamante de vinte e três grãos, que acabei de vender agora mesmo, não cabendo no picuá, ele amarrou num lenço e meteu por baixo da carapuça.

Como o saco da ambição não enche para garimpeiros, começaram a tirar o cascalho doutro caldeirão. Quando já o tinham tirado todo e amontoado no “paiol” da lavadeira, ouviram o estoiro. Quiseram cuidar em sair, mas era tarde. Sentiram pelo vapor a “cabeça” d’água pertinho.

Como a gruna aí tem um emburrado alto dum lado, cada um foi tratando de subir com o maior cuidado, temendo, porque acima há uns “macacos” que podiam

desabar. A água já estava “lambendo” perto das candeias, quando Ricardo se lembrou do picuá. Neste instante a água leva o picuá! disse ele. Felipe não pensou no que ia fazer. Saltou como um gato, apanhou o picuá, atravessou-o na boca, mas nesse instante as candeias se apagaram. Sem dúvida o infeliz ficou desorientado, pendeu para o lado, onde havia maior perigo, porque ouviram os dous rolar uma pedra, e logo um gemido e daí mais nada. Ricardo gritou Felipe e quis se precipitar para o socorrer, porém Manuel Pedro agarrou-o, afirmando que Felipe tinha respondido mais embaixo. Nada mais ouviram senão o barulho da água. Acomodaram-se o melhor que puderam os dous, recostados nas pedras seguras. Mas começou um calor úmido, que os fazia suar em bicas. Tiveram medo de morrer asfixiados por falta de ar, mas viram de um lado no alto um ponto como uma estrela pequenina e compreenderam que aquilo era um suspiro da gruna. Entretanto sentiram um torpor que os prostrou, e adormeceram. Durante o sono ouviram uma espécie de mugido e às vezes sonhavam estar devorando cadáveres. Quando acordaram, respiraram livremente. Mas tremiam de frio. Não sentiam fome, porque tinham perdido a noção do tempo. Pensavam ter dormido durante uma noite. Ricardo gritou o nome de Felipe diversas vezes, mas não teve resposta.

Acabrunhava-os a incerteza de poder sair, pelo aterro possível da gruna. Mas aplicaram o ouvido e escutaram o sussurro dum fio d’água. Isso, e o ar fresco reanimou-os. Manuel Pedro lembrou-se dos fósforos guardados no forro da sua carapuça, e, tirando um, friccionou-o pacientemente na ponta da unha do polegar, até levantar-se a chama tênue, a cujo clarão puderam ver a areia quase a seus pés. Desceram, e só então viram que a enchente fizera uma espécie de ribanceira, e apanharam o veio da gruna.

Aí ouviram os uivos do cachorro como vindo de longe. Então foram subindo de rastos, tateando até à boca da gruna. Manuel Pedro teve uma alegria doida. Ricardo, ao contrário, chorou a morte do bom camarada e amigo, vítima da sua dedicação. O estado de Amigo metia dó. Era uma magreza que espantava. Por isso se convenceram que fazia dias que tinham entrado. Manuel Pedro atirou-se a um dos pedaços de carne que encontrou no lajedo e deu outro a Amigo.

Ricardo não encontrou as roupas nem nada e ficou supondo que os ladrões tinham dado no rancho, e deliberou descer. Aqui é que soube de tudo que se passou.

—Mas parece que estou sonhando! comentou Dusá, quando, em termos outros e expressões próprias Antônio Roxo terminou a narrativa.

— Parece mesmo um sonho, concordou Antônio Roxo.

— E o camarada, coitado?!

— Esse morreu mesmo, e está bem enterrado afirma agora Manuel Pedro. Sô Ricardo está triste deveras, por isso.

—Outra coisa, você não tem amizade com o padre que está aí?

—Tenho, por quê?

— Eu desejava que ele dissesse uma missa aqui em casa, amanhã, ainda que pagasse caro... para a madrugada...

— Acho que ele não faz dúvida, e o altar?

— Pode ficar pronto hoje mesmo, porque é uma mesa com as imagens... tem velas...

— Então vou em casa entregar o dinheiro; vou à casa do padre, e volto a dar a resposta. E até já.

Maria permaneceu sentada, em atitude meditativa.

Rita veio da cozinha, trazendo-lhe uma xícara de caldo, que ela tomou, sentindo melhor sabor que doutras vezes. Tendo a velha escrava confidente ouvido a narração de Antônio Roxo, comentava o milagre com exclamações; mas foi interrompida por alguém que bateu na porta, devagar.

— Entre, convidou Maria. Empurre a porta.

Ricardo apareceu. A escrava saudou-o alegre e retirou-se.

— Graças a Deus, que ainda o posso ver! exclamou Dusá.

— Eu digo a mesma coisa, D. Emerentina, e sempre agradecido, porque já soube quanto a senhora se incomodou. Infelizmente lá ficou pra eternidade o amigo mais firme que já tive, porque Felipe não era mais um camarada, e sim um amigo!

Houve um silêncio doloroso. O mineiro sentia apertar-se-lhe a garganta.

— Que é feito de Amigo? perguntou Maria, como que censurando a falta de memória de Ricardo.

— Sim, ainda me resta esse animal fiel, a quem devo a vida. Está, aí em casa, magro que faz pena, mas já está comendo como onça.

Houve novo silêncio. Maria chorava, sem soluços. Não tendo percebido as lágrimas, o mineiro disse em voz branda:

—Venho buscar minha última letra. Aqui está o dinheiro do capital e prêmios. Era o que me prendia na Chapada, porque já vi que, nesta terra, a sorte, comigo, anda quer e não quer.

Maria soluçou alto.

— Oh! que é isso, D. Emerentina? por que chora?

— Choro, respondeu ela, ainda entre soluços, porque, ou o senhor é surdo e cego, ou tem um coração de ferro! Não viu que a certeza de sua morte ia me matando? Como ainda vem falar que só teve um amigo? Que ingratidão é essa?!

— Meu Deus! exclamou o mineiro, e era por mim?!...

—Além disso, ainda traz dinheiro, pedindo uma letra maldita que eu já rasguei, guardando só a firma! Pois tome também esta, é a medalha que devia ser enterrada comigo, porque a obtive de quem não o amava! Tome!

E assim dizendo, partiu, com raiva, a fita que estava presa à medalha, e, entregando-a com a mão direita, tapava os olhos com a esquerda.

— Maria! exclamou o mineiro, como fora de si, e abraçando-a castamente. Eu aceito para sempre esse amor, que respondia ao meu, sem que eu o soubesse. Aceito de joelhos, Maria, porque ao amor inconstante de uma virgem volúvel devia preferir um amor virgem, para sempre. E eu sei que nunca amaste, Maria! Conheço tua vida desde que te vi, e abenço o meu engano!... E queres saber duma coisa? Aí está um padre hospedado...

—Está, filhos, está para os unir em tão santa intenção, disse da porta uma voz simpática.

Ricardo, confuso e envergonhado, abriu os braços afastando-se. E o padre, acompanhado de Antônio Roxo, penetrou na sala, francamente iluminada. Tinha vindo a pretexto da missa, já contratada, tentar ouvir de confissão a mundana, que ele sabia ter entrado em bom caminho. Ao chegarem à porta pararam e aí ouviram a mútua confissão de amor de Ricardo e de Maria.

O padre entrou, comovido com o lance ou desfecho romântico, muito ao gosto da época.

— Isso, meus filhos! repetia ele. E ficai certos de que Jesus Cristo se enche de maior gozo com o arrependimento de um pecador, do que com a presença de cem justos.

Antônio Roxo, esse pai adotivo de Maria, estava radiante de alegria. Maria, depois de cumprimentar o padre, desapareceu pelo corredor, envergonhada do que dissera, e do traje, que tratou de substituir por vestido mais decente.

O padre ordenou que Antônio Roxo ficasse na porta, prevenindo que ninguém se aproximasse, e, colocando uma cadeira num canto da sala, disse a Ricardo:

— Vem te confessar logo, filho. O padre e o médico não escolhem muitas condições para curar.

Ricardo obedeceu. Depois dele veio Maria.

Terminadas as confissões, o vigário designou o lugar para a mesa em que devia celebrar a missa pela madrugada; e retirou-se, recomendando a Ricardo que fosse para a casa dormir, e assim poder comungar. Maria teve a mesma recomendação de repouso, para a comunhão.

Ricardo despediu-se de sua amada, com um até logo, como se fosse sua mulher. A intervenção do sacerdote extinguiu, por algumas horas, entre ambos, a voluptuosidade dos sentidos, deixando superar a alma cristã.

Antônio Roxo voltou com o sacristão. Arranjaram o altar e saíram.

Às cinco horas, voltaram com o padre, Ricardo e mais alguns conhecidos e vizinhos amigos. D. Zizi foi madrinha, Antônio Roxo foi o padrinho.

Efetuada o casamento, foi celebrada a missa, e os nubentes comungaram.

Durante o dia correu a festa, numa alegria íntima, de portas cerradas.

O grosso da população ignorava o fato, aliás transmitido de pessoa a pessoa. Também a atenção geral estava voltada para a venda Saudade, onde Ponta d'Água, de volta da Bahia, onde fora cantar, entusiasmava o povo.

Entretanto, no meio da alegria da casa, havia o açodamento de arrumação para uma viagem de muda.

É que, à noite, após o casamento, Ricardo preveniu que viajariam no dia seguinte, de madrugada, e Maria respondera simplesmente:

— Agora minha vontade é a tua, Cadi.

Era esse último nome o apelido familiar do mineiro.

À noite, Maria fez ligeiras despedidas, e quando escrevia uma cartinha à mulher de Eduardo, despedindo-se de ambos, com a cabeça azoïnada pelo batuque dos escravos no quintal, Rita chegou de manso, à porta do quarto, e disse:

— Sinhá! Maravilha tá aí!

Maria que nunca se esquecera do preto mágico, misturando a fé em Deus com as superstições vulgares, apanhou uma sobrecarta, fechou uma cédula de cinqüenta mil-réis, e foi levar em pessoa.

Ao ver o feiticeiro, teve repugnância e medo, mas disse:

— Aqui está o seu presente, e muito obrigada!

Em agradecimento, o fetichista respondeu, rindo:

— Eu sei que Sinhá e Sinhô têm de ser muito felizes, e Sinhá, voltando pra sua terra, há de conhecer seus parentes.

Disse, fez meia volta, cortejando com o barrete de baeta escura, e saiu sem ouvir mais.

Maria ficou também sem saber que havia de dizer, tão grata foi a impressão produzida pelas palavras do feiticeiro. Seria possível? Quando voltou ao quarto, contou ao marido, convencida de que uma boa esposa não tem segredos para o marido, naquilo que se refere a ambos.

No dia seguinte a casa estava deserta.

Antônio Roxo chorava ainda. Não obstante a generosidade de Maria e Ricardo, deixando-o como o dono único do negócio e de móveis, não se consolava, porque até Manuel Pedro, seduzido pelo bom coração do mineiro, viajara com ele.

CAPÍTULO XXXVII

Um ano depois, a mulher conhecida por Maria Dusá, no Xique-Xique, recebia da mão de Antônio Roxo negociante na Passagem e casado com D. Zizi, a seguinte carta, ao gosto do modelo em voga, escrita da Fazenda Lagoa Seca, trazendo a obreira preta:

“Minha querida irmã. – Estimarei que estas mal traçadas letras vão encontrar-te fruindo saúde e felicidade, para assim receberes as nossas saudades e lembranças. Há muito, ou desde que saí da Passagem, nunca mais soube notícias de minha Santa ou Mariazinha; mas agora sou obrigada a mandar o portador desta ao Sr. Antônio Roxo, para te entregar, em pessoa, esta carta e ficares sabendo que nossa simpatia era a voz do sangue. Tu és minha irmã, por parte de pai e ainda prima em não sei que grau. Porém só contando de princípio como eu soube. Quando eu e Cadi (meu marido) saímos da Passagem, ficamos no Sincorá, porque eu adoeci. Aí passamos dois meses. Eu mandei nosso escravo Joaquim com uma carta a Dindinha, participando meu casamento. Ela ficou numa grande alegria e mandou dizer que nos esperava no menor prazo. Cadi fez-me a vontade e viajamos para a Barra do Gavião. Ela nos recebeu com muito agrado, e virou a cabeça de Cadi, para não seguir para Minas, e sim arrematar na praça esta fazenda. Ele fez isso (depois de participar e mandar recursos para minha sogra e cunhada), e

começou a consertar a casa, fazer currais, cercas, fonte e foi comprando gado de que Manuel Pedro tomou conta, como vaqueiro. Passamos para aqui também. Meses depois, Dindinha apanhou umas febres, e não houve remédio que a impedisse de entregar a alma ao Criador. Mas, na hora da morte, ela declarou que era prima carnal de meu pai, e por ser órfã estava em companhia dele, que já era casado.

“Então houve o desastre; ele me fez enjeitar na porta de um vizinho, daí tornou a me tomar, casou Dindinha com outro e ela me batizou à força, mudando para a Barra. Aí morreu logo o Pedro Antônio, marido dela e ela continuou a me criar com os recursos que ele dava. Esta nossa história bem triste, sim, mas explica nossa amizade, que neste momento devo anunciar, e ainda a semelhança que todo o mundo admira.

“Tomei nossas irmãs e espero em Deus ampará-las breve, e já tenho um filhinho muito vivo, teu sobrinho, com três meses de idade. Já dei a liberdade a Rita, mas está em nossa casa. Agora esforça-te, minha irmã, para que Eduardo te faça a vontade também, mudando-se para aqui, onde pode se afazendar, gozando da vida tranqüila, que estamos gozando. Nós supriremos o que faltar.

“Nossas irmãs ficam boas e te mandam lembranças.

“Adeus. Aceita um abraço de tua irmã do coração... Maria.”

A infeliz ouviu ler a carta, chorando. Antônio Roxo estava hospedado com João Felipe, então negociante da praça, e disse que no dia seguinte procuraria a resposta, que foi esta:

“Minha querida e ditosa irmã. – Quando leres esta, escrita pela caridosa pessoa que me tem socorrido na minha desgraça, já não existirei. Estou às portas da morte, que é hoje para mim um alívio. Dias depois que viajaste com teu marido, o miserável Aristo Alfaiate, que Eduardo chicoteou, apareceu no Mucujê, e matou Eduardo, à traição, no garimpo. Os camaradas correram atrás e picaram-no à facção. Mas essa vingança de nada me valeu. Já tínhamos poucos recursos, porque infelizmente eu não tinha juízo e queria somente luxar. Depois de enviuar, voltei para aqui, porém a minha boa amiga D. Florinda já se tinha mudado para o S. Francisco, casada com um patrício. Fiquei sem uma pessoa que velasse seriamente por mim. As seduções, porém, chegaram, e a necessidade, ou a fome de ouro, me perdeu. Deitaram-me logo o teu apelido... arranquei o luto... e copiei teus antigos modos e até o antigo riso que te deu esse apelido. Ganhei muito, e, por minha vergonha, devo dizer, luxei, entreguei-me a todos os excessos. Hoje estou atirada em cima de um velho catre, onde, entre agonias insuportáveis, procuro arrependerm-me de tanta miséria!

“Foi certo o meu pressentimento, quando nos despedimos pela última vez, e eu tinha de voltar dois dias depois. Nunca mais nos veremos. Adeus, adeus, reza por tua infeliz irmã... Maria.”

Antônio Roxo e João Felipe foram, até o final, cavalheiros e amigos. Não somente aumentaram os socorros, como depois que a desventurada deixou de existir, fizeram enterrar docemente o cadáver daquela que todos conheciam por Maria Dusá.

João Felipe escreveu então a Ricardo, participando tudo e notando as voltas do mundo. Em verdade, Ricardo foi morar na própria fazenda donde fora enjeitada a filha natural do primitivo dono, e onde comprara ao próprio pai, por um celamim de sal, a filha legítima, que afinal se perdeu, tomando o nome de guerra da irmã natural regenerada, casada, e conhecida, na vizinhança de sua morada, por D. Maria, a Chapadista.

FIM